



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE**



**VIVÊNCIAS SOCIOFAMILIARES E ACADÊMICAS DE UNIVERSITÁRIOS  
BRASILEIROS E ESPANHÓIS: estudo fenomenológico**

**SÂMIA DE CARLIRIS BARBOSA MALHADO**

**JEQUIÉ/BA  
2020**

**SÂMIA DE CARLIRIS BARBOSA MALHADO**

**VIVÊNCIAS SOCIOFAMILIARES E ACADÊMICAS DE UNIVERSITÁRIOS  
BRASILEIROS E ESPANHÓIS: estudo fenomenológico**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB/Campus Jequié, área de concentração em Saúde Pública, para apreciação e julgamento da Banca Examinadora.

LINHA DE PESQUISA: Família em seu ciclo vital.

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Edite Lago da Silva Sena (UESB)

COORIENTADOR: Prof. Dr. Miguel Ángel Sánchez González (Universidad Complutense de Madrid-UCM, Espanha)

**JEQUIÉ/BA  
2020**

M249v Malhado, Sâmia de Carliris Barbosa.

Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: estudo fenomenológico / Sâmia de Carliris Barbosa Malhado.- Jequié, 2020.

254f.

(Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação da Profª Drª. Edite Lago da Silva Sena e coorientação do Prof. Dr. Miguel Ángel Sánchez González)

1.Saúde mental 2.Universidades 3.Relações familiares 4.Relações interpessoais  
5.Filosofia I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 618.9289

FOLHA DE APROVAÇÃO

MALHADO, SAMIA DE CARLIRIS BARBOSA. *Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: estudo fenomenológico*. 2020. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-Bahia, 2020.

BANCA EXAMINADORA



**Profa. Dra. Edite Lago da Silva Sena**

Doutora em Enfermagem

Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde  
Orientadora e Presidente da banca examinadora



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E SAÚDE  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

**Prof. Dr. Marcos José Müller**

Doutor em Filosofia

Professor Associado IV da Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia



**Profa. Dra. Mônica de Oliveira Nunes de Torrenté**

Doutora em Antropologia

Professora Associada IV da Universidade Federal da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva



**Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier**

Doutor em Teologia

Professor Adjunto da Universidade Católica do Salvador  
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

~~Prof. Dr. Paulo Marcelo M. Teixeira~~

**Prof. Dr. Paulo César Marini Teixeira**

Doutor em Educação

Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação de Professores

Jequié/BA, 27 de agosto de 2020.

**Aos meus pais, *Maria Irismar de Oliveira Barbosa e Francisco Carlos Barbosa* e ao meu filho *Henri de Carliris Malhado*, por me ensinarem, amorosamente, essenciais lições de vida.**

**Aos participantes da pesquisa, por permitirem partilha de suas existências conosco.**

## AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que encontrei nessa caminhada e que a tornaram mais tranquila e luminosa, minha gratidão.

**À minha irmã e melhor amiga**, Dionísia Helena de Carliris, pela lealdade, cumplicidade e acolhimento incondicionais.

**Ao meu irmão cunhado**, José William Moreno, pela compreensão e sábias palavras nos momentos difíceis.

**Ao meu sobrinho**, Benjamin de Carliris Moreno, pelos sorrisos de afeto.

**À minha orientadora**, Profa. Dra. Edite Sena, pelos ensinamentos na docência, pesquisa e extensão em saúde mental e por me apoiar e estimular a vencer os desafios acadêmicos, profissionais e da vida.

**Ao meu coorientador**, Prof. Dr. Miguel Ángel Sanchez González, pelo acolhimento e suporte à nossa pesquisa na Espanha e por me oportunizar importantes reflexões éticas na área da saúde.

**À Profa. Coordenadora do PPGES-UESB**, Profa. Dra. Adriana Nery, pelo suporte à minha candidatura ao estágio doutoral na Espanha e à minha trajetória de doutorado no Brasil diante dos obstáculos.

**Aos professores do PPGES-UESB**, profa. Alba Vilela, profa. Rita Boery, prof. Sergio Yarid, prof. André Souza, profa. Cristina Setenta e à profa. Vanda Palmarella, pelos ensinamentos e cordialidade.

**Aos professores** Dr. Marcos Muller (Universidade Federal de Santa Catarina-FSC), Dra. Mônica Nunes (Universidade Federal da Bahia-UFBA), Dr. Rafael Fornasier (Universidade Católica de Salvador-UCSAL) e Dr. Paulo Marcelo Teixeira (UESB) pelas reflexões inspiradoras e disponibilidade, desde cedo, em participar e engrandecer a minha trajetória profissional e acadêmica de doutorado.

À **amiga**, Patrícia Anjos (UESB), pela parceria firme nessa trajetória, por lançar luz aos meus trabalhos e pelos abraços ternos e calorosos.

Aos **amigos de turma**, Adilson, Cláudio, Ícaro, Ívina (de coração), Juliana, Lelia, Mailson, Manu, Patrícia, Saulo, Soraya, Sumaya e Tatiane, por cultivarem companheirismo, esperança e alegria na nossa jornada. Saudades!

Às **amigas do Grupo de Pesquisa: Loucos por Cidadania**, Vanessa Thamyris, Cláudia Brito, Sanmilly Dias e Luma Costa, pelas palavras de incentivo e momentos de partilhas.

Aos **amigos na Espanha**, Larissa Abreu e José Miguel Hernández, por terem sido companhias alegres na minha rotina acadêmica em Madri.

Às **amigas na Bahia**, Geane, Simeia, Indira, Jamile, Lila e Isabela pelo cuidado, carinho e atenção.

Às **amigas de sempre**, Louise Sobral e Lívia Oliveira, pelo carinho de tantos anos...

À **Secretária do PPGES-UESB**, Lohanne, pela presteza e simpatia nos contatos.

À **FAPESB**, pelo apoio financeiro à pesquisa desenvolvida no Brasil.

À **CAPES**, pelo apoio financeiro à experiência de pesquisadora em mobilidade no mundo.

## Alucinação

Eu não estou interessado  
Em nenhuma teoria  
Em nenhuma fantasia  
Nem no algo mais  
Nem em tinta pro meu rosto  
Ou oba oba, ou melodia  
Para acompanhar bocejos  
Sonhos matinais

Eu não estou interessado  
Em nenhuma teoria  
Nem nessas coisas do oriente  
Romances astrais  
A minha alucinação  
É suportar o dia-a-dia  
E meu delírio  
É a experiência  
Com coisas reais

Um preto, um pobre  
Uma estudante  
Uma mulher sozinha  
Blue jeans e motocicletas  
Pessoas cinzas normais  
Garotas dentro da noite  
Revólver, cheira cachorro  
Os humilhados do parque  
Com os seus jornais

Carneiros, mesa, trabalho  
Meu corpo que cai do oitavo andar  
E a solidão das pessoas  
Dessas capitais  
A violência da noite  
O movimento do tráfego  
Um rapaz delicado e alegre  
Que canta e requebra  
É demais!(...)

Mas eu não estou interessado  
Em nenhuma teoria  
Em nenhuma fantasia  
Nem no algo mais  
Longe o profeta do terror  
Que a laranja mecânica anuncia  
Amar e mudar as coisas  
Me interessa mais

*(Belchior)*

## RESUMO

Trata-se de um estudo fenomenológico articulado a uma proposta de cuidado na atenção à saúde mental de universitários. O objetivo geral consistiu em compreender as experiências de universitários brasileiros e espanhóis acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes do convívio familiar de origem. Como objetivos específicos, o estudo buscou descrever as vivências de universitários brasileiros no próprio país e em intercâmbio na Espanha, bem como de universitários espanhóis, sobre seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes do convívio familiar de origem; construir uma abordagem grupal de cuidado aos universitários brasileiros no próprio país, e, descrever as avaliações produzidas por eles acerca das suas inserções na abordagem grupal construída. O estudo contou com um total de 24 universitários, sendo 18 brasileiros e seis espanhóis. Dentre os universitários brasileiros, seis participaram do estudo como intercambistas na Espanha e oito compuseram a abordagem grupal de cuidado denominada Laços, no Brasil, durante oito encontros semanais. A produção das descrições vivenciais dos participantes no cenário espanhol ocorreu no período de outubro de 2017 a janeiro do ano de 2018 e no cenário brasileiro ocorreu entre os meses de setembro e dezembro de 2018. Com todos os participantes, descrições vivenciais foram produzidas a partir de entrevistas individuais fenomenológicas. Com os universitários brasileiros que participaram do Grupo Laços foram realizadas entrevistas individuais fenomenológicas antes e ao final da inserção deles na abordagem grupal de cuidado. Todas as descrições vivenciais pessoais, bem como a avaliação da abordagem grupal proposta foram compreendidas por meio da técnica da Analítica da Ambiguidade, fundamentada no referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty. Os resultados fundamentaram-se nos estudos merleau-pontyanos acerca dos entrelaçamentos dos mundos sensível e cultural, do visível e do invisível e dos modos de universitários operarem ganhos e lutos em suas vivências. Foram apresentados sob a forma de três manuscritos: *Ambiguidades nas vivências de universitários brasileiros e espanhóis distantes da família*; *Abordagem grupal de cuidado a universitários brasileiros distantes da família*; *Ambiguidades nas vivências de universitários brasileiros em intercâmbio internacional*. Destacaram-se as vivências sociofamiliares e acadêmicas semelhantes e distintas relacionadas às experiências saudáveis e de vulnerabilidades entre universitários brasileiros e espanhóis, independente do cenário do estudo. Também, desvelaram-se as ambiguidades nas vivências terapêuticas de universitários brasileiros e os seus ajustamentos criadores após a inserção na abordagem grupal de cuidado proposta. A pesquisa permitiu a fundamentação e a construção de uma abordagem de cuidado exitosa na promoção da saúde mental de universitários brasileiros e a atenção às distintas comunidades discentes em seus processos de adaptação social e (inter)cultural ao contexto universitário. Em conclusão, foi possível compreender as vivências de estudantes, tanto em termos de generalidade, como de singularidades, desdobradas a partir de suas inserções no cotidiano da Universidade. O estudo contribui para repensar a atenção à saúde mental de universitários, as práticas profissionais em saúde e docência e a produção de (inter)subjetividades dentro da Universidade.

**Palavras-chaves:** Saúde mental; Universidades; Relações familiares; Relações interpessoais; Filosofia.

## ABSTRACT

This is a phenomenological study linked to a proposal of care in the mental health care of university students. The general objective was to understand the experiences of Brazilian and Spanish university students regarding their social-family and academic daily lives, being distant from their original family life. As specific objectives, the study sought to describe the experiences of Brazilian university students in their own country and in exchange in Spain, as well as of Spanish university students, about their social-family and academic daily lives, being distant from the original family life; to build a group approach to care for Brazilian university students in their own country, and to describe the evaluations produced by them regarding their insertions in the constructed group approach. The study involved a total of 24 university students, 18 Brazilians and six Spanish. Among Brazilian university students, six participated in the study as exchange students in Spain and eight composed the group care approach called Laços, in Brazil, during eight weekly meetings. The production of the experiential descriptions of the participants in the Spanish scenario occurred from October 2017 to January of the year 2018 and in the Brazilian scenario it occurred between the months of September and December 2018. With all the participants, experiential descriptions were produced from phenomenological individual interviews. Phenomenological individual interviews were conducted with Brazilian university students who participated in Group Laços before and at the end of their insertion in the group care approach. All personal experiential descriptions, as well as the evaluation of the proposed group approach, were understood using the Ambiguity Analysis technique, based on the theoretical-philosophical framework of Maurice Merleau-Ponty. The results were based on Merleau-Pontyan studies about the intertwining of the sensitive and cultural worlds, the visible and the invisible and the ways of university students operating gains and mourning in their experiences. They were presented in the form of three manuscripts: Ambiguities in the experiences of Brazilian and Spanish university students far from the family; Group approach to care for Brazilian university students far from the family; Ambiguities in the experiences of Brazilian university students in international exchange. Similar and distinct social and family experiences related to healthy and vulnerable experiences among Brazilian and Spanish university students stood out, regardless of the study scenario. Also, the ambiguities in the therapeutic experiences of Brazilian university students and their creative adjustments after the insertion in the proposed group care approach were unveiled. The research allowed the foundation and construction of a successful care approach in promoting the mental health of Brazilian university students and the attention to the different student communities in their processes of social and (inter) cultural adaptation to the university context. In conclusion, it was possible to understand the experiences of students, both in terms of generality, as well as singularities, unfolded from their insertions in the daily life of the University. The study contributes to rethinking the attention to the mental health of university students, professional practices in health and teaching and the production of (inter) subjectivities within the University.

**Keywords:** Mental health; Universities; Family relations; Interpersonal relations; Philosophy.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Quadro 1** - Seleção final de artigos por equações e bases, excluindo-se duplicados... 26

**Quadro 2** - Encontros, temas, recursos e objetivos desenvolvidos no Grupo Laços....144

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

CIEPE - Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento.

DECS - Descritores em Ciências da Saúde.

EF - Entrevista Final Individual Fenomenológica.

EI - Entrevista Inicial Individual Fenomenológica.

FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

GVT - Grupo Vivencial Terapêutico

IES - Instituições de Educação Superior.

MEC - Ministério de Educação e Cultura.

MESH - *Medical Subjects Headings*.

PPGES - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde

SISU - Sistema de Seleção Unificado.

SUS - Sistema Único de Saúde.

TCI - *Término de Consentimiento Informado*

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UCM - *Universidad Complutense de Madrid*.

UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UPM - *Universidad Politécnica de Madrid*.

USP – Universidade de São Paulo.

## SUMÁRIO

<b>1. A SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS: A ABERTURA À PESQUISA</b> .....	<b>15</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA: ENTRELACANDO O PASSADO AO PRESENTE E O PRESENTE AO FUTURO</b> .....	<b>24</b>
2.1 COTIDIANOS SOCIOFAMILIARES E ACADÊMICOS DE UNIVERSITÁRIOS .....	27
2.2 ABORDAGENS DE CUIDADO À SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS.....	35
2.3 ABORDAGENS FENOMENOLÓGICAS DE ESTUDOS EM SAÚDE MENTAL .....	50
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO</b> .....	<b>53</b>
3.1 CONTRIBUIÇÕES DE FRANZ BRENTANO (1838-1917) E EDMUND HUSSERL (1859-1938) PARA A ONTOLOGIA MERLEAU-PONTYANA .....	54
3.2 MAURICE MERLEAU-PONTY (1908-1961): DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA À ONTOLOGIA DA EXPRESSÃO .....	60
<b>3.2.1 Fenomenologia: percepção, homem e mundo</b> .....	<b>60</b>
<b>3.2.2 Gestalt, Visível e Invisível</b> .....	<b>63</b>
<b>3.2.3 Da Fenomenologia à Ontologia</b> .....	<b>68</b>
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>77</b>
4.1 NATUREZA E MÉTODO DA PESQUISA .....	78
4.2 CENÁRIO DA PESQUISA .....	80
<b>4.2.1 Cenário brasileiro</b> .....	<b>80</b>
<b>4.2.2 Cenário espanhol</b> .....	<b>82</b>
4.3 PARTICIPANTES .....	85
<b>4.3.1 No cenário brasileiro</b> .....	<b>85</b>
<b>4.3.2 No cenário espanhol</b> .....	<b>86</b>
4.4 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE DESCRIÇÕES VIVENCIAIS .....	87
<b>4.4.1 No cenário brasileiro</b> .....	<b>87</b>
<b>4.4.2 No cenário espanhol</b> .....	<b>90</b>
<b>4.4.3 O Grupo Laços</b> .....	<b>92</b>
4.5 INSTRUMENTOS PARA PRODUÇÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS .....	99
4.6 ANÁLISE DE DADOS .....	100

4.7 PERFIL ÉTICO DO ESTUDO .....	101
4.7.1. No cenário brasileiro .....	101
4.7.2 No cenário espanhol .....	102
<b>5. EM BUSCA DAS ESSÊNCIAS CARNAIS NA VIDA CONCRETA DAS EXPERIÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS .....</b>	<b>103</b>
5.1 AMBIGUIDADES NAS VIVÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E ESPANHÓIS DISTANTES DA FAMÍLIA .....	106
5.2 ABORDAGEM GRUPAL DE CUIDADO A UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DISTANTES DA FAMÍLIA .....	133
5.3 AMBIGUIDADES NAS VIVÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS EM INTERCÂMBIO INTERNACIONAL .....	159
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS INACABADAS .....</b>	<b>177</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>185</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>197</b>
APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	198
APÊNDICE B- Entrevista (Inicial) Individual Fenomenológica .....	200
APÊNDICE C- <i>Entrev. (Inicial) Indiv. Fenomenológica (lengua española)</i> .....	201
APÊNDICE D- Entrevista Final Individual Fenomenológica .....	202
APÊNDICE E- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cen. espanhol) .....	203
APÊNDICE F- <i>Término de Consentimiento Informado</i> .....	205
APÊNDICE G - Roteiros para a Facilitação dos Encontros Grupais .....	207
APÊNDICE H – Oficina sobre metas de aprendizagens .....	218
APÊNDICE I - Oficina de Finalização dos Encontros Grupais .....	219
APÊNDICE J- Cronograma de Execução da Pesquisa .....	220
APÊNDICE K – Orçamento da Pesquisa .....	221
<b>ANEXOS .....</b>	<b>222</b>
ANEXO A- Produções do Grupo Laços .....	223
ANEXO B- Parecer consubstanciado do CEP/UESB .....	251
ANEXO C- <i>Informe del Comité Ético de Investigación Clínica</i> .....	254

## 1. A SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS: ABERTURA À PESQUISA

Introduzimos a pesquisa acerca das vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários tecendo conexões com nossas próprias vivências e intuições originárias em torno do objeto de estudo. Em seguida, ressaltamos o seu potencial de contribuição, bem como considerações sobre o contexto da Universidade articulado às temáticas de família, vulnerabilidade, pessoa humana, sofrimento e saúde, além de reflexões acerca de abordagens cuidativas em saúde mental. A partir dessa construção, anunciamos a questão norteadora, os pressupostos teóricos e os objetivos e, por fim, reafirmamos a relevância da pesquisa.

Nessa perspectiva, com o olhar atento ao panorama da literatura científica acerca do objeto desse estudo, o interesse em desenvolvê-lo também emergiu de nossa vivência enquanto colaboradora da disciplina de Enfermagem em Atenção à Saúde Mental no curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil, a partir do nosso estágio em docência. Nessa experiência, pudemos perceber que muitos discentes, especialmente da área da saúde, vivenciavam vulnerabilidade ao sofrimento mental.

Outrossim, em função do Sistema de Seleção Unificado (SISU), a Universidade tem recebido estudantes das diversas regiões do país, implicando num número de universitários em um contexto de maior vulnerabilidade, principalmente por estarem distantes do convívio sociofamiliar de origem durante o processo formativo. Não obstante a situação de afastamento sociofamiliar promover maior vulnerabilidade entre muitos discentes da UESB, constatamos que o Serviço de Psicologia que dá suporte à comunidade universitária na Instituição encontra-se com larga demanda de atendimentos.

Por outro, acerca de nossas vivências no campo das abordagens em saúde, vale salientar que nossa formação e qualificação profissionais entrelaçam a Psicologia, a Clínica Gestáltica e o Desenvolvimento Humano e nos têm dado suporte não apenas à experiência de docência no Ensino Superior, como também têm possibilitado a ampliação de nosso horizonte de práticas profissionais, refletidas em termos mais relacionais e menos tecnicistas.

A presente experiência de pesquisa também está ancorada em nossa vivência de estágio doutoral na *Universidad Complutense de Madrid*, Espanha, realizada durante

cinco meses, a partir de financiamento de bolsa concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. Nessa experiência, desenvolvemos um plano de estudos para aprofundar subsídios teórico-filosóficos com foco na saúde mental de universitários, bem como para proporcionar a abertura de um campo de produção de descrições vivenciais de discentes que se encontravam na condição de distanciamento dos seus vínculos familiares de origem. Tal condição é muito frequente entre os jovens e suas famílias na cultura europeia, diferentemente do que ocorre no Brasil, mas que, mesmo assim, tem sido reportada na literatura internacional como um contexto de vulnerabilidade à saúde mental (SALINAS-OÑATE et al., 2018).

Desse modo, ao articularmos nossas vivências pessoais à literatura da área, apontamos que o estudo busca contribuir com reflexões e fundamentos acadêmico-profissionais na atenção à saúde mental, especialmente no contexto da Universidade. Assim, partimos da compreensão de que, contemporaneamente, a negligência à atenção à saúde mental tem se tornado um problema de saúde pública mundial, devendo ser priorizada em propostas de estudos e práticas, pois engloba uma complexa interação entre fatores individuais e contextuais. Tais fatores, por sua vez, repercutem em diversos setores pessoais e sociais, gerando importante impacto nas populações e países, inclusive de ordem político-econômica (ARANGO et al., 2014; ZANATTA; GARGUETTI; LUCCA, 2012).

No contexto das Universidades, por exemplo, estudos evidenciam que as mesmas apresentam características típicas que contribuem com estados de vulnerabilidade e sofrimento mental de pessoas atuantes em seu âmbito, sejam trabalhadoras (UGWOKE et al., 2017) ou discentes (CADARSO et al., 2017; AYÁN et al., 2017).

As pesquisas revelam a percepção, por parte de universitários e de docentes de nível superior, relacionada ao excesso de atividades laborais e à escassez de tempo livre como configuração principal do trabalho e adoecimento no contexto acadêmico (SOUZA; LEMKUHL; BASTOS, 2015; SILVA, 2015). Da mesma forma, estudos também apontam a percepção de maior qualidade de vida e de saúde, entre universitários, fortemente associadas à satisfação com a autoimagem no domínio acadêmico (WANDEN et al., 2015).

Além do contexto da Universidade, com sua rotina própria, configurar condições de vulnerabilidade ao sofrimento à população universitária, a literatura argumenta que o afastamento discente de vínculos sociofamiliares significativos pode repercutir na

demanda de uma nova rede de apoio entre universitários, mas que nem sempre se trata de uma configuração social promotora da saúde, visto que o consumo de drogas também é um fenômeno prevalente na Universidade e muito associado a demandas de grupos sociais aí inseridos (OLIVEIRA; DIAS, 2014).

Outrossim, estudos em diversos países abordando comportamentos de riscos à saúde mental (COKLEY et al., 2017) e à saúde físico-sexual evidenciam maior vulnerabilidade de universitários pelas mudanças nos seus vínculos familiares e na rede de apoio social, ocasionadas pela entrada desses sujeitos na Universidade (CHANAKIRA et al., 2015; BARNETT et al., 2014; RULL et al., 2010).

Em acréscimo, dentre os principais motivos relacionados às situações que envolvem o suicídio de universitários estão aqueles que relatam vivências de desintegração familiar, além de ruptura de relações românticas e de intolerância a orientações sexuais diversas (FRANCO et al., 2017).

Nesse panorama, destacamos que a família e sua dinâmica são capazes de regular a habilidade emocional e a adaptação do jovem ao longo do seu curso vital, incluindo o curso do processo formativo profissional (COPEZ-LENZOY; VILLARREAL-ZEGARRA; PAZ-JESÚS, 2016; MYERS; MYERS, 2015). Logo, sujeitos que requerem uma forte regulação familiar para a expressão de habilidades socioemocionais podem manifestar sofrimento na Universidade, ao ter que lidar com as intensas demandas acadêmicas e interpessoais estando distantes do convívio familiar de origem (COPEZ-LENZOY et al., 2016; MYERS; MYERS, 2015).

Portanto, ao discutirmos sobre a saúde dentro da Universidade, precisamos nos reportar ao contexto familiar, o qual deve se caracterizar como um importante suporte aos jovens durante a formação profissional (MYERS; MYERS, 2015). Nesse sentido, a dimensão familiar de abertura à expressão comunicativa entre seus membros reflete uma relevante influência saudável sobre o ajuste psicossocial que jovens poderão desenvolver ao adentrar a Universidade (COPEZ-LENZOY et al., 2016).

Estudos apontam que a expressão de relações afetivas, de comunicação, de coesão, de segurança e a ausência de discórdias significativas no grupo familiar constituem importantes influências para o desenvolvimento de habilidades sociais e de adaptação saudável dos jovens a diferentes contextos, assim como o universitário (COPEZ-LENZOY et al., 2016; DOMINGUES; DESSEN, 2013; DESSEN; POLONIA, 2007).

Portanto, a compreensão do aspecto intersubjetivo familiar também deve se constituir como objeto de estudos e práticas em saúde; uma vez que a literatura aponta estreitas e mútuas relações entre a dinâmica familiar e os processos de saúde-doença-cuidado de seus membros (DESSEN, 2010).

Nesse âmbito, as abordagens sobre a família partem da premissa de que fatores socioculturais, econômicos e políticos interagem entre si e influenciam a noção de família, podendo ser compreendida como um grupo social especial, caracterizado por relações íntimas e intergeracionais entre seus membros (PETZOLD, 1996). Assim, são diversos os seus tipos e possibilidades, de modo que existem muitos arranjos familiares baseados nos sentimentos subjetivos nutridos pelas pessoas envolvidas, já que uma definição contemporânea de família espelha a opinião de seus membros (DESSEN, 2010).

Estudos antropológicos e sociológicos apontam que, nos últimos dois séculos, com as mudanças mundiais provocadas pela urbanização e industrialização, a definição de família também dá relevo à noção de redes sociofamiliares (GEORGAS et al., 2006). A ênfase no grupo familiar enquanto uma rede social assemelha-se à noção de família presente em nosso país com o declínio do modelo patriarcal, associado, principalmente, à entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e ao aumento do número de lares monoparentais chefiados por mulheres (DESSEN, 2010; ARRIAGADA, 2000).

Assim, a família caracteriza-se por um construto frágil, com diversas dimensões, porém configurando uma dinâmica em que todos os membros são participantes na rede de relações mútuas e bidirecionais que estabelecem entre si e com os outros contextos, já que ela é responsável pela transmissão de valores, crenças e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER; 2000). Logo, as tendências atuais de estudos acerca da família e suas interações com os processos socioculturais e de saúde focalizam construções teórico-metodológicas mais complexas, tendo como objeto as relações sociofamiliares e a qualidade emocional da comunicação nessas relações, sendo influenciadas por contextos de produção de saúde ou de vulnerabilidade (KREPPNER, 2003).

Em tempo, vale ressaltar que a noção de vulnerabilidade desenvolvida na pesquisa relaciona-se às esferas socioeconômica e/ou emocional da pessoa fragilizada em seus recursos pessoais e/ou externos, como um estado decorrente de um processo de vivências de situações de perdas/privação, de exclusão social, de lutos em perdas

emocionais, simbólicas, materiais ou somáticas, isto é, decorrente de situações que produzem sofrimento (BERNARDO; BELMINO, 2015; BELMINO, 2015).

Outrossim, no contexto da saúde mental, a noção de pessoa nos remete à compreensão de um sujeito num corpo próprio, muito além do biológico, dotado de dimensões que englobam história de vida individual e familiar, papéis sociais e funcionais, identificações, crenças, valores culturais, atualidades e expectativas, configurando um ser político de direitos, obrigações e possibilidades de agir no mundo e na relação com outros sujeitos/indivíduos/pessoas (BRASIL, 2013).

Destarte, na presente pesquisa, compreendemos o sofrimento humano como uma estagnação ou (ameaça de) ruptura na complexa dinamicidade da rede de interrelações entre as dimensões que compõem a pessoa, sejam elas da ordem da intersubjetividade, da emocionalidade, da família, da funcionalidade da vida cotidiana e/ou laboral, do transcendental, do socioeconômico, do político, do comunitário, dentre outras (BRASIL, 2013).

Partimos da compreensão de que as políticas públicas de saúde mental brasileiras são resultado da mobilização de usuários, familiares e trabalhadores da área iniciada na década de 1980, com o objetivo de mudar a realidade segregadora dos manicômios onde viviam as pessoas com transtornos mentais. Tal mobilização foi impulsionada pelo tema dos Direitos Humanos durante a ditadura militar e pelas experiências exitosas de países europeus na substituição de um modelo manicomial de saúde para um modelo de serviços comunitários com forte inserção territorial (BRASIL, 2013).

Desse modo, a atenção às pessoas com transtornos mentais objetiva o pleno exercício de sua cidadania e não apenas o controle de sintomatologia, o que implica na organização de práticas de saúde com a participação ativa de todos os envolvidos e com a formação de redes com outras políticas públicas, a exemplo da Educação (BRASIL, 2013).

A atenção à saúde mental incorpora a concepção de territórios existenciais (GUATARRI, 1990), o que resulta na implementação de práticas em saúde não apenas em termos geográficos, mas também em termos subjetivos individuais e de grupos, representando espaços de processos intersubjetivos, de agenciamentos e de interrelações que as pessoas e grupos estabelecem entre si (BRASIL, 2013). Dinamicamente, as práticas de saúde demandam possibilitar a configuração-desconfiguração-reconfiguração de territórios existenciais de pessoas e coletivos (BRASIL, 2013).

A saúde contemporânea e as práticas de cuidado ganharam uma conotação de clínica ampliada, diferentemente do modelo biomédico, em que o cuidado é entendido como ausência de doença e o investimento na saúde está limitado aos fatores biológicos, sustentando uma concepção de cura focada no fim do sintoma e na restauração da normalidade (GUARESCHI; AZAMBUJA; LARA, 2012).

Por outro lado, é importante ressaltarmos que o conceito contemporâneo de saúde, de sentido ampliado, também pode permitir uma forma muito eficaz e sutil de investir na saúde da população, o que inclui os aspectos intersubjetivo, social, afetivo e econômico (GUARESCHI et al., 2012). Muitos estudos em saúde podem utilizar ferramentas conceituais e terapêuticas no investimento da vida das pessoas, induzindo-as a uma tecnologia de si mesmas por saberes e práticas hegemônicos que formatam o modo de ser (MIRON; GUARESCHI, 2017).

Nesse panorama, a própria saúde coletiva, com destaque na atenção à saúde mental, a depender de seus conceitos e abordagens de cuidado, pode ajudar a legitimar os regimes de verdades que configuram o que é impositivamente saudável em nossa sociedade, promovendo indivíduos assujeitados em relações de poder (GUARESCHI et al., 2012). Indo de encontro com esse panorama, buscamos, no estudo, ações de cuidado, não com a perspectiva de que se tornem linhas de normatividade, mas sim com a proposta de que se tornem abertura às possibilidades de práticas transformadoras, em que o cuidado é capaz de promover invenções de modos de relações consigo e com o outro e de empoderamento dos sujeitos em seus processos críticos e de participação sociopolítica (LACERDA et al., 2014; BERNARDES, 2012).

Nessa proposta, a produção do cuidado que se orienta pelo território existencial dos sujeitos e pela integralidade pode superar os limites das racionalidades técnicas e criar uma alteridade própria aos saberes e sujeitos, com o objetivo de produção de novos sentidos, práticas e transformações (LEMKE; SILVA, 2013; MALTA; MERHY, 2010). Nesse sentido, as estratégias que favorecem a construção de contextos de intersubjetividade encontram receptividade entre as novas concepções de cuidado, enquanto um elemento transformador de modos de viver e sentir o sofrimento (KALICHMAN; AYRES, 2016).

Com efeito, as abordagens cuidativas em saúde se referem ao modelo technoassistencial do trabalho, operado por três tipos de arranjos tecnológicos: tecnologias leves, leve-duras e duras de cuidado (MERHY, 2002). Assim, as abordagens grupais de cuidado em saúde, por exemplo, dão relevo ao investimento nas

tecnologias sociais leves de cuidado do tipo relacionais, centradas nas necessidades daqueles que demandam o cuidado; invertendo o investimento nas tecnologias duras ou leve-duras, traduzidas nas normas, equipamentos e materiais dos modelos hegemônicos biomédicos de assistência à saúde (FERTONANI et al., 2015; MERHY, 2002).

Compreendemos o cuidado, no presente estudo, a partir da perspectiva de que é necessário dar atenção à pessoa em seu conjunto de dimensões interrelacionadas, numa abordagem ampliada, para refletirmos acerca de quais dessas interações podem estar estagnadas ou ameaçadas de rupturas, comprometendo as vivências pessoais de integração desse conjunto e, portanto, da saúde (BRASIL, 2013). Porém, não podemos focar o sofrimento em nossas práticas de saúde e negligenciar, por conseguinte, as dimensões da pessoa que são fonte de criatividade, de perspectivas e potencialidades, ou seja, de produção da vida (BRASIL, 2013).

Portanto, na presente pesquisa, adotamos um olhar atento e crítico-reflexivo sobre práticas em saúde, para não perdermos de vista os efeitos do saber-poder nas relações intersujeitos e a dimensão ética que torna possível a compreensão do que o sujeito pode fazer pela própria vida ou existência (FURLAN, 2013; FOUCAULT, 2004).

No que tange ao contexto das políticas públicas de desenvolvimento social voltadas à juventude, as mesmas estão marcadas por enfoques assistencialistas, de tutela de direitos e de controle e criminalização desses sujeitos (RODRÍGUEZ, 2000). Frente a essas políticas, as Instituições de Educação Superior (IES) têm se mantido passivas, apenas objetivando a formação de pessoas para o sistema produtivo do mercado, sem se darem conta de que a formação deve habilitar jovens saudáveis para opinarem e atuarem no exercício da liberdade e da autonomia (BENAVIDES-LARA, 2015).

Ratificamos, assim, que a pesquisa científica acerca da saúde mental de universitários demanda o desenvolvimento de programas de cuidado que possam impactar no fortalecimento individual e da rede de apoio sociofamiliar, ou seja, na construção de novas redes relacionais entre discentes, entre eles e suas familiares e entre discentes, famílias e instituições universitárias (SENNA; DESSEN, 2015).

Diante do exposto, nos ocorreu que a inserção de jovens acadêmicos na rotina e dinâmica próprias do ambiente universitário e em novos grupos sociais aí atuantes pode implicar na reconfiguração de vínculos sociofamiliares, tanto numa perspectiva de saúde, como de uma maior vulnerabilidade ao sofrimento. Nesse sentido, também intuimos que a Universidade pode ampliar a constituição de espaços para a promoção da

saúde dos discentes, fortalecendo recursos pessoais e vínculos sociofamiliares saudáveis para pessoas em situação de sofrimento, a partir do desenvolvimento de abordagens de cuidado humano.

Nesse contexto, a presente pesquisa delimitou-se numa abordagem merleau-pontyana (MERLEAU-PONTY, 2015; 2012a) do cuidado, numa perspectiva integral (SÁNCHEZ-GONZÁLEZ, 2017), à saúde mental de universitários, de modo que se configurou na seguinte questão de pesquisa: como universitários brasileiros e espanhóis vivenciam os seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem, este sendo compreendido como uma situação de maior vulnerabilidade ao sofrimento? Ademais, questionamos como poderíamos propor uma abordagem de cuidado para a promoção da saúde mental de universitários? Assentados nessas questões de pesquisa, o objetivo geral do trabalho consistiu em compreender as experiências de universitários brasileiros e espanhóis acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes do convívio familiar de origem, bem como de suas experiências de cuidado na atenção à saúde mental.

Como desdobramentos do objetivo geral, emergiram os seguintes objetivos os específicos: (1) descrever as vivências de universitários brasileiros, tanto inseridos em seu próprio país, quanto em intercâmbio na Espanha, bem como de universitários espanhóis, acerca dos seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes do convívio familiar de origem; (2) construir uma abordagem grupal de cuidado aos universitários brasileiros, no próprio país, ancorada em estudos merleau-pontyanos (2012a; 2012b; 2015) e na integralidade do cuidado (BRASIL, 2000; SANCHEZ-GONZÁLEZ, 2017); e, (3) descrever as avaliações produzidas por eles acerca de suas experiências na abordagem grupal, enquanto uma proposta de trabalho em promoção da saúde mental de jovens universitários.

Destacamos que a relevância do estudo delinea-se na fundamentação e construção de uma proposta de promoção da saúde mental num contexto diverso daqueles que já são amplamente investigados, mas que, também, demanda atenção e produção do cuidado, a Universidade (VALADARES; SOUZA, 2014). Assim, o estudo apresenta um caráter inovador, na medida em que buscou compreender a avaliação de uma abordagem de cuidado na atenção à saúde mental no âmbito da formação de profissionais. Tal abordagem demandou a escuta e a legitimação do outro, em que a discussão dos problemas vividos pessoais e grupais, bem como de todas as suas

ambiguidades, foram consideradas a partir de um posicionamento ético em favor do novo na Universidade (MERLEAU-PONTY, 2012a; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Portanto, o conhecimento produzido neste estudo tem o potencial de orientar futuras políticas públicas e institucionais em atenção à saúde mental articulada à esfera da Educação, com implicações de abordagens de cuidado a dimensões individuais e sociofamiliares, proporcionando apoio a gestores de Universidades no planejamento de ações de promoção da saúde de acadêmicos.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA: ENTRELAÇANDO O PASSADO AO PRESENTE E O PRESENTE AO FUTURO**

A presente revisão de literatura parte da compreensão de que a comunicação com outrem e o pensamento retomam e ultrapassam a percepção de indivíduos, pois no âmbito da linguagem e de nossas reflexões podemos resgatar aquilo que experimentamos como expressão no mundo da vida, através dos signos. Assim, a pessoa - seja leitora, escritora ou ouvinte - entrelaça o passado ao presente e o presente a projeções de futuro numa rede de significados encarnados e projetados no mundo, pelos aprendizados socioculturais e científicos (MERLEAU-PONTY, 2015; MULLER-GRANZOTTO, 2005).

Desse modo, partimos da premissa de que a construção de teses na literatura implica em relações causalísticas ou dissociadas que apenas suprimem a complexidade de um estudo em foco. Contrariamente, na pesquisa de base fenomenológica, entendemos que todo olhar para fenômenos em estudo, numa perspectiva de maior profundidade e complexidade, para além das teses sociais, necessita ser desenvolvido a partir da percepção reversível de entrelaçamentos entre experiências e entre o sujeito que estuda e o objeto estudado, que podem ser compreendidos na diferença dos idênticos (MERLEAU-PONTY, 2015; 2012a).

Nessa perspectiva, a presente revisão de literatura buscou perceber o estado da arte sobre o escopo do presente estudo de tese, o qual promoveu a ampliação de conhecimentos acadêmico-profissionais na atenção à saúde mental de universitários, apontando lacunas e teses científicas e buscando reflexões que possibilitassem o desvelar de intuições originárias nos leitores, para além das próprias teses, complementando a compreensão das experiências humanas dentro da Universidade, a exemplo da reflexão: como são descritos os cotidianos sociofamiliares e acadêmicos de universitários na literatura científica?

A partir da questão de pesquisa supracitada, questões específicas ainda nos ocorreram como pontos importantes de reflexão para a presente revisão de literatura, enquanto auxílio à construção do estudo de tese: se os jovens universitários recorrem a estratégias de cuidado à saúde mental, como elas são? Como abordagens fenomenológicas podem contribuir para a ampliação de conhecimentos teórico-metodológicos na área da saúde mental de universitários?

Portanto, nosso objetivo, com a presente revisão de literatura, foi compreender a descrição dos cotidianos sociofamiliares e acadêmicos de universitários; inclusive, conhecendo as possíveis contribuições de abordagens de cuidado em que jovens universitários se inserem e as abordagens fenomenológicas como referenciais teóricos e/ou metodológicos para estudos no campo da saúde mental de universitários.

Para o levantamento de estudos, optamos por buscas nas bases de dados eletrônicas Lilacs, Scielo, Scopus e *Web of Science*, por serem as mais usadas em publicações no âmbito da saúde. Nessas bases, escolhemos os seguintes descritores Mesh (*Medical Subjects Headings*), no idioma inglês, combinando-os entre si com o *booleano* AND: Universities; “Interpersonal Relations”; “Family Relations”; “Mental Health”; Psychotherapy; “Psychotherapy, Group”; Philosophy; “Existential Psychology”.

Adicionalmente, realizamos buscas de literatura nas bases de dados eletrônicas Lilacs, Scielo utilizando os mesmos descritores supracitados, pois se apresentavam semelhantes nos Decs (Descritores em Ciências da Saúde), contudo nos idiomas português e espanhol, combinando-os entre si com o *booleano* AND. Assim, em português, combinamos os descritores Universidade; “Relações Interpessoais”; “Relações Familiares”; “Saúde Mental”; Psicoterapia; “Psicoterapia de Grupo”; Filosofia; “Psicologia Existencial”. Em espanhol, combinamos os descritores Universidad; “Relaciones Interpersonales”; “Relaciones Familiares”; “Salud Mental”; Psicoterapia; “Psicoterapia de Grupo”; Filosofia; “Psicología Existencial”. Adiante, o Quadro 1 apresenta as equações utilizadas para as buscas de literatura, a partir das combinações dos descritores nos idiomas inglês, português e espanhol.

Vale ressaltar que o levantamento de literatura ocorreu entre os meses de outubro 2018 a março de 2019. Para seleção de estudos, adotamos como critérios de inclusão apenas artigos disponíveis na íntegra, de acesso livre, nos idiomas português, inglês e espanhol e envolvendo resumos que se relacionassem estreitamente com a população de universitários e objetivos da presente revisão, os quais refletiram o objeto de estudo da presente pesquisa de Tese, publicados no horizonte temporal 2014-2019.

Atendendo aos critérios de inclusão de estudos antes da leitura de resumos, levantamos um total de 214 artigos. Após esse levantamento, desenvolvemos a seleção inicial dos artigos através da avaliação dos títulos e dos resumos. Quando o título e/ou resumo não eram esclarecedores, buscamos o artigo na íntegra, evitando, desse modo, deixarmos estudos importantes fora da revisão. Assim, ao excluirmos os artigos que não se alinhavam com o foco desse estudo, bem como aqueles duplicados em mais de uma

base de dados pesquisada, somaram-se um total de 25 artigos, os quais compuseram a seleção final para a construção da presente revisão de literatura, como apresenta o Quadro 1.

Quadro 1 - Seleção final de artigos por equações e bases, excluindo-se duplicados.

Equações	Bases							
	Lilacs		SciELO		Scopus		Web of Science	
	Busca	Seleção	Busca	Seleção	Busca	Seleção	Busca	Seleção
Universities and "interpersonal relations" and "mental health"	1	1	1	0	12	1	18	9
Universities and "family relations" and "mental health"	0	0	0	0	14	1	3	1
Universities and psychotherapy and "mental health"	0	0	1	1	37	5	44	6
Universities and "psychotherapy, group" and "mental health"	0	0	0	0	2	0	3	0
Universities and philosophy and "mental health"	1	0	0	0	5	0	7	1
Universities and "existential psychology" and "mental health"	0	0	0	0	0	0	0	0
Universidade and "relações interpessoais" and "saúde mental"	4	2	0	0	0	0	0	0
Universidade and "relações familiares" and "saúde mental"	3	0	1	0	0	0	0	0
Universidade and psicoterapia and "saúde mental"	4	0	0	0	0	0	0	0
Universidade and "psicoterapia de grupo" and "saúde mental"	0	0	0	0	0	0	0	0
Universidade and filosofia and "saúde mental"	1	0	1	0	0	0	0	0
Universidade and "psicologia existencial" and "saúde mental"	0	0	0	0	0	0	0	0
Universidad and "relaciones interpersonales" and "salud mental"	5	1	4	1	0	0	0	0
Universidad and "relaciones familiares" and "salud mental"	3	0	3	0	0	0	0	0
Universidad and psicoterapia and "salud mental"	3	0	1	0	0	0	0	0
Universidad and "psicoterapia de grupo" and "salud mental"	0	0	1	0	0	0	0	0
Universidad and filosofia and "salud mental"	1	0	0	0	0	0	0	0
Universidad and "psicología existencial" and "salud mental"	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Resultados</b>	26	4	13	2	70	7	75	17
Levantamento	214							
Seleção Final	25							

Fonte: elaborado pela autora

Desse modo, após a aplicação dos critérios de seleção final de literatura, desenvolvemos a leitura completa de todos os artigos, de modo que buscamos conhecer

o estado da arte sobre o escopo do presente estudo de tese, fazendo-se ver reflexões desveladas na revisão da literatura e os horizontes de possibilidades das experiências humanas dentro da Universidade.

Por fim, a revisão de literatura envolveu a categorização de temáticas dentro de capítulos, as quais têm o intuito de consolidar compreensões relacionadas a cada uma das questões de pesquisa levantadas para a construção da presente revisão, são elas: *Cotidianos sociofamiliares e acadêmicos de universitários*; *Abordagens de cuidado à saúde mental de universitários*; *Abordagens fenomenológicas de estudos em saúde mental*.

## 2.1 COTIDIANOS SOCIOFAMILIARES E ACADÊMICOS DE UNIVERSITÁRIOS

A literatura tem identificado um processo denominado de adultez emergente entre os universitários. Devido à extensão da transição da adolescência para a vida adulta, a idade adulta emergente compartilha algumas características com a adolescência com a vida adulta, como, por exemplo, morar com os pais tendo sua própria independência financeira (DUTRA-THOMÉ et al., 2019).

Para adultos emergentes, a aquisição de autonomia é um importante marco no desenvolvimento e está associada a um exercício de se tornar mais responsável por suas escolhas, bem como pela experimentação (DUTRA-THOMÉ; KOLLER, 2014; KAĞITÇIBAŞI, 2005). O desenvolvimento da autonomia individual durante a adultez emergente é muito valorizada e reforçada, pois potencializa a capacidade de tomar decisões orientadas ao mercado de trabalho (DUTRA-THOMÉ et al., 2019).

Em algumas culturas latinas e asiáticas, diferentemente do que ocorre no norte e leste europeu e na cultura norteamericana, mesmo que haja a valorização, por um lado, de habilidade para tomada de decisões individuais para a inserção no mercado produtivo, por outro lado, a demanda pela rede de suporte social e pela transmissão intergeracional de crenças cristãs continuam a reforçar metas de socialização parental em direção ao incremento da percepção de lealdade na família (DUTRA-THOMÉ et al., 2019).

Desse modo, em direção ao desenvolvimento da autonomia, adultos emergentes universitários podem compor um grupo vulnerável a apresentar problemas de saúde mental, uma vez que além do estresse relacionado ao desempenho acadêmico, os estudantes podem ter que lidar com tarefas cotidianas envolvendo complexas

responsabilidades sem terem ainda dominado certas habilidades e níveis de autonomia que a vida adulta exige (SALINAS-OÑATE et al., 2018; BIOLCATI; AGOSTINI; MANCINI, 2017; SALVATORE et al., 2016).

O grupo de universitários suscita problemáticas particulares entre os 18 e os 29 anos, período em que os jovens ainda não deixaram o seu status de adolescente e tampouco adquiriram os atributos psicossociais que a cotidianidade da vida adulta exige. Porém, eles possuem independência na exploração de novos contextos e papéis, de oportunidades educacionais e de trabalho e de relacionamentos íntimos, o que gera sentimentos de ambiguidades entre os jovens nas vivências relacionadas à Universidade, a exemplo de sentirem-se mais livres, autônomos e, ao mesmo tempo, ainda dependentes do suporte parental (SALINAS-OÑATE et al., 2018; BIOLCATI et al., 2017).

Na medida em que a Universidade é um contexto de diversas vivências, os universitários necessitam aprender habilidades interpessoais e acadêmicas, já que as demandas do cotidiano social e acadêmico se influenciam mutuamente e podem contribuir para processos de sofrimento dentro desse contexto, a exemplo do desenvolvimento de depressão, ansiedade, estresse, abuso de álcool, ideação suicida e agressividade (SALINAS-OÑATE et al., 2018; KIM et al., 2018; GRANER et al., 2018; HERSI et al., 2017; RONDINA et al., 2018; BIOLCATI et al., 2017; PETROVIC, 2017).

Contudo, não se pode afirmar que vivências de vulnerabilidade no contexto universitário sejam as causas únicas para o desenvolvimento de sofrimento mental entre jovens, uma vez que diversos contextos e recursos sociais e pessoais se entrelaçam na configuração de processos de saúde e sofrimento (BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014).

No contexto brasileiro, as demandas relacionadas ao cotidiano social e acadêmico de universitários dizem respeito a um modo diferente de rotina de estudos na Universidade; a lidar com autoridade, geralmente, na figura do professor; a falar em público, a exemplo dos seminários; a morar com outras pessoas, muitas vezes desconhecidas e negociar a divisão de tarefas com elas, o que ocorre quando os universitários necessitam morar longe da família para se inserir na Universidade; a cuidar de si mesmo e dos próprios pertences; a estar longe de amigos e parceiros românticos; a administrar a renda e a trabalhar para se sustentar (RONDINA et al., 2018; BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014).

Segundo os pesquisadores, tais demandas são relacionadas a desafios no contexto da Universidade brasileira e podem contribuir para o aparecimento de transtornos mentais entre os jovens em formação. Na área da saúde, por exemplo, os futuros profissionais de Enfermagem vivenciam extrema sobrecarga de trabalho advinda do processo de formação, que podem gerar estresse e levá-los à constituição de um grupo de risco ao desenvolvimento de transtornos afetivos, *Burnout*, cansaço emocional e consumo abusivo de álcool e outras drogas (CARVALHO et al., 2016).

Portanto, quando o universitário frequentemente relata sentir-se inseguro, despreparado, incapaz e ansioso nas suas interações sociais e vivências acadêmicas e percebe que seus pais e colegas demonstram desinteresse na continuidade da comunicação com ele, o mesmo pode estar expressando vulnerabilidade ao sofrimento mental (BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014).

Ainda no contexto brasileiro, um estudo realizado com universitários com o objetivo de investigar as associações entre o padrão de consumo de substâncias psicoativas e as principais queixas relatadas por acadêmicos atendidos em um Serviço de Psicologia da própria Universidade, revelou que a maioria dos estudantes que procurou atendimento era proveniente da graduação e do sexo feminino (RONDINA et al., 2018). Os autores do estudo pontuaram que o maior percentual das queixas relatadas se referiu ao humor depressivo, seguido de ansiedade, de dificuldades no relacionamento familiar, dificuldades no relacionamento interpessoal e dificuldades acadêmicas, o que também foi reportado em estudos com universitárias americanas (PEDRELLI et al., 2016).

Ademais, Rondina e colaboradores (2018) ressaltaram que a maior parte dos universitários também referiu consumir drogas legais e/ou ilegais, sendo o álcool a substância mais citada, seguida da maconha, tabaco e cocaína. O consumo de álcool, maconha e tabaco foi maior para estudantes do sexo masculino, assim como o policonsumo, ou seja, o consumo simultâneo de duas ou mais substâncias, muito associado às queixas de dificuldades de relacionamento sociofamiliar.

Tais pesquisadores destacam que os resultados do estudo indicam que a utilização de drogas pode ser uma estratégia de enfrentamento para o manejo de dificuldades na esfera interpessoal, haja vista a associação do uso de maconha com queixas relacionadas ao espectro suicida entre os universitários. Esse dado encontra-se em ressonância com estudos internacionais, tais como os resultados apontados por Hersi e colaboradores (2017).

Outro estudo desenvolvido por Bolsoni-Silva e Loureiro (2015) com universitários brasileiros, ao caracterizar o cotidiano social de estudantes sem adoecimento mental, segundo variáveis acadêmicas e sociodemográficas, destacou que os estudantes de anos intermediários ou no final de seus cursos se mostraram mais hábeis socialmente do que os iniciantes, o que sugeriu a vulnerabilidade nas relações sociais dos recém-ingressos na Universidade, também já relatado na literatura internacional (SALVATORE; KENDLER; DICK, 2014).

Outrossim, a pesquisa de Bolsoni-Silva e Loureiro (2015) apontou que os estudantes das Ciências Humanas mostraram ser mais hábeis socialmente do que os estudantes das Ciências Exatas, assim como aqueles que trabalhavam e recebiam salário, em comparação com aqueles que não trabalhavam. No que tange à moradia, a pesquisa também indicou que os universitários que moravam com outros estudantes se mostraram mais habilidosos socialmente do que aqueles que moravam com a família ou sozinhos.

Especificamente, Bolsoni-Silva e Loureiro (2015; 2014) argumentaram que os estudantes com sofrimento mental podem encontrar-se mais acolhidos em suas famílias do que aqueles morando com outros estudantes, já que a condição de coabitação estudantil envolve uma maior demanda de tarefas interpessoais. Portanto, condições sociodemográficas e acadêmicas influenciam as habilidades sociais e conseqüentemente os recursos de saúde mental de estudantes universitários, uma vez que as habilidades sociais favorecem adaptação do estudante ao contexto da Universidade.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida com o objetivo de investigar a prevalência de transtornos mentais entre estudantes brasileiros de Odontologia analisou associações entre sofrimento mental com características demográficas, estado de saúde, aspectos relacionais, percepções da vida acadêmica e características psicológicas, tais como modos de enfrentamento e resiliência (GRANER et al., 2018).

Esses pesquisadores identificaram que 45,2% dos estudantes apresentaram transtornos mentais, sendo que aqueles estudantes que realizaram autoavaliação negativa da sua saúde e do desempenho acadêmico apresentaram uma maior prevalência. Os autores detectaram a alta prevalência de transtornos mentais entre estudantes que relataram dificuldades de adaptação à cidade onde se encontrava a Universidade, problemas de relacionamento com os pares, pouco apoio social, percepções negativas acerca do ambiente educacional e pensamentos de desistência da

formação universitária, o que também foi relatado em pesquisa realizada com universitários colombianos (CASTAÑO-PEREZ; CALDERON-VALLEJO, 2014).

No contexto do sofrimento mental, Graner e colaboradores (2018) evidenciaram que os estudantes que relataram um estilo de enfrentamento confrontativo; ou seja, focado no problema, com comportamentos agressivos e com a autonomia ou a capacidade de fazer escolhas ameaçadas, tiveram mais chances de desenvolver transtornos mentais. Por outro lado, segundo os pesquisadores, a resiliência, entendida como uma habilidade para se adaptar às adversidades pelo aprendizado cognitivo e ressignificação de afetos, foi a única variável identificada como fator de proteção contra o sofrimento mental.

Com foco na análise dos problemas relacionados ao consumo abusivo de álcool e sua correlação com problemas nos cotidianos acadêmico e familiar e na saúde mental e sexual de universitários colombianos, uma pesquisa revelou, como dados mais gerais, que 88,6% dos jovens estudantes praticaram o consumo de álcool ao longo da vida, sendo que 58,7% dos entrevistados haviam experimentado, pela primeira vez, entre os seus 11 e 15 anos de idade (CASTAÑO-PEREZ; CALDERON-VALLEJO, 2014).

Especificamente, em relação à rotina acadêmica, a pesquisa de Castaño-Perez e Calderon-Vallejo (2014) apontou que os universitários que faziam consumo abusivo de álcool vivenciavam muitas ausências e atrasos nas aulas e baixo desempenho acadêmico. Nas relações sociais e familiares, esses universitários relataram conflitos com pais, amigos e estranhos e perda de amigos e parceiros românticos. Em relação à saúde mental, os universitários que faziam consumo abusivo de álcool também vivenciavam uma grande frequência de comportamentos depressivos, ansiosos, oscilações emocionais e irritabilidade, bem como relataram o desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis e a parentalidade indesejada. Ademais, as agressões físicas, os acidentes de trânsito e problemas com as autoridades também foram mais comuns no cotidiano de universitários que faziam consumo abusivo de álcool, segundo os autores do estudo.

A literatura reporta que apesar da coocorrência do transtorno depressivo com o consumo abusivo de álcool, ainda não está claro se uma condição constitui um fator de risco para a outra entre os jovens na faculdade. Assim, um estudo desenvolvido no contexto americano com universitários ressaltou que estudantes com transtornos depressivos apresentaram maior frequência de consumo abusivo de álcool e essa

associação foi mais forte entre as universitárias, as quais também foram mais propensas a se envolver em abordagens de cuidado em saúde mental (PEDRELLI et al., 2016).

Outro estudo desenvolvido com o objetivo de examinar as interrelações entre o *status* de relacionamento romântico e o consumo abusivo de álcool em estudantes do primeiro ano de uma Universidade americana evidenciou que 70% dos participantes do estudo relataram o uso de álcool (SALVATORE; KENDLER; DICK, 2014). Nesse contexto, os autores da pesquisa enfatizaram que o envolvimento de universitários em um relacionamento romântico exclusivo não foi associado a um perfil protetor contra o consumo abusivo de álcool, em comparação com os universitários solteiros. Porém, aqueles estudantes que não experimentavam o compromisso de um relacionamento exclusivo, bem como aqueles que experimentavam a dissolução de um relacionamento exclusivo, foram os universitários que apresentaram um maior risco ao consumo abusivo de álcool.

Ainda no contexto americano, foi conduzida uma pesquisa com universitários com o objetivo de mapear os efeitos de problemas de alcoolismo parental, de problemas de conduta juvenil e de urgência positiva juvenil sobre o envolvimento em relacionamentos amorosos e no cotidiano de consumo de álcool na adultez emergente (SALVATORE et al., 2016). Em tempo, os autores fundamentaram, no estudo, que a urgência positiva é uma característica da emocionalidade que predispõe a percepção ao uso do álcool como recompensador para o indivíduo e que implica em comportamentos de impulsividade.

Nessa perspectiva, eles encontraram evidências de que os problemas de alcoolismo dos pais tinham efeitos indiretos no *status* do relacionamento romântico do estudante, fosse através de comportamentos problemáticos de conduta no cotidiano social, ou da urgência positiva ao consumo de álcool (SALVATORE et al., 2016). O estudo constatou que a condição de namorar várias pessoas foi associada ao consumo abusivo de álcool, como já relatado por Salvatore e colaboradores (2014) e que universitários com uma tendência a comportamentos problemáticos de conduta social também se inclinaram a escolher experiências de relacionamento romântico associadas ao consumo abusivo de álcool.

Na pesquisa desenvolvida com universitários americanos acerca da percepção de estresse e da promoção da saúde holística com uma prática esportiva, o *Taekwondo*, foram descritas queixas no cotidiano dos estudantes, as quais estavam relacionadas às seguintes necessidades: de equilibrar-se financeiramente, de equilibrar o estresse "ruim"

e "bom", de tornar-se mais confiante, de acalmar a mente, de examinar as relações pessoais, de expandir os horizontes, de saber lidar com doenças físicas, de expressar a sensação de vulnerabilidade, de focar nas responsabilidades acadêmicas, de honrar as liberdades pessoais, de melhorar a saúde física, de manter perspectivas, de nutrir o espírito, de estabelecer o próprio ritmo e, por fim, de desenvolver crenças mais saudáveis em relação a si e ao mundo (PETROVIC, 2017).

No contexto da África subsaariana, um estudo desenvolvido com o objetivo de investigar a prevalência de sofrimento mental entre estudantes da Universidade de Hargeisa constatou que um em cada cinco jovens encontrava-se em sofrimento mental (HERSI et al., 2017). Os autores evidenciaram que a ansiedade e a depressão eram mais prevalentes em universitárias. Também, indicaram que estudantes que não estavam em relacionamentos íntimos e/ou que não percebiam relacionamentos satisfatórios com familiares ou amigos tiveram uma maior prevalência de sofrimento mental, o que convergiu com resultados de estudos realizados com universitárias americanas e brasileiras (RONDINA et al., 2018; PEDRELLI et al., 2016).

Hersi e colaboradores (2017) ainda deram relevo à relação dos estudantes com o *khat*, uma substância psicoativa que produz excitação, promove a comunicação e dispersa sensações de fome e fadiga, muito usada na região da África oriental. No estudo, o uso do *Khat*, pelos estudantes, foi associado a uma maior probabilidade de sofrimento mental, não ocorrendo o mesmo para o uso de álcool e o tabagismo. Esse resultado pode demonstrar que o consumo de *Khat* se constitui como uma estratégia de enfrentamento universitário diante das demandas sociofamiliares e acadêmicas, como relatado em outros estudos com universitários acerca da associação do consumo de substâncias psicoativas com as tarefas interpessoais (RONDINA et al., 2018).

Ademais, Hersi e colaboradores (2017) indicaram que a grande maioria dos participantes convivia com a família de origem, a qual podia fornecer apoio emocional no cotidiano social dos jovens, porém aqueles de famílias pobres que moravam fora da cidade de Hargeisa estavam propensos a enfrentar mais desafios estressores para a própria inserção e manutenção na Universidade, constituindo um grupo de maior vulnerabilidade ao sofrimento mental, o que coadunou com resultados de pesquisa com universitários brasileiros (RONDINA et al., 2018; BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014).

Em síntese, os cotidianos sociofamiliares e acadêmicos de universitários destacaram, diante das teses levantadas pela literatura, que o processo da adultez

emergente entre estudantes faz com que os mesmos sejam considerados como um grupo vulnerável a apresentar problemas de saúde mental, principalmente entre aqueles da área da saúde. Nesse sentido, a tarefa de assumir mais responsabilidades sem o domínio das habilidades da vida adulta pode suscitar nos jovens, entre 18 e 29 anos de idade, o consumo abusivo de álcool e outras drogas e o desenvolvimento de depressão, ansiedade, estresse pela rotina acadêmica, ideação suicida, agressividade, entre outros problemas.

Parece muito evidente o consumo de drogas legais e ilegais entre os universitários como modo de enfrentamento de demandas no cotidiano sociofamiliar e acadêmico. O consumo de drogas foi associado aos estilos de relacionamento romântico entre universitários, sendo mais incidente entre aqueles recém-solteiros e/ou com múltiplos relacionamentos; às vivências de alcoolismo na parentalidade e dificuldades nos relacionamentos familiares; aos comportamentos agressivos; à baixa habilidade social e às dificuldades na manutenção de relacionamentos íntimos entre estudantes. Os estudos ainda destacaram o consumo abusivo e o policonsumo de álcool, maconha, tabaco e cocaína entre estudantes associados com o desenvolvimento de transtorno depressivo e ideias suicidas, além de comportamentos de risco à saúde sexual.

Assim, dentre as principais queixas relatadas por universitários acerca das vivências sociofamiliares e acadêmicas nas pesquisas, as mais frequentes foram de ordem financeira e relacionadas ao estresse acadêmico, à baixa autoconfiança, às demandas nas relações interpessoais, à sensação de estar em vulnerabilidade, à dificuldade de manutenção de perspectivas saudáveis, ao distanciamento da família, ao lidar com a própria liberdade e adotar estratégias de enfrentamento saudáveis diante de situações adversas.

Diante do exposto, precisamos dialogar com os resultados das pesquisas e refletir para além das teses apresentadas, para que seja possível o desvelar de intuições originárias próprias acerca de como universitários descrevem o seu cotidiano sociofamiliar e acadêmico, principalmente quando nos abrimos às nossas próprias vivências nos espaços intersubjetivos.

Com esse intuito, as considerações objetivistas da literatura podem se correlacionar com a profundidade e a complexidade das vivências intersubjetivas, como pretende o presente estudo, ao considerar a compreensão dos significados das diversas experiências humanas e socioculturais, inclusive dos diferentes significados atribuídos à família e suas relações com indivíduos universitários.

## 2.2 ABORDAGENS DE CUIDADO À SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS

A admissão na Universidade é uma experiência singular e traz novos desafios, principalmente em relação a repertórios comportamentais de jovens universitários (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2015). No contexto universitário, a aprendizagem de habilidades sociais pode favorecer processos adaptativos e, conseqüentemente, a promoção da saúde mental entre jovens, evitando comprometimentos futuros na vida profissional, amorosa e de lazer (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2015; BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014; SALVATORE et al., 2014).

Os comportamentos relacionados a habilidades sociais podem ser favorecidos em abordagens de cuidado para a promoção da saúde mental entre universitários e se referem à expressão de sentimentos negativos, de afeto e opiniões; às mudanças de comportamentos; à resolução de conflitos sem agressividade ou medo; à maior comunicação e reciprocidade com familiares e colegas; e, a falar em público e lidar com críticas (BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014). Segundo as pesquisadoras, todos esses comportamentos de habilidade sociais são passíveis de análise, avaliação e intervenção, principalmente no cuidado aos universitários com transtornos depressivos.

A Universidade, portanto, pode propor programas preventivos de serviços para a promoção de habilidades sociais em estratégias grupais, antes mesmo da busca de estudantes à clínica psicológica individualizada da Universidade, o que geralmente ocorre quando processos sofrimento mental já estão em desenvolvimento (RONDINA et al., 2018; BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2015).

A Universidade tem uma importante tarefa de oferecer apoio às comunidades discentes com ou sem sofrimento mental, auxiliando-as em seus processos de adaptação à vida universitária, principalmente em dificuldades relacionadas às interações sociais com a família e com parceiros românticos, sexuais e com colegas (BIOLCATI et al., 2017; HERSI et al., 2017; NAPPER et al., 2016; BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2015; ZHENG et al., 2015).

A família também merece destaque nas abordagens de cuidado desenvolvidas para estudantes universitários, uma vez que no modelo de atenção à saúde mental de base na comunidade, a família deixa de ser chave determinística do sofrimento mental e passa a ser um contexto prioritário de atenção (CONSTANTINIDIS; ANDRADE, 2015). Para as pesquisadoras, as abordagens de cuidado na atenção à saúde mental devem focalizar trabalhos interdisciplinares, relacionais, territoriais e dialógicos voltados ao

fortalecimento de laços familiares e da rede de apoio comunitário das pessoas, principalmente para aquelas em sofrimento mental, mesmo que essas abordagens estejam, à princípio, inseridas no contexto universitário. Assim, faz-se importante o suporte psicossocial aos familiares, já que eles passam por eventos cotidianos adversos em suas interações, sendo os primeiros cuidadores a buscar por serviços em saúde para algum ente familiar.

As abordagens de cuidado aos familiares, segundo Constantinidis e Andrade (2015) devem promover o acolhimento de modos de existência e encontros que aumentem a potência de agir dos membros da família em relação às suas próprias vidas, o que pode abalar o suposto equilíbrio no modo de existência familiar. Outrossim, para as autoras, nem sempre estar junto à família é garantia de convívio social e de tolerância, inclusive na relação de familiares com algum ente em sofrimento mental, o que reforça que a contratualidade de trabalhos entre as abordagens de cuidado e a família necessita ocorrer a partir de práticas que potencializem a autonomia, o protagonismo e a cidadania de todos os envolvidos em de cuidado na família.

Ademais, abordagens de cuidado na Universidade devem considerar um acompanhamento familiar, uma vez que o consumo de álcool na parentalidade também esteve associado ao consumo abusivo de álcool em universitários, bem como ao envolvimento dos mesmos em relacionamentos amorosos que tendem a reforçar o consumo abusivo de álcool (SALVATORE et al., 2016).

No contexto da saúde mental, dentre as abordagens de cuidado, a psicoterapia, por exemplo, é reconhecida como válida e efetiva na promoção do bem-estar, porém a porcentagem de pessoas que procura essa abordagem ainda é baixa (SALINAS-OÑATE et al., 2018).

Assim, no contexto específico da Universidade, torna-se importante compreender quais fatores influenciam na decisão de universitários pela busca de ajuda profissional na atenção à saúde mental, o que possibilita a construção de novas estratégias de cuidado voltadas às demandas de universitários (SALINAS-OÑATE et al., 2018; PEDRELLI et al., 2016; AMARASURIYA; JORM; REAVLEY, 2015).

Nessa perspectiva, um estudo realizado no contexto da saúde mental com universitários chilenos identificou que as crenças e as expectativas positivas sobre a psicoterapia estavam relacionadas à busca dos estudantes por essa abordagem de cuidado (SALINAS-OÑATE et al., 2018). Segundo as pesquisadoras, as crenças positivas foram vinculadas às formas pessoais de compreensão de terapias que são

construídas e compartilhadas socialmente como exitosas. Na medida em que as crenças culturais sobre abordagens de cuidado são partilhadas como positivas, as expectativas a elas associadas também tendem a ser mais adequadas, levando ao aumento da busca por determinadas abordagens de cuidado.

Os resultados do estudo de Salinas-Oñate e colaboradoras (2018) também sugerem que as gerações mais jovens e com maior nível educacional podem compreender a saúde a partir de um conceito mais integral, dando relevância à saúde mental para o bem-estar global dos sujeitos, o que contribui para a maior busca de abordagens de cuidado na atenção à saúde mental entre universitários. Ademais, os resultados do seu estudo indicaram que o fato do universitário possuir uma sintomatologia clínica em saúde mental, o que é comum entre aqueles de menor idade e recém-chegados na Universidade, não é, por si só, relevante para a decisão pessoal de buscar ajuda profissional.

O estudo de Salinas-Oñate e colaboradoras (2018) mostrou ainda que quanto maior era a idade dos universitários, maior era a percepção de apoio social e menor era a necessidade de busca por psicoterapia. Dessa forma, as autoras concluíram que o processo de adaptação ao sistema universitário é crítico para estudantes dos primeiros anos, pois muitos também vivenciam um distanciamento real de seus vínculos de apoio familiar de origem.

Compreende-se que as abordagens de cuidado devem ser orientadas para a promoção e prevenção da saúde mental de universitários por meio, inclusive, de ações de educação em saúde, assim como a psicoeducação, com vistas a suscitar crenças culturais menos negativas sobre abordagens de cuidado no âmbito da saúde mental, a exemplo da psicoterapia. Dessa maneira, é possível o incremento da busca por ajuda profissional entre universitários e uma melhor qualidade de vida nesse período crítico da adultez emergente (SALINAS-OÑATE et al., 2018).

Experiências educativas reflexivas na área da saúde têm sido consideradas exitosas na interlocução com diferentes metodologias ativas de aprendizagem, repercutindo na atenção à saúde mental universitária pelo desenvolvimento de percepções, partilhas de experiências e dialogicidade entre os sujeitos em interação (CARVALHO et al., 2016). Assim, as autoras realizaram um estudo com o objetivo de estimular a regulação emocional de universitários espanhóis na área de Enfermagem, a partir do desenvolvimento de uma metodologia de aprendizagem reflexiva, no espaço

virtual, chamado fórum reflexivo ou *b-learning (blended-learning)*, na plataforma de aprendizagem *Moodle*.

No estudo, os estudantes desenvolveram sete sessões de atividades virtuais e presenciais relacionadas a uma determinada disciplina do curso. No âmbito virtual, a partir do fórum reflexivo, o estudante era encorajado a desenvolver reflexões individuais e em grupo, assim como atitudes de cooperação, compreensão e respeito entre os estudantes. Ademais, eles mesmos também deviam avaliar a sua participação ativa no fórum, bem como o desenvolvimento de conhecimentos adquiridos na aula e seminários, além do cumprimento de pautas e prazos sugeridos. Também foi elaborado um planejamento de seminários centrados em dinâmicas de promoção da colaboração, compreensão, análise e reflexão grupal (CARVALHO et al., 2016).

Como resultados, as referidas autoras ressaltaram o desconhecimento discente acerca da presença das emoções na vida diária, o que dificultava refletir sobre as suas influências. Uma vez percebida a presença das emoções no cotidiano e a possibilidade da reflexão sobre elas, os estudantes aprofundaram a percepção das possibilidades de intervir sobre a emocionalidade cotidiana.

Assim, de acordo com essas pesquisadoras, os estudantes perceberam que o trabalho de análise e intercâmbio de ideias no fórum reflexivo foi gerando novos conhecimentos significativos, pois eles sinalizaram a aprendizagem construída na prática da realidade cotidiana. Os estudantes também perceberam uma melhora no autoconceito ao exporem suas dificuldades e receberem o apoio e compreensão por parte do grupo. Eles também perceberam a satisfação por haver participado de reflexões acerca das aprendizagens nos seminários acadêmicos e com as partilhas de experiências e emoções, inclusive no espaço virtual.

Desse modo, a pesquisa concluiu que o processo de autorreflexão, promovido por um espaço de partilhas e de elaboração de outro ponto de vista, auxiliou numa visão mais otimista das experiências adversas entre universitários, o que constituiu a estratégia do fórum virtual reflexivo como lugar de expressões das emoções. O fórum permitiu que os estudantes tivessem consciência da expressão emocional, bem como da sua importância e influência na vida cotidiana e na educação em saúde mental (CARVALHO et al., 2016).

Outrossim, em relação ao consumo abusivo de álcool e outras drogas, torna-se significativo que muitos universitários em sofrimento mental busquem pelo consumo abusivo de drogas, dando relevo à necessidade de ampliação de ações de natureza

preventiva e terapêutica dentro da Universidade para essa população (RONDINA et al., 2018).

Nessa direção, um estudo proposto avaliou uma intervenção baseada na internet para estudantes universitários com transtornos afetivos e alcoolismo comórbidos (GEISNER et al., 2015). Com efeito, as pesquisadoras evidenciaram a comorbidade do uso de álcool e problemas relacionados a humor deprimido em universitários e apontaram para a necessidade de desenvolvimento de abordagens eficazes de prevenção e intervenção para essa população de alto risco. Os resultados do estudo constataram que uma breve intervenção baseada na internet foi eficaz na redução de problemas de álcool entre os estudantes.

De acordo com as pesquisadoras, o uso de uma triagem breve foi uma maneira econômica de identificar universitários em risco com transtornos de humor e alcoolismo comórbidos e oferecer uma intervenção imediata baseada na internet para indivíduos que não se sentiam encorajados para a busca de abordagens de cuidado.

Embora seja incerto sobre o que é terapeuticamente mais eficaz; se a abordagem sobre o álcool deve ser priorizada, ou sobre os sintomas da depressão, ou sobre ambos ao mesmo tempo; reduzir a quantidade de problemas com álcool por si só, entre universitários, já podem trazer efeitos benéficos (GEISNER et al., 2015). Para as pesquisadoras, mesmo que uma intervenção breve possa ter efeitos limitados para estudantes com sintomatologia grave, eles podem ser brevemente triados e conectados a serviços clínicos mais apropriados, se beneficiando de esforços de intervenção presencial mais intensivos, com o objetivo de aliviar o sofrimento mental e reduzir o consumo abusivo do álcool e suas consequências associadas.

Ademais, os programas de educação em saúde podem melhorar a capacidade de estudantes, tão diversos em suas crenças e culturas. Esses programas podem ajudar os jovens universitários a reconhecer os transtornos mentais, por exemplo, enquanto situações que necessitam de apoio terapêutico apropriado, pois os mesmos tendem a considerar, inicialmente, a ajuda de opções informais, através de pais, amigos e pessoas religiosas para o enfrentamento do sofrimento mental (AMARASURIYA et al., 2015).

Um estudo desenvolvido com universitários chineses buscou examinar, longitudinalmente, o desenvolvimento de sofrimento mental entre eles, bem como os seus comportamentos de busca de ajuda, para melhor entender, avaliar e implementar serviços de educação em saúde mental e aconselhamento psicológico aos estudantes (LIU et al., 2017). As estudantes chinesas apresentaram aumentos em problemas de

saúde mental, em comparação com estudantes do sexo masculino e, embora estes tivessem uma maior prevalência de transtornos mentais do que as estudantes do sexo feminino, os comportamentos de procura por ajuda dos homens eram menores.

Os autores da pesquisa evidenciaram um aumento geral, ao longo dos anos, de problemas de saúde mental e comportamentos de busca de ajuda entre universitários (LIU et al., 2017), o que foi um dado divergente do estudo desenvolvido com universitários chilenos, já que, com o tempo, os mesmos percebiam a sua rede de suporte social mais fortalecida e, portanto, a menor necessidade de busca de apoio profissional (SALINAS-OÑATE et al., 2018).

Na direção de estudos sobre estresse, universitários sul-coreanos que experimentaram estresse na vida acadêmica participaram de um estudo que desenvolveu um programa terapêutico de grupo, durante cinco dias com duração de quatro horas diárias, para minimizar as situações estressoras entre eles, a partir da avaliação da significância e do nível de controle do agente estressor e recursos pessoais de enfrentamento (KIM et al., 2018).

Segundo a pesquisa, como o esforço de enfrentamento que a pessoa desenvolve e a sua percepção emocional são condições que se influenciam mutuamente, o estudo buscou desenvolver uma breve intervenção de gerenciamento de estresse para o enfrentamento pessoal de situações adversas, baseado na Terapia Cognitivo-Comportamental. Assim, o estudo objetivou examinar os efeitos de um breve programa de controle do estresse sobre a depressão, a ansiedade, a ideação suicida e a agressividade entre universitários do sexo masculino (KIM et al., 2018).

No estudo de Kim e colaboradores (2018), o grupo composto por 10 participantes foi avaliado em três momentos: antes da intervenção, imediatamente após a intervenção e três meses após a intervenção. Os mecanismos visados pela abordagem terapêutica breve foram a autoconsciência, o reconhecimento cognitivo, a regulação emocional e as habilidades interpessoais entre os universitários com vivências de estresse. Para facilitar as mudanças comportamentais e cognitivas, a pesquisa desenvolveu palestras, discussões em grupo, dramatizações e fornecimento de livros de exercícios aos participantes, para que estes escrevessem seus pensamentos durante todas as sessões.

Como resultados, Kim e colaboradores (2018) ressaltaram que a intervenção grupal breve foi capaz de minimizar traços de ansiedade e depressão entre os estudantes, bem como de ideação suicida, em longo prazo. Porém, o programa desenvolvido não

avaliou efeitos sobre comportamentos agressivos, indicando a necessidade de uma abordagem terapêutica mais direta e específica, com o objetivo de minimizar níveis de agressividade entre universitários. De todo modo, as conclusões dos autores do estudo forneceram apoio para a viabilidade de uma abordagem terapêutica breve grupal de manejo do estresse, o que pode ser fornecida por profissionais da saúde mental voltada a estudantes da Universidade.

Na direção de pesquisas com estudantes recém-ingressos, o estudo realizado numa Universidade americana com universitários em seu primeiro ano de faculdade evidenciou o potencial papel da Universidade no direcionamento de abordagens terapêuticas preventivas relacionadas ao consumo abusivo de álcool entre estudantes com vários parceiros ou que experimentaram a dissolução de um relacionamento romântico exclusivo nesse período (SALVATORE et al., 2014).

Assim, é necessário desenvolver políticas públicas voltadas à população universitária que faz uso de álcool buscando fortalecer estratégias de cuidado e prevenção de situações de parentalidade indesejada, de desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis e de transtornos mentais, de acidentes de trânsito, de comportamentos agressivos, de perda de rede de apoio social e familiar e de baixo desempenho escolar (CASTAÑO-PEREZ; CALDERON-VALLEJO, 2014).

Especificamente em relação aos transtornos depressivos, esforços sistemáticos nas Universidades necessitam ser direcionados para expandir a detecção, extensão e abordagens de cuidado a estudantes com transtorno mental. Tais esforços podem ter importantes efeitos sociais, uma vez que os estudantes universitários representam os futuros líderes da sociedade e seu sucesso é fundamental para o desenvolvimento do capital humano (CUIJPERS et al, 2016).

No contexto americano, os resultados do estudo que objetivou analisar as relações de estudantes com transtornos depressivos, comportamentos de consumo abusivo de álcool, diferenças de gênero e busca por ajuda profissional em saúde mental trouxeram implicações clínicas e terapêuticas relevantes na atenção à saúde mental universitária (PEDRELLI et al., 2016).

Particularmente preocupante foi o dado fornecido pelo estudo de Pedrelli e colaboradores (2016), o qual identificou que apenas 29,5% dos estudantes participantes do estudo que experimentavam transtornos depressivos e relacionados ao consumo abusivo de álcool se beneficiaram de abordagens de cuidado em saúde mental, no ano anterior à pesquisa. Para os pesquisadores, esse dado sugere que há uma grande

proporção de estudantes de alto risco, especialmente do sexo masculino e que não busca ajuda de profissionais da saúde mental, o que converge com outras pesquisas já realizadas (LIU et al., 2017), destacando a necessidade do aumento de esforços de triagens clínicas, de divulgação de informações e de programas de educação e de prevenção em saúde mental para universitários, principalmente, do sexo masculino.

Programas informativos e de educação em saúde podem ter um foco maior acerca do consumo abusivo de álcool entre universitários, já que a vivência na Universidade inclui o consumo de álcool como parte do desenvolvimento social da maioria dos jovens (CASTAÑO-PEREZ; CALDERON-VALLEJO, 2014; SALVATORE et al., 2014).

Ainda no contexto americano, com o objetivo de examinar a utilidade de uma abordagem terapêutica familiar no tratamento da depressão entre uma população de universitárias americanas, uma pesquisa foi desenvolvida num modelo intuitivo e não patologizador, nomeado Sistemas Internos Familiares, o qual postula que as pessoas contêm uma ecologia de “partes” de si mesmas, cada uma com qualidades e papéis que devem se configurar de forma harmoniosa (HADDOCK et al., 2016).

Segundo a abordagem terapêutica com foco nos Sistemas Internos Familiares, por meio de experiências dolorosas da vida, como transições, perdas, rejeição ou eventos traumáticos, essas partes podem ser forçadas a adotar papéis mais restritos ou rígidos, potencialmente insalubres ou inadequados. Desse modo, através das práticas terapêuticas, os recursos do eu podem ser acessados para que os clientes possam compreender compassivamente suas partes, liberando-as de posições restritas e devolvendo-as aos seus papéis saudáveis originais, aliviando assim os sintomas problemáticos (HADDOCK et al., 2016).

Na pesquisa em questão, segundo as autoras, como as universitárias estão em idade de se definir como indivíduos, a opção terapêutica dos Sistemas Internos Familiares promoveu a aceitação e a diminuição do estresse associado a esse processo de autoexploração e foi considerada exitosa.

Desse modo, os elevados percentuais de estudantes com queixas no âmbito familiar e interpessoal, além do risco de adoção de estratégias não saudáveis de enfrentamento entre universitários, a exemplo do consumo abusivo de drogas, sinalizam para a necessidade de ações multidisciplinares preventivas e terapêuticas, principalmente destinadas a promover melhorias no funcionamento social dos jovens (RONDINA et al., 2018). Para os autores, programas de intervenção multidisciplinares envolvendo as áreas de Psicologia, Enfermagem, Saúde Mental, Terapia Ocupacional e

áreas afins, poderiam contribuir para a prevenção de comportamentos de risco e promoção da qualidade de vida de populações universitárias, a partir do fortalecimento de estratégias mais saudáveis para o enfrentamento de adversidades entre estudantes em formação profissional.

Na Itália, a Universidade de Bolonha ofereceu um serviço de aconselhamento gratuito para estudantes universitários, com o objetivo de disponibilizar apoio psicológico individual ou de grupo no período mínimo de um mês (BIOLCATI et al., 2017). Entre as abordagens terapêuticas oferecidas pelo serviço de aconselhamento, o Psicodrama foi uma forma específica de psicoterapia de grupo que trabalhou simultaneamente para aumentar a consciência do sofrimento mental e para criar modelos mais funcionais de comportamento e comunicação através da ajuda do grupo.

Nesse contexto, Biolcati e colaboradores (2017) conduziram um estudo com o objetivo de explorar a diminuição da sintomatologia e a melhoria do bem-estar após o desenvolvimento da abordagem grupal do Psicodrama, durante um ano, com sessões semanais de 90 minutos de duração, com 30 universitários italianos que solicitaram ajuda ao Centro de Aconselhamento Psicológico da Universidade de Bolonha. Como critérios de inclusão, os participantes deviam ter uma disposição emocional mínima para colaborar com o terapeuta e o desejo de compreender as razões não conscientes para o sofrimento psicológico. Atendendo a esses critérios, os universitários passaram por uma avaliação em termos de funcionamento individual nos níveis psicológico, social e ocupacional e de sintomatologias clínicas, para a composição de grupos com oito participantes.

Como resultados, o estudo de Biolcati e colaboradores (2017) revelou que a abordagem terapêutica grupal psicodramática foi eficaz, mesmo não trabalhando diretamente nos sintomas, mas nos significados subjacentes a eles, permitindo uma redução significativa da sintomatologia ansioso-depressiva e uma diminuição substancial do desconforto subjetivamente experimentado entre os universitários italianos.

Especificamente, segundo Biolcati e colaboradores (2017), no caso dos estudantes universitários, o Psicodrama foi uma abordagem terapêutica grupal que buscou trabalhar entre eles a consolidação do difícil processo de emancipação da família de origem; o tornar-se protagonista de sua própria vida, construindo identidade pessoal e autoestima; a oportunidade de olhar o passado e o presente e planejar o futuro, superando esquemas defensivos rígidos que levaram ao sofrimento psicológico. Assim, o Psicodrama teve o

potencial de ajudar os estudantes universitários a compreender melhor a si mesmos e sua história, melhorar seus relacionamentos, expressar e integrar pensamentos e emoções bloqueados, praticar novos papéis e preparar-se para o futuro.

Outrossim, a literatura ressaltou a necessidade de estudos de eficácia de diferentes abordagens de cuidado aos transtornos depressivos e de adequação à clientela em questão, visando à melhora pessoal com efeitos de longo prazo e a diminuição dos ônus econômicos relacionados aos tratamentos malsucedidos (CUIJPERS et al, 2016). As pesquisadoras evidenciaram que a terapia medicamentosa psiquiátrica é a menos apropriada a clientes muito jovens e que o contexto de desenvolvimento deve ser levado em consideração na escolha da abordagem terapêutica mais confortável e eficaz para cada pessoa (HADDOCK et al., 2016).

A concepção de prevenção e promoção em saúde física e saúde mental entre os universitários também devem ter em conta aspectos mais subjetivos, que são vinculados ao estado de bem-estar, ao que faz a vida ser percebida de forma agradável entre eles (CARVALHO et al., 2016). Segundo as autoras, esses aspectos mais subjetivos se referem à felicidade, ao humor, aos sentimentos e emoções, ao autoconceito, às relações interpessoais, à capacidade de enfrentamento de situações adversas, às potencialidades humanas, à satisfação pessoal.

Nesse contexto, ainda segundo Carvalho e colaboradoras (2016), estudos na área da saúde mental positiva pretendem sair de um enfoque de déficit nas habilidades de enfrentamento humano e adotar uma abordagem à saúde mental centrada em aspectos que contribuem para que a pessoa perceba um fortalecimento dos seus recursos internos e externos, seu desenvolvimento humano pessoal e comunitário, bem como perceba a vida de forma agradável, mesmo que haja enfrentamento de situações desafiadoras no cotidiano.

A abordagem de cuidado em saúde mental positiva pode ocorrer tanto através da promoção de atributos pessoais resilientes pelo controle das adversidades e suas influências, como através da promoção de emoções positivas que potencializam a satisfação com a vida e a capacidade de recuperação humana no contexto da saúde mental (CARVALHO et al., 2016).

Ademais, a literatura discute o papel de abordagens interculturais para prevenção do sofrimento mental de pessoas em mobilidade no mundo, a exemplo do grande número de universitários de origem chinesa e de brasileiros realizando intercâmbio,

através da mediação da tecnologia (DANTAS, 2016; KIM et al., 2016; ZHENG et al., 2015).

Nesse aspecto, os pesquisadores enfatizam que toda concepção de saúde é culturalmente engendrada, ou seja, há diferentes visões de mundo que retratam formas distintas de compreensão do que é saúde e, conseqüentemente, cada cultura tem formas distintas de realizar a promoção da saúde, bem como de buscar determinadas abordagens de cuidado.

Assim, um estudo piloto desenvolvido com universitários estrangeiros de origem chinesa na Universidade de Glasgow, Escócia, evidenciou sintomas de depressão e ansiedade entre os jovens estrangeiros e propôs um pacote de intervenção baseado na internet, chamado *Living Life*, versão chinesa, orientado pela abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental (ZHENG et al., 2015).

De acordo com esses pesquisadores, essa intervenção teve foco no ensino de habilidades, em módulos de *e-books*, tarefas e textos educacionais para impressão, além de slides com áudio, podendo ser completo em oito sessões de até 45 minutos. Assim, os universitários estrangeiros puderem se beneficiar de uma intervenção *online* em saúde mental na sua língua nativa, com a aprendizagem de habilidades voltadas à resolução de problemas, à assertividade, ao desenvolvimento de pensamentos mais positivos e ao aumento dos níveis de atividade.

Ressalta-se que a literatura tem dado relevo às intervenções baseadas na internet como abordagens preventivas na atenção à saúde mental (CARVALHO et al., 2016), principalmente entre aquelas pessoas vivendo em contexto distinto da sua cultura de origem, a exemplos de intercambistas, imigrantes e refugiados, através de programas computadorizados de terapia, com ou sem participação do terapeuta, incluindo realidade virtual e *feedback online* (DANTAS, 2016; ZHENG et al., 2015).

A pesquisa-intervenção realizada em duas universidades brasileiras utilizou a abordagem da psicoterapia *online*, a qual se constitui uma terapia realizada pelo profissional por *e-mail*, *chat*, mensagem instantânea, áudio ou videoconferência, sem excluir a possibilidade de encontros presenciais (DANTAS, 2016). Para a pesquisadora, como vantagem, o anonimato dessa abordagem terapêutica pode auxiliar na busca de atendimento psicológico de pessoas mais introvertidas, com transtorno de ansiedade como agorafobia e fobia social, com problemas de imagem corporal, bem como adolescentes e usuários de álcool e outras drogas.

Assim, Dantas (2016) enfatizou que nas Universidades onde foi desenvolvida a pesquisa-intervenção também foi ofertada a orientação intercultural. A internet foi utilizada para divulgação através de um site e endereço eletrônico para contato, possibilitando o acesso ao Serviço de Psicoterapia *online* para brasileiros residindo em diferentes regiões do Brasil, assim como em outros países. Ademais, a Universidade passou a receber mensagens por *e-mail* de brasileiros residindo no exterior sobre questões pontuais, tais como dificuldades de relacionamento familiar, muitas vezes vinculadas a questões de gênero ou de preparo para o retorno ao Brasil.

Dessa forma, a abordagem terapêutica de orientação intercultural, mediada pela tecnologia, permitiu a instauração de um espaço potencial de adaptação a sujeitos diante dos conteúdos da cultura originária e do impacto da inserção a uma realidade cultural diversa (DANTAS, 2016; ZHENG et al., 2015). Nesse sentido, de acordo com os pesquisadores, os profissionais em saúde necessitam estar capacitados em abordagens terapêuticas interculturais e oferecer acolhimento às pessoas em mobilidade no mundo, considerando a Universidade no importante papel de constituição de redes transnacionais para prevenção da saúde mental, inclusive de seus próprios estudantes em experiências de intercâmbio cultural. Cabe lembrar, portanto, segundo o estudo, que as implicações psicológicas dessas experiências de mobilidade no mundo, cada vez mais comuns na contemporaneidade, precisam ser compreendidas e respeitadas, já que o ser humano é sujeito de cultura e de contato intersubjetivo.

Assim, torna-se útil estimar quantos universitários podem se beneficiar de abordagens de cuidado preventivas, acessíveis, qualificadas e exitosas a partir das tecnologias *on-line*, tendo em vista otimizar a alocação de recursos dentro da Universidade no contexto da saúde mental (KASS et al., 2017; KIM et al., 2016).

Ainda na perspectiva de estudos sobre contextos culturais, a pesquisa desenvolvida com grupos de universitários americanos de diversas origens, tais como de origem asiática, de origem latina e de origem caucasiana, teve o objetivo de examinar a expressão do sofrimento mental entre eles e a busca e engajamento em serviços de aconselhamento dentro da Universidade (KIM et al., 2016). Os resultados da pesquisa ressaltaram que elevados níveis de preocupações emocionais coincidiram com as dificuldades acadêmicas o funcionamento social.

Kim e colaboradores (2016) destacaram que os americanos de origem asiática registraram níveis mais elevados de sofrimento psicológico, por exemplo, envolvendo autolesão, ideação suicida, em comparação com os de origem caucasiana. Fatores como

estresse aculturativo e orientações de valores culturais têm sido considerados importantes para a saúde mental de americanos de origem asiática. Outrossim, de acordo com os autores, uma maior severidade do sofrimento entre esses estudantes também pode ser expressa pelos padrões de apresentação de preocupações, já que muitos citaram questões acadêmicas como a principal razão para buscar aconselhamento psicológico na Universidade.

Contudo, no estudo de Kim e colaboradores (2016), mesmo com altos níveis de sofrimento mental entre os universitários americanos de origem asiática, houve um menor engajamento deles em abordagens terapêuticas, o que pode indicar que os serviços especializados de saúde mental centrados no consultório não sejam considerados como meios viáveis para atender às necessidades desses estudantes.

Nesse contexto, segundo os autores, questões acadêmicas também foram uma grande preocupação para o grupo de americanos universitários de origem latina, os quais tem sido historicamente sub-representados em ambientes de ensino superior, contribuindo para o estresse e/ou angústia entre esses estudantes. O grupo de americanos universitários de origem latina, inicialmente, relatou as preocupações acadêmicas como uma razão primária para a busca de aconselhamento psicológico dentro da Universidade, para posteriormente expressarem elevados níveis de sofrimento psicológico associados à percepção de estigma social.

No estudo, Kim e colaboradores (2016) verificaram que a eficácia do aconselhamento psicológico na Universidade foi relacionada à redução de problemas interpessoais. Especificamente, segundo eles, para os estudantes de minorias sociais e raciais/étnicas, as intervenções baseadas na internet podem ser especialmente úteis para contornar o estigma associado aos problemas de saúde mental entre eles, fornecendo informações psicoeducacionais em um contexto mais acessível.

Desse modo, programas de divulgação baseados na internet podem ser usados para aumentar a informação e o conhecimento em saúde mental aos universitários, proporcionando aprendizagem, entre eles, acerca de métodos eficazes de autoajuda e de obtenção de recursos sociais e profissionais disponíveis no campus.

De acordo com Kim e colaboradores (2016), esses tipos de programas também podem fornecer psicoeducação em termos de expectativas relacionadas à abordagens de cuidado, o que pode ajudar no incremento da probabilidade dos estudantes permanecerem tempo suficiente para se beneficiarem dos cuidados em saúde mental.

Ainda segundo esses pesquisadores, outro caminho pode ser o de alavancar os pares universitários como recursos de capital humano através de programas de orientação de organizações estudantis com foco cultural. De todo modo, os serviços de aconselhamento universitário são fundamentais na prestação de cuidados de saúde mental nos campus universitário, principalmente para estudantes pertencentes às minorias socioeconômicas e raciais/étnicas/culturais.

Outra perspectiva de estudos traz o esporte como uma importante abordagem de cuidado na promoção da saúde mental entre universitários. Desse modo, um estudo desenvolvido com universitários americanos analisou a operacionalização de uma intervenção de *Taekwondo*, durante dois meses, de foco na saúde holística, para que os estudantes experimentassem melhorias na saúde geral e no bem-estar do corpo, mente e espírito (PETROVIC, 2017).

Nessa intervenção, participaram, portanto, 10 universitários que passaram por dois momentos de entrevistas: uma antes da proposta de intervenção do *Taekwondo* e outra após o desenvolvimento da intervenção. Como resultados, a pesquisa apontou que o treinamento em *Taekwondo* contribuiu para a capacidade discente de potencializar e manter a perspectiva em meio a circunstâncias difíceis. Assim, eles foram capazes de superar as dificuldades, aprenderam a honrar a si mesmos e a se nutrir à medida que se tornavam cada vez mais confiantes em suas habilidades e talento, o que incutiu nos estudantes um senso de coragem, autorrespeito e a determinação de melhorar suas vidas e a si mesmos com o treinamento no *Taekwondo* (PETROVIC, 2017).

Os princípios da arte, filosofia e esporte do *Taekwondo* se referiam à coragem, determinação, integridade, perseverança, respeito (por si e pelos outros) e autocontrole, de modo que os estudantes tiveram a oportunidade de encontrar maneiras de interconectar esses princípios à experiência de vida (PETROVIC, 2017). Não obstante, de acordo com a autora, são necessários estudos com maior amplitude e profundidade de pesquisa sobre os benefícios do treinamento de esportes nas Universidades, incluindo as artes marciais orientais, afetando na redução dos níveis de estresse e na melhoria da saúde e bem-estar holísticos dos estudantes de graduação.

Um programa de atividade esportiva pode permitir que estudantes universitários lidem com o estresse desenvolvendo e mantendo perspectivas, superando dificuldades, o que pode contribuir para que os estudantes experimentem mais prazer, felicidade e esperança ao longo dos anos de faculdade (GRANER et al., 2018; PETROVIC, 2017). Ademais, a oferta de oportunidades de atividades extracurriculares pode promover aos

estudantes de graduação uma melhor percepção de seu desempenho acadêmico e bem-estar psicológico, reduzindo os níveis de estresse entre eles (GRANER et al., 2018).

Em síntese, os jovens universitários recorrem a estratégias terapêuticas como formas de cuidado à saúde mental. Dentre as estratégias relatadas na literatura, destacamos a aprendizagem de habilidades sociais, a qual ajuda a favorecer processos adaptativos no contexto universitário e a promoção da saúde mental entre jovens, principalmente nos primeiros anos de formação e distantes da família de origem, a partir de abordagens de cuidado voltadas, principalmente, àqueles com dificuldades nas interações sociais com familiares, parceiros românticos e sexuais e colegas.

Ademais, a psicoterapia, seja individual ou de grupo, tem sido uma estratégia terapêutica muito buscada por estudantes em processos de sofrimento mental, especialmente entre aqueles com transtornos depressivos, ansiosos e consumo abusivo de álcool e outras drogas. Em acréscimo, a literatura aponta importantes abordagens de cuidado em saúde, originários na Universidade, de base em programas *on-line*, tais como os *e-books*, aplicativos, podendo ser disponibilizados em diferentes idiomas, para facilitar o acesso e a adesão de universitários em mobilidade acadêmica no mundo aos serviços de saúde mental. Além disso, os grupos de pares universitários podem ser alavancados como recursos de capital humano através de programas de orientação de organizações estudantis com foco cultural.

Outras estratégias de cuidado reportadas na literatura incluíram a proposição de programas de educação em saúde presenciais e virtuais, bem como de práticas esportivas, a exemplo do *Taekwondo*. Desse modo, a oferta de oportunidades de atividades educativas e extracurriculares, incluindo as atividades esportivas, pode promover junto ao universitário uma melhor percepção de seu desempenho acadêmico e bem-estar psicológico.

Assim, a Universidade tem o importante papel na proposição de abordagens de cuidado para estudantes, principalmente de natureza preventiva, baseado em estratégias com foco no acolhimento dos diversos modos de existência. Isso pode ocorrer a partir de trabalhos interdisciplinares, interculturais, reflexivos, territoriais e dialógicos para o fortalecimento da rede de apoio sociofamiliar universitária, promovendo as emoções positivas que potencializam a satisfação com a vida e os atributos pessoais resilientes de controle das adversidades e suas influências.

Outrossim, os trabalhos em educação em saúde e psicoeducação podem favorecer as crenças positivas vinculadas às formas pessoais de compreensão de terapias que são

construídas e compartilhadas socialmente como exitosas, aumentando a busca e a adesão de estudantes aos trabalhos em saúde mental dentro da Universidade.

Diante do exposto, refletimos para além das teses apresentadas na literatura e oportunizamos, na intersubjetividade, o desvelar de intuições originárias próprias de leituras acerca das abordagens de cuidado a que os jovens universitários podem recorrer para lidar com o cuidado à própria saúde mental.

### 2.3 ABORDAGENS FENOMENOLÓGICAS DE ESTUDOS EM SAÚDE MENTAL

Mesmo que a literatura evidencie abordagens fenomenológicas que contribuem para a ampliação de conhecimentos teórico-metodológicos na área da saúde mental, o diálogo da fenomenologia com a saúde mental de universitários, na literatura científica, mostra-se pouco desenvolvido. Isso porque diante de um total de 25 artigos com os descritores utilizados para a composição da presente revisão de literatura, apenas dois trabalhos relacionaram-se à fenomenologia enquanto um referencial teórico-metodológico no campo de estudos em saúde mental de universitários (PETROVIC, 2017; CARVALHO et al., 2016).

Diante desse panorama, um estudo realizado por Rondina et al. (2018), apesar de ter sido desenvolvido com desenho quantitativo, refletiu acerca da predominância de pesquisas com delineamentos epidemiológicos/estatísticos. Tais autores sinalizaram a escassez e a necessidade de abordagens qualitativas em pesquisas brasileiras, a exemplo daquelas de foco nas relações do consumo de drogas com o sofrimento mental entre universitários, no sentido de uma aproximação maior das Ciências da Saúde com a complexidade desse fenômeno.

Outrossim, foi desenvolvida uma pesquisa na Espanha com o objetivo de estimular a regulação emocional de estudantes de Enfermagem, considerados um grupo de risco para o desenvolvimento de sofrimento mental, a partir de uma abordagem metodológica baseada na fenomenologia (CARVALHO et al., 2016). Com foco nas percepções de universitários, o estudo analisou o desenvolvimento de atividades presenciais e o efeito de uma metodologia de aprendizagem reflexiva, a partir de um espaço virtual chamado fórum reflexivo ou *b-learning (blended-learning)*, para a promoção da saúde mental entre os estudantes.

Nos dois âmbitos, presencial e virtual, os universitários foram encorajados a desenvolver reflexões acadêmicas e de processos emocionais no cotidiano, individuais e

em grupo, assim como atitudes de cooperação, compreensão e respeito entre eles, numa determinada disciplina (CARVALHO et al., 2016). As autoras do estudo revelaram que a análise das percepções dos universitários acerca da metodologia de aprendizagem reflexiva se mostrou efetiva na expressão de emoções, tanto por escrito, no ambiente virtual, como a partir de atitudes, no ambiente presencial dos seminários acadêmicos.

Ademais, essa metodologia, avaliada pelos estudantes como fácil, prática, acessível e motivacional, promoveu a competência emocional entre os universitários, ou seja, potencializou a consciência do estado emocional, da empatia, das relações interpessoais e da capacidade de autoeficácia e autoconceito, ajudando na construção de uma autoimagem mais positiva e mudanças nas condutas saudáveis entre os estudantes, o que estava em consonância com o referencial fenomenológico utilizado na pesquisa.

Outro estudo, desenvolvido com universitários americanos, utilizou uma abordagem fenomenológica nas análises de relatos dos estudantes acerca da saúde física e mental, a partir da proposta de uma prática esportiva, o *Taekwondo* (PETROVIC, 2017). O estudo partiu da premissa de que a fenomenologia, com suas origens nas disciplinas de Filosofia, Psicologia e Sociologia, ao se concentrar na essência das experiências sobre um evento ou ocorrência de vida em particular, iluminaria a descrição e a compreensão mais aprofundada das experiências acerca da saúde de universitários, identificando significados advindos das entrevistas realizadas.

O estudo de Petrovic (2017) contribuiu para a ampliação de conhecimentos teórico-metodológicos acerca da saúde holística e bem-estar em universitários, a partir do referencial heideggeriano articulado a uma proposta de intervenção esportiva, para oferecer aos estudantes uma perspectiva prática de maior atenção a si para o manejo do estresse e das percepções de vulnerabilidade financeira e interpessoal.

Em síntese, em nossa perspectiva, assumimos que as abordagens fenomenológicas podem contribuir para a ampliação de conhecimentos teórico-metodológicos na área da saúde mental de universitários, entretanto, notamos a necessidade de um maior diálogo de pesquisas qualitativas com as Ciências da Saúde e, especificamente, da fenomenologia com a saúde mental de universitários, com vistas à proposição de discussões mais complexas na área.

A partir de uma abordagem metodológica baseada na fenomenologia, estudos na área da saúde com foco nas percepções de universitários são capazes de encorajar o desenvolvimento de reflexões acadêmicas e de processos emocionais no cotidiano, bem como atitudes de cooperação, compreensão e respeito entre os estudantes.

Assim, o uso da abordagem fenomenológica em pesquisas potencializa a consciência do estado emocional, da empatia, das relações interpessoais, da capacidade de autoeficácia, do autoconceito e da autoimagem mais positiva entre universitários, encorajando condutas mais saudáveis entre eles.

Na literatura, foi possível observar a importância de estudos que abordam a essência das experiências sobre um evento de vida em particular, pois o acesso à essência das vivências pessoais possibilitou a descrição e a compreensão mais aprofundadas das experiências acerca da saúde de universitários. O referencial fenomenológico heideggeriano, por exemplo, articulado a uma proposta de intervenção grupal em saúde, pôde promover percepções próprias de estratégias eficazes de enfrentamento das condições de vulnerabilidade entre os estudantes.

Desse modo, nos debruçamos sobre a literatura científica buscando compreender nela as ambiguidades presentes entre intuições originárias e aprendizagens socioculturais que permitem que, ao mesmo tempo em que se revelem teses científicas, também provoquem o desvelar de possibilidades de compreensões para além das próprias teses, perpassando as vivências encarnadas e interdependentes dos sujeitos factíveis em questão (autores, leitores) e seus mundos (MERLEAU-PONTY, 2012a; 2015).

Os sujeitos, ao lidarem com a linguagem, se encontram rodeados de sentido. Os autores, de base fenomenológica, procuram elaborar suas compreensões numa espécie de “fala falante”, acenando para os leitores acerca da possibilidade de uma nova fala e sinalizando a permissão para irem além da “fala falada”, objetificada de significados no universo científico-cultural aprendido. Tais autores encaminham leitores passivos ao campo do protagonismo das essências que se fazem ver na trama tecida por eles próprios, ao atribuir sentidos às suas experiências, incluindo aquelas advindas da própria leitura (MERLEAU-PONTY, 2012a; 2015; DUPOND, 2010).

Em conclusão, posteriormente, aprofundaremos o referencial fenomenológico de M. Merleau-Ponty e seus principais enunciados explorados no presente trabalho. Assim, buscamos articular enunciados fenomenológicos às análises das descrições expressas no estudo, tanto de vivências de saúde como de sofrimento mental e sintomas, a partir de um viés compreensivo das experiências humanas, além de articulá-los à uma abordagem de cuidado na atenção à saúde mental de universitários.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO-FILOSÓFICO

O referencial teórico-filosófico do estudo se assenta nos escritos de Maurice Merleau-Ponty, especialmente nas obras *Fenomenologia da Percepção*, *A Prosa do Mundo e Visível e Invisível*. A escolha da ontologia da expressão de Maurice Merleau-Ponty como matriz teórica ocorreu pelo entrelaçamento desse referencial com o objeto desta tese, qual seja, a compreensão das vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários em contexto de vulnerabilidade. Assim, trata-se de um estudo originário de experiências como docente e psicóloga que atua na área de saúde mental, nas quais se desvelou a importância da construção de redes de intersubjetividade e das ressignificações de vivências para a promoção da saúde de estudantes universitários distantes de suas famílias de origem.

Para compreender o pensamento do autor, buscamos fazer uma contextualização, a partir de alguns filósofos que o influenciaram. Portanto, seguindo uma cronologia, passaremos às principais contribuições da Psicologia e da Filosofia para a construção das descrições merleau-pontyanas.

A origem e evolução das ciências estão assentadas em contribuições filosóficas. A Psicologia, por exemplo, enquanto ciência moderna circunscrita à área da saúde, surgiu na segunda metade do século XIX, tendo como fundador W. Wundt, incentivado pelo espírito intelectual positivista e pela metodologia experimental, oriunda das ciências naturais, para explicação dos problemas da experiência humana, tais como aqueles relacionados à sensação e à percepção (SHULTZ; SHULTZ, 2017).

A partir das contribuições de W. Wundt, seus trabalhos foram seguidos por várias tendências de estudos e contribuições filosóficas, convergentes e divergentes, que foram dando formas à Psicologia, enquanto uma ciência independente para a compreensão do homem. Foi nesse contexto que a Psicologia de Ato, de F. Brentano e a Psicologia Fenomenológica, de E. Husserl sucederam os trabalhos de W. Wundt e contribuíram para que o referencial filosófico-metodológico da fenomenologia pudesse ser matriz para as diversas áreas do conhecimento científico que se ocupam da compreensão mais complexa e aprofundada das vivências humanas, para além das abordagens naturalistas (SHULTZ; SHULTZ, 2017), a exemplo da ontologia merleau-pontyana.

### 3.1 CONTRIBUIÇÕES DE FRANZ BRENTANO (1838-1917) E EDMUND HUSSERL (1859-1938) PARA A ONTOLOGIA MERLEU-PONTYANA

Franz Brentano é considerado um dos mais importantes estudiosos do início da Psicologia, enquanto uma ciência independente, tendo sido precursor intelectual da Psicologia da Gestalt e da Psicologia Humanista (BORIS, 2011). F. Brentano também é considerado o precursor da fenomenologia, não entendida no formato husserliano, mas como uma doutrina baseada na descrição imparcial da experiência imediata na forma como ela ocorre, empiricamente (SHULTZ; SHULTZ, 2017).

Para Brentano, no ser humano, os processos de ver, ouvir, julgar e desejar são atos, processos conscientes na cognição (sentir e perceber), na conação (querer, desejar) e no sentimento (amar, odiar), uma vez que os atos levam a conteúdos, mas o conteúdo em si é físico e não psicológico (BORIS, 2011). O autor destaca que, para o estudo desses processos que envolvem atos, era necessária a observação fenomenológica com ênfase na intencionalidade dos fenômenos psíquicos, mente e ação, pois os fenômenos ocorrem no aqui e agora, como a única experiência possível.

Brentano buscou ampliar a compreensão das emoções, do juízo e da volição, uma vez que o modelo clássico do funcionamento psíquico buscava explicar que o juízo devia reprimir as emoções para a promoção de imagens perceptivas mais reais dos estímulos capturados pelo organismo (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Para o filósofo, a emoção seria uma porta que nos permite o encontro com os outros corpos e que independe do vínculo somático ou do mental, portanto, seria proposta uma terceira via para a compreensão dos fenômenos psíquicos, em que estes estariam relacionados aos afetos e constituídos entre o mental e o somático (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Assim, os processos mentais, para Brentano, não envolvem conteúdos, elementos, ou uma experiência como uma estrutura fechada, mas sim uma experiência como uma atividade (BORIS, 2011). Por exemplo, ao olhar a cor vermelha, o conteúdo sensorial do objeto vermelho é uma qualidade física, diferente do ato ou do perceber/sentir a vermelhidão, que é uma qualidade da atividade mental, então, o verdadeiro objeto de estudo da Psicologia.

Esse objeto exige um método de estudo diferente, empirista, de observação sistemática e de descrição imparcial da experiência imediata na forma como ela ocorre, uma vez que o ato não é acessível à introspecção treinada e sem abertura ao novo. Desse

modo, para o autor, a experiência não podia ser analisada ou reduzida em elementos ou abstraída artificialmente a partir de observadores treinados, ou pretender explicar tudo por associação de ideias.

O método fenomenológico, portanto, permitia atingir o conhecimento das próprias coisas, pois somente os fenômenos podem revelar-nos o que, essencialmente, as coisas são, através da intuição das próprias coisas (BORIS, 2011). Para o filósofo, os objetos a que se referem os atos mentais existem enquanto correlatos dos atos, de modo que os atos não intencionais não são psíquicos. Por exemplo, a sensação da cor verde da árvore não seria um ato intencional, mas a minha percepção de uma árvore verde seria um ato intencional.

O método proposto por Brentano propunha observar um fenômeno, tomar um único caso e ver o que nele é essencial, aquilo em que consiste e sem o qual não é, assim chegando à essência do fenômeno (BORIS, 2011). Para o autor, Brentano construiu, na Psicologia, uma teoria da percepção interna (dos fenômenos psíquicos, imediatos) e da percepção externa (dos fenômenos físicos, mediatos, passíveis de falhas), de modo que, para o filósofo, a percepção interna seria o critério seguro de conhecimento.

Assim, a fenomenologia de Brentano apontava para uma intrínseca relação entre aquele que percebe e o objeto percebido no aqui e agora dos atos mentais, ou seja, todo ato envolveria uma intenção, já que a consciência é sempre consciência de algo, o que não quer dizer, necessariamente, que o objeto seja real (BORIS, 2011). As vivências que não fazem sentido, que se referem a repetições, não necessariamente eram desprovidas de uma unidade e foi justamente isso que ele chamou de Gestalt (forma). Ainda que o sujeito não saiba o que é esse todo, ele pode ver um perfil, não todos os perfis, mas intuir um todo (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

As aulas ministradas por Brentano inspiraram a construção do pensamento de Edmund Husserl, filósofo que acreditava ser a exploração sistemática dos numerosos fenômenos da consciência humana, fossem eles eventos, coisas, pessoas, construtos ou sentimentos, o único meio para se alcançar o conhecimento das coisas (DARTIGUES, 2008). Assim, Husserl ultrapassou a Psicologia descritiva de Brentano, que se limitava à descrição dos fenômenos psíquicos e à ênfase na percepção interna (DARTIGUES, 2008).

Desse modo, para Husserl, a fenomenologia nasceu de uma crise, que ainda é contemporânea, pois envolve uma crise das ciências e das ciências do homem. A crise das ciências não é de cientificidade, mas de significado para a existência humana, uma vez que a visão de mundo e de homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas e afastou o homem dos problemas decisivos para uma autêntica humanidade, já que as meras ciências de fatos criam meros homens de fato (HUSSERL, 2012a). Para Husserl, analisando o mundo da vida, a filosofia se abre sempre para novos horizontes e por detrás de concretizações absolutistas, ela descobre a atividade e a criatividade intencional da subjetividade (HUSSERL, 2012b).

Para Husserl, a consciência contém muito mais do que a si própria e tanto a percepção interna ou empírica - da intencionalidade do ato da consciência, como a percepção externa, dos fenômenos físicos, seriam inadequadas ao conhecimento seguro, de modo que apenas a percepção fenomenológica seria adequada para a compreensão das vivências da consciência e suas essências (HUSSERL, 2014).

Também, enquanto para Brentano os objetos, imagens ou atos, estariam dentro da mente, em Husserl, eles estariam na transcendência, no campo, mas não na imanência da consciência. Assim, os objetos são imanentes ao campo, são intersubjetivos, mas transcendentem à consciência, à subjetividade (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

A fenomenologia husserliana surge num contexto de revisão de verdades cientificamente inabaláveis, sendo uma terceira via entre o materialismo e o idealismo científicos, já que a ciência estava assumindo, no nível da investigação, o significado humano, a contribuição subjetiva que não se apresentaria mais como um elemento incompatível com o rigor científico (PENHA, 2017). Husserl propôs que a terceira via seria a do retorno às coisas mesmas ou intuição originária, em que antes de todo o raciocínio, a intuição originária nos colocaria num mesmo plano da realidade ou das coisas mesmas (HUSSERL, 2014).

Assim, pela terceira via, o filósofo argumentava que as ideias só existem porque são ideias sobre coisas e ambas constituem um único fenômeno, indissolivelmente interligadas (HUSSERL, 2012b). Nesse contexto, a fenomenologia é uma disciplina eidético-concreta, uma ciência descritiva das essências das vivências (HUSSERL, 2012b). Desse modo, em relação a um problema ontológico, relacionado ao sentido do ser absoluto, Husserl propôs a terceira via, a partir de uma fenomenologia que também

se propunha a ser ontologia, uma vez que o sentido do ser e do fenômeno não podia ser dissociado entre eles (DARTIGUES, 2008).

Apesar de partir das ideias de Brentano, a intencionalidade husserliana não tem a mesma acepção, já que a investiga na vivência da consciência, através da percepção e redução fenomenológicas (FORGUIERI, 2015). Enquanto para Brentano a intencionalidade referia-se à relação intencional de cada ato particular da consciência com o seu objeto intencional, para Husserl, dois ou mais atos diferentes podiam se relacionar a um mesmo objeto intencional, uma vez que a consciência intencional é constituída de uma multiplicidade de atos intencionais, e é ao mesmo tempo individual e pública, subjetividade intersubjetiva, ocorrência de campo para além das atividades de egos psicofísicos, ou seja, é transcendental (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Nesse contexto surge a noção de essência que está relacionada à significação, pois não há existência fora do ato da consciência que as visam intuitivamente (HUSSERL, 2012b). Por exemplo, a partir de uma visão de uma árvore no jardim, poderíamos ter uma árvore real e uma representada, mas na análise intencional, proposta a partir do método fenomenológico husserliano, não partiremos nem do objeto-em-si, nem da árvore representada (DARTIGUES, 2008). Partiremos das coisas mesmas, ou seja, da árvore-enquanto-percebida, do ato-de-percepção-da-árvore-no-jardim que é a vivência original e a partir da qual é possível conceber a árvore ou a árvore representada. Assim, consciência e objeto não são entidades separadas na natureza, mas se definem a partir da correlação consciência-objeto, que lhes é cooriginal, de modo que a análise fenomenológica elucidaria a essência dessa correlação (DARTIGUES, 2008).

Nesse sentido, a análise ou redução fenomenológica constitui a suspensão da atitude natural ou da realidade tal como ela é percebida pelo senso comum, ou pela ciência empírica e que existe em si fora de todo ato de consciência, como se o mundo contivesse o sujeito (DARTIGUES, 2008). A análise intencional permite uma distinção consciência/mundo a partir da correlação entre eles, o que é possível se a consciência suspende a sua crença na realidade exterior para colocar-se como consciência transcendental de aparição desse mundo e doadora de sentido (HUSSERL, 2014).

Desse modo, com a redução fenomenológica, os processos de objetivação estão na condição de polaridade refletida para si mesmo, o que faz com que a vivência intuitiva (fenomenológica) e a vivência significativa (empírica) designem dois lados da mesma moeda, de um só a priori de correlação e essa polarização diz respeito à organização de

campo daquelas vivências entre si, o que faz da consciência, portanto, uma ocorrência de campo (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

A consciência, portanto, não é parte do mundo, mas é o lugar do seu desdobramento no campo original da intencionalidade, pois o mundo é o que aparece na consciência e a ela se dá na evidência de sua vivência, ele é o que é para a consciência (DARTIGUES, 2008). O fenômeno integra consciência e objeto, unidos no próprio ato de significação, de modo que a intencionalidade é, essencialmente, o ato de atribuir um sentido, o que unifica consciência-mundo (DARTIGUES, 2008).

Além dos dados dos sentidos, Husserl propôs também a intuição dos sentidos, isto é, da essência dos fenômenos, ou o sentido ideal que o sujeito atribui a algo e que o permite identificá-lo, diferente da percepção do fato em si, por exemplo, quando a criança traça uma figura oval (fato em si) e diz que é um círculo (sentido ideal) (DARTIGUES, 2008). Essa ideia vem do princípio da intencionalidade, pois só é consciência estando dirigida a um objeto, ou seja, há sempre um objeto-para-um-sujeito, o que não quer dizer que o objeto está contido na consciência, mas que só tem o seu sentido de objeto para uma consciência (DARTIGUES, 2008). Assim, a fenomenologia é também uma ciência eidética, das essências da consciência, as quais são como vivências de consciência que se dão aos sujeitos (HUSSERL, 2012b).

A *epoché*, aspecto chave da fenomenologia husserliana, tem como meta a superação da oposição entre essência e aparência, de modo que consciência e fenômeno não existem separados um do outro (DARTIGUES, 2008). Na *epoché*, o mundo real é colocado entre parênteses, na experiência fenomenológica, para que o sujeito possa descrever aparências ou aparições e buscar o sentido de um fenômeno que lhe é imanente e pode ser percebido (DARTIGUES, 2008).

A essência, portanto, não é a coisa ou a qualidade, mas o ser da coisa ou da qualidade, é um puro possível para o qual a definição de essência não vale, o que torna possível haver tantas essências quantas significações nosso espírito for capaz de produzir (DARTIGUES, 2008).

A variação imaginativa, eidética, é fundamental no método fenomenológico para se encontrar a instância do fenômeno que se quer estudar (FEIJOO; GOTO, 2017). Para Husserl, em todo geral está o particular e em todo particular está o geral, de modo que a investigação fenomenológica não poderia se constituir apenas na descrição dos vetores internos aos fenômenos psíquicos, pois deve partir do próprio fenômeno e acompanhar a rede de significações que o atravessa (FEIJOO; GOTO, 2017).

Para Husserl, as universalidades eram as necessidades essenciais e importava sair do âmbito empírico, real, para o âmbito transcendental, eidético, passando das essências dos fenômenos reais para as essências dos fenômenos transcendentalmente reduzidos, pois o efetivamente acessado não é o empiricamente dado, mas sim a vivência fenomenológica daquilo que se dá (FEIJOO; GOTO, 2017).

Ademais, em seus últimos escritos, Husserl, sob influências das obras de Heidegger, acentuou a correlação consciência-mundo (ser-no-mundo), colocando o verdadeiro resíduo da redução fenomenológica não no sujeito transcendental, mas nessa correlação sujeito-mundo e dando, portanto, estímulos aos trabalhos das filosofias da existência, voltando-se ao mundo tal como a consciência o vive, antes de qualquer elaboração conceitual (DARTIGUES, 2008).

De todo modo, é necessário assumir uma condição de seres transfenomenais, que se percebem enquanto fenômeno e, sendo assim, um além deste (ANGERAMI-CAMON, 2007). Dessa forma, o método fenomenológico veio a constituir-se no elemento básico para o assentamento da ontologia existencialista, do conhecimento do ser existente, e que vieram a influenciar as bases do movimento humanista em Psicologia (ANGERAMI-CAMON, 2007).

Em conclusão, as descrições dos vividos, das essências da consciência, do processo de objetivação desses vividos e da gênese desse processo, a partir de um fundamento evidente em si mesmo, faziam parte da tópica husserliana da sua Psicologia Eidética ou Fenomenológica (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Para Husserl, o principal mote da investigação fenomenológica seria, pois, o retorno às coisas mesmas (o que é diferente das coisas-em-si), isto é, às relações entre os vividos que a consciência efetivou como transcendência ou possibilidade (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

A reflexão fenomenológica em Husserl promoveu a suspensão da ciência, em que o objetivo do fenomenólogo seria recuperar o vivido, a partir da redução à vida intencional da consciência, o que levou o filósofo a uma primazia idealista. O filósofo admitiu que, em algum sentido, a redução fenomenológica presumia que o vivido já tivesse uma espécie de significação pré-reflexiva e pudesse, então, ser recuperado num campo ideal (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

### 3.2 MAURICE MERLEAU-PONTY (1908-1961): DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA À ONTOLOGIA DA EXPRESSÃO

Merleau-Ponty, no século XX, foi considerado um importante continuador de Husserl, pois desenvolveu suas ideias na possibilidade de articulação da fenomenologia com a Psicologia, trabalhando na correção da fenomenologia de Husserl no sentido do existencialismo (DARTIGUES, 2008). Entretanto, torna-se importante apontar que Merleau-Ponty inspirou-se na fase final de Husserl ao trabalhar com o conceito de mundo da vida (*Lebenswelt*), ratificando a evolução husserliana, uma vez que a distinção entre Psicologia Eidética/Fenomenológica e a Psicologia Empírica tornou-se difícil, já que os conhecimentos dos fatos sempre se sustentam em uma visão de essências (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Desse modo, foram as críticas endereçadas à Husserl que influenciaram a filosofia de Merleau-Ponty, o qual questionou o idealismo na obra husserliana e introduziu considerações de uma fenomenologia existencialista, ao postular que o homem não pode estar livre por completo de seus valores e crenças, pois a consciência é constituída de interferências do mundo, como a sociedade e a cultura (ANGERAMI-CAMON, 2007).

#### 3.2.1 Fenomenologia: percepção, homem e mundo

A fenomenologia merleau-pontyana se configura como o estudo das essências recolocadas na existência factível do homem, na atualização de horizontes e possibilidades humanas do aqui e agora (MERLEAU-PONTY, 2015). Nesse sentido, para o filósofo, as convicções da atitude natural das pessoas necessitam ser suspensas para que possamos compreendê-las no mundo existencial, que é anterior a qualquer reflexão, enquanto uma presença inalienável nas possibilidades do existir humano. A facticidade do sujeito do conhecimento e seus posicionamentos espaciais e temporais tornam ininterrupto o caminho de apropriação da sua própria subjetividade, mediante a coexistência e intersubjetividade humanas (MELO et al., 2016; MERLEAU-PONTY, 2015; 2012a).

Para o filósofo, o mundo fenomenológico é inseparável da subjetividade e da intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2015). Por meio da fenomenologia existencial, é possível ver o homem na realidade de sua existência, com suas crenças e valores, de modo que a consciência não existe por si só e é o homem e o mundo numa

relação dialética que se constituem um ao outro, o que Merleau-Ponty chama de ambiguidade (ANGERAMI-CAMON, 2007).

Desse modo, Merleau-Ponty compreendeu que o homem está no mundo e é no mundo que ele se conhece. O homem não se revela como olhar desinteressado, mas como presença ativa no mundo e para os outros: o mundo fenomenológico não é ser puro, mas sentido que aparece na intersecção das minhas experiências com as dos outros (MERLEAU-PONTY, 2015). A consciência, então, de acordo com o filósofo, sempre é consciência de um eu consagrado ao mundo, partindo do cogito, entendido como eu pertença a mim mesmo enquanto pertença ao mundo.

O homem é originariamente social, na medida em que compreende e projeta significações nas condutas e relações intersujeitos, que também marcam o pertencimento dos seres humanos a uma rede de condutas e em fluxo de intencionalidades (MERLEAU-PONTY, 2015; RABELO; ALVES; SOUZA, 1999). O homem é, portanto, atravessado pelo mundo num laço de relações e contingências, em que a intersubjetividade das relações sociais é vivência necessária, e anterior, à própria concepção de subjetividade e individualidade (MERLEAU-PONTY, 2015).

Assim, pelas lentes de Merleau-Ponty, compreendemos que sujeitos se correlacionam e implicam-se mutuamente entre si com diferentes modos de inserção no mundo, sendo considerados em suas totalidades globais e enquanto experiências encarnadas, e não como meros aparatos físico-químicos ou um conjunto de pensamentos (MERLEAU-PONTY, 2015).

Por isso, cada ego é para o seu semelhante a encarnação do mistério, o que define a consciência como campo fenomenal, como um campo de ocorrências inatuais e autônomas, de modo que a consciência não pode ser integralmente habitada/possuída, é uma consciência impura, de um campo fenomenal de intersubjetividade (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Desse modo, a comunicação com outrem e o pensamento retomam e ultrapassam a percepção, na medida em que, no âmbito da linguagem e de nossas reflexões, podemos resgatar aquilo que primeiramente experimentamos como mundo da vida (MERLEAU-PONTY, 2015; MULLER-GRANZOTTO, 2005). No âmbito do mundo da vida, a noção merleau-pontyana de expressão não apenas designa o emprego de signos já estabelecidos, mas também as experiências simbólicas, pois a expressão assegura que, em um só gesto, a pessoa incorpore o passado ao presente e solde esse presente a um futuro (MERLEAU-PONTY, 2015).

Se, por um lado, a percepção tem caráter de totalidade, por outro, ela permanece aberta, remetendo sempre a um além da sua manifestação singular, pois o significado das coisas e do mundo permanece aberto, ou seja, ambíguo. Essa ambiguidade reflete a abertura constitutiva da existência humana (MERLEAU-PONTY, 2015).

O homem entrelaça-se em mundos sensível (pré-reflexivo) e sociocultural (refletido), de modo que seu corpo encarna sentidos, enquanto sua projeção nesses mundos, em uma interrelação mútua e ambígua com as coisas e pessoas, impossível de ser compreendida de modo fragmentado (MERLEAU-PONTY, 2015). Segundo o filósofo, o entrelaçamento da sensibilidade com a cultura implica na compreensão das experiências humanas que ora se aproximam pelo aspecto da partilha do que está no âmbito do sensível, e ora podem se distanciar, a partir dos diferentes aprendizados socioculturais promovidos pelos contextos relacionais e dialógicos de cada pessoa na intersubjetividade.

Na perspectiva da presença inalienável do mundo da vida, enquanto o corpo objetivo tem o modo de ser das coisas, o corpo próprio ou fenomenal é um corpo-sujeito, vivenciado na relação dialógica com a exterioridade, no sentido de um sujeito natural que está na junção da natureza com a liberdade e com um campo de possibilidades (MERLEAU-PONTY, 2015). O corpo sujeito ou corpo próprio alterna livremente suas posições entre sujeito e objeto, desvelando um processo ambíguo de entrelaçamentos corpo/consciência, sujeito/objeto e distância/aproximação do sujeito ante o sensível (MELO et al., 2016; BASILIO CLADAKIS, 2016).

Assim, a atualização das vivências é o tornar-se um *outro eu mesmo* ou *um eu posso* e ocorre a partir da experiência do corpo próprio, em que o corpo é a percepção e o próprio é a possibilidade de transcendência, de modo que a cada nova vivência, um passado pode ser retomado e uma perspectiva de futuro pode surgir e com esta *um outro eu mesmo* (MERLEAU-PONTY, 2015).

Nesse sentido, a experiência de tornar-se *outro eu mesmo* constitui-se a partir da intersubjetividade, sendo a fala a via de projeção e implicação no mundo, com afirmou o filósofo:

Na realidade, o que se deve compreender é, além das 'pessoas', os existenciais segundo os quais nós as compreendemos e que são sentidos sedimentados de todas as nossas experiências voluntárias e involuntárias. Este inconsciente a ser procurado, não no fundo de nós mesmos, atrás das costas de nossa 'consciência', mas diante de nós como articulações de nosso campo (...). São esses existenciais que constituem o sentido

(substituível) daquilo que dizemos e ouvimos. São eles a armadura deste 'mundo invisível' que, com a fala, começa a entregar todas as coisas que vemos (MERLEAU-PONTY, 2012a, p. 174).

A partir dessas considerações sobre o corpo que o filósofo introduz o conceito de carne, o qual não se identifica com o conceito de corpo ou fala de visibilidade, pois excede o corpo na falta, no invisível, dado que carne é logos do mundo sensível, sistema de trocas, organização de campo e enigma do corpo (MERLEAU-PONTY, 2012a).

Desse modo, compreendemos a própria existência humana como um movimento de sentidos, de transcendência, de ressignificações de naturalismos, o que é uma potência do sujeito de se unir aos outros e às coisas e de se sincronizar com eles, secretando sentidos e os projetando sobre o seu meio pelos modos de ser e estar no mundo e de vivenciar a intersubjetividade e a alteridade (MERLEAU-PONTY, 2015; MERLEAU-PONTY, 2012a).

Assim, Merleau-Ponty declina da evidência investigativa husserliana e desvia-se para a compreensão de que a própria redução fenomenológica, que conduz a um ambiente puro, deve ser suspensa, pois a consciência enquanto campo, e não enquanto um olhar lançado sobre o mundo, não é uma instância pura (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

### **3.2.2 Gestalt, Visível e Invisível**

Para Merleau-Ponty, o comportamento é um todo por reforçamento, porém esse reforçamento não é algo observável, como pretendiam os psicólogos behavioristas, pois é uma estrutura ou uma forma criativa, portanto, uma Gestalt. Desse modo, a fenomenologia da Gestalt concebe que o ser (bruto) não é objetivista e aparece como um todo (MERLEAU-PONTY, 2012a; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Assim, pontuou o filósofo:

Isso evoca, do 'ponto de vista do objeto' e do 'ponto de vista do sujeito', um núcleo comum que é o 'serpenteamento', o ser como serpenteamento (o que chamei 'modulação do ser no mundo'). É preciso fazer compreender como isso (ou toda a Gestalt) é uma percepção 'fazendo-se nas coisas' [...]. A saber, que as coisas nos possuem e não somos nós que possuímos as coisas. Que o ser que foi não pode cessar de ter sido. A 'Memória do Mundo', que a linguagem nos tem e que não somos nós que temos a

linguagem. Que é o ser que fala em nós e não nós que falamos do ser (MERLEAU-PONTY, 2012a, p.184).

Portanto, a carne do ser está contida na carne do mundo e vice-versa, de modo que carne é sistema de trocas, abertura, logos do sensível e excedente do corpo. A Gestalt, para Merleau-Ponty, é a experiência da fala, do outro, do estranho e daí as diferentes vulnerabilidades a que estamos sujeitados porque nós estamos lidando com o outro (MERLEAU-PONTY, 2012a; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Como as essências são virtualidades, a Gestalt é sentido e forma (MERLEAU-PONTY, 2012a). Quando a forma vem, ela sempre produz um tipo de efeito como se fosse uma espécie de falta e dentro da consciência não há conteúdo, de modo que a forma é algo que organiza o corpo e, ao mesmo tempo, é algo que falta (MULLER-GRANZOTTO, MULLER-GRANZOTTO, 2007). Assim, é como se por meio da coisa eu buscasse a mim mesmo e a busca da minha síntese no corpo do outro:

O meu corpo é uma Gestalt e é co-presente em toda a Gestalt. Ele é uma Gestalt; também ele é eminentemente significação prenehe, ele é carne; o sistema que constitui ao redor [...] de um pivô que é abertura para [...]. A Gestalt, portanto, implica a relação de um corpo perceptivo com o mundo sensível, isto é, transcendente, isto é, de horizonte, isto é, vertical e não perceptivo. É um sistema acrítico, opositivo, relativo, cujo pivô é a coisa, o mundo e não a ideia. A ideia é a coisa sobre a qual está centrada o corpo, não mais enquanto sensível, mas enquanto falante (MERLEAU-PONTY, 2012a, p. 193).

Assim, enquanto falante, o corpo é ativo em seus sentidos, em suas possibilidades de protagonização. Ademais, o corpo do outro escapa, é falta. A existência, portanto, seria buscar o meu corpo no outro corpo, é a falta e a fala, a síntese do corpo próprio permite a compreensão do outro, de modo que a sexualidade é a forma como compreendemos o outro (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Os objetos estão no mundo e aquilo que o sujeito busca, que é o tempo, está no mundo, ou seja, o mundo é o tempo e o tempo é o que se doa para os atos dos sujeitos, fazendo com que eles tenham uma organização que os tira da mera contingência (MERLEAU-PONTY, 2012a).

Ademais, Merleau-Ponty refletiu sobre a reversibilidade do ser senciente-sensível, onde o invisível é uma essência carnal do visível, de modo que a forma invisível não é separada da opacidade da experiência (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010). Merleau-Ponty compreende que a reversibilidade faz entender que o corpo animado só está aberto para si mesmo através de sua abertura para os outros corpos e para o mundo (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010).

Segundo Merleau-Ponty, o visível é o que nos olha, o que nos orienta, é quiasma. A noção de carne não está no vínculo entre a carne do vidente e a carne do visível em termos de relação sujeito-objeto e sim em termos de correspondência dentro-fora ou de reversibilidade, de envolvimento recíproco, de entrelaçamento ou de quiasma (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010).

O quiasma, o lugar do eu para o outro: Isso quer dizer que não apenas rivalidade eu-outrem, mas cofuncionamento. Funcionamos como um único corpo. O quiasma não é somente troca eu-outro (as mensagens que recebe, é a mim que chegam, as mensagens que recebo é a ele que chegam), e também troca de mim e do mundo, do corpo fenomenal e do corpo 'objetivo', do que percebe e do percebido: O que começa como coisa termina como consciência da coisa. O que começa como um estado de consciência termina como coisa (MERLEAU-PONTY, 2012a, p. 200).

Merleau-Ponty reconstrói a noção de quiasma cada vez que tenta pensar não a identidade, não a diferença, mas a identidade na diferença, em termos que habitualmente são tidos como separados, tais como vidente e visível, signo e sentido, interior e exterior, cada um dos quais só é ele mesmo sendo o outro (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010). O quiasma na linguagem designa o dentro e fora articulados um ao outro, passando um para o outro e se determinando, assim, como diferença dos idênticos. A relação com outrem e comigo são entrelaçadas e simultâneas (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010).

Assim, a relação subjetividade-objetividade ou ainda figura-fundo precisa ser compreendida em entrelaçamento, enquanto aspectos de uma reversibilidade, que é verdade última e se exprime na linguagem, ou seja, num gesto ambíguo, espontâneo e que se volta a toda existência humana (MERLEAU-PONTY, 2012b).

Desse modo, a carne, na sua dimensão visível, é reversibilidade do que nos olha no que vemos, é contaminação (biológica), é depósito. A carne sensível é a visível. O

invisível é a transposição da carne, é a angústia que vem pelo olhar do outro, onde o visível detém o que transpõe para a criação, desejo, o que é carne gloriosa (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). A carne, na sua dimensão outrem, é precedência de uma história estranha, indicada pelo olhar do outro, mais aquém do invisível, a falta. Uma carne, então, se desdobra em muitas carnes, é *Gestalt* (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Merleau-Ponty partiu da compreensão de que o visível (amor) e o invisível (desejo) não convivem em harmonia, na coexistência, mas sim na intersubjetividade, em luta, conflito e criação (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Para o filósofo, a filosofia deve aceitar, como a obra de arte, a apresentação, seja pelo visível ou pelo trabalho de expressão, de um ser inapresentável (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010).

Com efeito, Merleau-Ponty encontrou nas obras do pintor Paul Cézanne a possibilidade de descrever o mundo da percepção, pois, para o filósofo, a pintura celebra o enigma da visibilidade (MERLEAU-PONTY, 2012a). Assim, para o filósofo, Cézanne, em suas obras, percebe e quer expressar a visão do percebido tal qual encontra na natureza, porém, diante do fenômeno expressivo, aquilo que parece sair de seu controle ativo surge, de alguma forma, instalar-se no ato, como uma espontaneidade que ele não consegue dominar (BITENCOURT, 2016). Portanto, Cézanne nos insere num mundo ambíguo, um “meio termo” entre sentir e pensar, onde a percepção nos abre para aquilo que não podemos ver ou falar, mas que nos mostra que o ser. Desse modo, esse ser, de maneira análoga à arte, é aquele que se dobra sobre si mesmo e produz um vazio, uma ausência, uma falta (BITENCOURT, 2016; MERLEAU-PONTY, 2012a).

Assim, o pintor se volta para o visível em busca de um invisível e, por meiodesse ato, cria um novo visível em sua inserção na natureza. A visibilidade a qual Merleau-Ponty anuncia não é essa propriamente empírica, de presença objetiva, mas a visibilidade ontológica, isto é, temporal, em que o visível é uma presença que nos permite ver uma ausência (BITENCOURT, 2016; MERLEAU-PONTY, 2012a).

Portanto, ao falar dos binômios visível e invisível, presença e ausência ou atividade e passividade, Merleau-Ponty não os toma como contraditórios, mas sim os compreende como o verso e o reverso de uma moeda, pois coabitam o ser, o qual se mostra em perfis, isto é, em partes, aparecendo sempre de maneira indireta e transversal (BITENCOURT, 2016; MERLEAU-PONTY, 2012a).

Na obra madura de Merleau-Ponty, o filósofo admite, então, a boa ambiguidade, que surge a partir da diferenciação expressiva que anuncia uma falta, na qual entre o visível e o invisível há um outrem (luto/trauma, entendidos como processos), configurando-se uma trindade, em contraposição com o sistema binário harmônico da coexistência-intersubjetividade, o que seria uma má ambiguidade (MERLEAU-PONTY, 2012a; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

No visível e o invisível se anuncia ainda o outro, assim Merleau-Ponty foi cada vez mais ternário, pois admitiu que entre o visível e o invisível havia uma síntese, uma diferenciação expressiva da ordem do luto. A diferenciação sempre anuncia uma falta e exprime uma qualidade ou uma possibilidade virtual, de sentidos (MERLEAU-PONTY, 2012a; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Ainda para o filósofo, se não há consciência, se a representação do passado e futuro é expressiva, quem traz o passado e futuro que se diferenciam ao sujeito é o outro, a Gestalt, que é ser bruto, ser selvagem (MERLEAU-PONTY, 2012a; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). A expressão, segundo Merleau-Ponty, é diferente de representação, abandonando a consciência universal, o cogito, a síntese admite a expressão como diferenciação, o que traz o passado e o futuro é o outro, outrem, isto é, a falta que nos olha pelo olhar do outro (MERLEAU-PONTY, 2012a; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Acerca do outro, a grande questão de Merleau-Ponty era compreender o lugar desse outro, o outro da coexistência (coexistência do mundo vivido e da coexistência do mundo cultural), o outro da subjetividade, o outro na diferenciação, o outro da reversibilidade e o outro da Gestalt, o outro que oferece resistência ao eu e anuncia a falta (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Sobre o gesto, Merleau-Ponty apontou que este é o primeiro rudimento da fala, e que também indica uma falta (MERLEAU-PONTY, 2012b). A percepção do outro leva à fala, pois na intercorporeidade, ou seja, na comunidade do ser indiviso fundamentado na reversibilidade senciente-sensível, o sujeito se remete à falta quando o seu eu encontra outro corpo, o que o leva a criar algo, que é fala, gesto. Na medida em que a falta vai adquirindo um som, uma escrita, vai se tornando algo da cultura, da expressão e uma instituição (MERLEAU-PONTY, 2012a; 2012b; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Então, a coexistência toca no mundo intersubjetivo, na fala, na passagem da fala falante para a fala falada; e a expressão é o ponto de passagem entre o mundo sensível e

o mundo das ideias (MERLEAU-PONTY, 2012b). Assim, no momento em que, de algum modo, uma pessoa percebe que na intercorporeidade há uma falta, uma ambiguidade, isso produzirá a diferença que leva a novos objetos, a novas construções, novas descrições, novas instituições (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

### 3.2.3 Da Fenomenologia à Ontologia

A fenomenologia busca estudar como é na experiência e a ontologia busca estudar o que é, de modo que toda fenomenologia pressupõe uma ontologia (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Enquanto a ontologia se refere a modelos de mundo, ao ser do fenômeno e pertence aos indicadores formais do que é o mundo, tais como origem e finalidade; a fenomenologia é o estudo da experiência do fenômeno do ser, retomando uma ontologia, mesmo que a ontologia não se refira, necessariamente, à fenomenologia (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Assim, os filósofos retornaram da fenomenologia para a ontologia e fizeram, por exemplo, uma ontologia fenomenológica, como é o caso de Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Enquanto Husserl propôs fundamentar as ciências a partir da fenomenologia da experiência, os seus discípulos desenvolveram ontologias fenomenológicas. Heidegger desenvolveu uma ontologia hermenêutica, Sartre desenvolveu uma ontologia existencial e Merleau-Ponty desenvolveu uma ontologia da experiência expressiva e considerou que a fenomenologia de Husserl já era uma ontologia (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Para os filósofos, as ciências, portanto, seriam ontologias e a fenomenologia teria o rigor científico, a partir da descrição.

As categorias de uma ontologia moderna se referiam à sensação, associação, atenção, juízo que foram substituídas em favor de uma ontologia fenomenológica dos corpos passivo, habitual, perceptivo, sexual, da pessoa humana, da consciência, do dar-se ou corpo operante (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Mas, Merleau-Ponty percebeu, em outro momento, que essas categorias ainda estavam pressupondo, tacitamente, a ideia de uma consciência, contrapondo-se à concepção de carne ou campo de ocorrências, o que levou o filósofo a estrear uma ontologia da

expressão (MERLEAU-PONTY, 2012a; 2012b; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

A ontologia final de Merleau-Ponty é da carne e carne é *Gestalt*, é visível e invisível, nunca são uma harmonia, nunca são a consciência. O mundo, visto como absoluto ou determinado, não é primeiro em relação à prosa, a prosa é anterior, a prosa é estrutura, mas não é a estrutura do mundo, porque é uma estrutura solta, frouxa, é um processo de síntese (MERLEAU-PONTY, 2012b; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

A ontologia final de Merleau-Ponty (2012b) desvela categorias importantes, tais como a expressão e a prosa do mundo, compreendendo que há sempre um mundo vivido primordial e uma experiência da prosa, como um processo contínuo de expressividade da experiência discursiva.

Acerca da discursividade da experiência, o filósofo afirmou também que se toda fala é corpo, todo corpo é fala, é discurso, ou seja, há uma reversibilidade, pois no mesmo ato em que o corpo se faz fala, a fala se faz corpo, o ser sensível passa a ser a expressividade (MERLEAU-PONTY, 2012b; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

A expressividade não é uma experiência dos sujeitos, mas do campo, de modo que, a partir do campo, o sujeito diz quem ele é ou como ele é a cada vez (MERLEAU-PONTY, 2012; MULLER-GRANZOTTO, 2005). Desse modo, é nessa dinâmica intercorporal que os sujeitos se diferenciam como singularidades, onde acontece um complexo espontâneo de relações de diferenciação, reversibilidade ou quiasma entre os dados da percepção e a participação do sujeito no ser de generalidade carnal (MERLEAU-PONTY, 2012; MULLER-GRANZOTTO, 2005).

Na filosofia da carne compreendemos que a ontologia é do visível, de tudo aquilo que o outro me dá, pois tudo em nós é outro e percebemos aquilo que nos observa (MERLEAU-PONTY, 2012b). Assim, o visível é onde o olhar do outro nos leva tanto na intersubjetividade como na coexistência, que anuncia a falta (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

A retomada das obras merleau-pontyanas faz ver que em *Fenomenologia da Percepção* (MERLEAU-PONTY, 2015), o filósofo buscou descrever os fenômenos como um modo de ser originário em relação à objetividade e à subjetividade e mostrar como um campo de configurações fenomenais pré-objetivas estariam correlacionadas aos poderes intencionais pré-subjetivos do corpo próprio.

Assim, nessa obra, Merleau-Ponty apontou uma proeminência da subjetividade encarnada, como se tivesse atribuído a ela o papel de única medida pela qual se poderia decidir sobre o que existe e o que não existe (FERRAZ, 2009). A obra sofreu críticas por dar uma primazia idealista aos fenômenos, o que Merleau-Ponty buscou corrigir em obras posteriores, como *Visível e Invisível* (MERLEAU-PONTY, 2012a) e *A Prosa do Mundo* (MERLEAU-PONTY, 2012b).

A partir da *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty buscou desenvolver um percurso no qual amadureceu a sua reflexão ontológica, procurando suprir as lacunas teóricas de primazia idealista (FERRAZ, 2009). Desse modo, na I parte da *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty compreendeu que cultura é corpo e corpo é campo fenomenal ou consciência temporal. Mais tarde, na *Prosa do Mundo*, Merleau-Ponty compreendeu que corpo é campo, é prosa, é falta, é diferenciação linguística, em que temporalidade é campo, ao invés de consciência (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Nessa parte, o cogito, o saber que uma consciência tem de si mesma, enquanto um em si para si, dá ênfase a um subjetivismo, que a partir de *A Prosa do Mundo* ele deixou de lado e renunciou a fenomenologia em favor da ontologia, pois reconheceu o seu lapso ao retomar o pensamento husserliano (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Nessa perspectiva, o ser bruto seria um campo sem cogito, abrindo mão da consciência temporal a partir da ontologia (MERLEAU-PONTY, 2012a). Ademais, Merleau-Ponty refletiu sobre a intencionalidade e sobre a espacialidade do corpo próprio, definido por um jogo de figura-fundo em que o corpo aprende a se deslocar no mundo e onde a síntese do corpo próprio é uma transcendência, transição (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Já a II e a III partes da *Fenomenologia da Percepção* são revistas por Merleau-Ponty, na medida em que este retificou que a consciência é síntese e o tempo não é consciência no sentido de harmonia e sim de diferenciação. Na diferenciação dos significantes, ou seja, de representantes da representação, se abrem muitos significados, o que se assemelha ao ser bruto. Significado é diferente de sentido, pois o significado se refere a uma falta; assim, na ordem da intuição compreendemos sentidos, na ordem da constituição compreendemos significados, qualidade dos objetos (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

O filósofo partiu da fenomenologia para progredir em suas reflexões ontológicas, passando da afirmação do ‘percebido’ ao ser bruto e passando da ideia do corpo como sujeito a do ser indiviso (FERRAZ, 2009). Assim, Merleau-Ponty buscou rejeitar o papel central atribuído à subjetividade encarnada para avançar em seu projeto de descrever um campo de ser anterior à cisão sujeito-objeto (FERRAZ, 2009).

O estudo do ser não poderia estar comprometido com a perspectiva teórica que se limita a investigar aquilo que se manifesta para as capacidades corporais (MERLEAU-PONTY, 2012a). Assim, o filósofo elaborou uma refinada concepção da expressão filosófica por meio da ampliação do escopo de sua investigação, especialmente enfatizando a linguagem.

Em sua obra final, *Visível e Invisível*, o filósofo assumiu a tarefa de descrever o invisível como algo que se realiza por meio do homem, que não é absolutamente antropológico, mas sim considerado anterior, independente das capacidades subjetivas e que se manifesta ao sujeito como algo da dimensão sensível, componente inerente do ser do mundo e que não pressupõe a subjetividade para ocorrer (FERRAZ, 2009).

Nessa perspectiva, o filósofo caminha, além da análise fenomenológica, para formular uma investigação ontológica que não se limita a narrar os conteúdos da correlação entre experiência corporal e componentes do mundo, mas que explicita o campo de ser bruto no qual ambos se originam (FERRAZ, 2009). Ou seja, a fenomenologia é reelaborada em alguns de seus temas para sair de uma perspectiva de ontologia fenomenológica e configurar um quadro ontológico mais amplo nas obras finais de Merleau-Ponty (FERRAZ, 2009).

O estudo do ser bruto, pretendido nas obras finais de Merleau-Ponty, não deveria ser proveniente da descrição das experiências vividas, mas de uma restituição indireta da camada originária que alimenta a vivência subjetiva e aproxima o ser por meio dos seres, da expressão, dos diversos estudos dos entes do mundo, tais como a ciência e a arte, por exemplo (FERRAZ, 2009).

Essa mudança de perspectiva metodológica implica na inversão do procedimento fenomenológico, o qual parte da experiência para qualificar o ser como aquilo que é percebido (FERRAZ, 2009). Pela inversão metodológica, o ser é visibilidade, é sensibilidade latente, o que permite que a percepção possa confirmar o caráter sensível do mundo, o qual se organiza autonomamente como sensível e não se opõe à subjetividade, mas prepara do seu interior a sua apreensão subjetiva (FERRAZ, 2009). Assim, o mundo sensível apreende a subjetividade, num movimento do mundo para o

eu, ou ainda do ser sensível ao perceptivo. Contrariamente, numa metodologia fenomenológica, a descrição das experiências vividas implica num movimento do eu perceptivo para o mundo sensível.

Nesse sentido, descrever a percepção é descrever o modo pelo qual o ser do mundo se manifesta como tal (MERLEAU-PONTY, 2012a). O filósofo, em seus escritos finais, revela uma sensibilidade inerente ao mundo que se doa para o foco subjetivo e a percepção humana, como em um processo de manifestação sensível e inerente ao próprio ser. O mundo existe de maneira autônoma e em seu próprio desenvolvimento se abre para uma perspectiva subjetiva, constitui-se como algo que se doa a aparelhos perceptivos e que não são estranhos ao ser do mundo (FERRAZ, 2009).

Merleau-Ponty passou a buscar, em suas obras finais, a gênese da própria sensibilidade nos padrões de organização inerentes ao mundo, inaugurando a ontologia, em que o ser sensível contém as condições posteriormente exercidas pelo sujeito perceptivo (FERRAZ, 2009). Como a carne do mundo constitui o ser que em si mesmo, é sensibilidade iminente, pode-se compreender o corpo próprio como uma comunidade entre corpo e mundo (MERLEAU-PONTY, 2012a).

Em *Visível e Invisível*, Merleau-Ponty reconheceu que o sujeito vidente não apreende a si mesmo, como foco ativo de visão, mas como ente visível, em meio a outros visíveis, quer dizer que o sujeito não unifica suas vivências, como ser ativo, por um contato interno e particular consigo, mas reconhece a si próprio como sujeito passivo e inserido no mundo sensível (MERLEAU-PONTY, 2012a). Assim, surge a noção de carne, sustentada na ideia de que certas propriedades posteriormente atribuídas aos sujeitos ou aos objetos existem de maneira indivisa, de modo que o ser carnal se organiza como espetáculo glorioso/criativo percebido, não como meras representações psicológicas, mas apresentações dos componentes do mundo tal como eles são (FERRAZ, 2009).

Para o filósofo, o ser sensível não é apenas um conjunto de propriedades diretamente perceptíveis, ele também comporta não percepção, encobertamento e explicitação daquilo que não se apresenta como conteúdo percebido, mas como falta, pois o sensível não é somente as coisas, é também tudo que aí se desenha implicitamente, tudo que aí figura, mesmo a título de desvio e como certa ausência (MERLEAU-PONTY, 2012a).

Desse modo, o ser admite uma negatividade inerente, pois o modo como os eventos e entes existem não se reduz à pura atualidade de dados positivamente

apreensíveis pela percepção (FERRAZ, 2009). Assim, o ser também inclui possibilidades internas de organização, não como abstrações lógicas, mas como latências estruturais, não são dados positivos atuais, mas ajudam a compor o campo da experiência (FERRAZ, 2009).

Essa negatividade faz com que o corpo não seja um fato empírico, o que faz com que ele tenha uma significação ontológica, pois a negatividade é o inverso ou a outra dimensionalidade do ser sensível (MERLEAU-PONTY, 2012a). O filósofo chamou de dimensões aos sistemas de ordenação pelos quais os entes visíveis particulares podem ser vistos e que não são objetos, mas matrizes ou essências carnis do visível-invisível. A partir delas, a percepção desses objetos se torna possível e que não são algo estranho ao ser sensível apresentado pela percepção, ou seja, não formam parte de um em-si formado por qualidades objetivas independentes da sensibilidade (FERRAZ, 2009).

Os componentes sensíveis tornam-se do campo, fazendo com que os entes visíveis não sejam pura positividade, pois seus aspectos sensíveis comportam uma latência estrutural, podem se generalizar em níveis inaparentes, pelos quais as coisas aparecem (MERLEAU-PONTY, 2012a). Portanto, não há incompatibilidade entre o caráter particular e o geral do mesmo atributo sensível, pois a generalidade é uma função imanente ao sensível e os entes individuais são atravessados por possibilidades de generalização, ou seja, nenhum ente se esgota em sua particularidade, mas participa de dimensões que serão seu caráter singular, fazendo com que não haja distinção cerrada entre o ser e os entes na filosofia merleau-pontyana (FERRAZ, 2009).

Merleau-Ponty propôs, assim, estender a investigação das matrizes inaparentes de organização dos entes, enquanto existências concretas ou eventos para todos os domínios da existência humana, já que a vida invisível de outrem só é assimilada de modo indireto, pois todos os sujeitos se dirigem ao mesmo mundo sensível e por meio desse campo partilhado podem apreender as intenções alheias (FERRAZ, 2009).

Ademais, Merleau-Ponty desenvolveu a ideia de possibilidade ou negatividade inerente ao ser e, desse modo, procurou evitar a redução do ser carnal ou sensível a um correlato de poderes perceptivos (FERRAZ, 2009). Para o filósofo, aquilo que é tratado como invisível, portanto, remete ao visível como seu inverso e não se apresenta como algo plenamente independente da visibilidade, o próprio visível tem uma membrana de invisível e o in-visível é contrapartida secreta do visível, enquanto reversibilidade dentro-fora (FERRAZ, 2009).

Acerca da subjetividade, Merleau-Ponty sustentou que a subjetividade é tempo, mas nem todo tempo é subjetividade, de modo que em suas obras finais recontextualizou a consideração de que subjetividade e temporalidade estão intimamente ligadas (FERRAZ, 2009). Segundo o autor, se na *Fenomenologia da Percepção* a subjetividade era responsável pela atribuição do caráter temporal aos eventos do mundo, em seus últimos escritos, o filósofo abandonou essa tese e admitiu que a subjetividade, por estruturar-se sobre um tempo, se origina no próprio ser sensível.

Em *Visível e Invisível*, o filósofo afirmou que a consciência presente é matriz simbólica, um princípio de organização do pensamento que se organiza como fluxo temporal (MERLEAU-PONTY, 2012a). A compreensão de que a subjetividade se estrutura em relação ao fluir temporal, reflete a inversão da perspectiva assumida pela *Fenomenologia da Percepção*, pois a subjetividade surge como diferenciação em relação a um tempo que a excede e se estabelece como um desvio, como um nível estrutural particular em relação ao ser passado que continua a se constituir de maneira autônoma e que a consciência presente se limita a recolher (FERRAZ, 2009). O ser sensível é que se temporaliza e não o eu é que acrescenta tempo ao ser, há uma atividade temporal intrínseca ao mundo e uma intencionalidade inerente ao ser (MERLEAU-PONTY, 2012a).

O ser sensível, nas obras finais de Merleau-Ponty, é composto por dados positivamente apreensíveis pelas capacidades perceptivas humanas e por latência de inesgotáveis que podem ser reconhecidos, seja como um passado que em muito excede a consciência subjetiva do tempo, seja como dimensões invisíveis pelas quais os entes mundanos aparecem como tais (MERLEAU-PONTY, 2012a). É a transcendência ou a profundidade, entendida como excesso dimensional, que não se esgota na aparição dos entes individuais, o que torna o modo de ser daquilo que existe não reduzido ao ser perceptível, pois o ser bruto é transcendência (FERRAZ, 2009).

A perspectiva de investigar o ser sensível em seu caráter bruto, ou seja, independente das idealizações antropológicas projetadas sobre ele em relação às dicotomias atividade-passividade e cultura-natureza, fez com que Merleau-Ponty apontasse a expressão como um operador capaz de realizar a superação das dicotomias (FERRAZ, 2009). No fenômeno da expressão há uma boa ambiguidade, ou seja, uma espontaneidade que reúne em um só tecido a pluralidade, o passado e o presente, a

natureza e a cultura (MERLEAU-PONTY, 2012a). Nessa perspectiva, o filósofo afirmou que a fala e a percepção estão articuladas sobre matrizes simbólicas.

Em conclusão, nos anos finais, a obra merleau-pontyana apresentou o ser sensível como dimensão ou campo geral capaz de integrar algumas das cisões mais agudas da tradição filosófica, e, ademais, a partir da compreensão do ser que contém antecipadamente a expressão da linguagem, o filósofo esforçou-se para que sua obra não fosse considerada uma abordagem metafísica (MERLEAU-PONTY, 2012a).

Para rebater essa crítica, compreende-se que no estado de inacabamento da ontologia final de Merleau-Ponty, não há um apelo a um infinito positivo, mas a confiança em que o infinito negativo, um ser sensível ampliado de latências dimensionais inesgotáveis, poderia resolver os problemas filosóficos (FERRAZ, 2009). Porém, a sua ontologia final somente apontou para certas soluções filosóficas, já que anulou alguns dos problemas contidos na ontologia fenomenológica, mas instaurou algumas insuficiências para as quais a sua morte repentina impediu que mais respostas filosóficas fossem articuladas e oferecidas, o que não desmerece a importância de suas obras (FERRAZ, 2009).

Na interlocução com o referencial teórico-filosófico merleau-pontyano, a produção de descrições vivenciais do presente estudo parte da compreensão de que as falas e expressões produzidas tornaram-se reflexivas, na medida em que contextos de intersubjetividade mobilizaram expressões de modos de ser e estar no mundo consigo, com o outro e com as coisas.

Nesse sentido, pelas lentes merleau-pontyanas, podemos compreender que a vivência de vulnerabilidade, sofrimento ou adoecimento entre os sujeitos é uma experiência de campo, em que pode configurar-se num ajustamento criativo ou criador de um modo de ser e estar no mundo (MERLEAU-PONTY, 2015; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007). Tais vivências podem ser essencialmente compreendidas pelo acesso ao modo como elas se estruturam na trajetória das pessoas e em suas percepções; sendo expressos nas suas palavras, nos sentidos desvelados na intersubjetividade (MERLEAU-PONTY, 2015).

A partir do referencial adotado no estudo, o espaço grupal de expressão de existências humanas factíveis potencializou a construção de redes de intersubjetividade, o que, por sua vez, favoreceu a promoção da saúde mediante a ressignificação de vivências. Por conseguinte, o grupo de participantes da pesquisa, posteriormente

apresentado, caracterizou-se como um espaço para além daquele psicofísico concebido pela produção de dados, em que se oferece e recebe apenas como espaço de troca.

Ademais, ao mesmo tempo em que nossa proposta de abordagem grupal de cuidado buscou promover a produção de descrições vivenciais para a análise compreensiva de percepções desveladas na pesquisa, também se constituiu, por si só, numa proposta orientada para a alteridade e para a resiliência entre as pessoas em relação e em processos de síntese criativa. Por fim, na pesquisa, a partir do referencial merleau-pontyano utilizado, refletimos, dentre outras discussões, acerca do corpo próprio considerando os seus entrelaçamentos com as concepções de carne, *Gestalt*, visível e invisível para o filósofo.

#### 4. PERCURSO METODOLÓGICO

A ciência cartesiana, a partir de um olhar fenomenológico, fica limitada ao âmbito do que é permitido por seu método, ou seja, do imediatamente verificável, de modo que o significado da realidade ou do sentido do mundo não cabe no método científico positivista (AMATUZZI, 2009). Contrariamente, a atitude de base fenomenológica na pesquisa permite-nos compreender que quando o sujeito aparece, o objeto também se mostra e vice-versa, permitindo a negação de qualquer relação causalística de algo que se mostra e determina o que ocorre.

É nesse panorama que podemos distinguir o mundo fenomenológico do universo positivista, pois o universo é aquele que a ciência constrói como uma totalidade acabada e permeada por relações determinísticas e o mundo é aquele que é meio inacabado de nossa experiência e ação, permeado por relações de implicações recíprocas (MERLEAU-PONTY, 2015; DUPOND, 2010). A partir desse pensamento, o que nos interessa na pesquisa é o mundo fenomenológico, o mundo da vida (*lebenswelt*) ou da experiência pré-reflexiva de um contexto que nos é dado socialmente, em experiência intersubjetiva, antes mesmo de elaborarmos conceitos sobre a realidade (MERLEAU-PONTY, 2015; AMATUZZI, 2009).

A partir do mundo da vida, o compreendemos não enquanto realidade objetiva de uma ciência positivista, mas sim enquanto uma realidade que se dá na relação pessoa-mundo (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010). A pessoa está no mundo e é no mundo que ela se conhece, portanto, a pessoa não se revela como um olhar desinteressado, mas como presença ativa no mundo e para os outros, já que o mundo fenomenológico se mostra na intersecção das experiências humanas, ou seja, na intersecção de (inter)subjetividades (MERLEAU-PONTY, 2015; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

Assim, a fenomenologia nasceu de uma crise das ciências, a qual não diz respeito à cientificidade, mas ao significado para existência humana, uma vez que a visão moderna de mundo e de homem é determinada pelas ciências positivas, distanciando o homem do envolvimento com questões complexas e profundas a serem compreendidas para uma autêntica existência humana (MERLEAU-PONTY, 2015; HUSSERL, 2012).

Porém, a partir do olhar ao mundo da vida, é possível a abertura das ciências para novos horizontes, já que, por detrás de concretizações absolutistas, a fenomenologia pode descobrir a atividade e a criatividade sensível presentes nos campos de existências

autênticas humanas, de sujeitos históricos (MERLEAU-PONTY, 2015; HUSSERL, 2012).

Diante do anunciado, destacamos que em todo o processo de percurso metodológico buscamos desenvolver nossa atitude e olhar a partir da fenomenologia, nos voltando a estratégias que permitiram a compreensão de matrizes inaparentes ou essências de vivências, a partir das experiências concretas desveladas na expressão da intercorporeidade das pessoas envolvidas na pesquisa.

#### 4.1 NATUREZA E MÉTODO DA PESQUISA

O presente estudo teve caráter investigativo-qualitativo (CRESWELL, 2014) e terapêutico (ROCHA; CARDOSO, 2017). O caráter investigativo-qualitativo na pesquisa proporciona uma exploração, na ciência contemporânea, em termos de criatividade, intelectualidade e ação, com atenção às epistemologias dos métodos, às relações com os participantes e aos novos modos de abordagem qualitativa em diálogo com importantes campos, como da Educação e da Saúde, o que converge para a proposta desse estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006).

De fato, a reflexão crítica acerca do método positivista perpassa questões sobre a primazia do controle, sobre a pesquisa capacitar a disciplina e não os sujeitos envolvidos no estudo e sobre responsabilidades de possíveis consequências advindas do processo científico. Na perspectiva positivista, as disciplinas que geram conhecimento podem funcionar como fontes de autoridade e disseminar-se através de práticas, como aquelas já observadas nas áreas da Educação e da Saúde Mental, por exemplo, que ampliam o domínio potencial da subjugação de pessoas (FOUCAULT, 2014; DENZIN; LINCOLN, 2006).

Por outro lado, o método qualitativo coaduna-se com os objetivos da presente pesquisa, na medida em que procura ser autêntico, reflexivo, expressivo e aproximar-se, cada vez mais, do mundo sociocultural e das experiências sensíveis individuais. Ademais, a investigação qualitativa é capaz de compreender os relatos da experiência humana como resultado de uma história sociocultural, na qual as pessoas aprendem a contar narrativas em processos de produção de sentidos, subjetividades e realidades (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Porém, quando refletimos acerca da crítica à primazia subjetivista de muitos conceitos e ideologias individualistas concentrados em metodologias qualitativas, nos

propusemos, na presente pesquisa, a dar ênfase a uma abordagem relacional como uma tentativa de dar voz ao outro, favorecendo a perspectiva da ética da alteridade/diferença, ao invés da exacerbação do eu/igual (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Assim, nos interessou uma abordagem metodológica mais sensível à relação dialógica e à interdependência da pesquisadora-pessoas/participantes da pesquisa, permitindo a expressão de significados dentro dessa relação, a ser expansiva à sociedade (DENZIN; LINCOLN, 2006). Optamos, portanto, pela abordagem merleau-pontyana, considerada a partir de uma fenomenologia ontológica, como uma reação ao paradigma positivista e à primazia do subjetivismo/individualismo de muitas metodologias qualitativas (MERLEAU-PONTY, 2015; 2012a; DUPOND, 2010; FERRAZ, 2009).

Em adição, na compreensão merleau-pontyana, a dimensão da individualidade é inseparável da dimensão da generalidade, indicando que a pessoa que percebe é atividade e é passividade, é eu e é outro, pois o sujeito histórico não é rigorosamente um projeto individual de si mesmo, mas também um campo de coexistência humana e de projetos já feitos (MERLEAU-PONTY, 2015; DUPOND, 2010).

Assim, uma abordagem fenomenológica, pelo viés ontológico merleau-pontyano, assume as ambiguidades perceptivas, as essências de vivências, pois fundada na coexistência humana, investiga a correlação do ser com um corpo que percebe, se move, deseja e sofre, e onde o que é/ser se confunde com o que aparece/mundo/fenômeno a partir de dimensões positivas ou visíveis, de presenças, e que indaga por dimensões negativas ou invisíveis, das quais só temos acesso a partir das ausências, das perdas (MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010; FERRAZ, 2009).

Ademais, a abordagem merleau-pontyana no presente estudo adquiriu uma perspectiva de cuidado, já que buscamos a formação e a atenção a um grupo vivencial com universitários em contexto de vulnerabilidade delineado em concordância com nosso referencial teórico-metodológico. Nessa perspectiva, a epistemologia fenomenológica na abordagem de cuidado prioriza a atenção ao mundo vivido e implica em modos de cuidado humano, principalmente, buscando enriquecer práticas em saúde mental, dado seu caráter transcendental e intersubjetivo (ROCHA; CARDOSO, 2017; AMATUZZI, 2009).

Assim, a perspectiva de cuidado desse trabalho permitiu-nos a co-construção e o desenvolvimento de uma abordagem grupal de cuidado, denominada Grupo Laços, implicando em fortalecimentos de recursos pessoais e intersubjetivos à saúde mental, em relação aos atores envolvidos no grupo (ROCHA; CARDOSO, 2017).

Desse modo, pudemos compreender matrizes inaparentes das vivências de universitários em vulnerabilidade a partir de uma noção ampliada de pessoa, pois na sua correlação com o mundo vivido e cultural, seu ser visível, de presença, se excede também em ausências, em perdas, em invisibilidades e sensibilidades, que são expressas na intercorporeidade das relações humanas (MERLEAU-PONTY 2015; MERLEAU-PONTY, 2012a; DUPOND, 2010).

## 4.2 CENÁRIO DA PESQUISA

### 4.2.1 Cenário brasileiro

Nosso cenário de caminhada metodológica de pesquisa no Brasil se originou na UESB, Jequié, com a nossa inserção no PPGES. Historicamente, o surgimento da UESB ocorreu a partir da política de interiorização do Ensino Superior, contida no Plano Integral de Educação do Governo do Estado da Bahia do ano de 1969, com a instalação das Faculdades de Formação de Professores nos municípios de Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana e Alagoinhas, que se somava à Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, criada na década de 1950 (UESB, 2018).

Atualmente, a UESB é uma instituição pública multicampi, com sede na terceira maior cidade da Bahia, a cidade de Vitória da Conquista, situada na Mesorregião do Centro-Sul baiano, com cerca de 350 mil habitantes (UESB, 2018). A instituição possui mais dois campi, sendo um na cidade de Jequié, importante pólo comercial e de serviços da região, com uma população de cerca de 160 mil habitantes e, outro, na cidade de Itapetinga, que se destaca como pólo pastoril do Estado, com população de cerca de 80 mil habitantes (UESB, 2018). Estas sub-regiões, formadas por um bloco de municípios, apresentam dinamismo demográfico relevante, contando com uma economia rural relativamente diversificada (café, pecuária, hortifrutigranjeiros e algum cacau), alguma atividade industrial e significativa oferta de serviços (UESB, 2018).

Assim, o campus de Jequié é reconhecido nacionalmente como um pólo do ensino superior com destaque nas áreas de Educação e Saúde, com cerca de 3600 estudantes matriculados (UESB, 2018). Atualmente, o campus possui 16 cursos de graduação, sendo oito bacharelados (Ciências Biológicas, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Odontologia, Química e Sistemas de Informação) e oito licenciaturas

(Ciências Biológicas, Educação Física, Dança, Letras, Matemática com Enfoque em Informática, Pedagogia, Química e Teatro) (UESB, 2018).

Na Pós-Graduação, o campus conta com seis Programas em distintas áreas: Educação Científica e Formação de Professores (Mestrado); Genética, Biodiversidade e Conservação (Mestrado); Química (Mestrado); Relações Étnicas e Contemporaneidade (Mestrado); Enfermagem e Saúde (Mestrado e Doutorado); e Profissional em Química (Mestrado) (UESB, 2018).

Nesse contexto, como estratégia inicial de aproximação com os discentes que compuseram esse estudo, participamos das rodas de Terapia Comunitária Integrativa desenvolvidas na UESB, Jequié, com a comunidade acadêmica. As rodas ocorreram semanalmente, como um grupo aberto, num espaço apropriado, com duração média de 120 minutos e foram facilitadas por profissionais da saúde com formação específica (BARRETO, 2008).

Em tempo, ressaltamos que nossa inserção na Terapia Comunitária Integrativa foi possibilitada a partir de participação no projeto ora desenvolvido na UESB, intitulado “Terapia Comunitária Integrativa e Promoção da Saúde Mental em Universidades Estaduais”, de contexto multicêntrico e foco em tecnologias leves de cuidado a discentes, docentes e técnicos de Universidades Estaduais Baianas.

Ratificamos que, no contexto científico, a Terapia Comunitária Integrativa se mostra sistematizada e de resolutividade consolidada, sendo uma proposta de trabalho em larga expansão internacional (BARRETO, 2008). Assim, por sua legitimação no meio profissional e acadêmico, a Terapia Comunitária Integrativa se configurou como uma importante estratégia de aproximação, diálogo e fortalecimento das interações humanas, constituindo-se numa prática fundamental ao contato inicial da pesquisadora com possíveis participantes do presente estudo (CARVALHO et al., 2013).

Os referenciais teóricos da Terapia Comunitária Integrativa são a Teoria Sistêmica, a Pragmática da Comunicação Humana, a Antropologia Cultural, a Pedagogia Libertadora e a Resiliência, as quais permitem ampliar o olhar e a compreensão das multifaces que envolvem as vivências humanas, geralmente de sofrimento e socializadas nos grupos, abrindo possibilidade à descoberta coletiva de soluções para os problemas identificados (BARRETO, 2008). Operacionalmente, a Terapia Comunitária Integrativa está configurada em cinco fases, a saber: Acolhimento; Escolha do tema; Contextualização; Problematização e, Finalização (BARRETO, 2008).

Desse modo, abordamos discentes que atenderam aos critérios de inclusão nesse estudo após as suas partilhas nas rodas. Ademais, também abordamos discentes nos corredores e salas de aula da UESB. Assim, entre as pessoas abordadas, provemos informações gerais sobre o objetivo da pesquisa com aqueles que manifestaram interesse em participar.

Após a seleção dos discentes, tanto advindos das rodas de Terapia Comunitária Integrativa, quanto das salas de aula e corredores da UESB, os estudantes participaram individualmente de uma entrevista inicial, para a composição do grupo específico que denominamos Grupo Laços, com a finalidade de produzir as descrições vivenciais da pesquisa. Posteriormente ao Grupo Laços, os estudantes participaram, individualmente, de entrevista final à pesquisa e proferiram relatos acerca da experiência de avaliação da abordagem grupal de cuidado proposta em relação à promoção da saúde mental universitária. A proposta do Grupo Laços reforça a compreensão do cuidado psicossocial como uma experiência intersubjetiva e encarnada de sentidos e possibilidades (KALICHMAN; AYRES, 2016; MALTA, MERHY, 2010).

Ressaltamos que nossa pesquisa buscou trabalhar com a noção de integralidade no cuidado humano (BRASIL, 2000; SANCHEZ-GONZÁLEZ, 2017), assim potencializamos estratégias de pesquisa para promover o desenvolvimento de ressignificações pessoais e grupais dentro da Universidade, repercutindo nas vivências sociofamiliares e acadêmicas de estudantes.

Em conclusão, concordando com o estudo, resultados de pesquisas com abordagem integral e intersubjetiva podem contribuir para a redução das fragilidades psicossociais em contextos diversos de atenção à saúde mental, pela atuação sobre aspectos pessoais e comunitários que influenciam sentidos e práticas sociofamiliares e repercutem no processo formativo universitário.

#### **4.2.2 Cenário espanhol**

Na oportunidade do estágio doutoral no exterior, nosso contexto de trajetória metodológica de pesquisa em Madri, Espanha, se deu a partir de nossa inserção na *Facultad de Medicina, Departamento de Medicina Preventiva, Salud Pública y Historia de la Ciencia, Universidad Complutense de Madrid* (UCM).

Em tempo, a UCM é a maior Universidade pública da Espanha, tendo sido fundada no ano de 1499, com as faculdades de Artes e Filosofia, Teologia, Direito

Canônico, Letras e Medicina (UCM, 2018). Atualmente, a UCM é uma das mais prestigiadas Universidades europeias e é uma importante referência ao continente latinoamericano (UCM, 2018).

A Universidade tem cerca de 80 mil estudantes matriculados nos seus diversos cursos oficiais, distribuídos em cinco grandes áreas do conhecimento, sejam elas Artes e Humanidades, Ciências, Ciências da Saúde, Ciências Sociais e Jurídicas e Engenharias, sendo 70 cursos de graduação, 153 cursos de mestrado, 57 de doutorado, além dos cursos de formação permanente, os quais incluem 30 cursos de especialização (UCM, 2018).

Ademais, dentre o total de estudantes, a UCM recebe cerca de nove mil estudantes estrangeiros, especialmente nas áreas de Ciências Sociais e Jurídicas e Ciências da Saúde, sendo a maior parte deles originária do Programa de Bolsas ERASMUS (*European Region Action Scheme for the Mobility of University Students*), o qual se constitui como um plano de ação da Comunidade Europeia para a mobilidade de estudantes universitários no mundo, envolvendo o apoio da gestão de diversas administrações públicas (ERASMUS, 2018).

Nesse contexto, a partir de nossa inserção como ouvinte na disciplina de Bioética e Humanidades Médicas, foi possível nossa aproximação e seleção de universitários espanhóis para a participação na pesquisa. Ademais, como estratégia inicial para aproximação de universitários espanhóis e brasileiros intercambistas, distantes do convívio familiar de origem, realizamos visitas ao *Colegio Mayor Casa do Brasil*.

Em tempo, a Casa do Brasil em Madri, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil, foi inaugurada em 1962, ao ser firmado o Acordo Cultural Brasil-Espanha, na década de 60, vigente até os dias atuais (CASA DO BRASIL, 2018). Na época, o projeto da Casa do Brasil foi desenvolvido pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) (CASA DO BRASIL, 2018).

A Casa do Brasil está adscrita à *Universidad Complutense de Madrid*, na Cidade Universitária, e oferece apoio e moradia, mediante pagamento de mensalidade, a estudantes e pesquisadores brasileiros e espanhóis, desempenhando um importante papel no desenvolvimento da pós-graduação brasileira, além da difusão da cultura brasileira e o ensino do português (CASA DO BRASIL, 2018). O local recebe visitas de pessoas do mundo inteiro, além de ser objeto de teses de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, principalmente em arquitetura e em história da arte (CASA DO BRASIL, 2018).

Outrossim, para a aproximação e seleção de universitários brasileiros, além da estratégia de vistas à Casa do Brasil, também nossa inserção no Curso de Língua Espanhola do *Programa de Lenguas para Internacionalización, Departamento de Lingüística aplicada a la Ciencia y la Tecnología, de la Universidad Politécnica de Madrid* (UPM), nos aproximou de vários estudantes estrangeiros, dentre eles brasileiros intercambistas (UPM, 2018).

Historicamente, a UPM foi fundada em 1971 com a integração das escolas técnicas espanholas, que desde o início do século XVIII eram as únicas responsáveis pelo desenvolvimento de estudos e práticas em tecnologias no país (UPM, 2018). A UPM tem cerca de 50 mil estudantes matriculados e sua sede está situada na Cidade Universitária, onde se desenvolvem os cursos de Engenharias Técnicas Florestal, Agrícola, Aeronáutica, Arquitetura e do Esporte, contando com cursos de nível de graduação, especialização, mestrado e doutorado e recebendo estudantes estrangeiros do mundo inteiro, haja vista que a instituição é reconhecida como um campus de excelência internacional (UPM, 2018).

Desse modo, no cenário espanhol, após observarmos que a grande maioria dos universitários atendia aos critérios de inclusão na pesquisa, interpelamos estudantes espanhóis em sala de aula e corredores da UCM e nos espaços de recepção da Casa do Brasil. Por sua vez, abordamos universitários brasileiros intercambistas em sala de aula e corredores da UPM, bem como nos espaços de recepção da Casa do Brasil. Entre os universitários abordados, provemos informações gerais sobre o objetivo da pesquisa com aqueles que manifestaram interesse em participar.

Contudo, mesmo que tenhamos realizado entrevistas iniciais à abordagem grupal de cuidado com todos os estudantes que desejaram participar do estudo, não nos foi possível desenvolver o Grupo Laços com um número mínimo de quatro estudantes. Tivemos dificuldade em negociarmos horário e local convenientes a todos os participantes, com o objetivo do desenvolvimento da abordagem grupal de cuidado com brasileiros intercambistas e espanhóis, mesmo que todos tivessem apontado interesse em compor o grupo.

Dessa forma, o argumento do escasso tempo disponível para atividades extracurriculares entre os universitários gerou entraves para o desenvolvimento pleno de nossa trajetória metodológica no cenário espanhol, diferentemente do que ocorreu no cenário brasileiro.

### 4.3 PARTICIPANTES

#### 4.3.1 No cenário brasileiro

Desenvolvemos estratégias de aproximação inicial e abordagem de possíveis participantes de pesquisa na UESB, Jequié, a partir da observação de acadêmicos que atendiam às seguintes condições para inclusão no estudo: estarem regularmente matriculados na Universidade, serem maiores de 18 anos de idade e vivenciando o afastamento do convívio familiar de origem. Por outro lado, qualquer uma das condições a seguir foi utilizada como critério de exclusão para a participação na proposta do Grupo Laços: não ser discente da UESB, ou ser menor de 18 anos de idade, ou não expressar a vivência de distanciamento do convívio familiar de origem.

Assim, inicialmente, realizamos entrevistas individuais com 12 estudantes que sinalizaram interesse em participar da pesquisa, porém, apenas oito deles apresentaram disponibilidade para os encontros semanais do Grupo Laços, desenvolvidos durante dois meses. Ademais, optamos pela composição do Grupo Laços com um número reduzido de participantes para garantirmos a participação de todos os integrantes do grupo, bem como a promoção de um trabalho terapêutico mais específico (RIBEIRO, 2009).

No contexto sociodemográfico dos participantes brasileiros da UESB, 10 eram do sexo feminino e dois do sexo masculino. As idades variaram de 20 a 26 anos, sendo a média de idade de 21,9 anos. Apenas uma estudante era casada, os demais relataram ser solteiros, todos sem filhos. Nenhum deles apresentou vínculo empregatício. Sete participantes eram estudantes do curso de Enfermagem, três eram estudantes do curso de Teatro e dois eram estudantes de Fisioterapia.

Duas universitárias estavam no primeiro ano do curso, um estava no seu segundo ano, cinco estavam no terceiro ano, dois no quarto ano e duas no último ano. Cinco desses estudantes recebiam auxílio financeiro através do Programa Mais Futuro, dois recebiam bolsa de iniciação à docência e um recebia bolsa de participação em projeto de extensão da Universidade. Apenas dois universitários moravam sozinhos, uma morava com a irmã e os demais compartilhavam casa com outros estudantes. O investimento financeiro mensal relatado, pelos estudantes, como necessário para permanecerem em formação na Universidade variou de 400 a 1.000 R\$, sendo a média de 579,58 R\$.

### 4.3.2 No cenário espanhol

No cenário espanhol, desenvolvemos estratégias de aproximação inicial e abordagem de possíveis participantes de pesquisa espanhóis na UCM e na Casa do Brasil e de brasileiros intercambistas na UPM e na Casa do Brasil. Abordamos os estudantes a partir da observação de acadêmicos que atendiam às seguintes condições para inclusão no estudo: estar regularmente matriculado na Universidade, ser maior de 18 anos de idade e vivenciando o afastamento do convívio familiar de origem.

Contrariamente, qualquer uma das condições a seguir foi utilizada como critério de exclusão para a participação na proposta do estudo: não ser discente matriculado na Universidade, ou ser menor de 18 anos de idade, ou não expressar a vivência de distanciamento do convívio familiar de origem. Desse modo, realizamos entrevistas individuais com um total de 12 universitários, sendo seis espanhóis e seis brasileiros intercambistas.

No contexto sociodemográfico dos seis estudantes espanhóis, três participantes eram do sexo feminino e três eram do sexo masculino. As idades variaram entre 18 e 23 anos, sendo a média de idade de 19,1 anos. Todos eram solteiros, sem filhos e sem vínculos empregatícios. Duas estudantes eram do curso de Medicina, uma era do curso de Enfermagem, um do curso de Ciências Políticas e dois do curso de Engenharia Aeroespacial. Quatro deles estavam no primeiro ano do curso de graduação, um estava no terceiro ano e um estava no quarto ano de curso.

Apenas uma estudante recebia um auxílio financeiro por ser atleta profissional de um time de futebol. Dois estudantes dividiam apartamento com outros colegas, três alugavam um quarto individual na Casa do Brasil e uma foi morar na casa dos tios e primas. O investimento financeiro mensal relatado, pelos estudantes, como necessário para permanecerem em formação na Universidade variou de 450 a 1500 Euros, sendo a média de 950 Euros.

No contexto sociodemográfico dos seis universitários brasileiros intercambistas na Espanha, apenas uma participante era do sexo feminino, os demais eram do sexo masculino. As idades variaram entre 22 e 24 anos, sendo a média de 23,2 anos. Todos os estudantes eram solteiros, sem filhos e sem vínculos empregatícios. Todos os estudantes estavam vinculados à UPM através do curso de graduação em Engenharia Civil e Territorial, sendo que três deles eram advindos do curso de Engenharia Civil e um era do curso de Engenharia Mecânica da Universidade de São Paulo (USP) e os

demais eram do curso de Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quatro estudantes estavam em seu penúltimo ano de formação e dois estavam em seu último ano de formação no Brasil.

Todos os estudantes brasileiros participantes da presente pesquisa na Espanha eram vinculados ao Programa de Intercâmbio da Rede Magalhães/SMILE (*Student Mobility in Latin América, Caribbean and Europe*) e não recebiam bolsa de estudos no exterior, porém não pagavam as taxas da UPM referentes à matrícula e créditos das disciplinas em curso. Em tempo, a Rede Magalhães é um consórcio de Universidades da Europa, da América Latina e do Caribe que tem como principal objetivo estimular o intercâmbio de estudantes de graduação entre elas, nas áreas de Engenharia, Arquitetura e Educação Física.

Os estudantes selecionados para tal Programa de Intercâmbio são considerados estudantes da Universidade anfitriã e têm os créditos reconhecidos pela sua Universidade de origem. Dessa maneira, a UPM, juntamente com cerca de 30 universidades técnicas da Europa e da América Latina e Caribe, desenvolve um espaço de mobilidade estudantil através do Programa de Intercâmbio da Rede Magalhães/SMILE, seguindo o modelo do Programa Erasmus (USP, 2018).

Ainda acerca do contexto sociodemográfico dos participantes brasileiros em intercâmbio na Espanha, um deles alugava um quarto individual na Casa do Brasil, outro estudante alugava um apartamento juntamente com um estudante espanhol e um brasileiro, um estudante alugava um apartamento com quatro estudantes intercambistas estrangeiros e um brasileiro e os demais estudantes, cada um deles, alugava um apartamento com outros dois estudantes brasileiros intercambistas. O investimento financeiro mensal relatado, por eles, como necessário para permanecerem em formação na Universidade variou de 750 a 1500 Euros, sendo a média de 1075 Euros.

#### 4.4 ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE DESCRIÇÕES VIVENCIAIS

##### 4.4.1 No cenário brasileiro

No processo de produção de descrições das experiências dos participantes brasileiros da UESB optamos pelo desenvolvimento de entrevistas individuais fenomenológicas e facilitação de uma abordagem grupal de cuidado, a partir do Grupo Laços. Essas estratégias possibilitaram a concordância com o método e a natureza da

presente pesquisa, a qual dá relevo à dialogicidade, à descrição da experiência presente e à horizontalidade nas relações pesquisadora-participante, pesquisadora-grupo, participante-participante e entre participante-grupo num espaço acolhedor e significativo para a expressão terapêutica de narrativas (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Nessa perspectiva, uma vez demonstrando interesse em participar do estudo, foram agendados horário e local reservados na UESB com o objetivo de prover explanação geral sobre nossa proposta de pesquisa e esclarecimento de dúvidas, da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) e do desenvolvimento da Entrevista Inicial Individual Fenomenológica (EI) (APÊNDICE B). Desse modo, a coleta de dados no cenário brasileiro ocorreu no período de setembro a dezembro de 2018.

A EI ocorreu, portanto, anteriormente ao Grupo Laços e funcionou não só como primeira etapa de produção de descrições vivenciais, mas também como uma estratégia que permitiu uma maior proximidade entre participante e pesquisadora, necessária a uma satisfatória facilitação da terapêutica grupal, além da observação da potencialidade de adesão do participante ao Grupo Laços, implicando em benefícios individual e grupal (BIOLCATI et al., 2017; RIBEIRO, 2009).

Ademais, a EI teve o propósito de conhecer expectativas do participante em relação ao Grupo Laços, bem como temas, metodologias e recursos de seu interesse e que pudessem ser trabalhados na perspectiva intersubjetiva, com a implantação do grupo (RIBEIRO, 2009). Desse modo, tal entrevista constou de temas disparadores relacionados com os objetivos do estudo, além de itens para a descrição de dados sociodemográficos e de condições gerais de saúde do discente e durou cerca de 60 minutos.

Posteriormente à EI, foi agendado o primeiro encontro dos oito participantes do Grupo Laços para acolhimento de todos e apresentação da proposta ao grupo, momento em que se delineou a construção compartilhada dos temas a serem vivenciados com maior profundidade terapêutica, com ênfase na coexistência das expressões humana e na temporalidade das vivências (MERLEAU-PONTY, 2015; RIBEIRO, 2009).

O Grupo Laços foi desenvolvido num tempo determinado, configurando-se em oito encontros semanais, sendo o primeiro voltado ao acolhimento dos participantes e da proposta, os seis seguintes voltados às vivências das temáticas significativas emergentes

do processo individual e intersubjetivo dos participantes e um último encontro para a finalização da proposta da abordagem grupal de cuidado.

Optamos pela determinação de oito encontros para o desenvolvimento do Grupo Laços por compreendermos que esse intervalo de tempo viabiliza condições de um trabalho grupal terapêutico, dando relevo à leitura aprofundada do que acontece no grupo e à potencialização de ressignificações vivenciais pessoais e efetivas na promoção da saúde mental (ALVES, 2013). Assim, no Grupo Laços, objetivamos a compreensão dos fenômenos a partir do sentido que eles mesmos revelaram e não a partir dos sentidos explicativos de teorias psicológicas impostas ao grupo (ALVES, 2013).

Nessa perspectiva, durante os encontros do Grupo Laços, participaram a pesquisadora, enquanto facilitadora da proposta grupal, além de oito universitários voluntários, de modo que os encontros semanais tinham 90 minutos de duração e aconteceram em datas previamente agendadas e local reservado dentro da UESB, Jequié.

Apontamos que a proposta do Grupo Laços, além de seu caráter sigiloso, era um grupo fechado à entrada de novos participantes. Essa estratégia foi necessária, na medida em que o grupo buscou potencializar a ressignificação de vivências mais profundas de sofrimento mental, bem como operacionalizar e avaliar descritivamente, a partir dos seus integrantes, as implicações da proposta grupal de cuidado na promoção da saúde mental de universitários (THIENGO; CAVALCANTE; LOVISI, 2014).

Ao final dos oito encontros do processo terapêutico do Grupo Laços, foi agendada a Entrevista Final Individual Fenomenológica (EF) (APÊNDICE D) com cada um dos participantes do grupo, em local, data e horário previamente acordados e reservados. A EF se constituiu como um momento de partilha da experiência acerca das potencialidades e fragilidades da implantação e implementação do Grupo Laços, como oportunidade estratégica para o cuidado integral à saúde mental de estudantes em sofrimento no contexto acadêmico.

Desse modo, a EF constou de itens concordantes com os objetivos do estudo e disparadores de experiências advindas da retomada de relatos da entrevista inicial e das narrativas desenvolvidas em cada sessão do Grupo Laços. Em acréscimo, a EF funcionou como um momento de acompanhamento individual pós-desenvolvimento da abordagem grupal de cuidado, o que se faz importante nesse tipo de trabalho, uma vez que a finalização do Grupo Laços implicou em alguma perda de vínculos que foram

construídos e fortalecidos nos encontros semanais, bem como de um ambiente seguro e acolhedor (KIM et. Al., 2018; RIBEIRO, 2009).

Nessa perspectiva a EF também objetivou, se pertinente, a realização de encaminhamentos demandados pelos participantes do Grupo Laços aos Serviços de Saúde e Socioassistenciais disponíveis no município e dentro da própria Instituição (RIBEIRO, 2009). Contudo, não observamos tal demanda entre os universitários.

Logo, salientamos que os dois momentos de entrevistas individuais fenomenológicas (GUERRERO-CASTAÑEDA; MENEZES; OJEDA-VARGAS, 2017), bem como os oito encontros grupais, foram desenvolvidos com enfoques na reversibilidade perceptiva figura-fundo e na teoria da ambiguidade, segundo a perspectiva de Merleau-Ponty (MERLEAU-PONTY, 2015).

#### **4.4.2 No cenário espanhol**

Com os universitários espanhóis e brasileiros intercambistas a produção de descrições perceptivas vivenciais do estudo se deu a partir do desenvolvimento de entrevistas individuais fenomenológicas. Ressaltamos que não nos foi possível a formação de uma abordagem grupal de cuidado e, como consequência, a produção de descrições de avaliação de tal abordagem, enquanto possibilidade de promoção da saúde mental na Universidade.

De todo modo, a estratégia da Entrevista Inicial Individual Fenomenológica (EI), nesse cenário do estudo, também esteve em concordância com o método e a natureza da presente pesquisa, ressaltando o acolhimento, a dialogicidade, a descrição perceptiva da experiência e das expressões humanas, bem como a horizontalidade na relação pesquisadora-participante para a promoção de crescimento pessoal (PERLS et al., 1997).

Assim, na medida em que o participante demonstrava interesse em participar do estudo, foram agendados encontros individuais em horário e local reservados dentro dos espaços da UCM, da UPM ou da Casa do Brasil, a depender da inserção do estudante. Tal encontro teve o objetivo de prover explanação geral sobre nossa proposta de pesquisa, a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cenário espanhol (TCLE) (APÊNDICE E) e o desenvolvimento da EI, a qual teve duração de 40 a 60 minutos.

No que tange às entrevistas, procuramos desenvolver a *Entrevista Inicial Individual Fenomenológica (lengua española)* (APÊNDICE C) com os universitários espanhóis, bem como apresentamos o TCLE traduzido para o espanhol, denominado apenas como *Término de Consentimiento Informado* (TCI) (APÊNDICE F). Desse modo, a coleta de dados no cenário espanhol ocorreu no período de outubro de 2017 a janeiro de 2018.

Vale ressaltar que esses instrumentos foram previamente revisados e corrigidos pelo coorientador da pesquisa durante nosso período de estágio doutoral no exterior. Por outro lado, com os brasileiros intercambistas, desenvolvemos as entrevistas na nossa língua nativa, do mesmo modo como também lhes apresentamos o TCLE.

A EI ocorreu anteriormente e na expectativa da formação do Grupo Laços. Desse modo, a EI teve o propósito de conhecer expectativas do participante em relação ao Grupo Laços, bem como temas, metodologias e recursos de seu interesse e que pudessem ser trabalhados na perspectiva intersubjetiva, com a implantação do grupo (RIBEIRO, 2009). Ademais, essa entrevista constou de temas disparadores relacionados com os objetivos do estudo, além de itens para a descrição de dados sociodemográficos e de condições gerais de saúde do discente.

Posteriormente à EI, tentamos agendar o primeiro encontro do Grupo Laços com um número mínimo de quatro participantes, porém não conseguimos local e horário consensuais entre os universitários para que o grupo pudesse ser viabilizado.

Em todo caso, reforçamos que os momentos de entrevistas individuais fenomenológicas (GUERRERO-CASTAÑEDA; MENEZES; OJEDA-VARGAS, 2017) com os universitários espanhóis e brasileiros intercambistas foram desenvolvidos com enfoques na reversibilidade perceptiva figura-fundo e na teoria da ambiguidade, segundo a perspectiva de Merleau-Ponty (MERLEAU-PONTY, 2015).

Em conclusão, nos encontros participantes-pesquisadora, tanto a partir das entrevistas individuais com brasileiros e espanhóis, como no desenvolvimento do Grupo Laços no cenário brasileiro, buscamos facilitar um livre fluir no processo natural do delineamento figura-fundo através das descrições perceptivas das experiências concretas dos sujeitos. O delineamento figura-fundo consiste numa seleção do organismo que se adapta à temporalidade do aqui e agora para perceber o que é mais importante no momento para a satisfação de necessidades, sejam elas cognitivas, emocionais e/ou motoras, necessárias ao desenvolvimento pessoal (PERLS et al., 1997).

Desse modo, o aqui e agora é figura que compreende uma dimensão de passado, hábitos assimilados como forma e uma dimensão de futuro, de horizonte de possibilidades. Portanto, figura, forma e futuro são dimensões copresentes que delineiam o fundo de uma experiência intersubjetiva (BERNARDO; BELMINO, 2015; MULLER-GRANZOTTO; MULLER GRANZOTTO, 2007; PERLS et al., 1997). Outrossim, nesse estudo, a partir das descrições vivenciais de universitários é possível a compreensão de um campo de (re)significados experienciais, bem como de produções terapêuticas no grupo.

#### 4.4.3 O Grupo Laços

Em primeiro lugar, destacamos que a denominação da abordagem grupal de cuidado proposta no presente trabalho como “Grupo Laços” foi indicação dos próprios participantes, ao significarem o caminho percorrido na trajetória do processo grupal, a nível individual e do coletivo, na oportunidade do encerramento dos nossos encontros. Ademais, adotamos a perspectiva de um sentimento de respeito e responsabilidade pelas expressões humanas no grupo, uma vez que envolveram escolhas e tomada de consciência.

Assim, procuramos partir da compreensão de que o homem é um ser biopsicossocial e transcendental, dotado de um princípio que busca a atualização de suas possibilidades (LACERDA; CARVALHO; RIBEIRO, 2019; RIBEIRO, 2009). Desse modo, nossa facilitação no Grupo Laços se comprometeu com o desenvolvimento de atitudes terapêuticas, tais como a inclusividade, a inteireza, a abertura e a aceitação na relação dialógica com todos os participantes do grupo, bem como participamos de forma criativa e propomos exercícios de contato consigo, com o outro e com o mundo (RIBEIRO, 2009).

Ademais, enquanto desenvolvíamos a facilitação do grupo, objetivamos posturas que concordassem com a abordagem merleau-pontyana proposta na presente pesquisa. Desse modo, buscamos ter um papel ativo e presente na relação com cada participante e com o grupo, mas sem substituir a opção livre dos mesmos (RIBEIRO, 2009).

Também, facilitamos a abordagem grupal de cuidado como uma totalidade mente-corpo-mundo em ação, nos centrando na experiência imediata de cada pessoa, bem como na minha própria enquanto facilitadora, sem aprisionamentos às teorias e atenta às necessidades imediatas de cada participante, sinalizando, inclusive, reações corporais,

como linguagem. Desse modo, compreendemos saúde, doença e cuidado de acordo com o reconhecimento da totalidade fenomênica de cada pessoa em sua relação consigo, com os outros e com o mundo (LACERDA et al., 2019; RIBEIRO, 2009).

Nessa perspectiva, o Grupo Laços foi desenvolvido no segundo semestre do ano de 2018, durante dois meses, com encontros todas às quintas-feiras, às 18:30h, cerca de 90 minutos de duração, na sala reservada do CIEPE (Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento), localizada na UESB. Para cada encontro, elaboramos previamente um plano de trabalho, mas de caráter flexível e co-construído pela pesquisadora-grupo, para a facilitação e vinculação de todos os envolvidos no grupo, procurando a abordagem de itens do plano de acordo com os interesses e narrativas trazidos durante os encontros (RIBEIRO, 2009; RIBEIRO, 1994).

Assim, num primeiro momento dos encontros, procurávamos incrementar um espaço de acolhimento seguro e empático, através de exercícios de aquecimento para o encontro grupal e para o maior contato de cada um consigo mesmo. Também, com o mesmo objetivo, buscávamos saber como cada participante havia se sentido ou percebido o mundo à sua volta na semana precedente ao nosso encontro. Essa estratégia também funcionou como uma oportunidade para que os universitários desenvolvessem reflexão sobre as mútuas implicações entre partilhas e narrativas no grupo e histórias de vida de cada um (RIBEIRO, 2009).

Após esses momentos, buscávamos fazer as conexões dos interesses dos participantes do Grupo Laços com o tema que, de modo prévio, havia sido conjuntamente escolhido para ser refletido em profundidade no grupo. Nessa fase, demos destaque também aos exercícios e estratégias projetivas que pudessem facilitar a retomada de vividos e possibilidades de ressignificações naquele espaço de cuidado (RIBEIRO, 2009).

Após essa fase de maior reflexividade no grupo, desenvolvíamos a finalização do encontro com o convite para que cada um realizasse uma retrospectiva do processo grupal, em termos de experiências que ocorreram durante encontro e que fossem relacionadas a narrativas ou gestos que provocaram incômodos, aprendizados, ambiguidades, etc. Assim, nos despedíamos pactuando o nosso próximo encontro (RIBEIRO, 2009).

Vale ressaltar que em todos os momentos de facilitação desenvolvemos atitudes reflexivas com o objetivo de potencializar a reversibilidade perceptiva figura-fundo para todos os envolvidos no Grupo Laços. Tais atitudes foram necessárias à compreensão das

matrizes inaparentes nas vivências ambíguas de ganhos e lutos relacionados aos contextos sociofamiliares e acadêmicos dos participantes da pesquisa e que podiam implicar na produção de saúde-adoecimentos entre os universitários (MERLEAU-PONTY, 2015; RIBEIRO, 2009).

Desse modo, no nosso I encontro do Grupo Laços, após as boas vindas, explicitamos os objetivos do encontro, os quais incluíam a integração dos membros, a pactuação de estratégias para o bom funcionamento do grupo, tais como a assiduidade e o sigilo. Outrossim, objetivamos, nesse encontro, a co-construção dos próximos encontros do GVT, em termos de temáticas e metodologias a serem desenvolvidas. No momento seguinte, convidamos os integrantes a um exercício de consciência corporal (MENDONÇA; BRITO, 2019) e, em seguida, a um exercício de expressão artística por meio de massinhas coloridas (COELHO; VELOSO; BARROS, 2017), com as quais cada um tinha que modelar algo que, naquele momento, falasse de si, inclusive como uma forma de se apresentar e expor expectativas em relação ao grupo.

Após a partilha da expressão artística de cada um, passamos à fase das escolhas do grupo na co-construção da proposta do Grupo Laços. Os temas e metodologias de interesse que emergiram nas falas dos participantes durante as Entrevistas Iniciais Individuais Fenomenológicas foram listados, de modo que cada um recebeu sua lista e escolheu seis temas e preferências de metodologias ou recursos para serem experienciados nos encontros grupais (MELLO; CARDOSO, 2017; RIBEIRO, 2009).

Assim, dentre todos os que emergiram nas entrevistas, em ordem decrescente de prioridade, foram escolhidos, por votação, os seguintes temas: (1) enfrentamento de momentos difíceis, principalmente em relação ao *stress* e emoções; (2) enfrentamento da ansiedade pela incerteza do futuro; (3) expectativas do futuro profissional e auto-avaliação de como o estudante se inseriu e como deseja sair da universidade; (4) enfrentamento da pressão da rotina acadêmica, bem como estratégias de organização; (5) o sentido da vida e, por fim, (6) enfrentamento da distância da família.

Dentre as metodologias/recursos sugeridos como apoio à facilitação dos encontros grupais, os universitários destacaram as vivências originadas de exercícios grupais relacionados à criatividade, espontaneidade e de partilhas em rodas de conversa como significativas à potencialização das expressões narrativas (APÊNDICE G).

Em todos os encontros grupais, nos momentos reflexivos e de partilhas, procuramos explorar e aprofundar cada temática escolhida, para o encontro semanal do Grupo Laços, relacionando-a com a expressão das vivências sociofamiliares e

acadêmicas dos universitários que se encontravam distantes de suas famílias de origem. Desse modo, buscamos explorar fantasias, medos, expectativas, desejos, bem como barreiras e estratégias pessoais e funcionais para a superação de conflitos sociofamiliares e acadêmicos (LACERDA et al., 2019).

Em acréscimo, além da facilitação para o reconhecimento de experiências pessoais e grupais, estimulávamos dúvidas e oferecíamos informações acerca de assuntos despertados espontaneamente dentro do grupo e relacionados à saúde mental, bem como incentivávamos o suporte psicossocial para o enfrentamento de contextos de vulnerabilidade entre os participantes do Grupo Laços.

No nosso II encontro do Grupo Laços, após as boas-vindas e a partilha de reflexões sobre a semana que antecedeu ao encontro e que foram influenciadas pela inserção dos participantes no Grupo Laços, convidamos os universitários para o momento do exercício dramático da “Criação Coletiva de uma Máscara”, com o objetivo de fomentar o reconhecimento do eu e a experiência do outro (MENDONÇA; BRITO, 2019; YOZO, 2016).

Em seguida, convidamos todos à partilha de vivências originadas do exercício, procurando desenvolver uma exploração mais aprofundada, a partir de questionamentos reflexivos, principalmente em relação aos modos de enfrentamento de situações difíceis, bem como controle de *stress* e emoções entre os universitários (LACERDA et al., 2019; FONSECA-PEDRERO; PÉREZ-ALBÉNIZ; ORTUÑO-SIERRA, 2017; GOUVEIA; SANTANA; SANTOS, 2017; CABALLERO DOMINGUEZ; SUAREZ COLORADO; BRUGES CARBONO, 2015; CARLOTTO; TEIXEIRA; DIAS, 2015).

Finalizamos o encontro com a partilha de experiências que o grupo despertou em cada um, incluindo a minha própria partilha de como expressões no grupo me afetaram enquanto facilitadora. Assim, pactuamos o nosso próximo encontro (APÊNDICE G).

No nosso III encontro do Grupo Laços, após as boas-vindas, convidamos todos ao exercício dramático do “Jogo do Tibitá” e que também se destinou a incrementar nos participantes uma maior experiência de si e do outro (MENDONÇA; BRITO, 2019; YOZO, 2016). Em seguida, desenvolvemos a partilha sobre o exercício do jogo, exploramos o que foi significativo durante a semana que antecedeu ao encontro e procuramos potencializar a expressão de falas relacionadas às vivências de saúde mental dentro da Universidade, quanto à ansiedade pela incerteza do futuro.

Isso ocorreu por meio de roda de conversa de natureza reflexiva e da retomada de partilhas que emergiram no grupo associadas a processos de saúde-adoecimento-

cuidado (LACERDA et al., 2019; REGIS et al., 2018; OKSANEN et al., 2017). Por fim, encerramos o encontro compartilhando experiências que o grupo despertou em cada um, incluindo a minha própria partilha de como expressões no grupo repercutiram em minhas significações. Desse modo, pactuamos o nosso próximo encontro (APÊNDICE G).

No IV encontro do Grupo Laços, após o momento de boas-vindas, iniciamos com o convite ao exercício dramático intitulado “Siga o Chefe”, com a finalidade de potencializar o reconhecimento do eu e a experiência do outro (MENDONÇA; BRITO, 2019; YOZO, 2016). Logo, desenvolvemos a partilha de como foi vivenciar tal exercício, procurando fazer relação com as experiências significativas da semana que antecederam ao encontro e com a experiência de como cada estudante entrou e como pretendia sair da Universidade, associando às expectativas relacionadas ao futuro profissional dos participantes.

Em acréscimo, propomos aos universitários para que os mesmos desenhassem duas máscaras individuais: uma máscara, em um lado de folha de papel ofício, representando como entrou na Universidade e, no seu verso, uma máscara representando como pretendia sair (ANEXO A). No momento de partilha das vivências expressas com o exercício, solicitamos que os participantes trocassem entre si as máscaras e procuramos desenvolver entre eles o reconhecimento de fontes de angústias e efeitos de *stress* e emoções sobre o corpo, bem como estratégias pessoais e funcionais de superação de momentos difíceis, tanto relacionados a conflitos dentro da Universidade, como nas relações sociofamiliares (MUNARI et al., 2017; SAMPAIO; PUPO, 2010).

Finalizamos o Grupo Laços buscando compreender os sentimentos que surgiram e como evoluíram ressignificações ou resistências a partir de falas e posturas percebidas pelos participantes (LACERDA et al., 2019). Assim, a facilitadora também expressou sua experiência de si sendo afetada pelas falas no GVT. Nesse contexto, acordamos o nosso próximo encontro (APÊNDICE G).

No V encontro do Grupo Laços, após as boas-vindas, iniciamos com o convite aos jogos dramáticos "Aponte o que Ouviu" e "Percepção de Si e do Outro", com a finalidade do aprofundamento de experiências individuais e coletivas (MENDONÇA; BRITO, 2019; YOZO, 2016). No momento da partilha, procuramos fazer a relação da vivência dos exercícios com as experiências da semana que antecedeu ao encontro.

Nessa perspectiva, evoluímos para a proposta de uma oficina sobre planejamento acadêmico com o objetivo de promover, entre os universitários, o reconhecimento da gestão de metas de aprendizagem, de expectativas positivas, de custos relacionados ao tempo, esforço e utilidade de aprendizagem e de automotivação ao longo do semestre (BARRIOS; URIBE, 2017; NAVEA-MARTÍN; SUARÉZ-RIVEIRO, 2017). Essa oficina, portanto, buscou incrementar a experiência de estratégias para organização e enfrentamento da rotina de aulas, estudos e estágios entre os universitários, no intuito de superação da pressão ocasionada pelas demandas acadêmicas (APÊNDICE H).

Após um tempo disponibilizado para a oficina em que cada um refletiu sobre as experiências relacionadas à sua rotina, estratégias e expectativas de aprendizagem, compartilhamos reconhecimentos cognitivos e emocionais individuais objetivando a organização de metas de estudos e enfrentamento das pressões da rotina acadêmica (LACERDA et al., 2019). Finalizamos com a troca de ressignificações originadas no encontro e pactuamos o próximo momento do Grupo Laços para a semana seguinte (APÊNDICE G).

No VI encontro do Grupo Laços, convidamos os participantes para o desenvolvimento do exercício dramático intitulado "Uma Fruta, Um Esporte, Uma Música", com o objetivo de potencializar a experiência de si e do outro no grupo e facilitar o reconhecimento de vivências significativas, inclusive sobre acontecimentos que antecederam ao encontro (ANEXO A) (MENDONÇA; BRITO, 2019; YOZO, 2016). Nesse momento, na medida em que falas eram expressas no grupo, realizamos pontes com reflexões acerca do sentido da vida para cada um, a partir de um exercício em que os participantes foram convidados a escrever, em folhas de papel, seus questionamentos pessoais sobre temas relacionados ao sentido da vida, inclusive associando-os com outros já partilhados no grupo (ANEXO A).

Ao final desse momento, o participante devolveu o papel à facilitadora para ser redistribuído, de modo que cada um pudesse ouvir de outro participante os sentimentos e reflexões suscitados pelos questionamentos escritos no papel (LACERDA et al., 2019; KARNAL et al., 2017; SANTOS et al., 2017; MARTINEZ ORTIZ; CASTELLANOS MORALES, 2013). Finalizamos com a troca de ressignificações originadas no encontro e pactuamos o próximo encontro semanal do Grupo Laços (APÊNDICE G).

No VII encontro do Grupo Laços, como exercício inicial, realizamos a narrativa coletiva de uma história. Cada participante, com um lápis e uma folha de papel ofício, iniciou a criação de uma história com um título, de modo que, após um pequeno espaço

de tempo, cada um deveria passar a folha ao outro participante, no sentido horário, para continuar a história iniciada pelo colega, até que a história retornasse ao seu criador inicial (ANEXO A).

Após a realização desse exercício, compartilhamos o que houve de significativo na narrativa coletiva e como ela ajudou a resgatar impressões pessoais sobre a semana que antecedeu ao encontro. Tal exercício também potencializou o desvelar de experiências acerca do aprender a lidar com a distância familiar (LACERDA et al., 2019; MENDONÇA; BRITO, 2019; KARNAL et al., 2017; PATINO-LOPEZ, 2017; SANTOS, 2017; GRANDINO, 2016). Assim, nos comprometemos com o último encontro do GVT marcado para a semana seguinte (APÊNDICE G).

No último encontro do Grupo Laços, após as boas-vindas, o exercício dramático inicial foi de livre escolha, tendo sido escolhidas algumas já vivenciadas anteriormente no grupo, como o "Jogo do Tibitá". Na partilha, os participantes expressaram a importância desses momentos de exercícios iniciais para descontração do grupo diante da rotina acadêmica, retomando algumas vivências da semana que antecedeu ao nosso último encontro.

Foi nesse contexto que aprofundamos a vivência de finalização do Grupo Laços, iniciando a reflexão do que foi positivo e do que foi um desafio para cada participante na sua relação com o grupo, incluindo a facilitadora. Propomos, então, um exercício de uma oficina de *feedback* e despedida com objetivo do reconhecimento de aprendizados e emoções ambíguas desveladas ao longo do Grupo Laços. Tal exercício consistia na partilha individual de emoções, pensamentos e ações que foram suscitados com a inserção de cada participante no grupo, os quais poderiam estar relacionados a aspectos positivos e negativos (MENDONÇA; BRITO, 2019).

Ademais, numa perspectiva de oferecer um *feedback* individual, cada participante partilhou o que estava “levando” ou aprendendo de cada colega do grupo - fosse uma fala, um gesto, uma atitude - enquanto algo significativo para sua experiência de vida, incluindo a facilitadora (APÊNDICE I). Nessa perspectiva, aprofundamos a reflexão sobre como cada universitário se sentia ao término do grupo. Finalizamos o Grupo Laços agradecendo a participação, o compromisso e o cuidado de todos com o nosso grupo e nos colocamos à disposição para oferecer encaminhamentos a serviços psicossociais e outros de saúde. Em adição, pactuamos encontros para as entrevistas individuais finais com cada participante para a semana seguinte (APÊNDICE G) (LACERDA et al., 2019; RIBEIRO, 2009).

Assim, no Grupo Laços, promovemos a ampliação das possibilidades de cada participante, proporcionando um ambiente de liberdade e de criação e facilitando a produção da saúde, pois refletimos temas que favoreceram uma compreensão mais alargada do sentido da vida como um todo para cada sujeito no grupo. Isso ocorreu para além de contextos de vulnerabilidade e de soluções interventoras e tecnicistas aos problemas no grupo, na medida em que potencializamos as intuições originárias de vivências intersubjetivas (MENDONÇA; BRITO, 2019; LACERDA et al., 2019; RIBEIRO, 2009).

O Grupo Laços, a partir de uma fundamentação merleau-pontyana, não se configurou como uma metodologia objetiva, como se apenas a partir dele fosse possível se fazer ver vivências encarnadas de sentido, como se as vivências estivessem alienadas, quando em qualquer contexto de intersubjetividade essas vivências perceptivas podem ocorrer. O objetivo do Grupo Laços foi, portanto, promover um espaço de intersubjetividade, de narrativas, de escuta e, possivelmente, de ressignificação de perdas e lutos entre os estudantes.

Desse modo, fortalecemos a vivência grupal ao acessar a dimensão sensorial da mobilização pré-perceptiva entre os participantes. Outrossim, procuramos acessar a dimensão motora da capacidade de dirigir-se ao futuro e a dimensão reflexiva do efeito de reconhecimento entre as pessoas do grupo. Tais acessos oportunizaram experiências de descentramento, de não coincidência e de abertura ao não eu, enquanto uma forma ética de acolher a outridade que se manifestou nas relações intersubjetivas (BERNARDO; BELMINO, 2015; BELMINO, 2015; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007; PERLS et al., 1997).

Nessa perspectiva, buscamos facilitar a vivência grupal colaborando como elemento desviante dos conteúdos em si para os excitementos entre os participantes do grupo e acolhendo as formas/passados e as possibilidades de transcendência/fluidez de cada um em suas experiências de vida (BERNARDO; BELMINO, 2015; BELMINO, 2015; MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007).

#### 4.5 INSTRUMENTOS PARA PRODUÇÃO DAS DESCRIÇÕES VIVENCIAIS

As descrições vivenciais de brasileiros e espanhóis, em ambos os cenários do estudo, foram produzidas e analisadas a partir da Entrevista Individual Fenomenológica (EI). Com os brasileiros participantes do Grupo Laços, além da realização da EI antes

da inserção deles no GVT, também foi realizada a Entrevista Final Individual Fenomenológica (EF), desenvolvida após as suas inserções na abordagem grupal.

Não obstante, a gravação das entrevistas individuais fenomenológicas e das sessões grupais e a realização de técnicas de observação participante e de relatos de sessão grupal foram desenvolvidas pela facilitadora como estratégias para obtenção de material de apoio, quando necessário, ao aprofundamento da produção de descrições vivenciais dos participantes do estudo e para a consistência das análises teórico-filosóficas a serem realizadas (SERPA Jr. et al, 2014; THIOLENT, 2008).

#### 4.6 ANÁLISE DE DADOS

As descrições vivenciais e avaliativas pessoais foram compreendidas em profundidade à luz da Analítica da Ambiguidade (SENA et al., 2010), segundo os referenciais teórico-filosóficos de Maurice Merleau-Ponty (MERLEAU-PONTY, 2015). A Analítica da Ambiguidade é uma estratégia que permite a suspensão de teses ou atitudes naturais para que mais enunciados possam se fazer ver enquanto outros aspectos de reversibilidade de um mesmo fenômeno (SENA et al., 2010). Desse modo, de acordo com os autores, a Analítica da Ambiguidade concebeu a experiência do ponto de vista de quem a vive como um campo fenomenal, ou seja, pré-reflexivo e em constante e espontâneo movimento de figura-fundo.

A aplicação da Analítica da Ambiguidade se assemelha à experiência de observação de uma tela em que, para percebê-la é preciso fechar o olhar às demais figuras e fixar somente no contorno da figura ou fenômeno que se quer ver (SENA et al., 2010). É a partir desse processo que percebemos nossas experiências vivenciais, o que acontece espontaneamente para os sujeitos, de forma impensada (MERLEAU-PONTY, 2015).

Portanto, os relatos expressos pelos participantes, advindos dos instrumentos utilizados no presente estudo, foram considerados como figuras na análise merleau-pontyana, vistas sempre em perfis e trazendo consigo um fundo, que, ao entrar no foco do olhar, possibilitaram a descoberta de outras figuras (SENA et al., 2010). Foi nessa compreensão de análise, que a técnica da Analítica da Ambiguidade se constituiu e demandou diversos momentos de leituras do material na perspectiva da descrição das vivências, não de suas explicações.

Logo, intuímos que as vivências são ocorrências de campo, isto é, por se constituírem experiências perceptivas de um ser sensível, acontecem em um campo de experiências de um mundo carnal, o que inclui as vivências da própria pesquisadora/leitora/ouvinte (MERLEAU-PONTY, 2012a). Outrossim, segundo o filósofo, a vivência perceptiva apresenta-se como uma experiência ambígua, ou seja, envolve duas dimensões: a do ser bruto – que se relaciona com um não saber de si ou consciência pré-reflexiva; e a do espírito selvagem – que se relaciona à fé perceptiva, pois ainda não está reduzido às idealizações ou sintaxe, e, então, é possibilidade de significação.

Portanto, na Analítica da Ambiguidade, além das transcrições integrais e de diferentes momentos de leituras das produções vivenciais dos participantes da pesquisa, fez-se importante que a leitura do material fosse livre e fluida, possibilitando que os fenômenos se mostrassem em si mesmos e a partir de si mesmos; o que significou dizer que a pesquisadora viveu sua experiência perceptiva durante a leitura e nesta se reconheceu como generalidade intercorporal (MERLEAU-PONTY, 2012a).

Em seguida, após a leitura do material considerando sua natureza fluida e intersubjetiva, buscamos efetivar objetivações diante dos inúmeros perfis de ambiguidades que ocorrem a partir da experiência perceptiva de um dado campo de experiências. Desse modo, uma vez que os perfis de ambiguidade que envolveram a experiência perceptiva constituíram-se do polo sensível ou pré-reflexivo e do polo reflexivo, as objetivações ou operações expressivas consistiram em uma “transmutação” do polo pré-reflexivo ao reflexivo, o que foi produzido pela fala dos participantes (MERLEAU-PONTY, 2012a). Neste processo, categorias emergiram como significativas no estudo e foram compreendidas enquanto fenômenos, através da Analítica da Ambiguidade e de todo referencial teórico-filosófico de Merleau-Ponty.

## 4.7 PERFIL ÉTICO DO ESTUDO

### 4.7.1 No cenário brasileiro

O presente estudo foi submetido à Plataforma Brasil e teve o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESB sob o número de protocolo 2.926.824, no ano de 2018. Assim, após a aprovação, iniciamos o trabalho de campo por meio de esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios

previstos e potenciais riscos e incômodos que porventura a pesquisa poderia causar aos participantes.

Ademais, para a garantia da confidencialidade dos dados e do anonimato dos participantes foram utilizados codinomes fictícios e curtos de pessoas para referendar suas falas e expressões, na oportunidade de publicações advindas do estudo. Após estarem devidamente esclarecidos, os sujeitos consentiram a participação na pesquisa e a utilização das gravações das falas para fins acadêmicos, mediante assinatura do TCLE, conforme a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos.

#### **4.7.2 No cenário espanhol**

O presente estudo teve sua versão foi traduzida e revisada no idioma espanhol, bem como corrigida pelo coorientador da pesquisa, durante nosso período de estágio doutoral no exterior, para submissão ao *Comité Ético de Investigación Clínica del Hospital Clínico San Carlos, Madrid, España*. Assim, o mesmo foi aprovado com o número de código interno 17/444-E, no ano de 2017, oportunidade em que iniciamos o trabalho de campo.

Do mesmo modo que no cenário brasileiro, iniciamos a seleção de participantes para o estudo por meio de esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos e potenciais riscos e incômodos que porventura a pesquisa pudesse causar aos seus participantes, fossem brasileiros intercambistas ou espanhóis, nos idiomas português e espanhol, respectivamente.

Após estarem devidamente esclarecidos, os universitários consentiram a participação na pesquisa e a utilização das gravações das falas para fins acadêmicos, mediante assinatura do TCI, designado aos estudantes espanhóis, e do TCLE, designado aos estudantes brasileiros intercambistas. Assim, ressaltamos que a garantia da confidencialidade dos dados e do anonimato dos participantes foram utilizados codinomes fictícios e curtos de pessoas para referendar suas falas e expressões, na oportunidade de publicações originárias desse estudo.

## 5. EM BUSCA DAS ESSÊNCIAS CARNAIS NA VIDA CONCRETA DAS EXPERIÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS

Esta seção tem como finalidade apresentar os resultados do estudo que, numa leitura merleau-pontyana, significa compreender as essências invariantes (sensíveis), carnis, ativas ou selvagens como armações inseparáveis do visível e invisível, de presenças e lutos nas variantes das experiências de sujeitos (MERLEAU-PONTY, 2012; DUPOND, 2010).

Assim, afirmamos que a variação eidética é constitutiva de todo trabalho científico enquanto um trabalho da experiência sobre a experiência de sujeitos, no qual pesquisadora e participantes se entrelaçam em intersubjetividades sem admitir bifurcações entre essências e fatos, na medida em que todo fato é internamente armado por uma essência selvagem dotada tanto de sua visibilidade, ou aprendizagem de experiências, como de sua generalidade ou de seu sentido invariante (MERLEAU-PONTY, 2012; DUPOND, 2010).

Com efeito, a busca das essências selvagens invoca, em sujeitos, uma língua a reinventar, a recompor uma paisagem do mundo através de falas falantes, ativas e carnis, e que, ao mesmo tempo, se põem à escuta das essências e constituem a sua profundidade na experiência concreta de vida de sujeitos (MERLEAU-PONTY, 2012; DUPOND, 2010).

Portanto, os resultados desse estudo estão desenvolvidos em três manuscritos que buscam fomentar o conhecimento e as práticas na atenção à saúde mental de universitários, com o foco na compreensão de como os universitários reconfiguraram, em termos de dimensões visíveis ou de ganhos e de dimensões invisíveis ou lutos, as suas vivências sociofamiliares e acadêmicas, estando distantes do convívio familiar de origem, a partir de uma abordagem merleau-pontyana, baseada nas obras *Fenomenologia da Percepção* (MERLEAU-PONTY, 2015), *Visível e Invisível* (MERLEAU-PONTY, 2012a) e *A Prosa do Mundo* (MERLEAU-PONTY, 2012b).

Nessa perspectiva, os manuscritos foram formatados segundo as normas de publicação de revistas indexadas e cada um abordou um objetivo específico da presente pesquisa, nos cenários brasileiro e espanhol.

O primeiro manuscrito, intitulado *Ambiguidades nas vivências de universitários brasileiros e espanhóis distantes da família*, desvelou a experiência de universitários brasileiros e espanhóis, em seus respectivos países, acerca de seus cotidianos

sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes da família de origem, sob a ótica merleau-pontyana da reversibilidade visível-invisível, desenvolvida para a compreensão das essências carnis das vivências universitárias.

A compreensão das experiências dos universitários desvelou o perfil de ambiguidade constituído nas categorias *O distanciamento familiar como uma perspectiva de saúde universitária* e *O distanciamento familiar como condição de vulnerabilidade ao sofrimento universitário*. Assim, o manuscrito destacou as vivências semelhantes e distintas relacionadas às experiências saudáveis e às vulnerabilidades entre os estudantes brasileiros e espanhóis. Também, ressaltou que as Universidades, bem como docentes e profissionais aí atuantes, têm um importante papel na proposição de abordagens de cuidado para estudantes, principalmente de natureza preventiva e intersubjetiva.

O segundo manuscrito, intitulado *Abordagem grupal de cuidado a universitários brasileiros distantes da família*, desvelou as experiências sociofamiliares, acadêmicas e terapêuticas de universitários brasileiros, no próprio país e estando distantes da família de origem, antes e após a inserção deles na proposta do Grupo Laços, sob a ótica merleau-pontyana dos entrelaçamentos de mundos e pessoas implicando nas vivências universitárias.

Os resultados foram apresentados nas seguintes categorias: *Experiências sociofamiliares e acadêmicas prévias e posteriores à abordagem grupal de cuidado*; *Experiências de avaliação da abordagem grupal de cuidado*. As discussões referem-se às ambiguidades nas vivências acadêmicas e terapêuticas de universitários, bem como aos seus ajustamentos criadores após inserção no Grupo Laços. O manuscrito deu relevo à fundamentação e construção de uma abordagem intersubjetiva de cuidado, exitosa na promoção da saúde mental dentro da Universidade.

O terceiro manuscrito, intitulado *Ambiguidades nas vivências de universitários brasileiros em intercâmbio internacional*, desvelou a experiência de universitários brasileiros distantes do contexto familiar de origem e em intercâmbio na Espanha, acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, mediante a leitura merleau-pontyana sobre as vivências ambíguas de ganhos e lutos para os estudantes.

Os resultados foram apresentados nas categorias: *Ambiguidades nas vivências de responsabilidade e socialização entre universitários no exterior*; e *Ambiguidades nas vivências acadêmicas entre universitários no exterior*. As discussões referem-se aos modos de os universitários operaram com os ganhos e perdas nas suas experiências

sociofamiliares relacionadas ao desenvolvimento de um maior senso de responsabilidade e socialização, bem como no cotidiano acadêmico durante o intercâmbio na Espanha. O manuscrito destacou que a Universidade necessita oferecer apoio às distintas comunidades discentes em seus processos de adaptação intercultural à vida universitária.

Por fim, os resultados dos manuscritos do estudo encontram-se em ressonância e fornecem subsídios teóricos e de planejamento de abordagens de cuidado voltadas para a atenção à saúde mental de universitários, no intuito de fortalecer políticas e programas de saúde mental para a juventude, dotados de características intersetoriais e interdisciplinares que busquem reintegrar a Saúde na Educação e vice-versa.

## 5.1 PRIMEIRO MANUSCRITO: AMBIGUIDADES NAS VIVÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E ESPANHÓIS DISTANTES DA FAMÍLIA

Este manuscrito será submetido à *Issues of Mental Health Nursing* e foi elaborado conforme as instruções para autores, consultadas em maio de 2019, disponíveis no link: <https://www.tandfonline.com/toc/imhn20/40/4?nav=toCList>, consultadas em maio de 2019.

**Ambiguidades nas vivências de universitários brasileiros e espanhóis  
distantes da família\***

Sâmia de Carliris Barbosa Malhado<sup>1</sup>

Miguel Ángel Sanchez González<sup>2</sup>

Edite Lago da Silva Sena<sup>3</sup>

1. *Psicóloga. Discente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Jequié-Ba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0651-1835>*

1. *Médico. Docente da Facultad de Medicina, Departamento de Medicina Preventiva, Salud Pública y Historia de la Ciencia, Universidad Complutense de Madrid, Madri, Espanha.*

2. *Enfermeira. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Jequié-Ba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1236-8799>*

Autora correspondente: Sâmia de Carliris. Rua 11, Casa 100, Itaperi, Fortaleza-CE, Cep. 60761-350.

E-mail: [carliris@gmail.com](mailto:carliris@gmail.com)

\* Manuscrito extraído de um recorte da tese de doutorado intitulada “Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: matrizes fenomenológicas e abordagem de cuidado”, apresentada em setembro de 2019 ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA, Brasil, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## **Resumo**

O estudo inscreveu-se no campo da saúde mental, no contexto da Universidade. Teve como objetivo compreender as experiências de universitários brasileiros e espanhóis acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes da família de origem. Trata-se de pesquisa fenomenológica fundamentada no referencial de Maurice Merleau-Ponty, realizada com 18 estudantes, sendo 12 da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil e seis da Universidade Complutense de Madrid, Espanha. A produção das descrições vivenciais ocorreu entre os meses de outubro de 2017 a janeiro de 2018, no contexto espanhol, e nos meses de setembro e outubro de 2018, no contexto brasileiro. Para tanto, foi utilizada a Entrevista Individual Fenomenológica, cujo material resultante foi submetido à Analítica da Ambiguidade. As descrições dos participantes do estudo desvelaram que a experiência do distanciamento familiar tanto pode favorecer a promoção da saúde entre eles, quanto a vulnerabilidade ao sofrimento, e nos fizeram ver semelhanças e distinções entre os contextos socioculturais de brasileiros e espanhóis. Destacamos que as Universidades têm um importante papel nas abordagens de cuidado preventivas, com ênfase nas relações intersubjetivas para estudantes.

Palavras-chaves: Saúde mental; Universidades; Relações familiares; Relações interpessoais; Filosofia.

## **INTRODUÇÃO**

No contexto universitário, os estudantes necessitam aprender habilidades interpessoais e acadêmicas para lidarem com as demandas sociais e de estudos que podem ser estressoras e contribuir com agravos à saúde. Assim, o presente estudo trata da construção de conhecimentos na atenção à saúde mental universitária, já que a

literatura evidencia que as Universidades apresentam características capazes de mobilizar estados de sofrimento nas pessoas atuantes em seu contexto (Kim, Kim, Lee, Lee, & Non, 2018; Ayán et al., 2017; Ugwoke et al., 2017; Cadarso-Suárez, Dopico-Calvo, Iglesias-Soler, Cadarso-Suárez, & Gude, 2017).

Nessa direção, pesquisas realizadas em diversos países mostram uma maior vulnerabilidade de universitários em função das mudanças nos vínculos familiares e na rede de apoio social, ocasionadas pela entrada na Universidade (Cokley et al., 2017; Hersi et al., 2017; Chanakira et al., 2015; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2015). Assim, jovens que demandam uma forte regulação familiar para a expressão de habilidades socioemocionais podem manifestar sofrimento na Universidade, ao se distanciarem do convívio familiar de origem, já que a expressão comunicativa familiar é uma relevante influência sobre o ajuste psicossocial de universitários (Copez-Lonzoy, Villarreal-Zegarra, & Paz-Jesús, 2016; Myers & Myers, 2015). Com efeito, no contexto do suicídio entre universitários, dentre os principais motivos elencados nos estudos da área estão aqueles que revelam vivências de desintegração familiar (Franco et al., 2017).

Especificamente, estudantes brasileiros revelam que o excesso de atividades laborais e a escassez de tempo livre se mostram como configuração principal ao adoecimento no ambiente universitário (Souza, Lemkuhl, & Bastos, 2015). Estudos também evidenciam que condições sociodemográficas desfavoráveis, além da rotina acadêmica de sobrecarga, interferem nas habilidades sociais de universitários e em recursos de saúde mental, a exemplo da resiliência, o que implica em dificuldade de adaptação universitária (Graner et al., 2018; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2015).

No entanto, pesquisas desenvolvidas com universitários espanhóis apontam que a percepção de qualidade de vida e saúde entre eles está fortemente associada à satisfação com a autoimagem, de modo que percepções negativas relacionadas à

autoimagem comprometem o bem-estar subjetivo de estudantes e a adaptação universitária (Wanden et al., 2015).

Diante desse panorama, somado à nossa vivência no âmbito acadêmico brasileiro, na qual percebemos que muitos discentes vivenciam sofrimento mental, nos ocorreu o interesse em estudar o tema. Destacamos que, em função do Sistema de Seleção Unificado (SISU), a Universidade tem recebido estudantes de diversas regiões do país, o que resulta no crescente número de universitários distantes da família.

Ademais, a presente pesquisa está ancorada na experiência de estágio doutoral na *Universidad Complutense de Madrid* (UCM), Espanha. Nessa experiência, percebemos que estar distante do convívio familiar de origem parece ser comumente observado entre os jovens de cultura europeia, diferentemente do que ainda tem ocorrido no Brasil, mas que, mesmo assim, tem sido reportado na literatura internacional como um contexto de vulnerabilidade à saúde universitária (Salinas-Oñate, Baeza-Rivera, Escobar, Coloma, & Carreño, 2018; Biolcati, Agostini, & Mancini, 2017).

Reforçamos que o estudo possibilita preencher lacunas de conhecimento sobre a promoção da saúde mental no contexto universitário de diferentes países, a exemplo do Brasil e Espanha, além de subsidiar gestores de Universidades na formulação de políticas e no planejamento de medidas de promoção da saúde, de prevenção e intervenção no âmbito do sofrimento, o que corresponde à garantia de direitos à cidadania e o fortalecimento das capacidades dos jovens para a vida.

Diante do exposto, a pesquisa delimitou-se numa abordagem à saúde mental de universitários e se configurou na seguinte questão norteadora: como universitários brasileiros e espanhóis vivenciam o cotidiano sociofamiliar e acadêmico estando distantes da família de origem? O objetivo, portanto, consistiu em compreender a

experiência de universitários brasileiros e espanhóis acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes do contexto familiar de origem.

Para o alcance desse objetivo optamos por fundamentar o estudo no referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty, uma vez que se trata de um tema emergente de nossas vivências na experiência docente no âmbito da Universidade, e esse filósofo, como estudioso da percepção humana e das ambiguidades que a entornam nas relações intersubjetivas, se mostrou, para nós, pertinente para compreender os vários perfis que as vivências acadêmicas e sociofamiliares impõem aos estudantes universitários.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

### **Desenho do estudo**

Trata-se de um estudo fenomenológico fundamentado em Maurice Merleau-Ponty (2015; 2012a), o qual defende que as ambiguidades perceptivas são as essências de vivências, pois envolvem entrelaçamentos da natureza sensível à consciência reflexiva de um corpo que percebe, deseja, sofre e se mostra em constante interação com o mundo, a partir de dimensões visíveis de presenças que indagam por dimensões invisíveis de perdas e lutos.

Assim, a invisibilidade sensível da coexistência humana entrelaça-se à visibilidade da experiência concreta, intersubjetiva e sociocultural de cada sujeito. Esse aspecto do referencial constitui-se a primordialidade do pensamento do autor, e se adequa perfeitamente ao objeto desse estudo, qual seja a percepção de universitários brasileiros e espanhóis acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, estando distantes do contexto familiar de origem.

### **Cenário do estudo**

Esse estudo foi desenvolvido em dois cenários: no Brasil e na Espanha. No Brasil, o estudo se originou a partir de nossa inserção no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil. No cenário espanhol, a pesquisa foi desenvolvida durante inserção em estágio doutoral na UCM e através de visitas ao *Colegio Mayor Casa do Brasil*. Em tempo, a Casa do Brasil em Madri, Espanha, é uma instituição adscrita à UCM que oferece apoio e moradia a estudantes de ambas as nacionalidades (CASA DO BRASIL, 2018).

### **Crítérios de seleção dos participantes**

No contexto brasileiro, a aproximação com os universitários ocorreu mediante a nossa inserção no projeto de pesquisa multicêntrico “Terapia Comunitária Integrativa e Promoção da Saúde Mental em Universidades Estaduais da Bahia”. Assim, nas rodas de Terapia Comunitária Integrativa na UESB, bem como nos corredores e salas de aula da instituição, abordamos discentes que atendiam aos critérios de inclusão para participarem do estudo: estar regularmente matriculado na Universidade, ser maior de 18 anos de idade e estar distante do convívio familiar.

Com o intuito de abordar universitários espanhóis que atendiam aos critérios de inclusão na pesquisa, conforme o estabelecido para o cenário brasileiro, foi possível a aproximação e a abordagem de estudantes mediante nossa inserção como ouvinte na disciplina de Bioética e Humanidades Médicas da UCM, ministrada por nosso coorientador no estágio doutoral. Também, realizamos visitas ao *Colegio Mayor Casa do Brasil* para abordagem de universitários espanhóis.

## **Coleta de dados**

Com universitários brasileiros e espanhóis que atendiam aos critérios de inclusão no estudo e que demonstraram interesse em participar, foram agendados encontros com cada um deles, em local reservado na UESB, para os estudantes brasileiros e em locais reservados da UCM e da Casa do Brasil, para os estudantes espanhóis.

Os referidos encontros com os possíveis participantes tiveram o objetivo de prover explanação geral sobre a proposta de pesquisa, a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para os estudantes brasileiros e do *Término de Consentimiento Informado* (TCI), para os espanhóis. Em um mesmo encontro, após a assinatura do TCLE ou do TCI, desenvolvemos a Entrevista Individual Fenomenológica (EI) (Guerrero-Castañeda, Menezes, & Ojeda-Vargas, 2017) com duração de cerca de 50 minutos, o que permitiu a produção de descrições vivenciais dos participantes.

No cenário brasileiro, a produção de descrições vivenciais ocorreu no período de setembro a outubro de 2018; já no cenário espanhol, o procedimento ocorreu no período de outubro de 2017 a janeiro de 2018. A EI constou de temas disparadores relacionados aos objetivos do estudo, além de itens para a descrição de dados sociodemográficos e de condições gerais de saúde do discente, tendo sido desenvolvida com enfoques na reversibilidade perceptiva figura-fundo (Merleau-Ponty, 2015; 2012a). Por fim, vale ressaltar que a EI e a leitura do TCI com os participantes espanhóis foram desenvolvidas no idioma local, de modo que tiveram suas versões traduzidas e revisadas para a língua espanhola pelo coorientador da pesquisa no exterior.

## **Análise e tratamento dos dados**

As descrições vivenciais foram compreendidas à luz da Analítica da Ambiguidade (Sena, Gonçalves, Muller-Granzotto, Carvalho, & Reis, 2010), que tem como matriz teórica a filosofia da experiência de Maurice Merleau-Ponty (2015;

2012a). A aplicação da Analítica da Ambiguidade requer, do pesquisador, a compreensão de que a percepção humana é sempre uma a experiência do ponto de vista de quem a vive num campo de ocorrências, na qual os fenômenos ora se mostram de forma pré-reflexiva, ora de forma reflexiva, em constante e espontâneo movimento de figura-fundo, de ganhos-perdas, constituindo perfis de ambiguidades nas narrativas. Além disso, realizamos transcrições integrais e leituras fluidas das produções vivenciais para que os fenômenos se mostrassem em si mesmos num campo de ocorrências que assumimos na experiência perceptiva durante as leituras das descrições.

### **Aspectos éticos**

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil e teve seu parecer favorável sob o protocolo 2.926.824/2018. No cenário espanhol, o estudo foi submetido ao *Comité Ético de Investigación Clínica del Hospital Clínico San Carlos, Madrid, España*, tendo sido aprovado com o código interno 17/444-E, ano 2018. A pesquisa seguiu as normas éticas com seres humanos e, para a garantia da confidencialidade dos participantes, escolhemos codinomes curtos e fictícios de pessoas para identificar as descrições produzidas.

## **RESULTADOS**

Participaram do estudo 12 estudantes brasileiros e seis espanhóis. No contexto sociodemográfico dos brasileiros, 10 eram do sexo feminino e dois do sexo masculino, todos sem vínculo empregatício. As idades variaram de 20 a 26 anos. Dois universitários moravam sozinhos, uma morava com a irmã e os demais compartilhavam casa com outro(s) estudante(s). O investimento financeiro mensal necessário para estudar longe da família variou entre cerca de 400 e 1.000 Reais. Já no contexto dos espanhóis, três eram do sexo feminino e três eram do sexo masculino, todos sem

vínculo empregatício. As idades variaram de 18 a 23 anos. Dois estudantes dividiam apartamento com outros colegas, três moravam em um quarto individual na Casa do Brasil e um foi morar na casa dos tios. O investimento financeiro mensal necessário para estudar longe da família variou entre cerca de 450 a 1.500 Euros.

Em tempo, reiteramos que o presente trabalho foi extraído de um recorte da tese de doutorado da primeira autora intitulada “Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: matrizes fenomenológicas e abordagem de cuidado”, da qual derivaram três artigos. Para fins desse estudo, os resultados não constam das descrições de todos os participantes, mas apenas daqueles que reportaram sobre a temática.

A compreensão das descrições vivenciais dos universitários desvelou semelhanças e distinções nas vivências de brasileiros e espanhóis no perfil de ambiguidades constituídas nas categorias: *Distanciamento familiar como perspectiva de saúde universitária* e *Distanciamento familiar como condição de vulnerabilidade ao sofrimento universitário*. Assim, a partir do olhar merleau-pontyano, inscrevemos a experiência em um horizonte de possibilidades que se faz ver no dinamismo criativo e ambíguo dos ganhos e perdas que ocorrem nas interrelações pessoas-contextos-vividos.

### **Distanciamento familiar como perspectiva de saúde universitária**

Ao refletir sobre a experiência de universitários brasileiros e espanhóis acerca de entrelaçamentos dos cotidianos sociofamiliares e acadêmicos, numa perspectiva de saúde, estando distantes da família, os participantes desvelaram vivências, tanto de aproximação, mesmo em contextos culturais diferentes, quanto de distinção. Dentre as vivências que foram semelhantes, os universitários descreveram o sentimento de

recomeço diante da distância dos conflitos familiares, o que possibilitou uma liberdade para experimentar novos relacionamentos e a reconfiguração da rede social.

*Para mim é tranquilo estar distante da família, às vezes eu sinto que o problema sou eu, pelo fato do meu irmão já está trabalhando, ter constituído uma família, eu viro alvo da minha mãe, ela tem feito isso de estar querendo que eu me iguale a ele, isso me incomoda porque sou gay e a gente nunca teve cumplicidade de irmãos, de conversar, de sair juntos, sempre foi mais afastado e quando eu vim para cá eu senti uma liberdade maior de me relacionar, de ter relações homossexuais (Ivo, Brasil).*

*A situação da minha família é péssima, minha mãe me gritando sempre, meu pai me diz para eu arrumar um emprego, me bota fora de casa, ele tem insultado minha mãe, meu pai é um alcoólatra de (...), estou ótimo sem a minha família, o fato de ter ido embora de casa tem sido para mim como uma vida nova, como um “restart”, a universidade me encanta. Talvez a época de provas seja estressante, mas eu gosto e tenho percebido que aqui as pessoas são muito amáveis, estou tentando copiar isso, me dou bem aqui com todo mundo (Pablo, Espanha).*

Por outro lado, dentre as vivências que foram singulares aos estudantes brasileiros numa perspectiva de saúde, os universitários distantes do convívio familiar descreveram sentimentos positivos em relação ao futuro profissional, mesmo com uma rotina acadêmica ocupada e também significaram como maturidade a condição de reconhecerem as próprias reflexões como distintas das crenças parentais.

Assim, os participantes descreveram o sentimento de felicidade em perceber o futuro profissional iminente estando longe da família, porém ao mesmo tempo narraram o sentimento de medo de não conseguirem inserção no mercado de trabalho, resultando no retorno à casa dos pais para continuarem a depender financeiramente deles.

*Você se depara com a faculdade, com a rotina daqui corrida, mas cada dia é uma descoberta nova, é uma experiência para o futuro, você fica feliz, mas é desesperador ter essa sensação de eu ter que voltar para casa porque eu não consigo seguir minha vida em frente, não conseguir um emprego assim que terminar a faculdade, é um misto de sentimentos (Mel, Brasil).*

Os brasileiros revelaram ainda o reconhecimento de reflexões próprias acerca de temas mais subjetivos, como espiritualidade e escolhas, divergentes das posições familiares, porém significativos e oportunizados pela inserção universitária.

*Eu vim aqui para fazer uma coisa, então eu quero chegar no lugar que eu idealizei, eu não vou voltar para casa só com a graduação, a minha mãe não aceita, ela administra um hospital e ela idealizou que eu vou formar e vou voltar para casa e trabalhar no hospital que ela administra e viver com ela a vida inteira (Elis, Brasil).*

*Eu comecei a me questionar sobre algumas coisas por eu ter sido criada na igreja e aqui eu não tenho a mesma rotina de frequentar a igreja pelo fato do tempo, a minha mãe já comentou isso, como se fosse uma cobrança, ela acha que a faculdade mudou a minha cabeça, mas eu acho que é a maturidade, você vai questionando algumas coisas e aí você quer conhecer outras religiões e acaba que eu fico assim me questionando, mas isso para os meus pais não é algo tranquilo (Mel, Brasil).*

Assim, as experiências singulares de brasileiros acerca de expectativas positivas relacionadas ao futuro profissional e da possibilidade de expressar a individualidade e a autonomia longe da família puderam ser promotoras da saúde universitária.

### **Distanciamento familiar como condição de vulnerabilidade ao sofrimento universitário**

Dentre as vivências que foram semelhantes nos diferentes contextos socioculturais e que puderam reforçar uma condição de vulnerabilidade entre os

universitários, os estudantes descreveram: a saudade do apoio familiar, mesmo ao experimentarem liberdade e autonomia; a rotina acadêmica de sobrecarga e a necessidade de se inserir em mais grupos de pares e de trabalhos na Universidade, como um modo de reconfigurar a rede social diante da solidão; e as vivências de solidão e o descuido aos jovens na inserção universitária.

Assim, ao mesmo tempo em que as experiências dos participantes revelaram a satisfação com a liberdade, ao se encontrarem distantes da família, também lamentaram a falta do apoio familiar e o receio de perder membros e momentos importantes da família estando distantes.

*O positivo de estar longe da família é que existe uma relação de confiança com a minha mãe quando se trata de dizer o que estou fazendo aqui, mas a família tem que confiar em mim, estou me esforçando, buscando em mim o que é autonomia e tenho sido responsável; o negativo, é que, como estão distantes, se você ficar chateado por causa de uma prova não terá a sua mãe para lhe apoiar (Anita, Espanha).*

*Ao mesmo tempo em que a gente quer ganhar o mundo, ser independente, a gente fica com o coração pesado, aqui vem uma preocupação besta na cabeça, sabe? De estar deixando de aproveitar aquele tempo com a família e, às vezes, tem muita coisa lá, aniversário, almoço de família que eu não estou e eu penso assim como se a qualquer momento eu pudesse perder um deles e eu não estar lá (Téo, Brasil).*

Os estudantes narraram que, não obstante haver uma rotina acadêmica de sobrecarga, sentem a necessidade de se inserir em grupos e projetos de pesquisa/extensão da Universidade, a fim de facilitar a busca por pares nos momentos em que se encontram sozinhos.

*Tenho algumas amigas que são de outros cursos que não precisam dedicar tanto tempo aos estudos e podem se reunir mais vezes, e eu não; aqui, como estava no início,*

*me sentia sozinha, mas já troquei de grupo, agora só tenho amigos de Medicina, todos estamos sobrecarregados, não temos tempo, por isso me sinto bem (Paloma, Espanha).*

*A universidade tem muitos grupos, sempre tem algo para fazer, até por causa dos projetos, então isso facilita a gente conhecer outras pessoas, se aproximar, eu considero bom isso da faculdade, tenho uma rede de apoio social aqui (Lana, Brasil).*

Ademais, as descrições de vivências de sofrimento de estudantes relacionadas à inserção na Universidade desvelaram, também, um descuido aos jovens nesse contexto, o que pode ser agravado pela rotina acadêmica de sobrecarga, pela relação pouco satisfatória com os professores e pela distância do apoio familiar.

*No primeiro mês não é fácil, você está sem sua mãe, tudo é novo, a pessoa fica agoniada, não sabe como vão ser os professores, há professores que mostram que têm por vocação ensinar, que te ajudam, você vai mais relaxado para a prova, mas há outros que no final do semestre colocam todo o trabalho lá para você fazer e fica sobrecarregado, você não é ninguém, você é um número (Anita, Espanha).*

*No primeiro dia aqui eu me lembro que fiquei desesperada, não tinha ninguém, a rotina estressante, já tive enxaquecas, me alimento mal, acho que é a falta de tempo mesmo! E têm as práticas que, às vezes, sobrecarregam, têm professores que nos deixam bastante tranquilos e têm outros que reclamam com a gente na frente do paciente. Teve uma professora que bateu na mão de uma colega minha, às vezes toma alguma coisa da nossa mão ou empurra, a gente vai com medo (Lia, Brasil).*

Por outro lado, dentre as descrições singulares de estudantes brasileiros distantes da família, evidenciam-se vivências de competitividade e a necessidade de coabitação entre os universitários, o que pode colaborar para uma maior vulnerabilidade entre eles.

*Na convivência da faculdade eu acho que muitas pessoas têm essas questões em relação à nota, de querer ser melhor e aí tem esse sentimento competitivo na sala de*

*aula. Isso para mim é ruim, a pessoa deixa de ajudar o outro para receber o benefício sozinho e, às vezes, deixa de ter aquele sentimento de companheirismo, acaba sendo um sentimento de falsidade (Mel, Brasil).*

*Eu confesso que o que me incomoda mais é a competitividade na sala de aula e até a convivência em casa, eu acho que o meu maior problema não é a graduação em si, porque a gente sabe que é uma correria, o que me desestrutura toda é quando eu tenho algum desentendimento com a minha colega em casa, eu não consigo mais me concentrar para estudar, eu fico triste e não acerto mais fazer nada (Lia, Brasil).*

Em outro contexto, dentre as vivências que foram singulares aos espanhóis e que podem potencializar maior vulnerabilidade ao sofrimento, devido ao risco de comportamentos abusivos, os estudantes descreveram o uso de álcool, cigarro e maconha como modo de enfrentar a solidão, vivenciar o lazer com amigos e o descanso diante da rotina de estudos.

*Como fico tão sozinho, me passo fumando, eu também fumo maconha e esqueço tudo, quando fumo “porro” fico ansioso demais e também penso que as pessoas falam de mim, mas isso é somente quando fumo “porro” (Pablo, Espanha).*

*Sou fumante em momentos com amigos, álcool eu bebo quando vou para festa, mas fumar não dificulta a minha rotina acadêmica, apenas perco tempo, por exemplo, se estou na biblioteca, saio porque tenho que fumar, não é só por fumar, mas por sair para descansar (Juan, Espanha).*

Assim, enquanto as experiências singulares de coabitação e competição entre estudantes brasileiros distantes da família foram contributivas para uma maior vulnerabilidade ao sofrimento entre os jovens, os espanhóis recorreram ao consumo de drogas como um modo de vivenciar a solidão, o lazer social e até mesmo o descanso da

rotina de estudos em meio ao distanciamento familiar. No entanto, essa prática pode configurar um risco ao consumo habitual de drogas, com consequentes danos à saúde.

## **DISCUSSÃO**

As descrições dos participantes do estudo desvelaram a experiência do distanciamento familiar, tanto numa perspectiva de saúde, quanto de vulnerabilidade ao sofrimento dos universitários, e nos fizeram ver semelhanças e distinções entre os contextos socioculturais de brasileiros e espanhóis. Essas semelhanças e distinções acontecem, segundo o referencial merleau-pontyano, a partir do entrelaçamento da sensibilidade com a cultura, que implica na compreensão das experiências humanas que ora se aproximam mediante a partilha do que está no âmbito do sensível, e ora se distanciam, a partir dos diferentes aprendizados socioculturais promovidos pelos contextos de cada pessoa na intersubjetividade (Merleau-Ponty, 2015).

Assim, na perspectiva de saúde, dentre as vivências semelhantes em ambos os contextos, os universitários descreveram o sentimento de recomeço, de liberdade e de um afeto positivo na reconfiguração social diante da distância dos conflitos familiares. Dentre as vivências que foram consagradas aos estudantes brasileiros numa perspectiva de saúde, os universitários distantes do convívio familiar descreveram sentimentos positivos em relação ao futuro profissional; por outro lado, também se sentiram temerosos com a expectativa de regresso ao convívio parental para dependência financeira.

Além disso, os estudantes brasileiros desvelaram os sentidos de maturidade e singularidade próprias, mesmo em oposição às crenças parentais, sobretudo nas reflexões sobre espiritualidade e autonomia, como aspectos saudáveis da distância familiar com a inserção universitária.

É fato que as experiências dos jovens na Universidade coincidem com a fase de transição entre a adolescência e a vida adulta e, não obstante passarem a gozar de independência na exploração de novos contextos e papéis ao adentrar a Universidade na busca de oportunidades educacionais e de trabalho, ainda não dispõem dos atributos psicossociais da vida adulta (Salinas-Oñate et al., 2018; Biolcati et al., 2017). Essa condição pode gerar sentimentos ambíguos em suas vivências relacionadas à universidade, já que os jovens podem experimentar maior liberdade e autonomia e, ao mesmo tempo, ainda serem dependentes do suporte parental (Salinas-Oñate et al., 2018; Biolcati et al., 2017).

As descrições também desvelaram que, de um fundo contextual de dependência financeira, de conflitos e de oposições de crenças no convívio familiar, a perspectiva saudável da inserção universitária se tornou figura para os universitários e potencializou a experiência merleau-pontyana do *eu posso* ter “*uma liberdade maior para me relacionar*”, *eu posso* ter “*um restart*”, *eu posso* ter “*uma experiência para o futuro*”, *eu posso* “*chegar ao lugar que eu idealizei*”, *eu posso* perceber “*a maturidade*”.

Como o sujeito é o seu corpo à sua disposição e as suas possibilidades de vir a ser num campo de experiências (Carvalho et al., 2019), Merleau-Ponty (2015; 2012a) compreende que a ressignificação das vivências do sujeito resulta em tornar-se um *outro eu mesmo* ou *eu posso*, e ocorre a partir da experiência do corpo. Assim, a fala do corpo sensível, ao mesmo tempo em que é experiência, também é possibilidade de transcendência, de modo que, a cada nova vivência, um passado pode ser retomado e uma perspectiva de futuro pode surgir e com esta *um outro eu mesmo* (Merleau-Ponty, 2015; 2012a). Nesse sentido, a experiência de tornar-se *outro eu mesmo* constitui-se a partir da intersubjetividade e da relação com o mundo, sendo a linguagem a via de expressão do sujeito e sua implicação no mundo (Merleau-Ponty, 2015; 2012a).

Entrelaçando o olhar merleau-pontyano à literatura referente à temática em estudo, compreendemos que a atualização das vivências do *eu posso* de universitários numa perspectiva de saúde, estando distantes do convívio familiar conflitivo, converge com a possibilidade de resiliência, entendida como uma habilidade de adaptação às adversidades da vida e um significativo fator de proteção do sofrimento mental de jovens, independente do contexto cultural (Graner et al., 2018).

Outrossim, a experiência do *eu posso* dos jovens universitários implica no reconhecimento de coexistências, como também de singularidades, a exemplo da maturidade e da resiliência, que se desenvolvem na relação dialógica entre eles no cotidiano da vida acadêmica, com os docentes e com a própria família. Na leitura merleau-pontyana, a dimensão subjetiva do ser humano não o caracteriza como individual, separado do semelhante; ao contrário, lhe impõe vivências intercorporais, portanto, intersubjetivas. Assim, a pessoa que percebe é atividade e é passividade, é *eu* e é *outrem*, pois o sujeito histórico não é rigorosamente um projeto individual de si mesmo, mas é também um campo de coexistência humana e de projetos já feitos (Merleau-Ponty, 2015; 2012a).

Por outro lado, na condição de distanciamento familiar como vulnerabilidade ao sofrimento universitário, os estudantes brasileiros e espanhóis descreveram vivências semelhantes relacionadas à falta do apoio familiar, mesmo experimentando liberdade e autonomia; à busca de identificação com pares em grupos de trabalhos na Universidade como uma estratégia de constituição de rede de apoio social diante da solidão, mesmo com uma rotina acadêmica de sobrecarga; e à permanência dos jovens que vivenciam a solidão num ciclo de descuido no processo formativo, caracterizado pela rotina acadêmica de sobrecarga e pela relação pouco satisfatória com os professores.

Em acréscimo, as vivências singulares que potencializaram sofrimento nos estudantes brasileiros distantes da família se mostraram relacionadas à experiência da competitividade acadêmica e à necessidade de coabitação entre os universitários. No entanto, no contexto espanhol, as vivências singulares que podem potencializar sofrimento nos estudantes estão relacionadas ao risco do consumo habitual de álcool, cigarro e maconha, como modo de enfrentar a solidão e de vivenciar o lazer social e o descanso de estudos.

Refletimos que a família pode ser um importante contexto de promoção de competências psicossociais e de saúde aos jovens durante a formação profissional, seja no contexto brasileiro ou espanhol (Myers & Myers, 2015; Senna & Dessen, 2015). Contudo, o afastamento de vínculos familiares também repercute em sentimentos de solidão e na demanda de uma nova rede social entre universitários. A reconfiguração da rede social entre os universitários tanto pode ser de suporte e promotora da saúde, como também, reforçadora de vulnerabilidade entre os jovens, uma vez que o uso de drogas é um fenômeno muito associado ao contexto acadêmico com demandas de consumo de grupos sociais aí inseridos (Cokley et al., 2017; Oliveira & Dias, 2014).

Além da distância do apoio familiar ser uma condição de vulnerabilidade para universitários, a rotina acadêmica de sobrecarga de atividades no processo formativo pode proporcionar estresse e o desenvolvimento de transtornos afetivos, cansaço emocional e consumo abusivo de drogas entre os jovens europeus (Graner et al., 2018; Carvalho et al., 2016; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2015).

Assim, entre universitários brasileiros, as demandas relacionadas a lidar com professores autoritários; a morar com pessoas desconhecidas e negociar a divisão de tarefas com elas, o que ocorre quando os jovens necessitam morar longe da família e coabitar por questões econômicas; a cuidar de si mesmo e dos próprios pertences; e a

estar longe de amigos e parceiros românticos também podem contribuir para experiências estressantes e influenciar o desenvolvimento de transtornos depressivos (Graner et al., 2018; Hersi et al., 2017; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2015).

A partir das vivências de brasileiros e espanhóis desveladas na pesquisa, podemos compreender que universitários perceberam maior vulnerabilidade ao se distanciarem da família, quando esta oferecia um contexto de maior coesão e de suporte comunicativo e psicossocial na expressão de habilidades socioemocionais entre seus membros. Por outro lado, a literatura reflete que as experiências, em contextos culturais diversos, relacionadas à desintegração e alcoolismo familiares, podem reforçar trajetórias de comportamentos de risco entre os universitários, a exemplo do consumo habitual de drogas e de agressões e autoagressões físicas (Franco et al., 2017; Castaño-Perez & Calderon-Vallejo, 2014).

De acordo com as descrições dos participantes do estudo, compreendemos que o distanciamento do convívio familiar desintegrativo potencializou trajetórias de resiliência, de ajustamentos criativos entre universitários, o que poderia não ocorrer na proximidade das relações familiares conflituosas. Desse modo, retomamos o olhar merleau-pontyano em que as essências de vivências são matrizes inaparentes do ser sensível que desvelam ambiguidades perceptivas (Merleau-Ponty, 2015; 2012a).

Assim, num perfil em que se faz ver o visível, o que olha e orienta o sujeito, como as vivências de conquista de liberdade e autonomia com a inserção universitária dos jovens; também se mostra o invisível, o que o outro informa ao sujeito acerca do não visto, como o luto do apoio familiar com essa inserção. Ou ainda, no perfil em que ocorre, para os universitários, o visível do *eu posso* ter um recomeço, ter um futuro profissional e ter uma individualidade, também mostra o luto de relações familiares.

É nessa dinâmica de reversibilidade visível-invisível, figura-fundo que a experiência de universitários se mostrou nas descrições, como um todo intuitivo, reconhecendo o outro naquilo que era estranhamento e no que foi perdido por eles para cursarem uma formação profissional. Nessa perspectiva, a Gestalt, que são as essências carnis, ambiguidades perceptivas, na filosofia merleau-pontyana, também é a experiência do outro, do estranho, o que implica na ocorrência das diferentes vulnerabilidades a que os sujeitos estão submetidos por estarem lidando com o outro. Esse outro se anuncia na vivência do sujeito a partir da intersubjetividade e que, de algum modo, lhe oferece resistência na dimensão sensível e criação na dimensão do sociocultural (Merleau-Ponty, 2012b; Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007).

Por fim, diante desse panorama de condições do contexto acadêmico, que tanto pode promover a maior vulnerabilidade ao sofrimento entre universitários distantes de suas famílias, como também pode potencializar a resiliência entre eles, a Universidade tem urgência em oferecer abordagens de cuidado para o fortalecimento das comunidades discentes, haja vista o número crescente de jovens que descrevem suas dificuldades nas relações com a família, parceiros e colegas acadêmicos implicando em seus processos de adaptação à vida universitária (Hersi et al., 2017; Biolcati et al., 2017; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2015).

## **CONCLUSÃO**

As descrições dos participantes do estudo revelaram que o distanciamento do convívio familiar, tanto por parte de universitários brasileiros, como de espanhóis oportunizou recomeço de vida, liberdade e afeto positivo na reconfiguração social diante das relações familiares conflituosas, o que contribuiu para fortalecer os jovens. Para brasileiros, a percepção de distância do convívio familiar conflituoso possibilitou a

expectativa de um futuro profissional com independência financeira, e o reconhecimento de maturidade e singularidade próprias, que divergiram de crenças parentais e que, também, favoreceram o fortalecimento de universitários durante o processo formativo.

No entanto, as descrições também fizeram ver que o distanciamento familiar promoveu vulnerabilidade ao sofrimento entre os estudantes brasileiros e espanhóis quando perceberam a falta do apoio familiar mesmo experimentando liberdade e autonomia; a necessidade de busca de pares em mais grupos de trabalhos na Universidade como estratégia de constituição de rede de social diante da solidão, embora já tivessem uma rotina acadêmica de sobrecarga; e, um ciclo de descuido no processo formativo, caracterizado não só pelo sentimento de solidão e pela rotina acadêmica de sobrecarga, mas também pela relação pouco satisfatória com professores autoritários.

Para os brasileiros, a experiência da competitividade acadêmica e da necessidade de coabitação entre os universitários potencializou uma condição de sofrimento entre eles. Para os espanhóis, o risco do consumo habitual de álcool e outras drogas como modo de enfrentamento da solidão, de vivenciar o lazer social e de descansar da rotina de estudos pode tornar a distância do convívio familiar uma condição de vulnerabilidade ao sofrimento universitário.

Desse modo, ao mesmo tempo em que os universitários lançam um olhar de conquista para a faculdade e o futuro profissional iminente, visando a maior liberdade nas relações sociais, nas escolhas, no lazer, também são olhados por um luto, muitas vezes, ocasionado pela distância da família, e que não é levado em conta pelos docentes e profissionais técnicos universitários, talvez por não ser um evento objetivo. Reforçamos que as Universidades têm um importante papel na proposição de

abordagens de cuidado para estudantes, principalmente de natureza preventiva e intersubjetiva, baseadas em estratégias com foco no acolhimento dos diversos modos de ser e estar no mundo.

Como possível limitação, o presente estudo não se dedicou a resolver problemas e sim a conquistar uma matriz de essências de vivências fazendo ver a existência humana para além das teses científico-culturais, a partir de um novo perfil. A pesquisa de base fenomenológica em saúde tem sua significativa relevância por ressoar uma questão ético-política de acolhimento do que é estranho, do outro em sua alteridade diante das tentativas da ciência moderna de normalização da existência humana.

## REFERÊNCIAS

Ayán Pérez, C., Molina, A. J; Varela Mato, V., Cancela Carral, J. M., Barrio Lera, J., & Martín Sánchez, V. (2017). Relationship between tobacco consumption and sport practice among health and education science university students. *Enferm Clin.*, 27 (1), 21-27.

Biolcati, R., Agostini, F., & Mancini, G. (2017). Analytical psychodrama with college students suffering from mental health problems: Preliminary outcomes. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome*, 20, 201-209.

Bolsoni-Silva, A., & Loureiro, S. (2015). Social Skills of Undergraduates Without Mental Disorders: Academic and Socio-Demographic Variables. *Psico-USF*, 20(3), 447-459.

Cadarso Suárez, A., Dopico Calvo, X., Iglesias-Soler, E., Cadarso Suárez, C., & Gude Sampedro, F. (2017). Health related to quality of life and their relationship with

adherence to the mediterranean diet and physical activity at the university in Galicia.

*Nutr. clín. diet. hosp.*, 37(2), 42-49.

Carvalho, N. S., Ferré-Grau, C., Lluch-Canut, M. T., Serrano-Parra, D., Albarca, N., & Palomino, A. (2016). Trabajar las emociones mediante b-learning en los futuros profesionales de enfermería: Una experiencia diferente de promoción en salud mental. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental (Spe. 3)*, 51-56.

Carvalho, P.A.L., Malhado, S.C.B., Constâncio, T.O.S., Ribeiro, I.J.S., Boery, R.N.O., & Sena, E.L.S. (2019). Cuidado humano à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. *Texto Contexto Enferm.*, 28:e20170249.

Casa do Brasil. (2018). Nossa história. *Casa do Brasil*, Madrid, 10 jan. 2018. Recuperado 10 jan. 2018, do <http://www.casado brasil.es/>

Castaño-Perez ,G., & Calderon-Vallejo, G. (2014). Problems associated with alcohol consumption by university students. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.*, 22 (5), 739-46.

Chanakira, E., Goyder, E. C., Freeman, J. V., O'cathain, A., Kinghorn, G., & Jakubovic, M. (2015). Social and psychosocial factors associated with high-risk sexual behaviour among university students in the United Kingdom: a web-survey. *Int J STD AIDS*, 26 (6), 369-78.

Cokley, K., Smith, L., Bernard, D., Hurst, A., Jackson, S., Stone, S. et al. (2017). Impostor feelings as a moderator and mediator of the relationship between perceived discrimination and mental health among racial/ethnic minority college students. *J Couns Psychol.*, 64 (2),141-154.

Copez-Lonzoy, A., Villarreal-Zegarra, D., & Paz-Jesús, A. (2016). Propiedades psicométricas de la Escala de Comunicación Familiar en estudiantes universitarios. *Revista Costarricense de Psicología*, 35 (1), 37-52.

Franco, S.A. et al. (2017). Suicidio en estudiantes universitarios en Bogotá, Colombia, 2004-2014. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22 (1), 269-278.

Graner, K., Moraes, A., Torres, A., Lima, M., Rolim, G., & Ramos-Cerqueira, A. (2018). Prevalence and correlates of common mental disorders among dental students in Brazil. *PLoS ONE*, 13 (9), 1-11.

Guerrero-Castañeda, R.F., Menezes, T., & Ojeda-Vargas, M.G. (2017). Características de la entrevista fenomenológica en investigación en enfermería. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 38(2), e67458.

Hersi, L., Tesfay, K., Gesesew, H., Krahl, W., Ereg, D., & Tesfaye, M. (2017). Mental distress and associated factors among undergraduate students at the University of Hargeisa, Somaliland: a cross-sectional study. *Int J Ment Health Syst*, 11 (39), 1-8.

Kim, S., Kim, H., Lee, H., Lee, H., & Non, D. (2018). Effectiveness of a brief stress management intervention in male college students. *Perspect Psychiatr Care*, 54, 88–94.

Merleau-Ponty M. (2015). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Merleau-Ponty, M. (2012a). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.

Merleau-Ponty, M. (2012b). *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify.

Muller-Granzotto, M.J., Muller-Granzotto, R.L. (2007). *Fenomenologia e Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.

Myers, S.M., & Myers, C.B. (2015). The confluence of family and academic lives: Implications for assessment practices of college student learning in higher education institutions in the United States. *The Social Science Journal*, 52(4), 527-535.

Oliveira, C.T., & Dias, A.C.G. (2015). Dificuldades na Trajetória Universitária e Rede de Apoio de Calouros e Formandos. *Psico*, 45(2),187-197.

Salinas-Oñate, N., Baeza-Rivera, M., Escobar, B., Coloma, J., & Carreño, M. (2018). Predictores culturales y psicológicos de la búsqueda de ayuda psicológica en estudiantes universitarios. *Cultura-hombre-Sociedad*, 28 (1),79-101.

Sena, E.L.S., Gonçalves, L.H.T., Müller-Granzotto, M.J., Carvalho, P.A.L., & Reis, H.F.T. (2010). Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 3 (4), 769-75.

Senna, S.R.C.M., & Dessen, M.A. (2015). Reflexões sobre a saúde do adolescente brasileiro. *Psicologia, saúde e doenças*, 16(2), 217-229.

Souza, M.V.C., Lemkuhl, I., & Bastos, J.L. (2015). Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev. bras. epidemiol*, 18 (3), 525-537.

Ugwoke, S. C., Eseadi, C., Igbokwe, C. C., Chiaha, G. T. U.; Nwaubani, O. O., Orji, Chibueze Tobias et al. (2017). Effects of a rational-emotive health education

intervention on stress management and irrational beliefs among technical college teachers in Southeast Nigeria. *Medicine* (Baltimore), 96 (31), e7658.

Wanden Berghe, C., Martín Rodero, H., Rodríguez Martín, A., Novalbos Ruiz, J. P., Martínez De Victoria, E., Sanz Valero, J. et al. (2015). Quality of life and its determinants in Spanish University students of health sciences factors. *Nutr Hosp.*, 31 (2), 952-958.

## 5.2 SEGUNDO MANUSCRITO: ABORDAGEM GRUPAL DE CUIDADO A UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DISTANTES DA FAMÍLIA

Este manuscrito será submetido a *Archives of Psychiatric Nursing* e foi elaborado conforme as instruções para autores, disponíveis no link: <https://www.journals.elsevier.com/archives-of-psychiatric-nursing/>, consultadas em maio de 2019.

**Abordagem grupal de cuidado a universitários brasileiros distantes da família \***Sâmia de Carliris Barbosa Malhado<sup>1</sup>Edite Lago da Silva Sena<sup>2</sup>

1. Psicóloga. Discente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Jequié-BA, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0651-1835>
2. Enfermeira. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Jequié-BA, Brasil.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1236-8799>

Autora correspondente: Sâmia de Carliris Barbosa Malhado. Rua 11, Casa 100, Itaperi, Fortaleza-CE, Cep. 60761-350.

E-mail: [carliris@gmail.com](mailto:carliris@gmail.com), cel.: 85-99968-6010

\* Manuscrito extraído de um recorte da tese de doutorado intitulada “Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: matrizes fenomenológicas e abordagem de cuidado”, apresentada em setembro de 2019 ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA, Brasil, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## RESUMO

A pesquisa teve como objetivo compreender as experiências sociofamiliares, acadêmicas e terapêuticas de universitários brasileiros no próprio país e distantes da família de origem, antes e após a inserção deles na proposta da abordagem de cuidado do Grupo Laços. Estudo de natureza fenomenológica, na abordagem de Maurice Merleau-Ponty, realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil, no período de setembro a dezembro de 2018, com oito estudantes que se encontravam distantes de suas famílias de origem, por meio de Entrevista Individual Fenomenológica no início e ao final da implementação da abordagem grupal de cuidado proposta. O material resultante foi compreendido à luz da Analítica da Ambiguidade. As percepções dos universitários desvelaram entrelaçamentos dos contextos sociofamiliar, acadêmico, político e de saúde, bem como ambiguidades nas vivências acadêmicas e terapêuticas e ajustamentos criadores após inserção no Grupo Laços. O estudo fundamentou uma abordagem grupal de cuidado exitosa na promoção da saúde mental dentro da Universidade, pois possibilitou ressignificar experiências adversas no cotidiano sociofamiliar e acadêmico dos universitários distantes de suas famílias. Ademais, a pesquisa permitiu reconhecer a crise instaurada na Educação Superior.

Palavras-chaves: Saúde mental; Universidades; Relações familiares; Relações interpessoais; Filosofia.

## INTRODUÇÃO

As Universidades, enquanto mediadoras da construção de conhecimentos teórico-metodológicos e de práticas inovadoras, devem buscar dar relevo às perspectivas institucionais de cuidado humano a serem promovidas na área da saúde (Velloso et al., 2016). Assim, o presente estudo busca contribuir para a construção de uma proposta de abordagem grupal de cuidado a ser desenvolvida no âmbito acadêmico, de visão ampliada do ser humano na atenção à saúde mental de universitários, comprometendo-se com exercícios de cidadania e empoderamento de pessoas e coletivos (Pimentel et al., 2015).

Com efeito, a admissão na Universidade é uma experiência que traz desafios aos jovens, principalmente em relação à necessidade de os estudantes de desenvolverem um maior repertório comportamental (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2015). Assim, na inserção universitária, além do estresse relacionado aos desempenhos acadêmicos, os estudantes passam a assumir crescentes e complexas responsabilidades sem terem ainda domínio das habilidades da vida adulta, o que pode favorecer contextos de vulnerabilidades entre eles (Salinas-Oñate, Baeza-Rivera, Escobar, Coloma, & Carreño, 2018; Biolcati, Agostini, & Mancini, 2017).

Nessa perspectiva, a literatura destaca que o processo da adultez emergente entre os universitários caracteriza-os como um grupo vulnerável a apresentar sofrimento mental (Salinas-Oñate et al., 2018; Biolcati et al., 2017). A situação de vulnerabilidade entre os universitários relaciona-se às esferas socioeconômica e/ou emocional de sujeitos fragilizados em seus recursos pessoais e/ou externos, sendo um estado decorrente de vivências de perdas/privações/lutos emocionais, simbólicos, materiais e/ou somáticos e que produzem, portanto, sofrimento (Bernardo & Belmino, 2015).

Desse modo, no contexto universitário, abordagens profissionais para a promoção da saúde mental e de habilidades psicossociais podem favorecer comportamentos adaptativos entre universitários, antes mesmo de recorrerem à clínica psicológica individualizada, evitando o surgimento de crises depressivas, ansiosas e de ideação suicida, comuns entre os estudantes (Kim, Kim, Lee, Lee, & Non, 2018; Rondina, Piovezani, Oliveira, & Martins, 2018; Hersi et al., 2017).

Diante do exposto, o interesse em desenvolver o estudo emergiu de nossas vivências enquanto psicoterapeuta em clínica particular e colaboradora, a partir do nosso estágio em docência, na disciplina de Enfermagem em Atenção à Saúde Mental do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié, Brasil. Nessas vivências, pudemos perceber que muitos discentes relatavam sofrimento mental e buscavam apoio psicoterapêutico na instituição, gerando uma larga demanda de atendimentos ao Serviço de Psicologia da Universidade.

Portanto, ressaltamos que o estudo apresenta um caráter inovador e delinea-se na fundamentação e construção de uma proposta de abordagem grupal de cuidado para a promoção da saúde mental num contexto de pessoas distinto daqueles que já são amplamente investigados na literatura, mas que, de igual modo, demanda atenção e produção do cuidado, a saber: a Universidade e seus jovens profissionais em formação.

Assim, a presente pesquisa de abordagem merleau-pontyana (Merleau-Ponty, 2015; 2012a) e do cuidado integral (Sánchez-Gonzalez, 2017; Brasil, 2000) à saúde mental de universitários em situação de maior vulnerabilidade ao sofrimento apresentou a seguinte questão norteadora: como universitários brasileiros no próprio país e distantes de suas famílias de origem descrevem suas experiências sociofamiliares, acadêmicas e terapêuticas antes e após a inserção deles na abordagem grupal de cuidado denominada de Grupo Laços? Desse modo, o objetivo do estudo foi compreender as experiências sociofamiliares, acadêmicas e terapêuticas de universitários brasileiros no próprio país e distantes da família de origem, antes e após inserção deles na abordagem grupal de cuidado proposta.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

### **Desenho do estudo**

Trata-se de um estudo fenomenológico segundo o referencial de Maurice Merleau-Ponty (2015; 2012a), que busca compreender as ambiguidades das experiências humanas como essências de vivências, em que se entrelaçam sensibilidades, aprendizados e vários contextos. Nesse sentido, a própria existência humana é a potência do sujeito em seu movimento de reversibilidade figura-fundo/contexto, de transcendência de sentidos e de ressignificações de naturalismos cotidianos. O referencial merleau-pontyano se justifica no estudo por permitir a compreensão de vivências, ressignificações e contextos cotidianos de universitários distantes da família.

### **Cenário do estudo**

O estudo se originou com a inserção da autora no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da UESB, Brasil. A UESB é uma instituição pública multicampi, em que o campus situado na cidade de Jequié, cenário do estudo, é um reconhecido como polo de ensino superior nas áreas de Educação e Saúde (UESB, 2018).

### **Crítérios de seleção dos participantes**

A partir de nossa inserção no projeto de pesquisa “Terapia Comunitária Integrativa e Promoção da Saúde Mental em Universidades Estaduais”, desenvolvemos aproximação com os discentes. Assim, abordamos estudantes após as rodas de Terapia Comunitária Integrativa e nas salas de aula da Universidade, verificando aqueles que atendiam aos critérios de inclusão no estudo: estar regularmente matriculado na Universidade, ser maior de 18 anos de idade e vivenciar o afastamento do convívio familiar de origem.

### **Produção vivencial com os participantes**

Após verificarmos universitários que atendiam aos critérios de inclusão no estudo, acordamos com os mesmos um encontro individual em horário e local agendados na Universidade com o objetivo de prover explicação geral sobre a pesquisa e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o estudante sinalizar interesse em participar e assinar o TCLE, também desenvolvemos a Entrevista Inicial Individual Fenomenológica (EI) (Guerrero-Castañeda, Menezes, & Ojeda-Vargas, 2017).

A EI constituiu a primeira etapa de produção de descrições da pesquisa e constou de itens disparadores das vivências sociofamiliares, acadêmicas e de dados sociodemográficos e de saúde do discente. A EI buscou conhecer expectativas do universitário sobre a proposta de cuidado no grupo a ser formado, posteriormente, bem como temas, metodologias e recursos de interesse do estudante (Mello & Cardoso, 2017; Ribeiro, 2009). Ademais, a EI teve duração de cerca de 60 minutos e permitiu observação do potencial de adesão do universitário ao grupo, implicando em benefícios individual e coletivo (Ribeiro, 2009). Após esta etapa, agendamos o primeiro encontro do Grupo Laços.

O Grupo Laços foi desenvolvido em formato fechado à entrada de novos participantes, configurando-se em oito encontros semanais para a viabilização de um efetivo trabalho terapêutico (Ribeiro, 2009). Os encontros semanais duraram cerca 90 minutos e aconteceram em datas e local previamente reservados na Universidade. De modo geral, a partir de um roteiro flexível, iniciávamos os encontros convidando os participantes a desenvolverem um exercício de aquecimento, seguido da partilha da vivência do exercício e do que foi significativo para cada estudante durante a semana que antecedeu o encontro. Após essas etapas, convidávamos os universitários a desenvolver um exercício voltado ao aprofundamento do tema do dia, seguido do

convite à partilha da vivência do exercício e das reflexões suscitadas, relacionadas à temática. Após as reflexões, os participantes eram convidados a fazer uma retrospectiva do encontro, do que foi possível ser ressignificado e, por fim, pactuávamos o próximo. Destacamos que, na oportunidade das reflexões finais sobre a trajetória que trilhamos em nossos encontros, os participantes escolheram a denominação de "Laços" para o grupo, fazendo alusão aos vínculos por eles ali formados.

Nessa perspectiva, buscamos dar relevo à leitura aprofundada do que aconteceu no grupo e à potencialização de ressignificações vivenciais para promoção da saúde mental discente. Os temas foram refletidos na intercorporeidade das expressões humanas e na reversibilidade do corpo animado, que só está aberto para si, enquanto aberto ao outro e ao mundo (Merleau-Ponty, 2015; 2012a).

Após os encontros do Grupo Laços, foi agendada a segunda etapa de produção de descrições da pesquisa, mediante a Entrevista Final Individual Fenomenológica (EF) (Guerrero-Castañeda et al., 2017), que se constituiu como um momento de retomada das vivências sociofamiliares e acadêmicas e das experiências de inserção e avaliação da abordagem grupal de cuidado proposta no Grupo Laços. Em acréscimo, a EF funcionou como um momento de acompanhamento individual pós-desenvolvimento do Grupo Laços, uma vez que a sua finalização implicou, possivelmente, em perdas de vínculos construídos no grupo e de um ambiente seguro e acolhedor (Ribeiro, 2009). A EF buscou, ainda, oportunizar, se necessário, encaminhamentos de discentes aos serviços de saúde e socioassistenciais disponíveis no município e na própria instituição (Ribeiro, 2009).

Por fim, a EF ocorreu em data e horário previamente reservados na Universidade, com duração de cerca de 60 minutos, de modo que todo o processo de descrição vivencial da pesquisa ocorreu no período de setembro a dezembro de 2018.

### **Análise e tratamento dos dados**

As produções vivenciais foram compreendidas à luz da Analítica da Ambiguidade (Sena et al., 2010), cuja matriz teórico-filosófica são os escritos de Maurice Merleau-Ponty (2015; 2012a). Por meio desse método é possível compreender as descrições da experiência sensível e sociocultural emergentes da intercorporeidade entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Tal intercorporeidade se configura como campo de ocorrências, em constante e espontâneo movimento de reversibilidade figura-fundo/contexto, constituindo os perfis de ambiguidades de vivências revelados nas falas

de universitários. As leituras fluidas e repetidas das descrições, transcritas na íntegra, consistiram em experiências do aqui e agora da própria pesquisadora em interação com o texto, como ocorrências do campo vivencial, de onde surgem os fenômenos a partir de si mesmos.

### **Aspectos éticos**

O projeto foi submetido Comitê de Ética em Pesquisa e teve seu parecer favorável sob o número de protocolo 2.926.824/2018. Assim, a pesquisa foi conduzida com atenção às normas éticas com seres humanos. Utilizamos codinomes curtos e fictícios de pessoas para identificar as descrições produzidas e resguardar a confidencialidade dos participantes.

## **RESULTADOS**

Participaram do estudo oito universitários, sendo três do curso de Licenciatura em Teatro e cinco do curso de Enfermagem. As idades deles variaram entre 20 e 26 anos, dentre os quais dois eram do sexo masculino. Havia estudantes do primeiro ao último ano de formação, sete deles compartilhavam moradias com outro(s) estudante(s) e apenas uma residia com a irmã. Uma estudante era casada, os demais eram solteiros, todos sem filhos. Nenhum estudante apresentou vínculo empregatício. O investimento financeiro mensal necessário para estudar, estando longe da família, variou entre cerca de 400 e 800 Reais.

Salientamos que o presente artigo constitui um recorte da tese de doutorado da primeira autora intitulada “Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: matrizes fenomenológicas e abordagem de cuidado”, da qual derivaram três artigos. Assim, os resultados constam apenas das descrições dos participantes referentes aos objetivos desse artigo.

A partir das descrições, foi possível compreender, as experiências cotidianas e terapêuticas dos universitários nas seguintes categorias: *Experiências sociofamiliares e acadêmicas prévias e posteriores à abordagem grupal de cuidado*; *Experiências de avaliação da abordagem grupal de cuidado*.

### **Experiências sociofamiliares e acadêmicas prévias e posteriores à abordagem grupal de cuidado**

As vivências cotidianas sociofamiliares e acadêmicas dos universitários distantes da família foram descritas tanto na EI, como após os oito encontros do Grupo Laços, na ocasião da EF. Assim, sobre o cotidiano familiar, antes da inserção no Grupo Laços, os participantes relataram:

*Com meu esposo, quando a gente se casou eu já morava aqui (em Jequié), é difícil, há cobranças porque tem final de semana lá (em Ipiáu) que eu não posso fazer nada além de estudar (Isis).*

*Dependo da minha mãe financeiramente, ela já me perguntou quando vou me formar, trabalhar, isso me incomoda muito (Ivo).*

Desse modo, os universitários revelaram percepções de dificuldades em conciliar a vivência familiar com a acadêmica, além da situação de cobranças familiares relacionadas à dependência financeira do estudante. Já acerca das vivências do cotidiano social antes da participação no Grupo Laços, os universitários descreveram:

*Sou difícil de me relacionar, ter que morar com alguém me deixa desconfortável, fico pensando no que a pessoa está achando de mim, não sou de conversar, passo impressão de que não sou amigável, então, tenho preguiça de conhecer pessoas (Ivo).*

*Aqui a gente não sai, não faz nada além de estudar e é difícil dosar os estudos. Quando cheguei, me privei, quando estava criando um vínculo com alguém, eu cortava, eu chorava o tempo todo, não queria ficar aqui (Rute).*

Os participantes relataram dificuldades em morar com colegas e lidar com o julgamento social. Fizeram ver que isso ocorre, geralmente, pelo fato de se sentirem desmotivados a conhecer novas pessoas; sobrecarregados na rotina de estudos, com prejuízos de momentos de lazer e por não aceitarem morar longe da família. Já acerca das vivências do cotidiano acadêmico, os universitários descreveram, antes da participação no Grupo Laços:

*Já fiquei sem dormir e me alimentar, é comum, mas não penso ser normal, é a questão das demandas acadêmicas, como se a vida fosse proibida de acontecer aqui, aqui você vira robô e quando eu me percebo assim eu começo a odiar, as experiências de consciência, amizade são mais importantes do que o currículo (Teo).*

*Estou infeliz, essa estrutura acadêmica é o fator de eu estar atrasado, quando vem sobrecarga de trabalhos me recuso a passar a madrugada estudando, já cogitei desistir, ter que fazer algo sem alternativas me incomoda, ou você cumpre o que os professores obrigam ou você perde (Ivo).*

Nessas descrições, os universitários desvelaram que a rotina acadêmica não permitia experiências da vida autêntica, mas sim a robotização para a produção acadêmica, potencializando sentimentos negativos entre eles. Assim, a sobrecarga de trabalhos prejudicou vivências pessoais e gerou ódio, infelicidade e a desmotivação para avançar nas disciplinas e no curso, já que a Universidade reproduziu um ambiente de formação de currículos e rigidez, ao invés de experiências de consciência, vínculos, flexibilidade e autonomia. Por outro lado, posteriormente à participação no Grupo Laços, os relatos dos participantes, acerca do cotidiano familiar, apontaram:

*Meu cotidiano familiar está harmonioso, eu soube dividir meu tempo de estudo, de lazer e de estar com a família e os conflitos diminuíram, mas, como o curso está acabando, fico com medo de precisar de politicagem para conseguir trabalho (Isis).*

*Tenho medo de voltar para casa, vejo colegas que voltaram por que não encontraram trabalho e me vejo nessa situação (Ivo).*

Desse modo, não obstante alguns participantes relatarem que há harmonia nas relações familiares e que conseguem dividir o tempo conforme suas demandas, eles também afirmaram que a expectativa de necessitar de indicações políticas para conseguir trabalho ou de ter que voltar para casa dos pais sem independência financeira instaurou um sentimento de medo entre os universitários. Após os encontros do Grupo Laços, acerca do cotidiano social, os participantes relataram:

*Atualmente, estou coabitando com uma menina, procuro não entrar em conflito, mas têm coisas me incomodando, vou chamar para conversar; também, estou numa relação amorosa um pouco conturbada, mas me faz bem, não estou sozinho (Ivo).*

*Estou sentindo tranquilidade, todo fim de semana me permito o lazer, fiz novos amigos, me abri mais, sinto com alegria esse novo cotidiano social; também, vou fazer iniciação científica e não poderei ficar nas férias com minha família, se fosse antes não me permitiria estar aqui com outras pessoas (Rute).*

Desse modo, os participantes narraram a abertura ao convívio social e ao lazer, bem como à necessidade de dialogar e lidar com conflitos em novas relações sociais e amorosas, até mesmo para não se sentirem sozinhos. Também, as descrições apontaram sentimentos de bem-estar, tranquilidade e alegria pelo novo cotidiano social distante da família. Já em seus cotidianos acadêmicos, após a participação no Grupo Laços, os discentes destacaram:

*Esse ambiente é possibilidade positiva para crescer, eu já me descobri de várias formas; e negativa também, pelas demandas acadêmicas; quando fizemos a primeira*

*entrevista eu estava em depressão, mas de lá para cá enxerguei perspectivas positivas de trabalho e de fazer coisas na vida (Teo).*

*Meu desempenho foi até bom nesse semestre, mas tive dificuldade com um professor rígido, que não dava chance, pois tenho dificuldade para escrever, entregar nos prazos e ele ainda veio me falar que eu estava me prolongando aqui por isso (Ivo).*

Assim, os participantes perceberam ambiguidades nas vivências acadêmicas, as quais sinalizaram tanto possibilidades de descoberta e crescimento, como de dificuldades no manejo das demandas acadêmicas e das relações com professores. Outrossim, perspectivas positivas relacionadas às vivências pessoais e de trabalho acadêmico promoveram experiências de mobilização e saúde discente. Por outro lado, experiências mais rígidas com docentes reforçaram vulnerabilidades entre os estudantes.

### **Experiências de avaliação da abordagem grupal de cuidado**

Os universitários desenvolveram percepções de avaliação sobre a construção do Grupo Laços, a metodologia e os recursos utilizados, o desenvolvimento e aprofundamento das temáticas, a finalização do grupo, bem como as suas potencialidades e fragilidades, e, por fim, a facilitação do grupo.

Acerca da construção da proposta grupal, ressaltamos que, no encontro inicial, os participantes receberam uma lista com temas, metodologias e recursos sugeridos para serem desenvolvidos no Grupo Laços, os quais emergiram das falas dos próprios participantes durante as entrevistas iniciais. Desta forma, foram votados seis temas, em ordem decrescente de frequência de escolha, como aponta o Quadro 2. Dentre as metodologias e recursos de apoio à facilitação dos encontros, a maioria dos universitários destacou preferências pela dialogicidade, partilhas vivenciais e recursos de exercícios de criatividade e espontaneidade, os quais foram também especificados no Quadro 2, bem como os seus objetivos. Nessa perspectiva, no encontro inicial também pactuamos horários, datas, local de reuniões e o sigilo necessário ao trabalho de cuidado grupal.

Quadro 2. Descrição dos encontros, temas, recursos e objetivos desenvolvidos no Grupo Laços

Encontro	Recurso	Objetivo
Inicial: Construção coletiva da proposta grupal	Exercício de consciência corporal.	Desenvolver relaxamento e reduzir ansiedade.
	Exercício de expressão artística de si com massinhas coloridas.	Favorecer a apresentação de si e de expectativas relacionadas ao processo grupal.
	Votação de temas, metodologia e recursos.	Implantar e pactuar democraticamente a proposta grupal.
Tema 1: Enfrentamento de situações adversas e manejo de <i>stress</i> e emoções negativas	Exercício dramático da Criação de Máscara Coletiva.	Fomentar o reconhecimento do eu e a experiência do outro.
Tema 2: Enfrentamento da ansiedade pela incerteza do futuro	Jogo Dramático do Tibitá.	
Tema 3: Expectativas do futuro profissional e auto-avaliação de como o estudante se inseriu e como deseja sair da Universidade	Exercício dramático do Siga o Chefe.	
Tema 4: Enfrentamento da pressão da rotina acadêmica, bem como estratégias de organização	Criação de Máscaras Pessoais.	Potencializar atualização de experiências e projeções
	Jogos dramáticos do Aponte o que Ouviu e da Percepção de Si e do Outro.	Aprofundar a experiência individual e coletiva.
Tema 5: Sentido da vida	Oficina sobre metas de aprendizagens.	Promover o reconhecimento da gestão de metas de aprendizagem; de expectativas positivas; de custos relacionados ao tempo, esforço e utilidade da aprendizagem e de automotivação ao longo do semestre.
	Exercício dramático Uma Fruta, Um Esporte, Uma Música.	Potencializar a experiência de si, do outro e do mundo e a atualização de experiências.
Tema 6: Enfrentamento da distância da família	Expressão escrita de questionamentos acerca do sentido da vida.	
Final do Grupo Laços	Narrativa Coletiva de uma história	
	Livre escolha	Favorecer a percepção de emoções no processo grupal e a partilha do que cada um aprendeu com o outro e com o coletivo.
	Oficina de <i>feedback</i> e despedida	

Fonte: elaborado pelas autoras

Assim, os universitários avaliaram a construção do Grupo Laços, a exemplo da descrição a seguir:

*Eu gostei de a gente ter sugerido os temas na entrevista individual e de ter votado no grupo. Tinha um tema que contemplava cada um, me identifiquei com todos os temas e depois de ouvir as falas no grupo, todos foram bem escolhidos (Eva).*

O Grupo Laços permitiu a identificação dos universitários com os temas pela construção democrática da proposta. Já sobre metodologia e recursos utilizados, eles descreveram as seguintes avaliações:

*Eu sabia que a metodologia e os recursos tinham objetivos, mas eles acessavam a gente sem a gente perceber, a gente se expressava com muita facilidade (Mel).*

*No exercício da história coletiva, onde a cadeira azul teve que mudar de cor por causa do papel de parede, refleti como a gente muda nosso jeito de ser para gerar aceitação; e quanto mais estou em espaços acolhedores, mais vou amadurecendo (Ivo).*

Os universitários confirmaram a facilidade de expressão a partir do diálogo, da partilha de vivências e reflexões e dos recursos coletivos de expressão e jogos dramáticos utilizados no Grupo Laços. Acerca da experiência de aprofundamento das temáticas nos encontros seguintes do Grupo Laços, foi relatado:

*Os temas da família e do sentido da vida foram significativos, nessa época teve uma menina que tentou se matar no banheiro daqui e me levou a refletir que eu também estava perdendo muita coisa importante estando sempre focada na faculdade (Rute).*

Assim, no desenvolvimento das temáticas, algumas geraram reflexões mais profundas, a exemplo da pressão do cotidiano acadêmico e suas implicações nas vivências de família e de projetos de vida da estudante. Já acerca do último encontro, no qual refletimos sobre aprendizados e emoções desveladas no Grupo Laços, foi relatado:

*Foi bom para a gente começar a perceber o que do outro nos toca e como a gente também toca o outro, para que a gente perceba, nesse mundo de gestos, o que a gente faz sem perceber e que chama atenção e toca a vida (Teo).*

Portanto, com a finalização da abordagem grupal de cuidado, os universitários reconheceram que os próprios gestos e atitudes, assim como dos outros, podiam se influenciar mutuamente e implicar em vida, em sentidos. Já sobre as avaliações do potencial terapêutico do Grupo Laços, os universitários descreveram:

*No processo do grupo consegui me posicionar melhor e resolver problemas nas minhas relações fora do grupo, tendo cuidado; foi importante reavaliar como a gente se tratava e tratava o outro, como se cuidava; procurei me perceber mais (Eva).*

*Foi bom saber que as pessoas sentem parecido, aí eu já não me sentia excluída no meu sofrimento, quando eu falava para as pessoas e escutava me fazia ver um jeito de lidar com aquilo que era difícil, fui levando como aprendizado (Mel).*

As falas dos universitários desvelaram as potencialidades terapêuticas do Grupo Laços no que se referiram à resolução de conflitos nas relações sociais; à maior percepção de si; à reavaliação pessoal de atitudes consigo e com o outro, bem como de cuidado de si e do outro; à identificação e inclusão social diante do sofrimento; e, por

fim, a novas aprendizagens para enfrentamento de situações adversas No que concerne às fragilidades do Grupo Laços, os universitários avaliaram o seguinte:

*Seria melhor um grupo mais heterogêneo, para conhecer situações mais diferentes e se eu não conhecesse ninguém no grupo seria melhor (Eva).*

*Eu achava que teria mais leitura psicológica, já que somos leigos, acho que todos deveriam estar por dentro da reflexão da Psicologia (Teo).*

*Imaginei que a gente ia ter nosso momento de lazer social, a gente está tão acostumada a ficar nas salas de aula, seria como se a gente estivesse mais livre (Bela).*

Assim, os universitários perceberam como fragilidades do Grupo Laços o fato de este ter sido composto apenas por estudantes de dois cursos, onde eles eram conhecidos entre si. Isso limitou o grupo em experimentar situações mais diversas e na expressão de conflitos. Ademais, o Grupo Laços careceu de lazer social fora da Universidade e de uma maior discussão psicológica sobre as vivências universitárias. Acerca da avaliação da facilitação do Grupo Laços, os universitários descreveram:

*A condução foi sensível, você não cortava a gente e o fato de você entrar na nossa foi legal, o grupo não era formal, tinha um roteiro, mas foi acontecendo (Eva).*

*A gente colocava as situações e tinha um retorno seu de provocações, de reflexão, de buscar resolver. Você dava opções, era flexível e estava no lugar de não só pensar no que eu estava expondo, mas também nos outros, que tinham outras situações, e você contemplou uma atenção a todos. Além disso, as outras pessoas, sem saber, ajudavam nessa facilitação, porque havia identificação, apoio do grupo (Ivo).*

Dessa forma, os universitários significaram como positivos: as atitudes facilitadoras relacionadas à sensibilidade de escuta e pontuação; a abertura ao grupo; a horizontalidade nas relações; o planejamento com flexibilidade; a adaptação dos recursos e oferta de alternativas; a atenção flutuante e a coparticipação do grupo na facilitação de processos individuais.

## **DISCUSSÃO**

Os resultados do estudo desvelados nas descrições dos participantes, relativas às experiências cotidianas sociofamiliares e acadêmicas de universitários distantes de suas famílias, fizeram ver perfis de ambiguidades e ajustamentos criadores dos estudantes na retomada das experiências cotidianas após inserção e avaliação grupal. Na perspectiva

da leitura merleau-pontyana, compreendemos os perfis de ambiguidades como essências de vivências em que se mostram aprendizagens e sensibilidades, além da mútua implicação de diversos contextos do estudante (Merleau-Ponty, 2015; 2012a).

### **Experiências sociofamiliares e acadêmicas prévias e posteriores à abordagem grupal de cuidado**

Antes da inserção no Grupo Laços, os universitários distantes da família relataram dificuldades relacionadas a conciliar as demandas familiares com as acadêmicas e à dependência financeira parental. Acerca das vivências do cotidiano social, os universitários manifestaram dificuldades em compartilhar moradias com pessoas desconhecidas e em manejar o julgamento social nas relações, além de se mostrarem desmotivados ao envolvimento em novas relações sociais, a permanecer longe da família e ao lazer social, por se sentirem sobrecarregados pela rotina acadêmica.

Já com relação às vivências acadêmicas, os universitários revelaram que a sobrecarga de trabalhos produziu neles experiências de automatização para a produção acadêmica. Isso potencializou sentimentos de ódio e infelicidade, atrasos e desistência na formação profissional entre os universitários, pois perceberam que a Universidade reproduzia um ambiente de formação de currículos e rigidez, ao invés de um ambiente de conscientização, vínculos, flexibilidade, autonomia e promoção de saúde.

Assim, a partir de uma leitura merleau-pontyana acerca das vivências do campo fenomenal dos universitários antes de suas inserções no Grupo Laços, compreendemos que a atenção à existência da pessoa enquanto fonte de espontaneidade e horizonte de possibilidades pode estar sendo negligenciada em detrimento da necessidade institucional de produção curricular, fragilizando experiências saudáveis (Merleau-Ponty, 2015).

Com efeito, é a partir do horizonte de possibilidades do estudante que se faz ver figuras e contextos que lhes são significativos, o que torna seus posicionamentos espaciais, temporais e intersubjetivos elementos de um processo de reconhecimento da própria subjetividade e modos de transcendência (Melo, Araújo, Bloc, & Moreira, 2016; Merleau-Ponty, 2015; 2012a). Contudo, como apontam as descrições dos universitários antes da inserção no Grupo Laços, contextos de intersubjetividade que configuram rigidez nos processos de apropriação subjetiva e de percepção de possibilidades podem comprometer vivências sociofamiliares e acadêmicas saudáveis.

Ao entrelaçarmos a discussão fenomenológica às teses da literatura, compreendemos que os universitários suscitam vulnerabilidades por não terem a independência emocional e financeira em relação à família. Porém, eles possuem independência na exploração de contextos e papéis, assim como de oportunidades educacionais e de trabalho (Salinas-Oñate et al., 2018; Biolcati et al., 2017).

A literatura também chama atenção ao fato de que os universitários que não percebem relacionamentos sociais satisfatórios, que moram distantes de suas famílias e que são de nível socioeconômico baixo, como desvelaram as descrições dos participantes da pesquisa, têm grande probabilidade ao desenvolvimento de sofrimento mental, pois enfrentam mais desafios estressores para a própria manutenção na Universidade (Graner et al., 2018; Hersi et al., 2017).

Estudos também revelam que os universitários que experimentam dificuldades na coabitação podem expressar sofrimento mental, tanto por não ter habilidades para manejar a alta demanda de tarefas interpessoais, como por necessitar de maior regulação e acolhimento familiares, reforçando a vulnerabilidade de discentes distantes da família (Copez-Lonzoy, Villarreal-Zegarra, & Paz-Jesús, 2016).

Além disso, os universitários que vivenciam situações de constante estresse pela sobrecarga de trabalhos acadêmicos durante o processo formativo, principalmente entre aqueles da área da saúde, como ocorreu a alguns participantes da pesquisa, também estão mais propensos ao desenvolvimento de transtornos afetivos, cansaço emocional e consumo de álcool e outras drogas (Carvalho et al., 2016).

Nas entrevistas finais, após o Grupo Laços, os universitários desvelaram novas percepções sociofamiliares e um perfil de ambiguidades nas vivências acadêmicas. Assim, acerca do cotidiano familiar, participantes revelaram ter conseguido conciliar as demandas familiares com as acadêmicas pela melhor adequação do tempo às suas diversas necessidades. Por outro lado, as expectativas de não conseguir trabalho sem indicação política e a continuidade de dependência financeira em relação à família provocaram medo do futuro entre os estudantes, que permaneceu mesmo após reflexões no Grupo Laços.

Em relação ao cotidiano social, os universitários desvelaram sentimentos de bem-estar, tranquilidade e alegria por terem experimentado maior abertura ao convívio social, ao lazer e ao diálogo. Também, perceberam as ambiguidades das vivências acadêmicas, as quais sinalizaram possibilidades de autodescoberta e crescimento, assim como dificuldades no manejo das demandas acadêmicas e nas relações com professores.

Portanto, enquanto perspectivas otimistas relacionadas às vivências pessoais e acadêmicas promoveram experiências de mobilização e de saúde entre os universitários, os relacionamentos que os mesmos estabeleceram com docentes de posturas didáticas mais rígidas reforçaram vulnerabilidades entre os participantes.

Mediante a leitura merleau-pontyana, compreendemos que nos entrelaçamentos das vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários se mostraram ambiguidades e outros contextos significativos, tais como o político e o de saúde. Esses entrelaçamentos correspondem às reciprocidades de articulação dentro-fora da experiência humana, não somente como troca eu-outro ou eu-mundo, mas também como troca de mim e do mundo, do corpo fenomenal e do corpo objetivo, como identidade nas diferenças (Merleau-Ponty, 2012a).

Desse modo, na intercorporalidade, os envoltimentos eu-outro-mundo implicam em identidade nas diferenças, em passagem do eu para o outro e do eu para o mundo, o que potencializa o *outro eu mesmo*, também na diferença dos idênticos (Carvalho et al., 2019; Merleau-Ponty, 2012a). Assim, nas relações entrelaçadas e simultâneas de contextos e pessoas abre-se um horizonte de temporalidade e de possibilidades nas vivências do corpo próprio do ser universitário, como desvelou o presente estudo. Portanto, o jovem inserido na Universidade pode tornar-se um *outro eu mesmo* ser universitário a partir de suas experiências com o corpo do outro e com o mundo, nas mudanças perceptivas e nas manifestações do seu ser sensível (Merleau-Ponty, 2012a).

Ademais, segundo a leitura merleau-pontyana, percebemos que a subjetividade, enquanto manifestação da temporalidade, origina-se no ser sensível e na dinâmica intercorporal em que os sujeitos se diferenciam como singularidades, num complexo espontâneo de reversibilidade entre os dados da percepção e a participação na coexistência humana (Merleau-Ponty, 2012a).

Dessa forma, foi possível compreender aspectos saudáveis na (inter)subjetividade do aqui e agora das vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários, a partir de suas descrições sobre harmonia, bem-estar, tranquilidade, alegria e autodescoberta; assim como, também, aspectos de sofrimento, principalmente, nas figuras emergidas de contextos relacionais e político, como se fizeram ver nas descrições de rigidez e medo entre eles. Assim, a vivência de medo envolvendo os projetos de futuro de universitários, mesmo após reflexões no Grupo Laços, pode indicar a necessidade de atenção específica à saúde mental de jovens em seu último ano de formação.

A leitura merleau-pontyana nos permitiu convergir às teses da literatura, que sustentam o argumento de que algumas das principais demandas das vivências de universitários, capazes de potencializar sofrimento entre eles, são os modos de estabelecer relação com a autoridade, na figura do professor; de compreender seus próprios limites e de lidar com a rotina de estudos (Rondina et al., 2018).

De todo modo, os processos de autorreflexão gerados pela partilha de experiências e emoções na abordagem grupal de cuidado proposta possibilitaram a promoção de atitudes resilientes acerca de experiências adversas entre os universitários, o que é significativo em trabalhos terapêuticos grupais (Carvalho et al., 2016). Nesse sentido, a promoção da vida na Universidade pode ocorrer no incentivo aos espaços livres, críticos e dialógicos que privilegiem o ser universitário e o ser docente em seus aspectos relacionais, sensíveis e existenciais (Santos & Almeida-Filho, 2009).

### **Experiências de avaliação da abordagem grupal de cuidado**

No que refere às percepções de avaliação do Grupo Laços, os universitários desvelaram a identificação deles com os temas sugeridos individualmente e escolhidos conjuntamente para as vivências terapêuticas, de modo que alguns geraram reflexões mais profundas, tais como o do sentido da vida e do enfrentamento da distância familiar relacionados às vivências acadêmicas. Além do mais, os universitários avaliaram a facilidade de autoexpressão e autorreflexão a partir da metodologia dialógica de partilhas de vivências e dos recursos de exercícios coletivos de criatividade e espontaneidade. Ao término dos encontros do Grupo Laços, os universitários reconheceram que gestos e atitudes se entrelaçaram nos integrantes do grupo, o que resultou em abertura e sentido à vida.

Outrossim, sobre as potencialidades terapêuticas do Grupo Laços, os universitários avaliaram que o mesmo proporcionou resolução de conflitos nas relações sociais em diversos contextos; ampliação da percepção de si; reavaliação pessoal de atitudes consigo e com o outro, bem como de cuidado de si e do outro; identificação e inclusão social diante do sofrimento; e, por fim, aprendizagens para enfrentamento de adversidades. Por outro lado, os universitários perceberam como fragilidades do Grupo Laços o fato de ter sido composto apenas por estudantes de dois cursos, em que esses já se conheciam, o que dificultou ao grupo explorar situações mais diversas e a expressar mais conflitos, mesmo que tivéssemos reforçado sobre a importância do sigilo grupal

sobre as experiências relatadas. Também, os participantes avaliaram que o Grupo Laços necessitou de maior discussão psicológica sobre as vivências universitárias, apesar de que explicávamos sobre dúvidas emergentes no grupo acerca de processos psicológicos. Em acréscimo, o Grupo Laços necessitou planejar lazer social extramuros da Universidade.

Os universitários significaram como positivas as atitudes facilitadoras relacionadas à sensibilidade na escuta e na provocação de reflexões; à abertura ao grupo; à horizontalidade nas relações; ao planejamento flexível; à adaptação dos recursos e oferta de alternativas; à atenção flutuante e à coparticipação do grupo na facilitação.

A partir de uma leitura merleau-pontyana sobre a avaliação da abordagem grupal de cuidado proposta, compreendemos que o mesmo cumpriu uma função terapêutica ao possibilitar ressignificações e mudanças de comportamento em contexto de intersubjetividade e acolhimento das diferenças. Segundo Merleau-Ponty, o comportamento é um todo enquanto um ser bruto, uma Gestalt. Por sua vez, a Gestalt é a experiência da fala, do outro, do estranho, o que implica nas diferentes possibilidades de transcendência e de resistência a que os universitários estão submetidos em seus contextos vivenciais, seja nas suas relações com outros estudantes, seja com familiares ou professores (Merleau-Ponty, 2012a; Muller-Granzotto, Muller-Granzotto, 2007).

Portanto, a Gestalt permite ao universitário a articulação de um corpo perceptivo com um mundo sensível nas interrelações humanas, as quais ora são conflitivas e vulnerabilizam os sujeitos às resistências, perdas e falta pela experiência com o outro, ora são criadoras de ganhos e possibilidades existenciais. De onde se segue que, mediante a Gestalt, as vivências temporais de passado e futuro se diferenciem pela expressividade da experiência do outro no aqui e agora, a qual oferece resistência ao eu e anuncia o estranho e a falta, alcançando a criação (Merleau-Ponty, 2012b; Muller-Granzotto, Muller-Granzotto, 2007). Assim, a depender do modo como os universitários percebem e significam suas experiências intersubjetivas e seus posicionamentos espaciais e temporais com esse outro estranho, eles expressam comportamentos que refletem saúde ou sofrimento, sempre a partir de ajustamentos criadores.

Desse modo, compreendemos que o Grupo Laços, no seu formato de encontros, metodologia, recursos e facilitação, proporcionou benefícios pessoais e coletivos ao promover atitudes de acolhimento do estranho e da falta e a abertura dos universitários ao outro, aos contextos e às possibilidades de si mesmos, implicando em ajustamentos

criadores mais fluidos e saudáveis (Merleau-Ponty, 2012b). No entanto, a abordagem de cuidado proposta no Grupo Laços apresentou fragilidades nos momentos em que os universitários reconheceram a necessidade de maior ampliação de aberturas; tanto de si ao outro em suas diversidades e conflitos, como aos diferentes territórios além da Universidade e aos entrelaçamentos do ser sensível com as aprendizagens científico-culturais (Merleau-Ponty, 2012b).

Nessa perspectiva de entrelaçamentos do ser sensível com o mundo das aprendizagens, retomamos a literatura científica para ressaltarmos que o Grupo Laços convergiu com pesquisas de experiências exitosas com grupos, na medida em que o mesmo ocorreu a partir de uma implantação democrática no aqui e agora de universitários, mesmo que tivéssemos um roteiro prévio para facilitação (Mendonça & Brito, 2019). Além do mais, as experiências grupais de cuidado consideradas exitosas são capazes de potencializar os processos de autorregulação emocional; de protagonização da vida; de (re)construção de identidades e autoestima; e, de olhar o passado e o presente e planejar o futuro, buscando superar esquemas rígidos que levam ao sofrimento mental, assim como buscou a proposta do Grupo Laços (Biolcati et al., 2017).

Desse modo, os participantes avaliaram que refletir sobre o sentido da vida e o enfrentamento da distância familiar foi profundamente significativo no ambiente acadêmico, o que também foi observado em outros estudos de abordagens de cuidado desenvolvidos com universitários (Biolcati et al., 2017; Hersi et al., 2017; Carvalho et al., 2016). Outrossim, os exercícios coletivos, oficinas e jogos dramáticos utilizados no Grupo Laços (Mendonça & Brito, 2019; Coelho, Veloso, & Barros, 2017; Barrios & Uribe, 2017; Navea-Martín & Suárez-Riveiro, 2017; Yozo, 2016; Ribeiro, 2009) foram recursos desenvolvidos para favorecer um ambiente de intersubjetividade e de ensaio livre, espontâneo e expressivo de ajustamentos criadores aos participantes, sem que os mesmos se sentissem objetivados por práticas tecnicistas.

Acerca das fragilidades do Grupo Laços, a literatura discute que as vivências de identificação possibilitam a troca de particularidades entre os participantes de grupos mais homogêneos, realçando as suas necessidades para o planejamento terapêutico mais focado à demanda grupal (Ribeiro, 2009). Todavia, no presente estudo, os participantes revelaram a necessidade de um trabalho terapêutico em um grupo mais heterogêneo, em que a única condição de distanciamento familiar entre eles já poderia gerar processos de identificação, bem como a aproximação com experiências mais distintas.

A promoção da saúde mental no território das pessoas e com ênfase na psicoeducação coaduna-se às perspectivas inovadoras do cuidado extramuros institucionais, as quais fomentam crenças culturais mais positivas sobre os trabalhos em saúde mental, como fizeram ver as expressões dos participantes do estudo sobre a necessidade de maior discussão psicológica das vivências universitárias e de lazer social fora da Universidade (Salinas-Oñate et al., 2018; Cuevas-Cancino & Moreno-Pérez, 2017; Constantidinis & Andrade, 2015).

De todo modo, no Grupo Laços, houve o desenvolvimento de atitudes facilitadoras terapêuticas, concordando com os trabalhos grupais fundamentados na fenomenologia (Mendonça & Brito, 2019; Ribeiro, 2009). Além disso, os participantes do grupo puderam se fortalecer não só com as atitudes facilitadoras terapêuticas, mas, também ao perceber a identificação do grupo consigo e receber o apoio e compreensão do coletivo, o que também converge com a literatura acerca da cofacilitação grupal (Carvalho et al., 2016).

Por fim, diante das descrições produzidas, refletimos que, numa perspectiva sociocultural, a Universidade pode estar atuando em convergência com a Revolução Industrial, reconduzindo jovens de suas comunidades a cidades mais desenvolvidas para servirem às tecnologias, sob a crença de que isso seja um processo unicamente vantajoso ao estudante (Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007). Porém, a partir de uma perspectiva sensível, na inserção universitária também há processos de vulnerabilidades, perdas e sofrimentos na relação do estudante com o *outrem*, no sentido radical da fenomenologia, ou seja, com a falta e seus traumas (Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007).

A ausência da família, por exemplo, muitas vezes é dessa ordem traumática, mas que em ambientes acolhedores e espontâneos, como propôs o Grupo Laços, essa ausência pode ser ressignificada na atualização de possibilidades de jovens universitários frente às suas vulnerabilidades. Assim, os ajustamentos criadores que os universitários desenvolvem em suas experiências acadêmicas, sociofamiliares e demais contextos ocorrem pela fala, pela falta, pela ambiguidade, pelo gesto e que produzem a singularidade e a expressão humana criadora (Merleau-ponty, 2012a; Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007).

Por fim, o Grupo Laços constituiu uma ação em que o passado e o futuro configuraram campos de presença e excitações do outro, de modo que os ajustamentos desenvolvidos pelos universitários criaram (re)configurações temporais

vividas no campo intersubjetivo (Bernardo & Belmino, 2015; Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007). Ressaltamos que a análise gestáltica dos grupos, de base fenomenológica fundamenta-se no direito de cidadania e na ética do que é o outro, na acolhida do que e como ele afeta, produzindo efeitos nos laços sociais que devem ser ampliados para promover saúde, assim como buscamos na abordagem grupal de cuidado proposta no presente trabalho (Bernardo & Belmino, 2015; Muller-Granzotto & Muller-Granzotto, 2007).

## CONCLUSÃO

Concluimos que a proposta do Grupo Laços possibilitou ressignificar experiências adversas no cotidiano sociofamiliar e acadêmico dos universitários distantes de suas famílias e inseridos no Grupo Laços, o que confirmou que o trabalho grupal proposto foi capaz de se constituir como um espaço de promoção da saúde mental aos estudantes submetidos às vulnerabilidades no âmbito da Universidade. As descrições dos participantes do estudo revelaram significativos entrelaçamentos dos contextos sociofamiliar, acadêmico, político e de saúde. Ademais, os universitários desvelaram ambiguidades nas vivências acadêmicas e terapêuticas, além de ajustamentos criadores em suas experiências cotidianas após inserção e avaliação no Grupo Laços.

Assim, antes da inserção no Grupo Laços, os universitários apontaram dificuldades em conciliar as demandas familiares com as acadêmicas; em depender financeiramente da família; em coabitar uma mesma casa; em lidar com o julgamento social, com a reconfiguração e com o lazer social; em permanecer longe da família e em manejar a rotina acadêmica. Outrossim, destacaram que a rotina de sobrecarga acadêmica pode potencializar sentimentos negativos, fazendo com que alguns se tornem desmotivados, ao ponto de atrasar o curso ou desistir da formação profissional, pois perceberam a Universidade como um ambiente unicamente de produção acadêmica e rigidez.

Após inserção no Grupo Laços, os universitários manifestaram capacidade de conciliar demandas familiares com as acadêmicas, mediante a melhor gestão do tempo. Por outro lado, as expectativas de não obter emprego por não gozar de indicações políticas e de continuar a depender financeiramente dos pais provocaram medo entre

eles. No entanto, relataram sentir bem-estar, tranquilidade e alegria por terem experimentado maior abertura à vida, ao convívio e lazer social e ao diálogo.

Assim, os estudantes perceberam as ambiguidades das vivências acadêmicas, as quais tanto sinalizaram possibilidades de autodescoberta, crescimento, mobilização e saúde como também de dificuldades no manejo das demandas de trabalhos e nas relações com professores mais rígidos, os quais reforçaram vulnerabilidades entre os participantes.

Sobre as percepções de avaliação do Grupo Laços, os universitários desvelaram identificação e aprofundamento reflexivo com os temas voltados às vivências terapêuticas. Confirmaram, também, a facilidade de autoexpressão e autorreflexão a partir da metodologia dialógica de partilhas de vivências e dos recursos de exercícios coletivos de criatividade e espontaneidade. Ao término do Grupo Laços, os universitários reconheceram o entrelaçamento das atitudes individuais e do grupo promovendo uma maior abertura aos sentidos da vida.

Além do mais, os universitários avaliaram que a abordagem grupal de cuidado do Grupo Laços contribuiu para a resolução de conflitos nas relações sociais; a ampliação da percepção de si; a reavaliação pessoal de atitudes consigo e com o outro, bem como de cuidado de si e do outro; a identificação e a inclusão social diante do sofrimento; e, por fim, as aprendizagens sobre enfrentamento de adversidades. Por outro lado, os universitários perceberam como fragilidades do Grupo Laços a pouca heterogeneidade do grupo e o não desenvolvimento de ampla discussão psicológica em saúde mental e de momentos de lazer social extramuros da Universidade.

Os universitários significaram positivamente as atitudes facilitadoras relacionadas à sensibilidade na escuta e na provocação de reflexões; à abertura ao grupo; à horizontalidade nas relações; ao planejamento flexível; à adaptação dos recursos e oferta de alternativas; à atenção flutuante e à coparticipação do grupo na facilitação.

Como limitações do estudo, sinalizamos que as descrições produzidas configuraram um grupo específico de universitários em vulnerabilidade, principalmente, pela distância familiar, em que a maioria dos estudantes era proveniente da área da saúde. Assim, fazemos a ressalva de que, possivelmente, os universitários que compuseram o Grupo Laços, a princípio, se encontravam mais mobilizados ao cuidado da própria saúde mental ou à participação na atividade acadêmica de pesquisa em si.

De todo modo, os resultados do presente estudo mostraram o seu potencial por permitir agregar conhecimentos teórico-filosóficos e práticos às interlocuções da saúde

mental com o contexto universitário. Nessa perspectiva, mesmo que a fenomenologia não se cumpra a utilitarismos tecnológicos, nesse estudo, ela permitiu fundamentar ações intersubjetivas e criadoras que possibilitaram desenvolver uma abordagem grupal exitosa de cuidado ao ser universitário em diferentes vivências de saúde e vulnerabilidade ao sofrimento.

Assim sendo, a presente pesquisa promoveu discussões que remetem ao reconhecimento de uma crise instaurada nas Universidades, a qual perpassa a produção institucional de (inter)subjetividades pelo estabelecimento de relações de poder e opressão sobre os distintos modos de existir no Ensino Superior, pela ausência de políticas e práticas em saúde e cidadania ao jovem em formação e pela tendência ao enquadramento científico-político de estudantes e docentes no contexto universitário.

## REFERÊNCIAS

- Barreto, A.P. (2008). *Terapia comunitária: passo a passo*. Fortaleza: LCR.
- Barrios, A. H., & Uribe, A.C. (2017). Adaptación y validación del inventario de estrategias de autorregulación en estudiantes universitarios. *Suma Psicológica*, 24, 9-16.
- Bernardo, Jucimara Gonçalves, & Belmino, Marcus César de Borba. (2015). Políticas Públicas em Saúde E Clínica Gestáltica: Tecendo Saberes e Prática Políticas Públicas em Saúde E Clínica Gestáltica: Tecendo Saberes e Prática. *IGT na Rede*, 12(22), 67-91.
- Biolcati, R., Agostini, & F.. Mancini, G. (2017). Analytical psychodrama with college students suffering from mental health problems: Preliminary outcomes. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome*, 20, 201-209.
- Bolsoni-Silva, A. & Loureiro, S. (2015). Social Skills of Undergraduates Without Mental Disorders: Academic and Socio-Demographic Variables. *Psico-USF*, 20(3), 447-459.
- Brasil. (2000). *Sistema Único de Saúde (SUS): princípios de conquistas*. Brasília, Ministério da Saúde, Secretaria Executiva.
- Carvalho, N. S., Ferré-Grau, C., Lluch-Canut, M. T., Serrano-Parra, D., Albarca, N., & Palomino, A. (2016). Trabajar las emociones mediante b-learning en los futuros profesionales de enfermería: Una experiencia diferente de promoción en salud mental. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* (Spe. 3), 51-56.
- Carvalho, P.A.L., Malhado, S.C.B., Constâncio, T.O.S., Ribeiro, I.J.S., Boery, R.N.O., & Sena, E.L.S. (2019). Cuidado humano à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. *Texto Contexto Enferm.*, 28:e20170249.

Coelho, R.S., Veloso, T.M.G., & Barros, S.M. (2017). Oficinas com Usuários de Saúde Mental: a Família como Tema de Reflexão. *Psicol. Cienc. Prof.*, 37 (2), p. 489-499.

Constantidinis, T., & Andrade, A. (2015). Demanda e oferta no encontro entre profissionais de saúde mental e familiares de pessoas com sofrimento psíquico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20 (2), p. 333-342.

Copez-Lonzoy, A., Villarreal-Zegarra, D., & Paz-Jesús, A. (2016). Propiedades psicométricas de la Escala de Comunicación Familiar en estudiantes universitarios. *Revista Costarricense de Psicología*, 35 (1), 37-52.

Cuevas-Cancino, J.J., & Moreno-Pérez, N.E. (2017). Psicoeducación: intervención de enfermería para el cuidado de la familia en su rol de cuidadora. *Enfermería universitaria*, 14(3), 207-218.

Graner, K., Moraes, A., Torres, A., Lima, M., Rolim, G., & Ramos-Cerqueira, A. (2018). Prevalence and correlates of common mental disorders among dental students in Brazil. *PLoS ONE*, 13 (9), 1-11.

Guerrero-Castañeda, R.F., Menezes, T., & Ojeda-Vargas, M.G. (2017). Características de la entrevista fenomenológica en investigación en enfermería. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 38(2), e67458.

Hersi, L., Tesfay, K., Gesesew, H., Krahl, W., Ereg, D., & Tesfaye, M. (2017). Mental distress and associated factors among undergraduate students at the University of Hargeisa, Somaliland: a cross-sectional study. *Int J Ment Health Syst*, 11 (39), 1-8.

Kim, S., Kim, H., Lee, H., Lee, H., & Non, D. (2018). Effectiveness of a brief stress management intervention in male college students. *Perspect Psychiatr Care*, 54, 88–94.

Mello, A. R. C., & Cardoso, C.J. (2017). Metodologias, recursos e estratégias didáticas para o ciclo da alfabetização no contexto do PNAIC em Mato Grosso: aspectos conceituais e práticos. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 12 (1), 151-167.

Melo, A.K., Araújo, V. V., Bloc, L. & Moreira, V. (2016). A experiência do tempo em Merleau-Ponty: contribuições para a fenomenologia clínica. *Interações em Psicologia*, 20 (1), 10-19.

Mendonça, B. I. O., & Brito, M. A. Q. (2019). Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 25(1), 26-37.

Merleau-Ponty M. (2015). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Merleau-Ponty, M. (2012a). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.

Merleau-Ponty, M. (2012b). *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify.

- Muller-Granzotto, M.J., Muller-Granzotto, R.L. (2007). *Fenomenologia e Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.
- Navea-Martín, A., & Suárez-Riveiro, J.M. (2017). Estudio sobre la utilización de estrategias de automotivación en estudiantes universitarios. *Psicologia Educativa*, 23, 115-121.
- Petrovic, K. (2017). The Benefits of Taekwondo Training for Undergraduate Students: A Phenomenological Study. *Societies*, 7(27), 1-20.
- Pimentel, E. C. et al. (2015). Ensino e Aprendizagem em Estágio Supervisionado: Estágio Integrado em Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 39 (3), 352 -358.
- Ribeiro, J. (2009). *Gestalt-terapia de curta duração*. São Paulo: Summus.
- Rondina, R.C., Piovezani, C.A.T., Oliveira, D.C., & Martins, R.A. (2018). Queixas psicológicas e consumo de drogas em universitários atendidos em núcleo de assistência. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.*, 14(2), 99-107.
- Salinas-Oñate, N., Baeza-Rivera, M., Escobar, B., Coloma, J., & Carreño, M. (2018). Predictores culturales y psicológicos de la búsqueda de ayuda psicológica en estudiantes universitarios. *Cultura-hombre-Sociedad*, 28 (1), 79-101.
- Sánchez-González, Miguel Ángel. (2017). El humanismo y la enseñanza de las humanidades médicas. *Educ Med.*, 18 (3), 212-218.
- Santos, B.S., & Almeida-Filho, J. (2009). *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Editora: Almedina.
- Sena, E.L.S., Gonçalves, L.H.T., Müller-Granzotto, M.J., Carvalho, P.A.L., & Reis, H.F.T. (2010). Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 3 (4), 769-75.
- Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, UESB. (2018). *Histórico*. Governo do Estado da Bahia, Ascom, Jequié, 19 dez. 2018. Disponível em: <http://www2.uesb.br/historico/> Acesso em: 19 dez. 2018.
- Velloso, M. P. et al. (2016). Interdisciplinaridade e formação na área de saúde coletiva. *Trab.Educ.Saúde*, 14 (1), 257-271.
- Yozo, R. (2016). *100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. São Paulo: Ágora.

### 5.3 TERCEIRO MANUSCRITO: AMBIGUIDADES NAS VIVÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS EM INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

Este manuscrito será submetido à Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (REUSP), elaborado conforme as instruções para autores, disponíveis no link: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0080-6234&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0080-6234&lng=en&nrm=iso), consultadas em maio de 2019.

**Ambiguidades nas vivências de universitários brasileiros em intercâmbio internacional\***

Sâmia de Carliris Barbosa Malhado<sup>1</sup>

Miguel Ángel Sanchez González<sup>2</sup>

Edite Lago da Silva Sena<sup>3</sup>

3. *Psicóloga. Discente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Jequié-Ba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0651-1835>*
2. *Médico. Docente da Facultad de Medicina, Departamento de Medicina Preventiva, Salud Pública y Historia de la Ciencia, Universidad Complutense de Madrid, Madri, Espanha.*
4. *Enfermeira. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Jequié-Ba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1236-8799>*

Autora correspondente: Sâmia de Carliris Barbosa Malhado. Rua 11, Casa 100, Itaperi, Fortaleza-CE, Cep. 60761-350.

Contatos: [carliris@gmail.com](mailto:carliris@gmail.com); 85-99968-6010

\* Manuscrito extraído de um recorte da tese de doutorado intitulada “Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: matrizes fenomenológicas e abordagem de cuidado”, apresentada em setembro 2019 ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA, Brasil, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## RESUMO

As experiências de estudantes em mobilidade no mundo demandam compreensão para embasar práticas de saúde mental na Universidade. **Objetivo:** Compreender a experiência de universitários brasileiros distantes do contexto familiar de origem e em intercâmbio na Espanha, acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos. **Método:** Estudo fenomenológico fundamentado no referencial de Maurice Merleau-Ponty, realizado na *Universidad Complutense de Madrid (UCM)*, Espanha, com seis universitários brasileiros em intercâmbio. A produção das descrições vivenciais ocorreu no período de outubro de 2017 a janeiro de 2018 por meio da Entrevista Individual Fenomenológica, e o material resultante foi compreendido à luz da Analítica da Ambiguidade. **Resultados:** Os participantes do estudo desvelaram essências ambíguas nos modos de operarem ganhos e perdas nas experiências sociofamiliares relacionadas ao senso de responsabilidade e socialização com outros estudantes, bem como no cotidiano acadêmico de adaptação ao idioma, de rotina de estudos e de produção acadêmica. **Conclusão:** A Universidade necessita dar apoio às distintas comunidades discentes em seus processos de adaptação intercultural à vida universitária.

Descritores: Saúde mental; Universidades; Relações familiares; Relações interpessoais; Filosofia.

## INTRODUÇÃO

A Universidade constitui um contexto de vivências em que os universitários necessitam aprender habilidades emocionais e cognitivas para lidarem com as demandas sociais e da rotina de estudos, as quais se influenciam mutuamente e podem favorecer o adoecimento de estudantes como, por exemplo, a ocorrência de crises depressivas, de ansiedade, de abuso de drogas, de ideações suicidas, dentre outras <sup>(1-2)</sup>.

As pesquisas desenvolvidas mostram que os principais desafios relacionados às vivências de universitários dizem respeito à sobrecarga de trabalhos acadêmicos; a falar em público em sala de aula; a cuidar de si mesmos e dos próprios pertences; a estar longe de referências sociais e familiares; e, a administrar a própria renda <sup>(3-4)</sup>.

A Universidade tem a importante tarefa de oferecer orientação e apoio às comunidades discentes, auxiliando-as em seus processos de adaptação à vida universitária, principalmente em dificuldades relacionadas ao cotidiano de estudos e às interações sociofamiliares <sup>(5-7)</sup>. As interações familiares merecem destaque nos trabalhos

de orientação e apoio aos estudantes dentro da Universidade, pois tais interações podem favorecer a promoção de habilidades emocionais, relacionais, dialógicas e de projetos existenciais entre seus membros para o desenvolvimento profissional <sup>(8-9)</sup>.

A literatura ainda sublinha a importância de trabalhos de acolhimento intercultural na Universidade, para a promoção da saúde mental de estudantes em mobilidade no mundo <sup>(2,10-11)</sup>. Vale ressaltar o impacto das perspectivas culturais relacionadas à concepção de saúde, pois diferentes visões culturais de mundo retratam distintas compreensões acerca da saúde e de trabalhos com foco no bem estar de estudantes em experiências de intercâmbio <sup>(2,10)</sup>. Com efeito, enquanto universitários brasileiros associam a percepção de saúde à possibilidade de conciliar o tempo destinado às demandas acadêmicas com aquele direcionado ao lazer, por exemplo; os universitários espanhóis associam a percepção de saúde à satisfação com a autoimagem <sup>(12-13)</sup>.

Portanto, as implicações psicossociais e de saúde das experiências de mobilidade de jovens estudantes no mundo, cada vez mais comuns na contemporaneidade, precisam ser acolhidas, compreendidas e respeitadas, já que o ser universitário é um sujeito cultural, sensível e intersubjetivo e a Universidade é um importante contexto de fortalecimento da ética, da cidadania e da saúde numa perspectiva global <sup>(10-11)</sup>.

O interesse em desenvolver este estudo emergiu de nossa própria experiência como estudante de pós-graduação em mobilidade no mundo, a partir da vivência de estágio doutoral na *Universidad Complutense de Madrid* (UCM), Espanha. Nessa vivência pudemos refletir, na intersubjetividade, experiências de vulnerabilidades nas trajetórias de jovens em intercâmbio internacional, principalmente as relacionadas ao distanciamento dos laços familiares, como ratifica a literatura <sup>(1,5)</sup>.

Diante do exposto, o estudo se configurou a partir da seguinte questão de pesquisa: como universitários brasileiros distantes do contexto familiar e em intercâmbio internacional vivenciam seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos? Na perspectiva de responder à questão, o objetivo do estudo consistiu em compreender a experiência de universitários brasileiros distantes do contexto familiar e em intercâmbio na Espanha acerca de seus cotidianos sociofamiliares e acadêmicos.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

### **Natureza do estudo**

O estudo fundamenta-se na abordagem filosófica de Maurice Merleau-Ponty <sup>(14-15)</sup> acerca da experiência perceptiva. O autor descreve sobre o modo como opera a

percepção humana, utilizando o discurso sobre o *corpo próprio* ou corpo-sujeito, que se encontra em constante relação dialógica com um campo de possibilidades e se configura como processo ambíguo, mediado pelos entrelaçamentos de dimensões visíveis e invisíveis, dada a natureza sensível e sociocultural do sujeito <sup>(14,16)</sup>.

Os aspectos sensíveis são inerentes ao ser no mundo e considerados anteriores e independentes de deliberações humanas; mesmo que se manifestem ao sujeito como sensíveis, não pressupõem a subjetividade para existir <sup>(15)</sup>. Assim emergiu o interesse em estudar o tema desse artigo, como um sensível que se desvelou na reflexividade; e essa dimensão conduziu-nos ao referencial teórico-filosófico para compreender as vivências de universitários brasileiros intercambistas no exterior.

### **Cenário do estudo**

O estudo foi desenvolvido no cenário espanhol, na ocasião de estágio doutoral na Espanha, a partir de nossa inserção no Curso de Língua Espanhola do *Programa de Lenguas para Internacionalización, Departamento de Lingüística aplicada a la Ciencia y la Tecnología* da *Universidad Politécnica de Madrid* (UPM) e de visitas realizadas ao *Colegio Mayor Casa do Brasil*. Ambas as instituições estão inseridas na Cidade Universitária, a qual está adscrita à *Universidad Complutense de Madrid* (UCM). Em tempo, a Casa do Brasil oferece suporte e moradia a estudantes e pesquisadores brasileiros e espanhóis <sup>(17)</sup>.

### **Crítérios de seleção dos participantes**

No contexto espanhol, abordamos estudantes universitários brasileiros nos corredores da Casa do Brasil, bem como nos corredores e salas de aula da UPM, os quais atendiam aos critérios de inclusão como participantes no estudo: estar regularmente matriculado na Universidade, tanto no Brasil como na Espanha; ser maior de 18 anos de idade e estar distante do convívio familiar de origem.

### **Produção vivencial**

Com universitários brasileiros em intercâmbio na Espanha que atendiam aos critérios de inclusão no estudo e que demonstraram interesse em participar, foram agendados encontros com cada um deles, em local reservado tanto na UPM quanto na Casa do Brasil, onde explanávamos sobre a proposta de estudo. No mesmo encontro, efetuávamos a leitura e a solicitação de assinatura do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE) para a participação na pesquisa. Após a assinatura, desenvolvíamos a Entrevista Individual Fenomenológica (EIF)<sup>(18)</sup>, em idioma português, com duração de cerca de 50 minutos e que permitiu a produção de descrições vivenciais dos participantes no período de outubro de 2017 a janeiro de 2018.

A EIF constou de temas disparadores relacionados com os objetivos do estudo, de itens para a descrição de dados sociodemográficos e de tópicos sobre as condições gerais de saúde do discente, de modo que a entrevista foi conduzida com enfoques nos perfis sensível e cultural de um mesmo fenômeno, assim como no *corpo próprio* e na reversibilidade perceptiva figura-fundo<sup>(14-15)</sup>.

### **Análise das descrições vivenciais**

O processo de compreensão das descrições ocorreu por meio da Analítica da Ambiguidade<sup>(19)</sup>, estratégia que se sustenta no pensamento filosófico de Maurice Merleau-Ponty<sup>(14,15)</sup>. Consistiu, portanto, em analisar as vivências compartilhadas pelos participantes considerando-as como experiências perceptivas, as quais ocorrem sempre do ponto de vista de quem as vivem, como ocorrências de campo, que ora se mostram na dimensão sensível e invisível, e ora se revelam na dimensão sociocultural e visível.

Após transcrições das entrevistas gravadas na íntegra, foram efetuadas leituras fluidas das produções vivenciais, com o intuito de que os fenômenos se mostrassem em si mesmos num campo de ocorrências, o qual incluiu a nossa percepção como pesquisadora em interação com o texto escrito. Por conseguinte, a análise ocorreu tendo em vista o constante e espontâneo entrelaçamento visível-invisível, ganhos-perdas, que constituíram perfis de ambiguidades presentes nas descrições dos participantes.

### **Aspectos éticos**

O estudo foi submetido ao *Comité Ético de Investigación Clínica del Hospital Clínico San Carlos, Madrid, España* e foi aprovado com o código interno 17/444-E, ano 2018. Desse modo, a pesquisa seguiu as normas éticas com seres humanos ao buscar garantir a confidencialidade dos relatos através da escolha aleatória de codinomes curtos e fictícios para identificar as descrições produzidas pelos participantes da pesquisa.

## **RESULTADOS**

Participaram do estudo seis universitários brasileiros em intercâmbio na cidade de Madri, Espanha. Dentre os participantes, apenas uma era do sexo feminino. As idades

deles variaram entre 22 e 24 anos. Acerca da moradia em Madri, um dos estudantes vivia em um quarto individual alugado na Casa do Brasil, os demais compartilhavam apartamento alugado com outros universitários brasileiros e estrangeiros. Todos os participantes desenvolviam estudos de intercâmbio na Espanha vinculados ao curso de graduação em Engenharia Civil e Territorial da UPM. No Brasil, os participantes universitários estavam vinculados aos cursos de Engenharia Civil ou Mecânica e eram provenientes da Universidade de São Paulo (USP) ou da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os participantes estavam em seu penúltimo ou último ano de graduação no Brasil.

Os universitários brasileiros na Espanha eram vinculados ao Programa de Intercâmbio da Rede Magalhães/SMILE (*Student Mobility in Latin América, Caribbean and Europe*) e não recebiam bolsa de estudos, porém eram dispensados do pagamento das taxas da UPM referentes à matrícula e créditos das disciplinas em curso. O investimento financeiro mensal relatado por eles para se manterem em intercâmbio na UPM variou de 750 a 1500 Euros.

Em tempo, a Rede Magalhães/SMILE é um consórcio de Universidades da Europa, da América Latina e do Caribe que tem como principal objetivo estimular o intercâmbio de estudantes de graduação entre tais Universidades, nas áreas de Engenharia, Arquitetura e Educação Física. Os universitários intercambistas são considerados estudantes da Universidade anfitriã e têm os créditos reconhecidos pela Universidade de origem <sup>(20)</sup>.

Ressaltamos que o presente estudo é um recorte da tese de doutorado da primeira autora intitulada "Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários brasileiros e espanhóis: matrizes fenomenológicas e abordagem de cuidado", da qual derivaram três artigos. Para atender os objetivos do estudo, os resultados apresentados constam apenas das descrições dos participantes que reportaram sobre a temática.

Assim, o processo de compreensão das descrições vivenciais dos universitários nos fez ver dois eixos temáticos, os quais designamos: *Ambiguidades nas vivências de responsabilidade e socialização entre universitários no exterior*; e *Ambiguidades nas vivências acadêmicas entre universitários no exterior*.

### **Ambiguidades nas vivências de responsabilidade e socialização entre universitários no exterior**

Ao refletirmos sobre a experiência de universitários brasileiros em intercâmbio na Espanha acerca dos seus cotidianos sociofamiliares, os participantes do estudo desvelaram ambiguidades correspondentes a ganhos e perdas nas experiências de senso de responsabilidade estando distantes da família:

*Como reflexo de uma família superprotetora, sempre quis essa experiência e aqui estou tendo essa oportunidade de ser mais responsável; aqui eu consigo ditar meu ritmo e conhecer meus limites. O positivo dessa experiência é a liberdade que você ganha ao tomar suas próprias decisões, criando um senso de responsabilidade, o negativo é que você tem que se planejar a todo momento (Eric).*

*A gente só vira adulto quando sai da casa dos pais, isso é legal, mas o lado negativo é que acaba tendo o impacto da nossa própria gestão financeira (Rui).*

*Me gerou ansiedade quando eu cheguei aqui, porque eu estava longe dos meus pais, mas percebi que tinha que seguir em frente e fazer as minhas coisas também. Agora, fico preocupado com a minha rotina aqui, eu gosto de planejar as coisas e isso me estressa um pouco (Fred).*

Assim, nesses relatos, por um lado, aparece o perfil em que o universitário experimentou ganho no senso de responsabilidade e nas vivências de adulez e autonomia, com maior liberdade pela distância do convívio familiar. Por outro lado, os relatos mostraram que a aquisição de responsabilidade também se constituiu como algo desafiador para o estudante, pois demandou o autoplanejamento frequente da rotina cotidiana e a autogestão financeira, o que resultou na percepção de pouco relaxamento pessoal na experiência de intercâmbio.

Quanto às vivências de socialização entre os universitários brasileiros em intercâmbio no exterior, também se desvelou um perfil de ambiguidades nas relações estabelecidas com outros intercambistas brasileiros, estrangeiros e com os espanhóis:

*Tenho colegas do Brasil aqui, mas vim alugar um quarto individual na Casa do Brasil, queria conhecer mais espanhóis, a rotina de uma cultura diferente (Gael).*

*A rede de apoio que tenho em Madri é só de estudantes brasileiros e as amizades de intercâmbio com brasileiros são fortes pelas dificuldades em comum que passamos por aqui. A minha relação com os espanhóis é apenas acadêmica, e não há esforço nosso para fazer amigos estrangeiros (Rui).*

*O positivo da rede de apoio daqui é que conheci mais estudantes brasileiros que ajudaram na adaptação, o negativo é não ter amizade com espanhóis (Suzy).*

Enquanto algumas descrições mostraram o interesse de estudantes brasileiros numa maior aproximação com universitários estrangeiros e espanhóis, com o intuito de experienciar maior socialização e ganhos nos aprendizados socioculturais, outras descrições fizeram ver os ganhos da rede de apoio social nas relações estabelecidas unicamente com intercambistas brasileiros, especialmente no que se referiu à adaptação dos estudantes. As descrições mostraram ainda que a solidez dos laços desenvolvidos entre os universitários brasileiros durante a experiência de intercâmbio ocorreu por processos de identificação entre eles.

Também, enquanto descrições mostraram a percepção de universitários brasileiros acerca do desinteresse ou da dificuldade de inserção no grupo de espanhóis, até mesmo por causa do idioma espanhol, outras descrições desvelaram a abertura de estudantes espanhóis e brasileiros ao convívio com os intercambistas, como corroboram os relatos:

*Aqui eu fiz cursos de espanhol, e foi o diferencial para que eu não fizesse só amizades com brasileiros; a minha rede social aqui é mais de estrangeiros, que não são espanhóis; é bom conhecer pessoas de culturas diferentes, você tem um maior potencial de aprender. Com os espanhóis é difícil se enturmar, eles têm um grupo fechado (Alex).*

*Aqui já conheci muitos brasileiros, se não fosse isso seria difícil a minha adaptação e, com todo respeito, não faço questão de fazer amigos espanhóis, talvez seja por causa da língua, você não se sente confortável (Eric).*

*No início das aulas os espanhóis de um grupo de extensão foram dar as boas-vindas para a gente, apresentaram a faculdade, convidaram para sair, mas eu nunca participei, não interagi com eles (Suzy).*

Os universitários brasileiros ainda refletiram em seus relatos quanto à interação entre estudantes locais e estrangeiros durante as experiências de intercâmbio nas Universidades:

*Existe pouca interação entre os locais e os estrangeiros, acho que isso acontece de uma forma global, quando a gente recebe estudantes de intercâmbio no Brasil não criamos laços com eles, há guetos que não se misturam nas Universidades (Rui).*

*Só falo com intercambistas de outros países na faculdade, não tenho interação com espanhóis e foi uma coisa que eu refleti, porque lá no Brasil a gente via também os intercambistas estrangeiros, mas a gente não interagia, a gente já tinha o nosso grupo de amigos formado na faculdade (Suzy).*

*No Brasil, se chega alguém de fora em intercâmbio a gente procura interagir e oferecer ajuda, mas aqui isso não acontece (Eric).*

A partir dessas descrições percebemos ambiguidades nas experiências de universitários brasileiros ao interagirem com estudantes estrangeiros, seja na Universidade de origem ou na Universidade anfitriã. Assim, enquanto estudantes brasileiros perceberam uma maior abertura aos universitários estrangeiros no Brasil, outros perceberam que os estudantes brasileiros participam de grupos mais fechados às relações sociais com estudantes estrangeiros nas Universidades brasileiras. As descrições dos estudantes também revelaram que a pouca interação entre universitários brasileiros e estrangeiros constitui um fenômeno global, em que na Universidade se instalam diferentes coletivos socioculturais de estudantes com interrelação frágil.

### **Ambiguidades nas vivências acadêmicas entre universitários no exterior**

No que refere às vivências do cotidiano acadêmico de universitários brasileiros em intercâmbio na Espanha, os participantes do estudo também desvelaram ambiguidades relacionadas a ganhos e perdas:

*Sempre quis fazer intercâmbio, acho importante para a carreira. Além disso, minha rotina acadêmica aqui é mais tranquila do que no Brasil, lá era atropelada, havia sobrecarga de trabalhos; aqui parece que é mais organizada, as aulas parecem ser mais conectadas, mas meu estresse na Universidade é por causa da barreira da língua, até larguei uma disciplina, não entendia o que o professor falava (Eric).*

*Aqui me preocupo com os estudos, por que não me lembro da aula no idioma espanhol; a minha dificuldade de adaptação estava relacionada ao idioma (Rui).*

Assim, as descrições fizeram ver os ganhos da experiência de intercâmbio relacionados à percepção do cotidiano acadêmico como sendo mais tranquilo, organizado e com disciplinas interconectadas, em comparação com o cotidiano acadêmico no Brasil. Não obstante, os universitários também perceberam perdas acadêmicas e dificuldade de adaptação à Universidade por causa do idioma.

Em acréscimo, os universitários brasileiros relataram que, embora a rotina acadêmica do intercâmbio tenha se mostrado mais tranquila que a do Brasil, o cotidiano de estudos se mostrou menos produtivo:

*Lá no Brasil eu tinha mais créditos para cumprir, aqui eu pude escolher menos matérias para cursar e as que gosto mais, o que está sendo mais tranquilo. De negativo nessa rotina acadêmica é que me senti muito livre para fazer o que eu quisesse, e o meu rendimento não é o máximo, talvez fosse se eu tivesse um professor me orientando; mas*

*o intercâmbio é também uma oportunidade para conhecer novas culturas, relações, idiomas e passar por situações difíceis e engrandecedoras (Alex).*

*No Brasil, o ritmo de estudos é pesado e difícil, e aqui é como se eu tivesse um descanso daquela rotina; acho que é válido aproveitar para aprender o idioma espanhol e ter experiências culturais (Suzy).*

Assim, os universitários brasileiros perceberam as ambiguidades da rotina acadêmica na experiência de intercâmbio, que embora tenha se revelado mais tranquila, com menor demanda e esforço do estudante, faltou orientação docente no cotidiano de estudos. Apesar dessa vivência ambígua da rotina acadêmica, eles perceberam que o intercâmbio é uma oportunidade de engrandecimento pessoal e profissional, com o aprendizado de novas culturas, idiomas e interrelações.

Não obstante, os universitários experimentaram vivências de vulnerabilidade ao sofrimento e, também, de saúde durante a experiência de intercâmbio no exterior:

*No início aqui a gente enfrenta muito estresse em relação à adaptação, ao idioma e à burocracia. Eu tive dificuldade para resolver o meu visto, mas agora a minha preocupação é em manter um ritmo de estudos, isso me dá ansiedade (Rui).*

*Eu acho que a gente tem que aproveitar ao máximo essa oportunidade de intercâmbio, e para a minha saúde mental também está sendo muito bom conhecer pessoas novas, lugares novos; essa experiência está sendo um banho na alma (Alex).*

Desse modo, se por um lado os universitários brasileiros vivenciaram ansiedade na adaptação ao idioma e na manutenção de uma rotina de estudos e produção acadêmica durante a experiência de intercâmbio, por outro, também tiveram a oportunidade de vivenciar estratégias saudáveis, relacionadas à abertura ao novo.

## **DISCUSSÃO**

As descrições dos participantes do estudo fizeram ver ganhos e perdas nas vivências sociofamiliares e acadêmicas. Os universitários em intercâmbio na Espanha referiram que obtiveram ganhos relacionados à construção da fase adulta, mediante assunção de responsabilidade pessoal e exercício da autonomia, tendo maior liberdade pela distância do convívio familiar. No entanto, também, sinalizaram perdas referentes à limitação na possibilidade de relaxamento estudantil durante a experiência de intercâmbio, uma vez que a aquisição de responsabilidades demandou o autoplanejamento frequente das atividades cotidianas e a autogestão financeira.

Nessa perspectiva, a leitura merleau-pontyana nos possibilita compreender que as essências das vivências de universitários brasileiros em intercâmbio no exterior constituem sentidos atribuídos às interações dos estudantes consigo, com o outro e com o mundo <sup>(14)</sup>. Assim, os sentidos projetados pelos estudantes em suas descrições, ao mesmo tempo em que organizaram os seus *corpos próprios* ou perceptivos e produziram expressões de ganhos experienciais, também implicaram em vivências da falta de algo perdido entre os universitários <sup>(15,21)</sup>. O ser universitário é um ser sensível, dotado de dimensões perceptíveis e não perceptíveis, como um ser em encoberto daquilo que não se apresenta como conteúdo percebido, mas como falta, pois o sensível é tudo o que é figura, em termos do que é significativo e do que é ausência <sup>(15)</sup>.

Entrelaçando a olhar merleau-pontyano às teses científicas, sustentadas pela literatura, percebemos que se confirmam as experiências de ganhos e perdas entre os universitários que se encontram distantes de suas famílias para investimento na própria formação profissional, independente da cultura de origem <sup>(1)</sup>.

Nesse sentido, se por um lado, a inserção num contexto de mais oportunidades pode significar ganhos educacionais e profissionais ao universitário em intercâmbio internacional, por outro, o distanciamento de referências sociofamiliares e culturais pode implicar em alguma perda e gerar condições de vulnerabilidade na adaptação do estudante à Universidade, principalmente quando o universitário percebe fragilidades em seu contexto socioeconômico e/ou emocional e em seus recursos pessoais e/ou externos, decorrentes de vivências de lutos emocionais, simbólicos, materiais ou somáticos e que, portanto, produzem sofrimento <sup>(22)</sup>.

As teses da literatura também ratificam as experiências entre os universitários intercambistas no que se referem às vivências de ganhos, na adultez emergente, na maior liberdade, na responsabilidade e autonomia <sup>(1,5)</sup>. Porém, a necessidade dos universitários de honrar as liberdades pessoais também pode gerar estresse nas experiências de intercâmbio, pois, sem a proximidade do suporte parental, os estudantes precisam assumir responsabilidades mais complexas, a exemplo do autoplanejamento contínuo da cotidianidade na Espanha e autogestão e equilíbrio financeiro <sup>(1,23)</sup>.

Outrossim, alguns estudantes brasileiros em intercâmbio na Espanha mostraram-se interessados numa maior aproximação com intercambistas estrangeiros e estudantes espanhóis, com o intuito de experienciar ganhos na socialização e nos aprendizados culturais. Contudo, outros estudantes brasileiros interessaram-se em estabelecer uma

rede de apoio social unicamente com intercambistas brasileiros, o que, para eles, resultou em ganhos na adaptação, pela identificação social entre eles.

Esses estudantes também perceberam dificuldades de inserção nos grupos de espanhóis, até mesmo por causa do idioma. Alguns entre eles significaram que a pouca interação entre estudantes nativos do país e aqueles em intercâmbio internacional é um fenômeno global, pois se instalam diferentes coletivos socioculturais de estudantes com interrelação frágil nas Universidades.

De acordo com o referencial merleau-pontyano, as experiências de universitários em intercâmbio internacional se constroem pelo contínuo entrelaçamento das dimensões sensível e sociocultural, que constituem a percepção humana no contexto de intersubjetividade. Nesse processo, os estudantes ora se aproximam no que refere à dimensão sensível e se distanciam na dimensão sociocultural; ora ocorre o inverso, convergem no cultural e divergem no sensível<sup>(14)</sup>. É a expressão do ser, na qual a espontaneidade, a percepção e a fala estão articuladas sobre matrizes simbólicas, que reúne em um só tecido a individualidade e a pluralidade, a natureza humana sensível e a cultura, o passado, o presente e a abertura ao novo entre os universitários<sup>(14)</sup>.

No entanto, no âmbito das teses científicas, as quais comumente procuram compartimentalizar e explicar as experiências humanas, podemos refletir que as atitudes de aproximação cultural e socialização dos universitários brasileiros em relação aos demais intercambistas e estudantes espanhóis podem indicar um maior repertório de habilidades sociais aprendidas durante a formação universitária no Brasil, já que os participantes encontravam-se em seu penúltimo ou último ano de graduação<sup>(24)</sup>.

Ademais, a literatura nos remete à compreensão de que processos de identificação interpessoal num grupo com características socioculturais mais homogêneas favorecem ajustamentos criadores pessoais e coletivos, pela troca de particularidades entre seus membros e o fortalecimento da rede de apoio social<sup>(25)</sup>. De todo modo, a adaptação sociocultural de um coletivo a um determinado contexto é culturalmente engendrada, ou seja, entre os universitários brasileiros (intercambistas) e espanhóis há diferentes visões de mundo que retratam formas distintas de adaptação sociocultural e, conseqüentemente, cada cultura ensina aos seus sujeitos modos satisfatórios de realizar a promoção dessa adaptação<sup>(10-11)</sup>.

Outrossim, os estudantes brasileiros perceberam ganhos pessoal e profissional proporcionados pela experiência de intercâmbio, com o aprendizado de novas culturas, idiomas e interrelações sociais. Também, perceberam ganhos no cotidiano acadêmico

por experimentarem mais tranquilidade, organização e interconexão nas disciplinas, em comparação com o cotidiano acadêmico no Brasil.

Por outro lado, os estudantes brasileiros perceberam que mesmo que a rotina acadêmica tivesse se apresentado com menor demanda e esforço ao discente, careceu de orientação docente sobre metas no cotidiano de estudos, principalmente em relação ao idioma estrangeiro. De todo modo, apesar de os universitários brasileiros vivenciarem ansiedade na adaptação ao idioma, na rotina de estudos e na produção acadêmica durante a experiência de intercâmbio, também vivenciaram estratégias saudáveis, relacionadas à abertura ao novo.

As descrições dos participantes do estudo coadunam-se com a compreensão merleau-pontyana de que o *corpo próprio* ou perceptivo do ser universitário pode ser compreendido como significação prenehe, abertura ao novo e desdobramento de possibilidades <sup>(15,21)</sup>. A existência, portanto, é a síntese do *corpo próprio* e reflete o ajustamento criador na transcendência do ser, a partir do jogo de significações e contextos, em que o sujeito aprende a se deslocar no mundo e a compreender a si enquanto compreende o outro.

Pelo prisma das teses científicas, a exploração de novos contextos na experiência formativa, a exemplo das vivências acadêmicas interculturais, promove perspectivas de ganhos profissionais no futuro de universitários em intercâmbio <sup>(2)</sup>. Outrossim, como a lida com as demandas acadêmicas de sobrecarga de estudos de universitários no Brasil se constitui em experiências estressantes <sup>(3-4)</sup>, também compreendemos o sentido de ganho acadêmico nas descrições de universitários brasileiros na Espanha por estes vivenciarem maior organização e tranquilidade na rotina de estudos.

A literatura discute o papel da orientação intercultural nas Universidades a estudantes em mobilidade no mundo, fenômeno cada vez mais comum na contemporaneidade, a exemplo dos universitários intercambistas internacionais e daqueles estudantes imigrantes e refugiados <sup>(10-11)</sup>. Tal orientação intercultural pode ser praticada por docentes e profissionais da Universidade, de modo virtual ou presencial, com o objetivo de promover o desenvolvimento de habilidades relacionadas à resolução de problemas/conflitos, à sociabilidade, ao idioma e à potência de agir do estudante no novo contexto cultural <sup>(10-11)</sup>.

A orientação intercultural permite a instauração de um espaço de adaptação de universitários em intercâmbio internacional diante dos conteúdos da cultura originária e do impacto da inserção a uma nova realidade cultural <sup>(10-11)</sup>. As Universidades,

independente do contexto cultural, têm um importante papel na constituição de redes transnacionais para prevenção da saúde mental, inclusive de seus próprios estudantes em experiências de intercâmbio cultural<sup>(10-11)</sup>.

Portanto, apesar de elevados níveis de preocupações e afetos negativos poderem coincidir com as dificuldades acadêmicas e afetar o funcionamento social de universitários em intercâmbio no exterior<sup>(2)</sup>, ainda assim, a abertura ao novo, ou à resiliência, que indica a habilidade de adaptação às adversidades pelos aprendizados cognitivos e ressignificações emocionais, são consideradas fatores de proteção contra o sofrimento mental de universitários<sup>(26-27)</sup>. Outrossim, é a capacidade do ser humano de produzir desvios, o novo, que retoma a liberdade nos modos de ser e estar no mundo.

## CONCLUSÃO

Os universitários em intercâmbio na Espanha experimentaram ganhos e perdas nos cotidianos sociofamiliares e acadêmicos. No cotidiano sociofamiliar, os universitários perceberam ganhos no senso de responsabilidade e nas vivências de adultez e autonomia, com maior liberdade pela distância do convívio familiar. Em contrapartida, a aquisição de responsabilidade gerou estresse pela frequente demanda de autoplanejamento da rotina e autogestão financeira.

Ainda acerca das vivências sociofamiliares, alguns estudantes brasileiros em intercâmbio buscaram maior aproximação com intercambistas estrangeiros e estudantes espanhóis, com o intuito de experienciar ganhos na socialização e nos aprendizados culturais. Contudo, outros estudantes brasileiros em intercâmbio buscaram estabelecer uma rede de apoio social apenas com intercambistas brasileiros, o que, para eles, resultou em ganhos na adaptação às suas experiências em outro país. Além disso, esses estudantes refletiram sobre a fragilidade da interação sociocultural entre universitários nativos de um país e aqueles em intercâmbio internacional enquanto um fenômeno global.

Em relação às vivências acadêmicas, os universitários brasileiros perceberam que a experiência de intercâmbio significou engrandecimento pessoal e profissional. Também, perceberam ganhos nas vivências do cotidiano acadêmico mais tranquilo, organizado e com disciplinas interconectadas. Porém, os universitários vivenciaram perdas emocionais relacionadas à ansiedade e estresse à adaptação ao idioma, à rotina de estudos sem orientação docente e à percepção de baixa produção acadêmica durante

a experiência de intercâmbio. Por outro lado, eles buscaram vivenciar estratégias saudáveis, relacionadas à abertura a um horizonte de possibilidades.

As implicações psicossociais e acadêmicas das experiências de estudantes em mobilidade no mundo precisam ser compreendidas para servirem de suporte às práticas de orientação e acompanhamento intercultural na Universidade, voltadas às minorias raciais/étnicas, à prevenção do estigma social e ao fortalecimento das relações socioculturais entre distintos grupos discentes.

Destacamos que o conhecimento advindo de pesquisas fenomenológicas é sempre em perspectiva e inacabamento, pois se desdobra da experiência perceptiva, a qual permanece aberta e remete ao que está além da sua manifestação singular. A abertura perceptiva é o que constitui as vivências humanas e suas ambiguidades, de maneira que, do ponto de vista fenomenológico, intencionamos compreender como o sujeito opera com suas vivências, como as elabora e produz novos objetos dotados de significação.

Por fim, damos relevo ao desenvolvimento de novas pesquisas entrelaçando a Universidade com as temáticas interculturais e de cuidado aos discentes, uma vez que o presente estudo envolveu significados de estudantes de países ocidentais de um determinado perfil sociodemográfico.

## REFERÊNCIAS

1. Salinas-Oñate N, Baeza-Rivera M, Escobar B, Coloma J, Carreño M. Predictores culturales y psicológicos de la búsqueda de ayuda psicológica en estudiantes universitarios. *Cultura-hombre-Sociedad*. 2018; 28 (1): 79-101.
2. Kim J, Park S, La A, Chang J, Zane N. Counseling Services for Asian, Latino/a, and White American Students: Initial Severity, Session Attendance, and Outcome. *Cultur Divers Ethnic Minor Psychol*. 2016; 22 (3): 299–310.
3. Rondina R, Piovezani C, Oliveira D, Martins R. Queixas psicológicas e consumo de drogas em universitários atendidos em núcleo de assistência. *SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog*. 2018;14(2):99-107.
4. Bolsoni-Silva, A, Guerra B. O impacto da depressão para as interações sociais de universitários. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 2014; 14( 2): 429-452.
5. Biolcati R, Agostini F, Mancini G. Analytical psychodrama with college students suffering from mental health problems: Preliminary outcomes. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome*. 2017;20: 201-209.
6. Hersi L, Tesfay K, Gesesew H, Krahl W, Ereg D, Tesfaye M. Mental distress and associated factors among undergraduate students at the University of Hargeisa, Somaliland: a cross-sectional study. *Int J Ment Health Syst*. 2017; 11 (39): 1-8.

7. Napper L, Montes K., Kenney S, Labrie J. Assessing the Personal Negative Impacts of Hooking Up Experienced by College Students: Gender Differences and Mental Health. *J Sex Res.* 2016; 53 (7): 766–775.
8. Copez-Lonzoy A, Villarreal-Zegarra D, Paz-Jesús, Ángel. Propiedades psicométricas de la Escala de Comunicación Familiar en estudiantes universitarios Psychometric Properties of the Family Communication Scale in College Students. *Revista Costarricense de Psicología.* 2016; 35 (1): 37-52.
9. Constantidinis T, Andrade A. Demanda e oferta no encontro entre profissionais de saúde mental e familiares de pessoas com sofrimento psíquico. *Ciência & Saúde Coletiva.* 2015; 20 (2): 333-342.
10. Dantas, S. Migração, prevenção em saúde mental e rede digital. *Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.* 2016; Ano XXIV (46): 143-157.
11. Zheng M, McClay C, Wilson S, Williams C. Evaluation and treatment of low and anxious mood in Chinese-speaking international students studying in Scotland: study protocolo of a pilot randomized controlled trial. *Pilot and Feasibility Studies.* 2015;1(22): 1-8.
12. Souza M, Lemkuhl I, Bastos J. Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev. bras. Epidemiol.* 2015;18(3): 525-537.
13. Wanden Berghe C, Martín Rodero H, Rodríguez Martín A, Novalbos Ruiz J, Martínez de Victoria E, Sanz Valero J. et al. Quality of life and its determinants in Spanish University students of health sciences factors. *Nutr Hosp.* 2015;31(2):952-958.
14. Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes; 2015.
15. Merleau-Ponty M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva; 2012.
16. Melo A, et al. A experiência do tempo em Merleau-Ponty: contribuições para a fenomenologia clínica. *Interações em Psicologia.* 2016; 20 (1): 10-19.
17. Casa do Brasil. Nossa história. Casa do Brasil. Madrid: 10 jan. 2018. Disponível em: <http://www.casado brasil.es/> Acesso em: 10 jan. 2018.
18. Guerrero-Castañeda R, Menezes T, Ojeda-Vargas M. Características de la entrevista fenomenológica en investigación en enfermería. *Rev. Gaúcha Enferm.* 2017;38(2): e67458.
19. Sena E, Gonçalves L, Muller-Granzotto M, Carvalho P, Reis H. Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 2010; 3(4); 769-75.
20. Universidade de São Paulo, USP. Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional. Rede Magalhães. São Paulo: 10 jan. 2018. Disponível em: [http://www.usp.br/internationaloffice/index.php/programas-e-redes/rede/rede\\_magalhaes/](http://www.usp.br/internationaloffice/index.php/programas-e-redes/rede/rede_magalhaes/). Acesso em 10 jan. 2018.

21. Muller-Granzotto M, Muller-Granzotto R. Fenomenologia e Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus; 2007.
22. Bernardo J, Belmino M. Políticas Públicas em Saúde E Clínica Gestáltica: Tecendo Saberes e Práticas. IGT rede. 2015; 12 ( 22): 67-9.
23. Petrovic K. The Benefits of Taekwondo Training for Undergraduate Students: A Phenomenological Study. Societies. 2017; 7(27): 1-20.
24. Bolsoni-Silva A, Loureiro S. Social Skills of Undergraduates Without Mental Disorders: Academic and Socio-Demographic Variables. Psico-USF. 2015; 20(3): 447-459.
25. Ribeiro J. Gestalt-terapia de curta duração. São Paulo: Summus; 2009.
26. Graner K, Moraes A, Torres A, Lima M, Rolim G, Ramos-Cerqueira A. Prevalence and correlates of common mental disorders among dental students in Brazil. PLoS ONE. 2018; 13(9): 1-11.
27. Carvalho P, Malhado S, Constâncio T, Ribeiro Í, Boery R, Sena E.. Cuidado humano à luz da fenomenologia de merleau-ponty. Texto contexto - enferm. 2019. 28: e20170249.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS INACABADAS

O presente estudo buscou promover o entrelaçamento da fundamentação teórico-filosófica merleau-pontyana com uma perspectiva intersubjetiva de prática profissional em saúde na atenção psicossocial de universitários, bem como de dois cenários socioculturais distintos de pesquisa, a saber, o brasileiro e o espanhol.

A partir de uma análise merleau-pontyana das essências de vivências ou matrizes inaparentes do ser sensível, que desvelam ambiguidades perceptivas, nos foi possível compreender, em termos de generalidade, a ocorrência de vivências semelhantes no cotidiano sociofamiliar dos universitários, independente do país de origem. Tais vivências se relacionaram à expressão de afetos negativos, entre os universitários, pela perda do suporte parental, ao mesmo tempo em que eles também expressaram ganhos pessoais pela conquista da liberdade, autonomia, maturidade e responsabilidade com o distanciamento familiar.

No estudo, compreendemos semelhanças e distinções nas vivências de universitários brasileiros e espanhóis, inseridos em seus respectivos contextos socioculturais, a partir de ambiguidades percebidas por eles acerca do *Distanciamento familiar como perspectiva de saúde universitária* e do *Distanciamento familiar como condição de vulnerabilidade ao sofrimento universitário*.

Entre os universitários brasileiros no próprio país e que fizeram parte da abordagem grupal de cuidado proposta no Grupo Laços, pudemos compreender suas *Experiências sociofamiliares e acadêmicas prévias e posteriores à abordagem grupal de cuidado; Experiências de avaliação da abordagem grupal de cuidado*.

Alcancamos, nas experiências dos universitários brasileiros em intercâmbio na Espanha, a compreensão de *Ambiguidades nas vivências de responsabilidade e socialização entre universitários no exterior* e de *Ambiguidades nas vivências acadêmicas entre universitários no exterior*.

Assim, os universitários brasileiros e espanhóis, em seus respectivos países, experimentaram vivências semelhantes e saudáveis relacionadas à perspectiva de recomeço de vida e de afeto positivo na reconfiguração social diante da distância dos conflitos familiares.

Dentre as vivências saudáveis que foram consagradas apenas aos estudantes brasileiros, os universitários distantes do convívio familiar descreveram sentimentos positivos em relação ao futuro profissional. Por outro lado, dentre as vivências

semelhantes relacionadas à vulnerabilidade ao sofrimento, os universitários, independente do país, experimentaram afetos negativos pela sobrecarga de trabalhos acadêmicos, pela atitude submissa diante do estabelecimento de relações verticais com os docentes e pelas dificuldades de relaxamento pessoal nas vivências de lazer.

Dentre as vivências consagradas apenas aos estudantes brasileiros e que potencializaram a vulnerabilidade ao sofrimento, destacamos dificuldades nas experiências de manejar a competitividade acadêmica e as tarefas domésticas e interpessoais referentes à coabitação com outros estudantes. As vivências consagradas apenas aos estudantes espanhóis e que sinalizaram uma vulnerabilidade ao sofrimento foram relacionadas ao consumo de álcool, cigarro e maconha como modo do universitário manejar a solidão, bem como o lazer social e o descanso dos estudos.

Assim, compreendemos que, num perfil em que se fez ver o visível, o que orientou o estudante em suas vivências de conquista, de liberdade e de autonomia com sua inserção na Universidade, também se mostrou o invisível, o que o outro da relação sinalizou ao estudante acerca do não visto por ele, ou seja, da sua vivência de luto do apoio familiar no cotidiano acadêmico. Assim, no perfil em que ocorreu, para os universitários, o visível do *eu posso* ter um recomeço, ter um futuro profissional e ter uma individualidade, também se mostrou um processo de luto de relações familiares.

Ademais, entre os universitários brasileiros no próprio país e distantes da família, foi possível compreendermos que antes da inserção na abordagem de cuidado do Grupo Laços, eles desvelaram dificuldades relacionadas a conciliar as demandas familiares com as acadêmicas, à dependência financeira parental, à coabitação com pessoas desconhecidas e ao manejo do julgamento social nas relações. Também, eles se mostraram desmotivados ao envolvimento em novas relações sociais, a permanecer longe da família e ao lazer social, por se sentirem sobrecarregados pela rotina acadêmica. Esses universitários brasileiros revelaram que a sobrecarga de trabalhos produziu neles experiências de rigidez e automatização para a produção acadêmica, o que potencializou sentimentos de ódio e infelicidade, atrasos e desistência na formação profissional.

Desse modo, compreendemos que a atenção à existência da pessoa enquanto fonte de espontaneidade e horizonte de possibilidades pode estar sendo negligenciada na Universidade em detrimento da demanda pela produção curricular, fragilizando experiências saudáveis entre os universitários.

Após a participação no Grupo Laços, os universitários brasileiros revelaram novas percepções, as quais se relacionaram à adequação das demandas familiares com as acadêmicas, pela melhor gestão do tempo, e aos sentimentos de bem-estar, tranquilidade e alegria, pela maior abertura ao convívio social, ao lazer e ao diálogo.

Por outro lado, as expectativas de não conseguir trabalho e a continuidade do suporte financeiro parental provocaram o sentimento de medo do futuro entre os estudantes, o que indicou a demanda de atenção específica à saúde mental de jovens em seu último ano de formação profissional.

Após os encontros do Grupo Laços, os universitários brasileiros também sinalizaram otimismo, mobilização, autodescoberta, crescimento e saúde em suas vivências acadêmicas, assim como dificuldades nas relações com professores mais rígidos, os quais favoreciam condições de vulnerabilidade ao sofrimento entre os discentes.

Compreendemos que a abordagem de cuidado proposta no Grupo Laços foi capaz de produzir processos de autorreflexão e de promoção de atitudes resilientes acerca de experiências adversas entre os universitários brasileiros inseridos no próprio país e estando distantes da família. As percepções de avaliação pelos universitários da abordagem grupal de cuidado proposta desvelaram a identificação deles com os temas sugeridos individualmente e escolhidos democraticamente para as vivências terapêuticas, tais como o do sentido da vida e do enfrentamento da distância familiar diante do cotidiano acadêmico.

Os universitários participantes do Grupo Laços desvelaram a facilidade de autoexpressão e autorreflexão a partir da metodologia dialógica, de partilhas de vivências e dos recursos de exercícios coletivos de criatividade e espontaneidade no grupo. Também, eles reconheceram que diversos gestos e atitudes se entrelaçaram na intersubjetividade do grupo, o que resultou em abertura, aprendizados, expansão e sentido à vida para os universitários.

Os participantes do Grupo Laços avaliaram que o mesmo proporcionou resolução de conflitos nas relações sociais em diversos contextos; ampliação da percepção de si; reavaliação pessoal de atitudes consigo e com o outro, bem como de cuidado de si e do outro; identificação e inclusão social diante do sofrimento; e, por fim, aprendizagens para enfrentamento de adversidades. Por outro lado, eles perceberam como fragilidades da abordagem de cuidado do Grupo Laços o fato de este ter sido composto apenas por estudantes de dois cursos de graduação e a carência de uma maior discussão científica

sobre as vivências adversas e de um planejamento de momentos de lazer social extramuros da Universidade.

Os universitários significaram como positivas as atitudes terapêuticas facilitadoras relacionadas à sensibilidade na escuta e na provocação de reflexões; à abertura ao grupo; à horizontalidade nas relações; ao planejamento flexível; à adaptação dos recursos e oferta de alternativas; à atenção flutuante e à coparticipação do grupo na facilitação.

Compreendemos, portanto, que mesmo com algumas fragilidades, o Grupo Laços foi uma experiência terapêutica exitosa, pois cumpriu sua função ao possibilitar ressignificações e mudanças de comportamento em contexto de intersubjetividade e acolhimento das diferenças. Assim, a abordagem grupal de cuidado proposta potencializou benefícios pessoais e coletivos ao promover atitudes de acolhimento das diferenças e do luto e a abertura dos universitários ao outro, aos contextos e às possibilidades de si mesmos, implicando em ajustamentos criadores mais fluidos e saudáveis entre eles. Nessa perspectiva, o Grupo Laços representou uma prática transformadora de uma realidade social e de promoção de empoderamento, cidadania e ética da alteridade.

Outrossim, compreendemos que os universitários brasileiros em intercâmbio na Espanha obtiveram ganhos relacionados à construção da fase adulta, mediante assunção de responsabilidade pessoal e autonomia. No entanto, também, sinalizaram perdas referentes à limitação de relaxamento pessoal durante a experiência de intercâmbio, uma vez que a aquisição de responsabilidades demandou o autoplanejamento frequente das atividades cotidianas e a autogestão financeira.

Enquanto alguns universitários brasileiros em intercâmbio na Espanha mostraram-se interessados numa maior aproximação com intercambistas estrangeiros e estudantes espanhóis, com o intuito de experienciar ganhos na socialização e nos aprendizados culturais. Por outro lado, outros universitários brasileiros em intercâmbio na Espanha se interessaram em estabelecer uma rede de apoio social unicamente com intercambistas brasileiros, o que, para eles, resultou em ganhos na adaptação ao país exterior pela identificação social entre eles. Também, para eles, a pouca interação entre estudantes nativos do país e aqueles em intercâmbio internacional é um fenômeno global, pois os diferentes coletivos socioculturais de estudantes que ocorrem nas Universidades apresentam uma frágil interrelação.

Ademais, os estudantes brasileiros perceberam ganhos pessoal e profissional proporcionados pela experiência de intercâmbio, com o aprendizado de novas culturas, idiomas e interações sociais. Também, perceberam ganhos no cotidiano acadêmico por experimentarem maior organização e interconexão nas disciplinas, em comparação com a cotidianidade acadêmica no Brasil. Por outro lado, eles perceberam que mesmo que a rotina acadêmica tivesse se apresentado com menor demanda e esforço ao discente, careceu de orientação docente sobre metas no cotidiano de estudos, principalmente em relação ao idioma estrangeiro.

Portanto, elevados níveis de preocupações e afetos negativos coincidiram com as dificuldades acadêmicas e afetaram o funcionamento social de universitários em intercâmbio no exterior. Em contrapartida, a abertura do discente ao novo diante das adversidades, pelos aprendizados cognitivos e pelas ressignificações emocionais, foi considerada fator de proteção contra o sofrimento mental de universitários brasileiros intercambistas.

Desse modo, no presente estudo fenomenológico, intencionamos compreender como o sujeito universitário operou com suas vivências (inter)subjetivas, como as elaborava e produzia novos objetos dotados de significação. A partir das produções vivenciais do estudo, percebemos que as experiências de universitários se construíram pelo contínuo entrelaçamento das dimensões sensível e sociocultural, que constituíram suas percepções em contextos de intersubjetividade. Nesse processo, os estudantes ora se aproximaram na dimensão sensível das vivências humanas e ora se distanciaram na dimensão sociocultural.

A expressão do ser universitário, na qual a espontaneidade, a percepção e a fala articularam-se sobre matrizes simbólicas, entrelaçou, em um só tecido, a individualidade e a pluralidade, a natureza humana sensível e a cultura, o passado, o presente e a abertura ao novo para os universitários participantes do estudo.

Reafirmamos que o enfrentamento saudável das vivências sociofamiliares e acadêmicas relacionadas aos afetos negativos e às adversidades entre os universitários, independente do cenário do estudo, se referiram à atitude do *eu posso*, à abertura pessoal às possibilidades, ao outro, ao novo, à potencialização do tornar-se o *outro eu mesmo*, ou seja, à promoção da ressignificação de afetos e resiliência entre os discentes.

Assim, na intercorporalidade, os envolvimentos do eu-outro-mundo implicaram em identidade nas diferenças, em passagem do eu para o outro e do eu para o mundo, o que potencializou o *outro eu mesmo* entre os estudantes, também na diferença dos

idênticos. O jovem inserido na Universidade tornou-se um *outro eu mesmo* ser universitário a partir de suas experiências com o corpo do outro e com o mundo, nas mudanças perceptivas e nas manifestações do seu ser sensível, o que configurou a boa ambiguidade nas vivências dos universitários.

Destacamos que as vivências intersubjetivas familiares dos universitários configuraram um contexto de promoção ou limitação do desenvolvimento de jovens em formação profissional, seja no contexto brasileiro ou espanhol. No estudo, se por um lado o afastamento de vínculos familiares repercutiu em vulnerabilidade a sentimentos de solidão e na demanda de uma nova rede social entre estudantes, por outro, o distanciamento do convívio familiar desintegrativo potencializou trajetórias de resiliência e de ajustamentos criadores entre eles, o que poderia não ocorrer na proximidade das relações familiares conflituosas.

As vivências grupais terapêuticas entre os universitários deram relevo à análise gestáltica de base fenomenológica, ao promoverem, no grupo, o direito de cidadania e a ética do outro, da acolhida do que e como ele afetava (inter)subjetivamente e produzia efeitos nos laços sociais e nos dispositivos para o cuidado integral de discentes. A capacidade discente de produzir desvios com a abertura ao novo oportunizou a liberdade nos modos de ser e estar no mundo entre os universitários participantes do estudo.

Outrossim, damos relevo ao fato de que as implicações psicossociais e acadêmicas das experiências de universitários, inclusive em mobilidade no mundo, servem de suporte às práticas docentes e profissionais de orientação e acompanhamento local e intercultural de estudantes na Universidade, principalmente voltadas às minorias econômicas e raciais/étnicas, à prevenção do estigma social no contexto universitário e ao fortalecimento das relações socioculturais entre distintos grupos discentes.

Nesse sentido, a orientação intercultural nas Universidades deve promover a potência de agir do estudante estando inserido em um contexto sociocultural distinto do seu original. As Universidades têm um importante papel na constituição de redes transnacionais para prevenção da saúde mental, inclusive de seus próprios estudantes em experiências de intercâmbio cultural.

Contudo, a partir das descrições vivenciais produzidas na pesquisa, reconhecemos uma crise instaurada nas Universidades, a qual perpassa a produção institucional de (inter)subjetividades baseadas em relações de poder, o frágil acolhimento dos distintos modos de existir dos estudantes, a ausência de políticas e práticas em saúde e cidadania

ao jovem em formação profissional e a tendência ao enquadramento científico-político e cultural de estudantes, docentes e profissionais no contexto universitário.

Portanto, diante dos resultados da pesquisa, reafirmamos que, independente do país de origem, a inserção de jovens na rotina e dinâmica acadêmica próprias do ambiente universitário e em novos grupos sociais aí atuantes implica na reconfiguração de vínculos sociofamiliares, tanto numa perspectiva de saúde, como de maior vulnerabilidade ao sofrimento e adoecimento.

Nesse sentido, a Universidade urge ampliar a constituição de espaços intra e extramuros voltados à promoção da saúde mental dos seus jovens discentes e futuros profissionais do país, fortalecendo redes institucionais, bem como recursos pessoais e relacionais saudáveis entre universitários, docentes e famílias, a partir do desenvolvimento de abordagens intersubjetivas, democráticas e horizontais de cuidado humano.

Não obstante, como possível limitação da pesquisa, reforçamos que a mesma não se dedicou a resolver problemas e sim a conquistar matrizes de essências de vivências entre os universitários, fazendo ver a existência humana para além das teses científico-culturais, a partir da produção de novos perfis perceptivos e significados.

Também, fazemos a ressalva de que, possivelmente, os estudantes que participaram do estudo poderiam estar previamente mobilizados ao cuidado da própria saúde mental, o que pode ter potencializado os processos de ressignificações de vivências adversas entre eles.

O conhecimento advindo de pesquisas fenomenológicas é sempre em perspectiva e inacabamento, pois se desdobra da experiência perceptiva, a qual permanece aberta e remete ao que está além da sua manifestação singular. Assim, a pesquisa fenomenológica desenvolvida fez ver as essências de vivências oportunizando que o universitário narrasse a sua história, se sensibilizasse e se movesse num contexto de intersubjetividade. Portanto, o estudante redescreveu a sua biografia a partir da mobilização de vários significantes, ao ponto de transformar o sofrimento em palavras e em possibilidades de mudança no curso de sua própria vida.

Merece destaque a necessidade de ampliação do conhecimento teórico-filosófico merleau-pontyano com a área da saúde, a partir do desenvolvimento de futuras pesquisas entrelaçando a Universidade com diversos contextos pessoais, culturais e abordagens de cuidado, uma vez que o presente estudo envolveu significados para

universitários que apresentavam certo perfil de vulnerabilidade e de características sociodemográficas e culturais.

O presente estudo contribui com os trabalhos efetivos em saúde mental, pois buscou dar relevo a uma fundamentação teórico-filosófica que refletiu as vivências (inter)subjetivas nas relações sociais e de cuidado. Assim, compreendemos que o cuidado integral de si e do outro só é possível por meio de relações dialógicas e horizontais entre sujeitos, levando em conta suas histórias de vida e o acolhimento das singularidades e da generalidade das experiências humanas.

Os resultados do estudo também contribuem para o repensar da atenção à saúde mental discente, das práticas profissionais em saúde e docência e da produção de (inter)subjetividades dentro da Universidade, incluindo a experiência da própria pesquisadora. Ademais, o estudo contribui com a promoção da humanização das vivências de vulnerabilidade e sofrimento que estudantes enfrentam durante o seu processo formativo, já que o estudo implementou uma abordagem de cuidado abrangente, exitosa e pouco onerosa na Universidade, com vistas a potencializar o desenvolvimento dos futuros cidadãos profissionais do país.

Em conclusão, reforçamos que a pesquisa possibilitou preencher lacunas do conhecimento referente à promoção da saúde mental no contexto universitário de diferentes países, a exemplo do Brasil e da Espanha, e ampliou o conhecimento na atenção psicossocial articulada ao contexto da Educação. Outrossim, os resultados da pesquisa têm o potencial de fundamentar políticas e gestores de Universidades no planejamento de ações de promoção da vida, de prevenção do adoecimento e de respeito aos direitos de cidadania de acadêmicos. Esse estudo, portanto, reforça a Universidade enquanto um importante espaço de promoção de protagonistas sociais e ético-políticos engajados na transformação de realidades sociais.

## REFERÊNCIAS

AHUJA, KANIK A K; DHILLON, MEGHA; JUNEJA, ANISHA; SHARMA, BHUVANESWARI. Breaking barriers: An education and contact intervention to reduce mental illness stigma among Indian college students. **Interv. psicosoc.** (Internet), 26,2, p. 103-109, 2017.

ALVES, P. E. R. O método fenomenológico na condução de grupos terapêuticos. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 150-165, jun. 2013.

AMARASURIYA, S.; JORM, A.; REAVLEY, N. Depression literacy of undergraduates in a non-western developing context: the case of Sri Lanka. **BMC Res Notes** 8:593, 2015.

AMATUZZI, M. Psicologia Fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, 26,1, 93-100, 2009.

ANGERAMI, V. A. **Psicoterapia Existencial**. São Paulo: Thomson Learning Brasil, 2007.

ARANGO, CELSO; BERNARDO, MIGUEL; BONET, PERE; CABRERA, ANA; CRESPO-FACORRO, BENEDICTO; CUESTA, MANUEL J. *et al.* When the healthcare does not follow the evidence: the case of the lack of early intervention programs for psychosis in Spain. **Rev. psiquiatr. salud ment. (Barc., Ed. impr.)**, 10, 2, p.78-86, 2017.

ARRIAGADA, I. Nuevas familias para un nuevo siglo? **Cadernos de Psicologia e Educação: Paidéia**, v. 18, n. 10, p. 28-35, 2000.

AYÁN PÉREZ, CARLOS; MOLINA, ANTONIO J; VARELA MATO, VERÓNICA; CANCELA CARRAL, JOSÉ MARÍA; BARRIO LERA, JUAN PABLO; MARTÍN SÁNCHEZ, VICENTE. Relationship between tobacco consumption and sport practice among health and education science university students. **Enferm Clin.**, 27, 1, p. 21-27, 2017.

BARNETT, N. P.; OTT, M. Q.; ROGERS, M. L.; LOXLEY, M.; LINKLETTER, C.; CLARK, M. A. Peer associations for substance use and exercise in a college student social network. **Health Psychology**, Vol 33, 10, p. 1134-1142, 2014.

BARRETO, A.P. **Terapia comunitária: passo a passo**. Fortaleza: LCR; 2008.

BARRIOS, A. H.; URIBE, A.C. Adaptación y validación del inventario de estrategias de autorregulación en estudiantes universitarios. **Suma Psicológica**, 24, p. 9-16, 2017.

BASILIO CLADAKIS, M. Merleau-Ponty y la ontología de la naturaleza: intercorporalidad, negatividad y dialéctica. **Diánoia**, v. 61, n. 77, p. 83-108, 2016.

BELMINO, M. **Gestalt-terapia e atenção psicossocial**. Fortaleza: Premium, 2015.

BERNARDES, A. G. Cartografia de práticas de cuidado. **Psicologia & Sociedade**, 24,3, p.701-709, 2012.

BERNARDO, Jucimara Gonçalves; BELMINO, Marcus César de Borba. Políticas Públicas em Saúde E Clínica Gestáltica: Tecendo Saberes e Prática. **IGT rede**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 22, p. 67-91, 2015 .

BENAVIDES-LARA, MARIO-ALBERTO. Juventud, desarrollo humano y educación superior: una articulación deseable y posible. **Rev. iberoam. educ. super** [online], vol.6, n.16, p.165-173, 2015.

BIOLCATI, R.; AGOSTINI, F.; MANCINI, G. Analytical psychodrama with college students suffering from mental health problems: Preliminary outcomes. **Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome**, 20, 201-209, 2017.

BITENCOURT, A. C. Merleau-Ponty leitor de Cézanne: aprendendo a perceber e a expressar a natureza primordial. **Peri**, v. 8, n. 1, p. 242 - 260, 2016.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; GUERRA, Bárbara. O impacto da depressão para as interações sociais de universitários. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14 n. 2, p. 429-452, 2014.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Validação do Questionário de Avaliação de Habilidades Sociais, Comportamentos, Contextos para Universitários. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 32, n. 2, 2016.

BOLSONI-SILVA; A.; LOUREIRO, S. Social Skills of Undergraduates Without Mental Disorders: Academic and Socio-Demographic Variables. **Psico-USF**, v. 20, n. 3, p. 447-459, 2015.

BORIS, G. D. J. B. A (pouco conhecida) contribuição de Brentano para as psicoterapias humanistas. **Revista da Abordagem Gestáltica**, XVIII, 2, 193-197, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica. Saúde Mental**. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema Único de Saúde (SUS): princípios de conquistas**. Brasília, Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, 2000.

BRENTANO, F. **Psychology from an Empirical Standpoint**. London: Routledge, 2014.

CABALLERO DOMINGUEZ, Carmen Cecilia; SUAREZ COLORADO, Yuly Paola; BRUGES CARBONO, Henry David. Características de inteligencia emocional en un grupo de universitarios con y sin ideación suicida. **CES Psicol**, Medellín , v. 8, n. 2, p. 138-155, 2015.

CADARSO SUÁREZ, A.; DOPICO CALVO, X.; IGLESIAS-SOLER, E.; CADARSO SUÁREZ, C.; GUDE SAMPEDRO, F. Health related to quality of life and their relationship with adherence to the mediterranean diet and physical activity at the university in Galicia. **Nutr. clín. diet. hosp.**, 37,2, p. 42-49, 2017.

CARLOTTO, Rodrigo Carvalho; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia. Adaptação Acadêmica e Coping em Estudantes Universitários. **Psico-USF**, Itatiba, v. 20, n. 3, p. 421-432, 2015.

CARVALHO M. A. P. et al. Contribuições da terapia comunitária integrativa para usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS): do isolamento à sociabilidade libertadora. **Cad. Saúde Pública**, 29, 10, p.2028-2038, 2013.

CARVALHO, N. S.; FERRÉ-GRAU, C.; LLUCH-CANUT, M. T.; SERRANO-PARRA, D.; ALBARCA, N.; PALOMINO, A. Trabajar las emociones mediante b-learning en los futuros profesionales de enfermería: Una experiencia diferente de promoción en salud mental. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental** (Spe. 3), 51-56, 2016.

CARVALHO, P.A.L.; MALHADO, S.C.B.; CONSTÂNCIO, T.O.S.; RIBEIRO, I.J.S.; BOERY, R.N.O.; SENA, E.L.S. Cuidado humano à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty. *Texto Contexto Enferm.*, 28:e20170249, 2019.

CASA DO BRASIL. **Nossa história**. Casa do Brasil, Madrid, 10 jan. 2018. Disponível em: <http://www.casado brasil.es/> Acesso em: 10 jan. 2018.

CASTAÑO-PEREZ, G.; CALDERON-VALLEJO, G. Problems associated with alcohol consumption by university students. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 22, 5, p. 739-46, 2014.

CHANAKIRA, E; GOYDER, E C; FREEMAN, J V; O'CATHAIN, A; KINGHORN, G; JAKUBOVIC, M. Social and psychosocial factors associated with high-risk sexual behaviour among university students in the United Kingdom: a web-survey. **Int J STD AIDS**, 26, 6, p. 369-78, 2015.

CISNEIROS, V.G.F. et al. Percepção dos profissionais de saúde e comunitários em relação à terapia comunitária na estratégia saúde da família. **Rev APS**, 15,4, p. 468-478, 2012.

COELHO, Raquel Souza; VELOSO, Thelma Maria Grisi; BARROS, Sibelle Maria Martins de. Oficinas com Usuários de Saúde Mental: a Família como Tema de Reflexão. **Psicol. cienc. prof.**, v. 37, n. 2, p. 489-499, 2017.

COKLEY, KEVIN; SMITH, LEANN; BERNARD, DONTE; HURST, ASHLEY; JACKSON, STACEY; STONE, STEVEN *et al.* Impostor feelings as a moderator and mediator of the relationship between perceived discrimination and mental health among racial/ethnic minority college students. **J Couns Psychol.**, 64, 2, p. 141-154, 2017.

CONSTANTIDINIS, T; ANDRADE, A. Demanda e oferta no encontro entre profissionais de saúde mental e familiares de pessoas com sofrimento psíquico. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20, 2, p. 333-342, 2015.

COPEZ-LONZOY, Anthony; VILLARREAL-ZEGARRA, David; PAZ-JESÚS, Ángel. Propiedades psicométricas de la Escala de Comunicación Familiar en estudiantes universitarios Psychometric Properties of the Family Communication Scale in College Students. **Revista Costarricense de Psicología**, v. 35, n. 1, p. 37-52, 2016.

CRESWELL, J.W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. São Paulo: Editora Penso, 2014.

CUEVAS-CANCINO, J.J.; MORENO-PEREZ, N.E.. Psicoeducación: intervención de enfermería para el cuidado de la familia en su rol de cuidadora. **Enferm. univ**, México, v. 14, n. 3, p. 207-218, sept. 2017 .

CUIJPERS, P.; CRISTEA, I.; EBERT, D.; KOOT, H.; AUERBACH, R.; BRUFFAERTS, R.; KESSLER, R. Psychological treatment of depression in college students: a metaanalysis. **Depress Anxiety**. 33, 5, 400–414, 2016.

DANTAS, S. Migração, prevenção em saúde mental e rede digital. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Ano XXIV, n. 46, p. 143-157, 2016.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2008.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. spe, p. 202-219, Dec. 2010.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia**, 17, 21-32, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIMENSTEIN, M. Experiências espanholas e sua contribuição à rede de recursos psicossociais no Brasil. **Estud. psicol. (Natal)**, v. 16, n. 3, p. 363-372, 2011.

DOMINGUES, Daniela Fontoura; DESSEN, Maria Auxiliadora. Reorganização familiar e rede social de apoio pós-homicídio juvenil. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 29, n. 2, p. 141-148, 2013.

DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUTRA-THOME, Luciana et al . Desarrollo de la Autonomía: Diferencias por Sexo y Edad desde la Adolescencia hasta la Adulthood Emergente. **Acta de investigación psicol**, México , v. 9, n. 2, p. 14-24, 2019.

DUTRA-THOMÉ, L.; KOLLER, S.H. Emerging adulthood in Brazilians of differing socioeconomic status: Transition to adulthood. **Paideia**, 24,59, 313-322, 2014.

ERASMUS, AGÊNCIA NACIONAL ERASMUS + EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO. **O programa**. Agência Nacional Erasmus + Educação e Formação, Lisboa, 10 jan. 2018. Disponível em: <https://www.erasmusmais.pt/o-programa>. Acesso em 10 jan. 2018.

FEIJOO, A. M.; GOTO, T. É possível a Fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em Psicologia? **Psicologia: teoria e pesquisa**, 32, 4, 1-9, 2017.

FERRAZ, M. S.A. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty**. Campinas: Papyrus, 2009.

FERTONANI, H.P. et al. Modelo assistencial em saúde: conceitos e desafios para a atenção básica brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, 20,6, p. 1869-1878, 2015.

FONSECA-PEDRERO, Eduardo; PÉREZ-ALBÉNIZ, Alicia; ORTUÑO-SIERRA, Javier Et al. Efectos de una intervención de educación emocional en alumnos de un programa universitario. **Universitas Psychologica**, v. 16, n. 1, 2017.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. O nascimento das prisões. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FURLAN, R. A relação com o outro em Sartre. **Memorandum**, 24, 85-99, 2013.

FRANCO, S.A. et al. Suicídio en estudiantes universitarios en Bogotá, Colombia, 2004-2014. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n.1, p. 269-278, 2017.

GEISNER, I.; VARVIL-WELD, L.; MITTMANN, A.; MALLETT, K.; TURRISI, R. Brief Web-Based Intervention for College Students with Comorbid Risky Alcohol Use and Depressed Mood: Does It Work and for Whom? **Addict Behav**, 0: 36-43, 2015.

GEORGAS, J.; BERRY, J. W.; VIJVER, F. J. R. V. D.; KAGITÇIBASI, Ç.; POORTINGA, Y. H. **Families across cultures**. A 30-nation psychological study. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GIMENES, G.F. Usos e significados da qualidade devida nos discursos contemporâneos de saúde. **Trab.Educ.Saúde**, v.11 n.2,p.291-318, 2013.

GONZÁLEZ APORTELA, ODETTE; BATISTA MAINEGRA, AMADO; HERNÁNDEZ DÍAZ, LISSETTE; ROJAS HERNÁNDEZ, NIDIA. Health promotion from the perspective of quality management at the University of Havana. **Gac. méd. espirit.**, 19,1, p. 62-72, 2017.

GOUVEIA, M. , SANTANA, H.; SANTOS, A.M. Et al. Qualidade de vida e bem-estar dos estudantes universitários de enfermagem: revisão integrativa. **Rev Enferm UFPI**, 6, 3, p.72-8, 2017.

GRANDINO, Patrícia Junqueira. Práticas de risco entre os jovens: estudo preliminar sobre condutas ordálicas. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 27, n. 1, p. 145-152, Apr. 2016.

GRANER, K.; MORAES, A.; TORRES, A.; LIMA, M.; ROLIM, G.; RAMOS-CERQUEIRA, A. Prevalence and correlates of common mental disorders among dental students in Brazil. **PLoS ONE**, 13,9, 1-11, 2018.

GUARESCHI, N.M.F.; AZAMBUJA, M. A.; LARA, L. Biotecnologias e a (r)evolução nos modos de subjetivação. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 1, p. 5-14, 2012.

GUATARRI, F. **As Três Ecologias**. Campinas,SP: Papirus, 1990.

GUERRERO-CASTAÑEDA, R.F.; MENEZES, T.; OJEDA-VARGAS, M.G. Características de la entrevista fenomenológica en investigación en enfermería. **Rev. Gaúcha Enferm.**,38(2), e67458, 2017.

HADDOCK, S.; WEILER, L.; TRUMP, L.; HENRY, K. The efficacy of internal family systems therapy in the treatment of depression among female college students: a pilot study. **Journal of Marital and Family Therapy**, 43,1, 131–144, 2016.

HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HERSI, L.; TEFAY, K.; GESESEW, H.; KRAHL, W.; EREG, D.; TEFAYE, M. Mental distress and associated factors among undergraduate students at the University of Hargeisa, Somaliland: a cross-sectional study. **Int J Ment Health Syst**, 11, 39, 1-8, 2017.

HUSSERL, E. **Investigações Lógicas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. São Paulo: Edições 70, 2012b.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas**. São Paulo, Madras, 2001.

KAĞITÇIBAŞI, Ç. Autonomia e parentesco no contexto cultural: implicações para si e para a família. **Jornal da psicologia transcultural**, 36, 4, 403-422, 2005.

KALICHMAN, Artur Olhovetchi; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Integralidade e tecnologias de atenção à saúde: uma narrativa sobre contribuições conceituais à construção do princípio da integralidade no SUS. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 8, 2016.

KARNAL, César Leonardo *et al* . Fatores de proteção em estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 21, n. 3, p. 437-446, Dec. 2017.

KASS, A.; BALANTEKIN, K. ; FITZSIMMONS-CRAFT, E.; JACOBI, C.; WILFLEY, D. ; TAYLOR, C. The economic case for digital interventions for eating disorders among United States college student. **Int J Eat Disord.**, 50, 3, 250–258, 2017.

KIM, S.; KIM, H.; LEE, H.; LEE, H.; NON, D. Effectiveness of a brief stress management intervention in male college students. **Perspect Psychiatr Care**, 54, 88–94, 2018.

KIM, J.; PARK, S.; LA, A.; CHANG, J.; ZANE, N. Counseling Services for Asian, Latino/a, and White American Students: Initial Severity, Session Attendance, and Outcome. **Cultur Divers Ethnic Minor Psychol .**, 22, 3,299–310, 2016.

KREPPNER, K. Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In J. Valsiner & K. J. Connolly (Eds.), **Handbook of developmental psychology** (pp. 194-214). Londres: Sage, 2003.

KREPPNER, K. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16,1, 11-22, 2000.

LACERDA D.A.L., et al. Popular education and social control in worker health: challenges based on experience. **Interface**, 18, Supl 2, p.1377-1388, 2014.

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

LEITE, R.A.F.; BRITO, E.S.; SILVA, L.M.C.; PALHA, P.F.; VENTURA, C.A.A. Access to healthcare information and comprehensive care: perceptions of users of a public service. **Interface** (Botucatu), 18,51, p. 661-71, 2014.

LEMKE, R.A.; SILVA, R.A.N. Itinerários de uma construção de uma lógica territorial do cuidado. **Psicologia e sociedade**, 25, n.spe. 2, p. 9-20, 2013.

LIU F, ZHOU N, CAO H, FANG X, DENG L, CHEN W, et al. Chinese college freshmen's mental health problems and their subsequent helpseeking behaviors:A cohort design (2005-2011). **PLoS ONE**, 12,10, 2017.

MALTA, D.C.; MERHY, E.E. The path of the line of care from the perspective of nontransmissible chronic diseases. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.14, n.34, p.593-605, 2010.

MARTINEZ ORTIZ, Efrén; CASTELLANOS MORALES, Carol. Percepción de sentido de vida en universitarios colombianos. **Pensam. psicol.**, Cali , v. 11, n. 1, p. 71-82, June 2013.

MELLO, A. R. C. CARDOSO, C.J. Metodologias, recursos e estratégias didáticas para o ciclo da alfabetização no contexto do PNAIC em Mato Grosso: aspectos conceituais e práticos. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.12, n.1, p. 151-167, 2017.

MELO, A.K. et al. A experiência do tempo em Merleau-Ponty: contribuições para a fenomenologia clínica. **Interações em Psicologia**, 20, 1, p. 10-19, 2016.

MENDONÇA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

MERHY, E.E. **Saúde: cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec; 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012a.

\_\_\_\_\_. **A prosa do mundo**. Tradução: Paulo Alves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002b.

MIRON, A. X.; GUARESCHI, N. M. F. Compromisso Social da Psicologia e Sistema Único de Assistência Social: Possíveis Articulações. **Psicol. cienc. prof.**, v. 37, n. 2, p. 349-362, 2017.

MULLER-GRANZOTTO, M.J.; MULLER-GRANZOTTO, R.L. **Fenomenologia e Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

MULLER-GRANZOTTO, Marcos José. Merleau-Ponty leitor de Freud. **Nat. Hum.**, v. 7, n. 2, p. 399-432, 2005.

MUNARI, Denize Bouttelet et al. Sucessão de lideranças em enfermagem: pensar e agir hoje para garantir o amanhã. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 19, mar. 2017.

MYERS, S. M.; MYERS, C. B. The confluence of family and academic lives: Implications for assessment practices of college student learning in higher education institutions in the United States. **The Social Science Journal**, 52, 4, p. 527-535, 2015.

NAPPER, L.; MONTES, K.; KENNEY, S.; LABRIE, J. Assessing the Personal Negative Impacts of Hooking Up Experienced by College Students: Gender Differences and Mental Health. **J Sex Res.**, 53,7, 766–775, 2016.

NAVEA-MARTÍN, A., SUARÉZ-RIVEIRO, J.M. Estudio sobre la utilización de estrategias de automotivación en estudiantes universitarios. **Psicología Educativa**, 23, p. 115-121, 2017.

OKSANEN, A.; KATRI L.; BJÖRKLUND K, ET AL. A 12-year trend of psychological distress: national study of finnish university students. **Cent Eur J Public Health**, 25, 2, p.113–119, 2017.

OLIVEIRA, C. T., DIAS, A. C. G. Dificuldades na Trajetória Universitária e Rede de Apoio de Calouros e Formandos. **Psico**, v. 45, n. 2, pp. 187-197, 2014.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Child and adolescent health and development**. Genebra: OMS, 2009. Disponível em <http://www.who.int/child-adolescent-health/>

PATINO-LOPEZ, Jhoana Alexandra. Práticas familiares de paz: un acercamiento a las narrativas de jóvenes universitarios. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, Manizales , v. 15, n. 2, p. 1207-1222, 2017.

PEDRELLI, P; BORSARI, B.; LIPSON, S.; HEINZE, J.; EISENBERG, D. J. Gender Differences in the Relationships Among Major Depressive Disorder, Heavy Alcohol Use, and Mental Health Treatment Engagement Among College Students. **J. Stud. Alcohol Drugs**, 77, 620–628, 2016.

PENHA, J. **O que é existencialismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

PENNA, A. G. **Introdução à psicologia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

PERLS, F., HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PETROVIC, K. The Benefits of Taekwondo Training for Undergraduate Students: A Phenomenological Study. **Societies**, 7, 27, 1-20, 2017.

PETZOLD, M. The psychological definition of “the family”. CUSINATO, M. (Org.), **Research Family: Resources and needs across the world**. Milão: LED- Edizioni Universitarie, p.25-44, 1996.

PIMENTEL, E. C. et al. Ensino e Aprendizagem em Estágio Supervisionado: Estágio Integrado em Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 39, 3, p. 352 -358, 2015.

PINTO, A.G.A. et al. Apoio matricial como dispositivo do cuidado em saúde mental na atenção primária: olhares múltiplos e dispositivos para resolubilidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17, 3, p. 653-660, 2012.

PUPO, M. L. Formação de formadores em cena. **Lamparina: Revista de ensino de teatro**, v. 1, n.1, Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, p. 43-49, 2010.

RABELO, M.C.M.; ALVES, P.C.B.; SOUZA, I.M.A. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; FRANCO, Anamélia Lins e Silva; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. **Estud. pesqui. psicol.**, v. 12, n. 1, p. 260-273, 2012.

REGIS, J. O.; ANA RAMOS-CERQUEIRA, T.; LIMA, M. C.; TORRES, A.. Social anxiety symptoms and body image dissatisfaction in medical students: prevalence and correlates. **J Bras Psiquiatr.**, 67, 2, p. 65-73, 2018.

RIBEIRO, J. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 2009.

RIBEIRO, J. **Gestalt-terapia: o processo grupal. Uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística.** São Paulo: Summus, 1994.

ROCHA, G.S.A. et al. Cuidados de enfermagem aos indivíduos soropositivos: reflexão à luz da fenomenologia. **Reme Rev Min Enferm.**, 19, 2, p. 258-261, 2015.

ROCHA, Rita Martins Godoy; CARDOSO, Cármen Lúcia. A experiência fenomenológica e o trabalho em grupo na saúde mental. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, e165053, 2017.

RODRÍGUEZ, E. **Juventud y desarrollo en América Latina.** México: CELADE, 2000.

RONDINA, R..C.; PIOVEZZANI, C.A.T.; OLIVEIRA, D.C.; MARTINS, R.A. Queixas psicológicas e consumo de drogas em universitários atendidos em núcleo de assistência. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, 14(2), p 99-107, 2018.

RULL, M. A. P.; SÁNCHEZ, M. L. S.; CANO, E. V.; MÉNDEZ, M. T. C.; SACARDO, D. P.; FORTES, P. A. C.; TANAKA, O. Y. Novas Perspectivas na gestão do sistema de saúde da Espanha. **Saúde e Sociedade**, 19,1, p. 170-179, 2010.

SALINAS-OÑATE, N; BAEZA-RIVERA, M.; ESCOBAR, B.; COLOMA, J.; CARREÑO, M. Predictores culturales y psicológicos de la búsqueda de ayuda psicológica en estudiantes universitarios. **Cultura-hombre-Sociedad**, 28, 1, 79-101, 2018.

SALVATORE, J. E., THOMAS, N. S., CHO, S. B., ADKINS, A., KENDLER, K. S., & DICK, D. M. The role of romantic relationship status in pathways of risk for emerging adult alcohol use. **Psychology of Addictive Behaviors**, 30, 3, 335-344, 2016.

SALVATORE, J.; KENDLER, K.; DICK, D. Romantic Relationship Status and Alcohol Use and Problems Across the First Year of College. **J. Stud. Alcohol Drugs**, 75, 580–589, 2014.

SAMPAIO, M. L. **Ansiedade e depressão em estudantes de medicina:** frequência, marcadores biológicos e efeitos de uma oficina para manejo do *stress*. 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Farmacologia, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina, Fortaleza.

SÁNCHEZ GONZÁLEZ, MIGUEL ÁNGEL. El humanismo y la enseñanza de las humanidades médicas. **Educ Med.**, 18, 3, p.212-218, 2017.

SANTOS, B.S.; ALMEIDA-FILHO, J. **A universidade no século XXI: para uma universidade nova.** Editora: Almedina, 2009.

SANTOS, Hugo Gedeon Barros dos et al . Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 25, e2878, 2017.

SENA, E.L.S.; GONÇALVES, L.H.T.; MÜLLER GRANZOTTO, M.J.; CARVALHO, P.A.L.; REIS, H.F.T. Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa

fenomenológica em saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, 3, 4, p.769-775, 2010.

SENNA, S.R.C.M.; DESSEN, M.A. Reflexões sobre a saúde do adolescente brasileiro. **Psicologia, saúde e doenças**, 16,2, p.217-229, 2015.

SERPA JR. *et al.* Experiência, narrativa e conhecimento: a perspectiva do psiquiatra e a do usuário. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, 24, 4, p. 1053-1077, 2014.

SHULTZ, D. P.; SHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SILVA, E. P. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicol. teor. prat.**, v. 17, n. 1, p. 61-71, 2015.

SOUZA, M.V.C; LEMKUHL, I.; BASTOS, J.L. Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. **Rev. bras. epidemiol**, v. 18, n. 3, p. 525-537, 2015.

TANASESCU, I. **Franz Brentano's Metaphysics and Psychology**. Bucharest: Zeta Books, 2012.

THIENGO, Daianna Lima; CAVALCANTE, Maria Tavares; LOVISI, Giovanni Marcos. Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro , v. 63, n. 4, p. 360-372, Dec. 2014 .

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

UGWOKE, S. C.; ESEADI, C.; IGBOKWE, C. C.; CHIAHA, G. T. U.; NWAUBANI, O. O.; ORJI, CHIBUEZE TOBIAS *et al.* Effects of a rational-emotive health education intervention on stress management and irrational beliefs among technical college teachers in Southeast Nigeria. **Medicine** (Baltimore), 96, 31, e7658, 2017.

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID, UCM. **Reseña Histórica**. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 10 jan. 2018. Disponível em: <https://ucm.es/resena-historica>. Acesso em 10 jan. 2018.

UNIVERSIDAD POLITÉCNICA DE MADRID, UPM. **Reseña Histórica**. Universidad Politécnica de Madrid, Madrid, 10 jan. 2018. Disponível em: <http://www.upm.es/UPM/Historia/ResenaHistorica>. Acesso em 10 jan. 2018.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, USP. **Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional. Rede Magalhães**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 10 jan. 2018. Disponível em: <http://www.usp.br/internationaloffice/index.php/programas-e-redes/rede/rede-magalhaes/>. Acesso em 10 jan. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA, UESB. **Histórico**. Governo do Estado da Bahia, Ascom, Jequié, 19 dez. 2018. Disponível em: <http://www2.uesb.br/historico/> Acesso em: 19 dez. 2018.

VALADARES, F.C.; SOUZA, E.R. A gente vive equilibrando pratos: olhares sobre a violência que interroga a rede pública de saúde mental do município do Rio de Janeiro. **Saúde e Sociedade**, v.23, n.3, p.841-854, 2014.

VELLOSO, M. P. et al. Interdisciplinaridade e formação na área de saúde coletiva. **Trab.Educ.Saúde**, v.14, n.1,p.257-271, 2016.

WANDEN BERGHE, C.; MARTÍN RODERO, H.; RODRÍGUEZ MARTÍN, A.; NOVALBOS RUIZ, J. P.; MARTÍNEZ DE VICTORIA, E.; SANZ VALERO, J. *et al.* Quality of life and its determinants in Spanish University students of health sciences factors. **Nutr Hosp.**, 31,2, p. 952-958, 2015.

YOZO, R. **100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas.** São Paulo: ágora, 2016.

ZANATTA AB, GARGUETTI FC, LUCCA SR. O centro de atenção psicossocial álcool e drogas sob a percepção do usuário. **Revista Baiana de Saúde Pública**, 36, 1, p. 225-237, 2012.

ZHENG, M.; McCLAY, C.; WILSON, S.; WILLIAMS, C. Evaluation and treatment of low and anxious mood in Chinese-speaking international students studying in Scotland: study protocol for a pilot randomized controlled trial. **Pilot and Feasibility Studies**, 1, 22, 1-8, 2015.

## APÊNDICES

## **Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisadora Responsável: Sâmia de Carliris Barbosa Malhado

Prezado (a),

Meu nome é Sâmia de Carliris Barbosa Malhado, discente do Curso de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Estou desenvolvendo o projeto de pesquisa chamado “Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem”. O mesmo tem como objetivo geral “compreender a experiência de estudantes universitários acerca de seu cotidiano acadêmico e sociofamiliar em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem”; e, como objetivos específicos “descrever as vivências de universitários acerca do cotidiano acadêmico e social em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem; construir um Grupo Vivencial Terapêutico (GVT) com universitários que expressarem condição de distanciamento do convívio familiar de origem e, descrever, em termos de resolutividade, as experiências dos participantes do estudo no que se referem às suas inserções no grupo.

Os participantes dessa pesquisa serão discentes brasileiros e espanhóis. Portanto, é com muita satisfação que convido você a participar deste projeto e contribuir com a produção de conhecimentos sobre a implantação e utilização de encontros grupais como abordagens de cuidado no contexto da Universidade. Nessa perspectiva, o conhecimento produzido deverá contribuir para a promoção da saúde individual e coletiva, com possíveis efeitos terapêuticos para os participantes. Além disso, esta pesquisa poderá contribuir para a ampliação e difusão do conhecimento na área de saúde mental, e para subsidiar os gestores acadêmicos e do Sistema de Saúde no planejamento de ações de promoção à vida/saúde e de respeito aos direitos de cidadania de discentes.

Para a realização da pesquisa, todos os envolvidos precisarão dispor de tempo para participarem da(s) entrevista (s) e autorizar a gravação de suas falas. Caso o (a) participante sinta algum tipo de desconforto por ter sua rotina transformada, mesmo que temporariamente, ou queixar-se de quaisquer danos oriundos do estudo, a pesquisadora será responsabilizada, devendo tomar as providências necessárias para sancioná-los ou

ressarcir os prejudicados. Se algum questionamento durante a(s) entrevista (s) causar desconforto aos (às) participantes, poderá (ão) deixar de respondê-la.

Você terá a garantia do anonimato e o direito de remover seu consentimento em qualquer tempo do estudo, sem sofrer nenhum prejuízo. Esta pesquisa também não acarretará gastos financeiros para você, nem qualquer forma de ressarcimento ou indenização financeira por sua participação. É importante lembrar que a sua participação nesta pesquisa não é obrigatória, mas sim, voluntária, e só poderá ser iniciada após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A gravação das falas durante a(s) entrevista(s), bem como sua transcrição em papel serão arquivadas pelas pesquisadoras por cinco anos e você poderá solicitá-las sempre que necessário. Os resultados deste estudo poderão ser publicados em revistas e/ou periódicos científicos da área da saúde, bem como poderão ser apresentados em eventos científicos, entretanto, as falas não serão identificadas.

Para mais informações, o (a) senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB) pelo telefone (73) 35289727, pelo e-mail cepuesb.jq@gmail.com ou no seguinte endereço: Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequezinho, Jequié – Bahia, no horário das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00 horas.

Desde já agradeço sua atenção.

Ciente disto, Eu \_\_\_\_\_, portador da identidade nº \_\_\_\_\_ concordo voluntariamente em participar do referido estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Participante

## APÊNDICE B - Entrevista (Inicial) Individual Fenomenológica

### ENTREVISTA (INICIAL) INDIVIDUAL FENOMENOLÓGICA

Temas disparadores:

1. Qual é a data do seu nascimento?
2. Qual é o seu tipo de vínculo com a Universidade? Você é de qual curso/departamento?
3. Qual é a sua naturalidade?
4. Em que cidade/bairro reside? Há quanto tempo reside aí? É numa casa/apartamento própria (o), ou alugada (o), ou é um pensionato?
5. Qual é o seu contato por celular e/ou telefone fixo e/ou e-mail;
6. Qual é o seu estado civil? Tem filhos (as)? Se afirmativo, quantos (as)?
7. Você mora com sua família de origem?
8. Com quem reside? Especifique a relação de parentesco ou tipo de vínculo estabelecido com cada uma das pessoas com quem reside, se for o caso:
9. Você trabalha em outra instituição? Se afirmativo, em que função?
10. Você estuda em outra instituição? Se afirmativo, em que curso?
11. Em média, qual é a sua renda/investimento individual mensal para morar aqui?
12. Descreva como você percebe o seu estado atual de saúde física e mental, especificando possíveis trajetórias de adoecimentos, diagnósticos, internações, tratamentos e medicações já utilizados:
13. Você já frequentou (a) outro grupo terapêutico? Em caso afirmativo, como você o descreve e avalia?
14. Como você percebe o seu cotidiano atual acadêmico, social e familiar no contexto de distanciamento do convívio familiar de origem?
15. Como você percebe a proposta do Grupo Vivencial Terapêutico (GVT), para o qual você está sendo convidado(a) a participar? Quais são suas expectativas em relação ao GVT?
16. Que temas/vivências de seu cotidiano acadêmico e social você gostaria que fossem trabalhados no GVT?
17. Quais metodologias e recursos gostaria que fossem desenvolvidos no GVT?
18. Como foi para você participar dessa entrevista? Gostaria de fazer mais algum comentário, sugestão ou apontar outra informação importante?

**APÉNDICE C- Entrevista (Inicial) Individual**  
**Fenomenológica (lengua española)**

**ENTREVISTA (INICIAL)INDIVIDUAL FENOMENOLÓGICA (ESPAÑOL)**

*Temas disparadores:*

1. *¿Cuál es la fecha de su nacimiento?*
2. *¿Cuál es su tipo de vínculo con la Universidad? ¿Es de qué curso?*
3. *¿Cuál es su naturalidad?*
4. *¿En qué ciudad / barrio reside? ¿Cuánto tiempo reside ahí? ¿Es en una casa propia, o alquilada, o es un pensionado?*
6. *¿Cuál es su estado civil? ¿Tiene hijos (as)? Si es así, ¿cuántos?*
7. *¿Usted vive con su familia de origen?*
8. *¿Con quién reside? Especifique la relación de parentesco o tipo de vínculo establecido con cada una de las personas con las que reside, si es el caso.*
9. *¿Trabajas en otra institución? Si es afirmativo, ¿en qué función?*
10. *¿Usted estudia en otra institución? Si es así, ¿en qué curso?*
11. *En promedio, ¿cuál es su renta /inversión individual mensual para vivir aquí?*
12. *Describa cómo percibe su estado actual de salud física y mental, especificando posibles trayectorias de adicción, diagnósticos, internaciones, tratamientos y medicamentos ya utilizados.*
13. *¿Has asistido a otro trabajo/grupo terapéutico? En caso afirmativo, ¿cómo lo describe y evalúa?*
14. *¿Cómo percibe su cotidiano actual académico, social y familiar en el contexto de distanciamiento de la convivencia familiar de origen?*
15. *¿Cómo percibe la propuesta del Grupo Vivencial Terapéutico (GVT), para el cual usted está siendo invitado a participar? ¿Cuáles son sus expectativas en relación al GVT?*
16. *¿Qué temas /vivencias de su cotidiano académico y social le gustaría que fueran trabajados en el GVT?*
17. *¿Qué metodologías y recursos desea que se desarrollen en el GVT?*
18. *¿Cómo fue para usted participar en esa entrevista? ¿Quisiera hacer algún comentario, sugerencia o señalar otra información importante?*

## APÊNDICE D - Entrevista Final Individual Fenomenológica

### ENTREVISTA FINAL INDIVIDUAL FENOMENOLÓGICA

Temas disparadores:

1. Como você percebe o seu cotidiano atual acadêmico, social e familiar no contexto de distanciamento do convívio familiar de origem?
2. Descreva como você percebe o seu estado atual de saúde física e mental, especificando possíveis trajetórias de adoecimentos, diagnósticos, internações, tratamentos e medicações já utilizados:
3. Para você, como foi a construção, o desenvolvimento e o fechamento da proposta do GVT (Grupo Vivencial Terapêutico)? Quais as expectativas em relação ao GVT foram contempladas e quais não foram?
4. Quais temas existenciais, vivências e partilhas foram significativos para você e contemplados no GVT e quais gostaria que tivessem sido abordados?
5. Quais metodologias e recursos foram significativos para você e contemplados no GVT e quais gostaria que tivessem sido desenvolvidos?
6. Como você percebe a sua inserção no GVT?
7. A sua inserção no GVT influenciou alguma mudança nas suas relações cotidianas familiares e sociais e na vivência acadêmica? Como?
8. A sua inserção no GVT trouxe algum tipo de resolutividade em relação ao enfrentamento de alguma vivência cotidiana de dificuldade para você? Como?
9. Como você avalia o GVT na Universidade? Quais foram as potencialidades e as fragilidades do GVT?
10. Como você avalia o processo de facilitação do grupo?
11. Você frequentou o GVT em paralelo com alguma outra proposta terapêutica individual ou grupal, como a TC, desenvolvida na Universidade, ou em outro lugar? Em caso afirmativo, durante quanto tempo? A sua participação nessas propostas terapêuticas potencializou e/ou fragilizou recursos individuais e coletivos para o enfrentamento de dificuldades cotidianas? Como?
12. Como foi para você participar dessa entrevista? Gostaria de fazer mais algum comentário, sugestão ou apontar outra informação importante?

## **APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cenário espanhol)**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Pesquisadora Responsável: Sâmia de Carliris Barbosa Malhado

Prezado (a),

Meu nome é Sâmia de Carliris Barbosa Malhado, discente do Curso de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e estou desenvolvendo o projeto de pesquisa chamado “Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem”. O mesmo tem como objetivos descrever as vivências de universitários acerca do cotidiano acadêmico e social em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem; construir um Grupo Vivencial Terapêutico (GVT), com esses universitários e, descrever, em termos de resolutividade, as experiências dos participantes do estudo no que se referem às suas inserções no GVT.

Os participantes dessa pesquisa serão universitários brasileiros e espanhóis. Portanto, é com muita satisfação que convido você a participar deste projeto e contribuir com a produção de conhecimentos sobre a implantação e utilização de encontros grupais como abordagens de cuidado no contexto acadêmico. Nessa perspectiva, o conhecimento produzido deverá contribuir para a promoção da saúde individual e coletiva, com significativos efeitos terapêuticos para os participantes. Além disso, esta pesquisa poderá contribuir para subsidiar os gestores acadêmicos e do Sistema de Saúde no planejamento de ações de promoção da saúde dos estudantes universitários.

Para a realização da pesquisa, todos os envolvidos precisarão dispor de tempo para participarem da(s) entrevista (s) e autorizar a gravação de suas falas. A gravação das falas durante a(s) entrevista(s), bem como sua transcrição em papel serão arquivadas pelas pesquisadoras por cinco anos e você poderá solicitá-las sempre que necessário. Os resultados deste estudo poderão ser publicados em revistas e/ou periódicos científicos da área da saúde, bem como poderão ser apresentados em eventos científicos, entretanto, as suas falas gravadas, assim como a de nenhum outro integrante, serão identificadas.

Esta pesquisa também não acarretará gastos financeiros para o participante, nem qualquer forma de ressarcimento ou indenização financeira pela participação. É importante lembrar que a sua participação nesta pesquisa não é obrigatória, mas sim, voluntária, e só poderá ser iniciada após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Você terá a garantia do anonimato e o direito de remover seu consentimento em qualquer tempo do estudo, sem sofrer nenhum prejuízo.

Caso o (a) participante sinta algum tipo de desconforto por ter sua rotina transformada, mesmo que temporariamente, ou queixar-se de quaisquer danos oriundos do estudo, a pesquisadora será responsabilizada, devendo tomar as providências necessárias para sancioná-los ou ressarcir os prejudicados. Se algum questionamento durante a(s) entrevista (s) causar desconforto ao participante, este poderá deixar de respondê-la.

Caso tenha dúvidas, você pode solicitar esclarecimentos antes, durante e após a participação da pesquisa. Esses esclarecimentos podem ser transmitidos através da pesquisadora responsável pelo e-mail: carliris@gmail.com.

Para mais informações, você também poderá entrar em contato com a pesquisadora através do endereço: *Unidad de Historia de la Medicina de la Facultad de Medicina de la Universidad Complutense de Madrid, Pabellón 4, Sótano, Despacho n. 4, horário de 14: 30h a 15:00 h.*

Ciente disto, Eu \_\_\_\_\_, concordo voluntariamente em participar do referido estudo.

Desde já agradeço sua atenção!

\_\_\_\_\_Madrid\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Participante

## **APÊNDICE F - Término de Consentimiento Informado**

### **TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO INFORMADO**

*Investigadora Responsable: Sâmia de Carliris Barbosa Malhado*

*Estimado (a),*

*Mi nombre es Sâmia de Carliris Barbosa Malhado, psicóloga y estudiante de Doctorado en Enfermería y Salud de la Universidad Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) y realizando una estancia en la Universidad Complutense de Madrid (UCM). Estoy desarrollando una investigación llamada “Vivencias sociofamiliares y académicas de universitarios en contexto de distanciamiento de la convivencia familiar de origen”.*

*Nuestros objetivos son describir las vivencias de universitarios acerca de la vida académica y social en contexto de distanciamiento de la convivencia familiar de origen; construir y analizar una terapia social con estos universitarios, denominada Grupo Vivencial Terapéutico.*

*Los participantes de esta investigación serán universitarios brasileños o españoles. Por lo tanto, le invito a participar en este proyecto y contribuir a producir conocimientos sobre la implantación y utilización de encuentros grupales de enfoques de cuidado en la Universidad. En esta perspectiva, el conocimiento producido debe contribuir a la promoción de la salud individual y general y tener con posibles efectos terapéuticos para los participantes. Además, esta investigación podrá sensibilizar a los gestores académicos y del Sistema de Salud en la planificación de acciones de promoción de la salud de los estudiantes.*

*Para la realización de la investigación, todos necesitarán disponer de algunos minutos semanales para participar en la (s) entrevista (s) y encuentros grupales, y autorizar la grabación de sus palabras. La grabación de sus palabras, así como su transcripción en papel serán archivadas por las investigadoras durante cinco años y usted podrá solicitarlas siempre que sea necesario. Los resultados de este estudio pueden ser publicados en revistas, así como pueden ser presentados en eventos científicos, sin embargo, los sujetos no serán identificadas.*

*Esta investigación tampoco acarreará gastos financieros para usted, ni obtendrá forma de beneficio financiero por su participación voluntaria y sólo podrá iniciarse después de la firma de este Término de Consentimiento Informado Usted*

*tendrá la garantía del anonimato y el derecho de retirar su consentimiento en cualquier momento del estudio, sin sufrir ningún perjuicio.*

*Si el participante experimenta algún tipo de incomodidad, aunque sea temporalmente, o quejarse de cualquier daño proveniente del estudio, la investigadora será responsable, debiendo tomar las providencias necesarias para compensar o resarcir a los perjudicados. Si alguna pregunta durante la (s) entrevista (s) causa molestias a los (as) participantes, puede (o) dejar de responder o dejar de participar de toda la investigación.*

*Si tiene alguna duda, puede solicitar aclaraciones en cualquier momento. Estas aclaraciones pueden ser solicitadas a la investigadora responsable en el e-mail: carliris@gmail.com o usted podrá ir a la siguiente dirección: Unidad de Historia de la Medicina de la Facultad de Medicina de la Universidad Complutense de Madrid, Pabellón 4, Sótano, Despacho n. 4, en los horario de 14: 30h a 15:00 h.*

*En cualquier caso le agradezco su colaboración,*

*Madrid \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_2017\_\_\_\_\_*

\_\_\_\_\_  
*Investigadora responsable*

\_\_\_\_\_  
*Participante*

## APÊNDICE G - Roteiros para a Facilitação dos Encontros Grupais

### ROTEIROS PARA A FACILITAÇÃO DOS ENCONTROS GRUPAIS

#### I FACILITAÇÃO

Boas Vindas;

1. Objetivo do encontro (integração e co-construção do grupo);
2. Exercício de relaxamento;
3. Exercício de expressão artística: objetivo de apresentação individual no grupo;
4. Feedback/partilhas acerca dos exercícios propostos;
5. Co-construção do grupo, aspectos sobre: objetivo do grupo; gravações, pesquisa e sigilo; dia e horário para os oito encontros; compromisso na assiduidade; regras de convivência; sistematização dos encontros quanto a temas, recursos/metodologias;
6. Lista de propostas relatadas pelos participantes durante as entrevistas fenomenológicas individuais acerca do GVT (disponibilizada aos participantes):
  - Expectativas: apoio mútuo; compartilhar vivências, sentimentos; aprender com a história do outro; Formar vínculos; perceber como as pessoas se comportam em relação a estar longe da família, tendo que se readaptar a um novo ambiente e grupo de amigos; identificação; timidez.
  - Temas: como se organizar/lidar para superar a pressão da rotina acadêmica; aprender a lidar com a falta e com distância da família; relações/conflitos familiares; relações/conflitos sociais na faculdade, na coabitação; relações afetivas; saber modos de enfrentar momentos difíceis / autocontrole de *stress* e emoções; como manter a boa vivência na faculdade mesmo lidando com a competição na sala de aula; espiritualidade; como entrou e como pretende sair da faculdade/expectativas do futuro profissional; saúde mental dentro da universidade/ansiedade pela incerteza do futuro; autoimagem-consciência; sentido da vida; construção de identidade.
  - Metodologias/recursos de resistência: dinâmicas e atividades que podem mascarar a realidade pessoal; falar da própria vida pode ser difícil;

avaliações individuais tradicionais; grupo muito longo em duração e com muitas leituras.

- Sugestão de metodologias/recursos: exercícios de grupos; rodas de conversa/ parecem ser mais transparentes; partilhas de experiências difíceis e exitosas; exercícios que expressem a criatividade.

7. Votação das seis temáticas e de recursos/metodologias a serem desenvolvidas nos encontros do GVT;
8. Agradecimentos e pactuação do próximo encontro.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Raquel Souza; VELOSO, Thelma Maria Grisi; BARROS, Sibelle Maria Martins de. Oficinas com Usuários de Saúde Mental: a Família como Tema de Reflexão. **Psicol. cienc. prof.**, v. 37, n. 2, p. 489-499, 2017.

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MENDONÇA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

RIBEIRO, J. **Gestalt-Terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 2009.

## II FACILITAÇÃO

1. Boas Vindas;
2. Partilha sobre a semana que antecedeu o encontro: algo foi significativo ao ponto de ter influenciado vivências durante a semana?
3. Exercício da “Criação Coletiva de uma Máscara”: cada participante escolhe um gesto que lhe representa no aqui e agora (exemplo, esfregar as mãos) e cada colega deve lembrar-se das mímicas dos colegas anteriores e representar a sua própria, até que todo o grupo incorpore a sequência da apresentação/mímica de todos;
4. Feedback/partilhas acerca do exercício;
5. Tema de hoje: enfrentamento a momentos difíceis: autocontrole emocional e de

*stress* (Explorar como estariam articuladas com o social, o familiar e o acadêmico)

- Quais seriam essas situações difíceis?
  - Para quem já passou por algo semelhante → Como foi o processo de vivenciar essa situação antes da solução? Como foi o seu decorrer? O que foi negativo nessa vivência? Como surgiu a solução/saída? Houve algo de positivo ao vivenciar essa situação? Qual é a lição da história?
  - Para a atualidade → Como está sendo o processo de vivenciar essa situação? O que há de negativo nessa vivência? Há algo de positivo? Como você acha que pode surgir uma solução? Qual seria a lição a ser aprendida?
6. Feedback/partilhas: Como foi o grupo hoje? Quais sentimentos surgiram? Quais sentimentos e conhecimentos apareceram? Algo foi ressignificado ou está incomodando?
  7. Feedback/partilha da facilitadora;
  8. Agradecimentos e pactuação do próximo encontro.

## REFERÊNCIAS

CABALLERO DOMINGUEZ, Carmen Cecilia; SUAREZ COLORADO, Yuly Paola; BRUGES CARBONO, Henry David. Características de inteligencia emocional en un grupo de universitarios con y sin ideación suicida. **CES Psicol**, Medellín , v. 8, n. 2, p. 138-155, 2015.

CARLOTTO, Rodrigo Carvalho; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia. Adaptação Acadêmica e Coping em Estudantes Universitários. **Psico-USF**, Itatiba , v. 20, n. 3, p. 421-432, 2015.

FONSECA-PEDRERO, Eduardo; PÉREZ-ALBÉNIZ, Alicia; ORTUÑO-SIERRA, Javier Et al. Efectos de una intervención de educación emocional en alumnos de un programa universitario. **Universitas Psychologica** , v. 16 , n. 1, 2017.

GOUVEIA, M. , SANTANA, H.; SANTOS, A.M. Et al. Qualidade de vida e bem-estar dos estudantes universitários de enfermagem: revisão integrativa. **Rev Enferm UFPI**, 6, 3, p.72-8, 2017.

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MENDONCA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de.

Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

YOZO, R. **100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas.** São Paulo: ágora, 2016.

### III FACILITAÇÃO

Boas Vindas;

1. Exercício dramático “Jogo do Tibitá”: elege-se um voluntário que sai da sala, enquanto o grupo escolhe um verbo e responderá aos questionamentos do voluntário conjugando o tibitá para que este descubra qual verbo foi escolhido (por exemplo, ao grupo: “Fulana, você tibita toda noite?” Fulana: Sim, tibito muito!”). As respostas do grupo podem ser livres, além do sim ou não e o voluntário tem três chances para acertar o verbo escolhido;
2. Feedback/partilhas: saber como foi a semana: o que houve de significativo? Como?
3. Fazer ponte com o tema de hoje: enfrentamento da ansiedade pela incerteza do futuro;
4. Roda de conversa: como se sente em relação ao futuro profissional (Explorar medos, fantasias, desejos; bem como barreiras, estratégias para superação/ Explorar como estariam articuladas com o social, o familiar e o acadêmico/ Estimular dúvidas e oferecer informações sobre saúde mental e enfrentamento psicossocial em contexto de vulnerabilidade)
5. Feedback/partilhas: Como foi o grupo hoje? Quais sentimentos surgiram? Quais percepções e conhecimentos apareceram? Algo foi ressignificado ou está incomodando?
6. Meu feedback;
9. Agradecimentos e pactuação do próximo encontro.

### REFERÊNCIAS

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, LÍlian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em

oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MENDONCA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

OKSANEN, A.; KATRI L.; BJÖRKLUND K, ET AL. A 12-year trend of psychological distress: national study of finnish university students. **Cent Eur J Public Health**, 25, 2, p.113–119, 2017.

REGIS, J. O.; ANA RAMOS-CERQUEIRA, T.; LIMA, M. C.; TORRES, A.. Social anxiety symptoms and body image dissatisfaction in medical students: prevalence and correlates. **J Bras Psiquiatr.**, 67, 2, p. 65-73, 2018.

YOZO, R. **100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas.** São Paulo: ágora, 2016.

#### IV FACILITAÇÃO

Boas Vindas;

1. Exercício do “Siga o Chefe”: o grupo em círculo elege um voluntário para sair da sala enquanto o grupo escolhe um chefe, que deve produzir movimentos e diversificá-los durante o exercício. O voluntário é chamado de volta para sala e dentro do círculo deve tentar descobrir quem está comandando os movimentos.
2. Feedback/partilhas: saber como foi a semana: o que houve de significativo? Como?
3. Fazer ponte com o tema de hoje: expectativas do futuro profissional e auto-avaliação de como o estudante se inseriu e como deseja sair da Universidade, associando às expectativas relacionadas ao futuro profissional dos participantes.
4. Exercício: desenhar uma máscara, em um lado de folha de papel ofício, representando como entrou na Universidade e, no seu verso, uma máscara representando como pretende sair.
5. Trocar e compartilhar o que vê na máscara do outro. (Explorar medos, fantasias, desejos; bem como barreiras, estratégias para superação/ Reconhecer fonte de angústia, efeitos sobre o corpo, estratégias pessoais, estratégias funcionais, expectativa de superação/ Explorar como estariam articuladas com o social, o familiar e o acadêmico/ Estimular dúvidas e oferecer informações sobre saúde mental e enfrentamento psicossocial em contexto de

vulnerabilidade)

7. Feedback/partilhas: Como foi o grupo hoje? Quais sentimentos surgiram? Quais sentimentos e conhecimentos apareceram? Algo foi ressignificado ou está incomodando?
8. Meu feedback;
10. Agradecimentos e pactuação do próximo encontro.

## REFERÊNCIAS

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MENDONCA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

MUNARI, Denize Bouttelet et al. Sucessão de lideranças em enfermagem: pensar e agir hoje para garantir o amanhã. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 19, mar. 2017.

PUPO, M. L. Formação de formadores em cena. **Lamparina: Revista de ensino de teatro**, v. 1, n.1, Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, p. 43-49, 2010.

SAMPAIO, M. L. **Ansiedade e depressão em estudantes de medicina: frequência, marcadores biológicos e efeitos de uma oficina para manejo do stress**. 2012. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Farmacologia, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina, Fortaleza.

YOZO, R. **100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas**. São Paulo: ágora, 2016.

## V FACILITAÇÃO

1. Boas Vindas;
2. Exercício do “Aponte o que Ouviu”: o grupo permanece sentado, em círculo, um participante deve apontar para uma parte do corpo do participante ao seu lado e afirmar ser outra parte (por exemplo: aponta para a cabeça do vizinho e diz ser um umbigo), a pessoa à sua direita deverá apontar para a parte que ouviu (por exemplo: umbigo) e dizer outra parte (por exemplo: braço), e assim

- por diante, quem for errando deve colaborar como juiz;
3. Exercício da “Percepção de si e do Outro”: Os participantes ficam em dupla, em frente a frente, e a instrução é que cada um Perceba o outro da forma que quiser, mas sem verbalizar. Após certo tempo, pede-se que fiz costas um para o outro e cada um vai descrever o que percebeu do outro, pode ser a vestimenta, acessórios, emoções, comportamentos. Ao término, viram-se de frente e verificam o que acertaram e o que não;
  4. Feedback/partilhas: saber como foi a semana: o que houve de significativo? Como?
  5. Fazer ponte com o tema de hoje: como se organizar para enfrentar a rotina acadêmica? Oficina: em folhas de papel, quatro itens devem ser refletidos: 1- Reconhecer como é a sua gestão de metas de aprendizagem ao longo do semestre; 2- Reconhecer como é a sua gestão de expectativas positivas relacionadas à aprendizagem ao longo do semestre; 3-Reconhecer como é a sua gestão de custos de tempo, esforço e utilidade relacionados à aprendizagem ao longo do semestre; 4- Reconhecer como é a sua gestão de automotivação relacionada à aprendizagem ao longo do semestre. (Reconhecer gestão de metas de aprendizagem, de expectativas positivas, de custos relacionados ao tempo, esforço e utilidade; e de automotivação ao longo do semestre);
  6. Compartilhar relacionando reconhecimentos cognitivos a emocionais (Explorar medos, fantasias, desejos; bem como barreiras, estratégias para superação/ Explorar como estariam articuladas com o social, o familiar e o acadêmico/ Estimular dúvidas e oferecer informações sobre saúde mental e enfrentamento psicossocial em contexto de vulnerabilidade)
  9. Feedback/partilhas: Como foi o grupo hoje? Quais sentimentos surgiram? Quais sentimentos e conhecimentos apareceram? Algo foi ressignificado ou está incomodando?
  10. Meu feedback;
  11. Agradecimentos e pactuação do próximo encontro.

## **REFERÊNCIAS**

BARRIOS, A. H., URIBE, A.C. Adaptación y validación del inventario de estrategias

de autorregulación en estudantes universitarios. **Suma Psicológica**, 24, p. 9-16, 2017.

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MENDONÇA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

NAVEA-MARTÍN, A., SUARÉZ-RIVEIRO, J.M. Estudio sobre la utilización de estrategias de automotivación en estudantes universitarios. **Psicología Educativa**, 23, p. 115-121, 2017.

YOZO, R. **100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas.** São Paulo: ágora, 2016.

## VI FACILITAÇÃO

Boas Vindas;

1. Exercício “Uma Fruta, Um Esporte, Uma Música”: Cada participante escreve no papel o nome de uma fruta, de um esporte e de uma música com que se identifica. Ao escrever, ninguém deve ver que consta no papel do outro participante, pois os papéis deverão ser misturados e redistribuídos. Cada pessoa do grupo tenta identificar de quem é o papel que pegou, se acertar o autor explica suas escolhas, se errar o autor explica-se no final;
2. Feedback/partilhas: saber como foi a semana, o que houve de significativo? Como?
3. Fazer ponte com o tema de hoje: o sentido da vida;
4. Exercício: numa folha de papel, cada participante deve escrever questionamentos reflexivos pessoais sobre o tema do sentido da vida, inclusive relacionando-o com outros temas já partilhados no grupo. Após a escrita, mistura-se as folhas para que sejam redistribuídas. Cada um deve ler o questionamento que pegou e expressar seu ponto de vista, sentimentos, ações em relação à reflexão deflagrada no papel (Explorar medos, fantasias, desejos; bem como barreiras, estratégias para superação/ Explorar como estariam articuladas com o social, o familiar e o acadêmico/ Estimular dúvidas e oferecer informações sobre saúde mental e enfrentamento psicossocial em contexto de

vulnerabilidade);

5. Como foi o grupo hoje? Quais sentimentos surgiram? Algo foi ressignificado ou está incomodando?
6. Meu feedback;
7. Agradecimentos e pactuação do próximo encontro.

## REFERÊNCIAS

KARNAL, César Leonardo et al . Fatores de proteção em estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 21, n. 3, p. 437-446, Dec. 2017.

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MARTINEZ ORTIZ, Efrén; CASTELLANOS MORALES, Carol. Percepción de sentido de vida en universitarios colombianos. **Pensam. psicol.**, Cali , v. 11, n. 1, p. 71-82, June 2013 .

MENDONCA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

SANTOS, Hugo Gedeon Barros dos et al . Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 25, e2878, 2017.

YOZO, R. **100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas.** São Paulo: ágora, 2016.

## VII FACILITAÇÃO

Boas Vindas;

1. Exercício da “Narrativa Coletiva”: cada participante, com lápis e uma folha de papel ofício, deve iniciar a criação de uma breve história espontânea e atribuir um título a ela, de modo que, após um pequeno espaço de tempo, o participante deve entregar a sua folha para o vizinho da direita e receber outra história do seu vizinho da esquerda, continuando a história iniciada pelo colega e assim sucessivamente, até que história retornasse ao seu criador inicial;

2. Feedback/partilhas: saber como foi a semana, o que houve de significativo? Como?
3. Fazer ponte com o tema de hoje: aprender a lidar com a distância familiar;
6. Partilha de vivências (Explorar medos, fantasias, desejos; bem como barreiras, estratégias para superação/ Explorar como estariam articuladas com o social, o familiar e o acadêmico/ Estimular dúvidas e oferecer informações sobre saúde mental e enfrentamento psicossocial em contexto de vulnerabilidade)
12. Feedback/partilhas: Como foi o grupo hoje? Quais sentimentos surgiram? Quais sentimentos e conhecimentos apareceram? Algo foi resignificado ou está incomodando?
13. Meu feedback;
11. Agradecimentos e pactuação do próximo encontro.

## REFERÊNCIAS

GRANDINO, Patrícia Junqueira. Práticas de risco entre os jovens: estudo preliminar sobre condutas ordálicas. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 27, n. 1, p. 145-152, Apr. 2016.

KARNAL, César Leonardo et al . Fatores de proteção em estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 21, n. 3, p. 437-446, Dec. 2017.

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MENDONCA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

PATINO-LOPEZ, Jhoana Alexandra. Prácticas familiares de paz: un acercamiento a las narrativas de jóvenes universitarios. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv**, Manizales, v. 15, n. 2, p. 1207-1222, July 2017.

SANTOS, Hugo Gedeon Barros dos et al . Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 25, e2878, 2017.

YOZO, R. **100 jogos para grupos. Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas.** São Paulo: ágora, 2016.

## VIII FACILITAÇÃO

Boas Vindas;

1. Exercício: livre escolha;
2. Feedback/partilhas: saber como foi a semana, o que houve de significativo? Como?
3. Fazer ponte com o tema de hoje: fechamento do GVT;
4. Oficina de *feedback* e despedida: reconhecer pensamentos, afetos, emoções e ações positivas e negativas e que foram significativas ao longo do GVT; reconhecer o que foi possível aprender com cada participante, incluindo a facilitadora, e que contribui para o despertar de algo novo ou significativo para si;
5. Partilhar vivências a partir do levantamento de aprendizados e emoções ambíguas suscitadas ao longo do GVT (buscar relacionar reconhecimentos cognitivos e emocionais, explorar medos, fantasias, desejos; bem como barreiras, estratégias para superação/ explorar como estariam articuladas com o social, o familiar e o acadêmico/ estimular dúvidas e oferecer informações sobre saúde mental e enfrentamento psicossocial em contexto de vulnerabilidade)
6. Feedback/partilhas: Como foi o grupo hoje? Quais sentimentos surgiram? Quais sentimentos e conhecimentos apareceram? Algo foi ressignificado ou está incomodando?
7. Meu feedback;
8. Considerações sobre reuniões de seguimento e encaminhamentos;
9. Agradecimentos e pactuação da entrevista individual final fenomenológica.

## REFERÊNCIA

LACERDA, Mariana Correia; CARVALHO, Lílian Cherulli de; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 41-49, abr. 2019.

MENDONCA, Bruna Improta de Oliveira; BRITO, Maria Alice Queiroz de. Compreensão gestáltica de oficinas de contação de histórias em um grupo vivenciando a velhice. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 26-37, abr. 2019.

RIBEIRO, J. **Gestalt-Terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 2009.

**APÊNDICE H – Oficina sobre metas de aprendizagens.****OFICINA - METAS DE APRENDIZAGENS.**

1-Reconhecer como é a sua gestão de metas de aprendizagem ao longo do semestre:

2- Reconhecer como é a sua gestão de expectativas positivas relacionadas à aprendizagem ao longo do semestre:

3-Reconhecer como é a sua gestão de custos de tempo, esforço e utilidade relacionados à aprendizagem ao longo do semestre:

4- Reconhecer como é a sua gestão de automotivação relacionada à aprendizagem ao longo do semestre:

## APÊNDICE I – Oficina de Finalização dos Encontros Grupais

### OFICINA FINALIZAÇÃO DOS ENCONTROS GRUPAIS

Quais emoções/pensamentos/ações foram suscitados ao longo do GVT?

POSITIVOS	NEGATIVOS

O que você vai levando de:

Nome	O que vai levar como aprendizado/algo significativo dessa pessoa



**APÊNDICE K – Orçamento da Pesquisa**

**ORÇAMENTO DA PESQUISA**

<b>MATERIAL DE CONSUMO</b>	<b>QUANT.</b>	<b>VALOR UNITÁRIO R\$</b>	<b>VALOR TOTAL R\$</b>
Papel A4	20 pacotes	15,00	300,00
<i>Pendrive</i>	2 unidades	20,00	40,00
Encadernação	10 unidades	2,50	25,00
Classificador	10 unidades	4,00	40,00
Lápis e borrachas	10 unidades	1,00	10,00
Massinhas de modelar	8 caixas	3,00	24,00
<i>Tonner</i> para impressão	1 unidade	150,00	150,00
Transcrição em espanhol e tradução para português	5 entrevistas	200,00	1.000,00
Revisão de português	3 manuscritos	90,00	270,00
Encadernação capa dura	3 unidades	40,00	120,00
<b>Total</b>		1.979,00	

**ANEXOS**

## ANEXO A- PRODUÇÕES DO GRUPO LAÇOS

**Exercício:** desenhar uma máscara, em um lado de folha de papel ofício, representando como entrou na Universidade e, no seu verso, uma máscara representando como pretende sair.

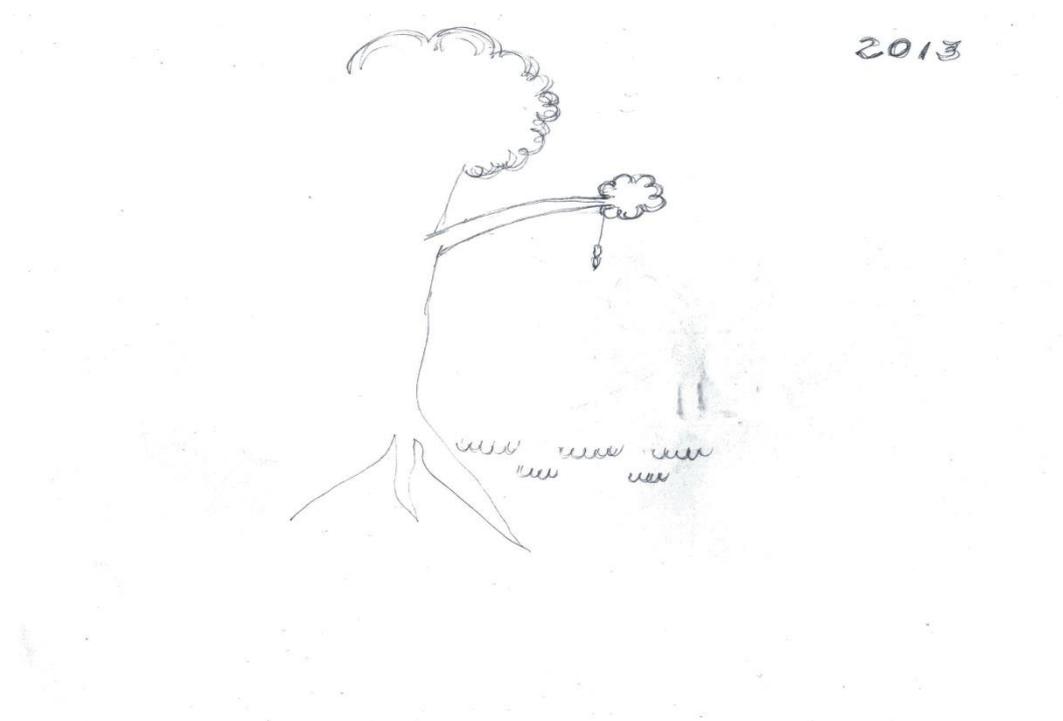
Participante: como entrou...



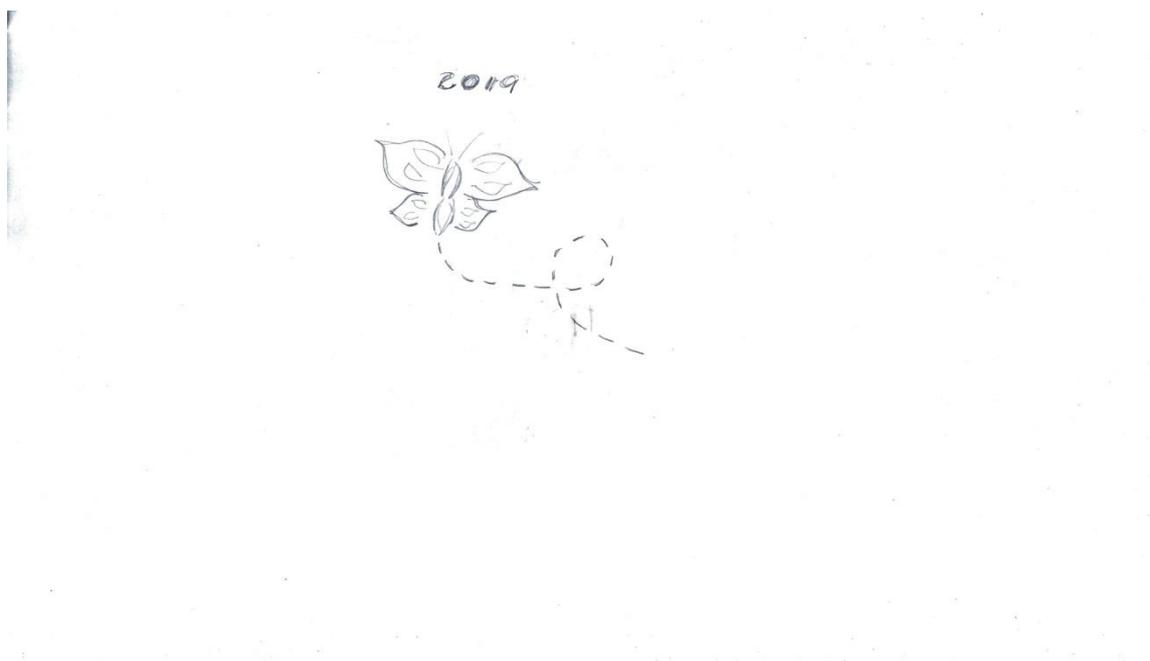
Como pretende sair..



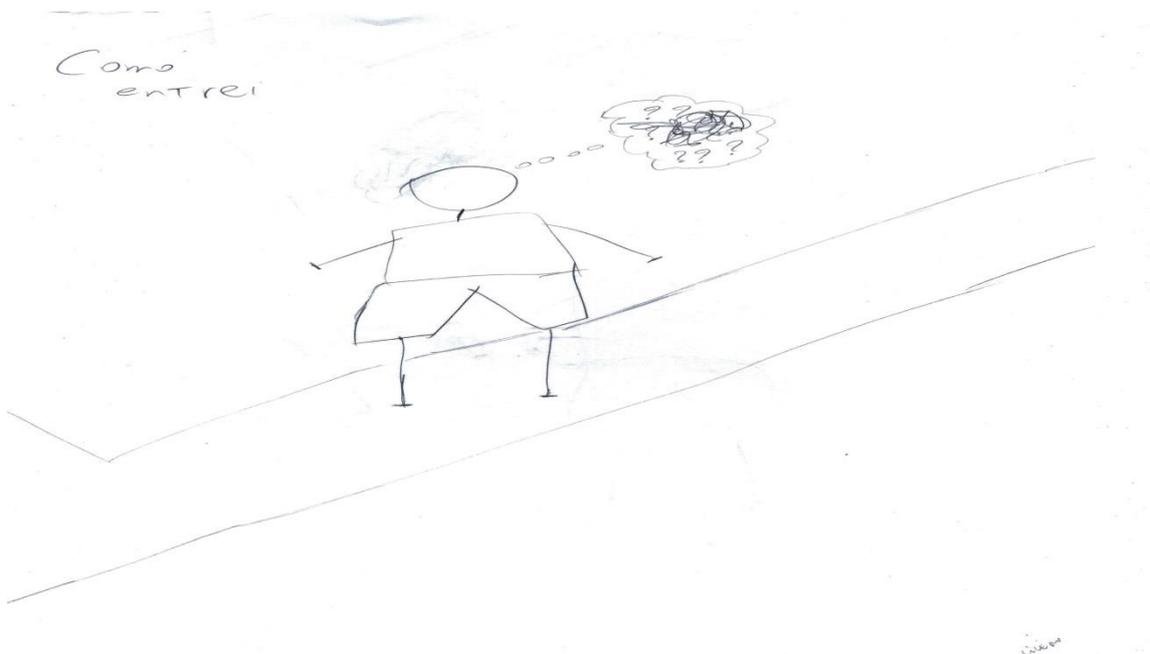
Participante: como entrou...



Como pretende sair...



Participante: como entrou...



Como pretende sair...



Participante: como entrou...



Como pretende sair...

---



Participante: como entrou...

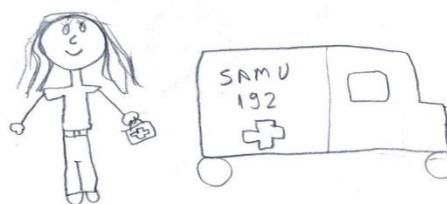




Participante: como entrou...



Como pretende sair...



**Exercício** “Uma Fruta, Um Esporte, Uma Música”: Cada participante escreve no papel o nome de uma fruta, de um esporte e de uma música com que se identifica. Ao escrever, ninguém deve ver que consta no papel do outro participante, pois os papéis deverão ser misturados e redistribuídos. Cada pessoa do grupo tenta identificar de quem é o papel que pegou, se acertar o autor explica suas escolhas, se errar o autor explica-se no final.

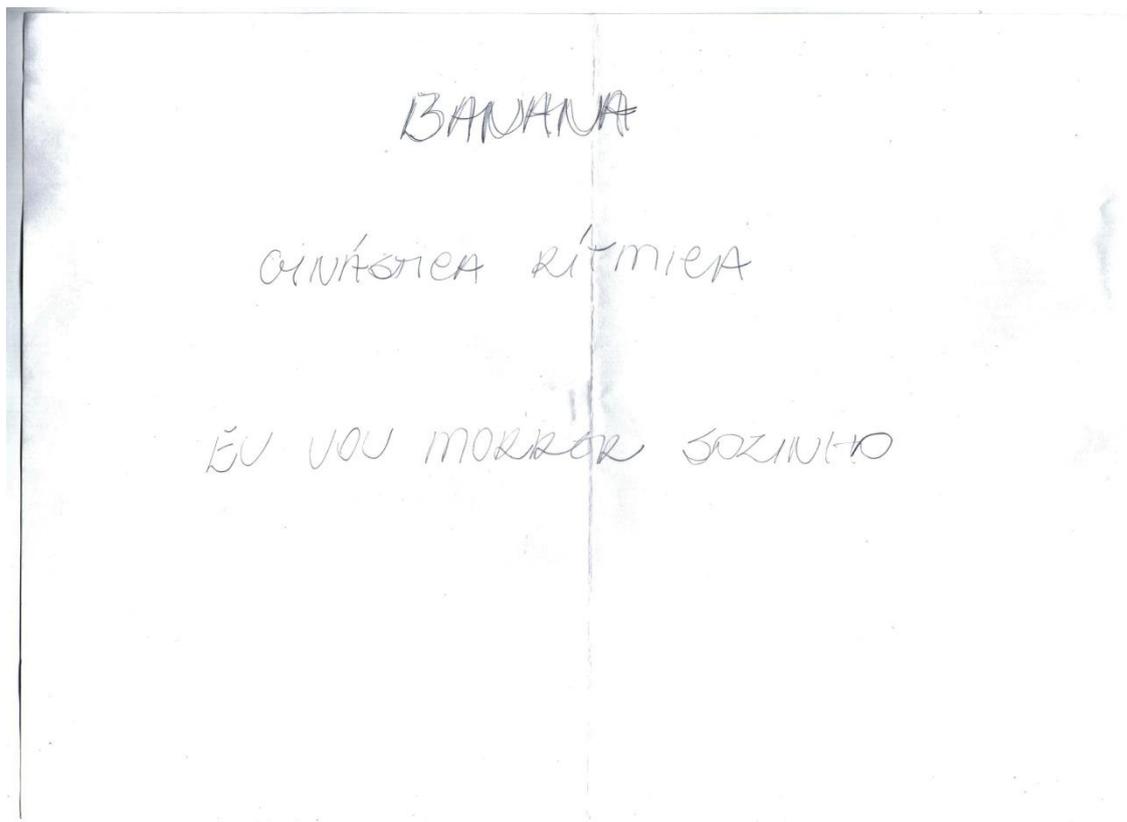
Participante:

ABACAXI - JUDÔ - QUEM TEM FÉ SABE QUE  
NÃO ESTÁ SOZINHO

Participante:

ACADEMIA  
DOIS SORRISOS  
UVA

Participante:



Participante:



Participante:

MELANCIA

VÔLEI

PRECISO ME ENCONTRAR

Participante:

Fruta, arte e letra de música

MORANGO

ACADEMIA

AQUIETA MINHA  
ALMA

Participante:

UVA

NATAÇÃO

AMIGO É COISA PARA SE GUARDAR  
NO LADO ESQUERDO  
DO PEITO

**Exercício:** numa folha de papel, cada participante deve escrever questionamentos reflexivos pessoais sobre o tema do sentido da vida, inclusive relacionando-o com outros temas já partilhados no grupo. Após a escrita, mistura-se as folhas para que sejam redistribuídas. Cada um deve ler o questionamento que pegou e expressar seu ponto de vista, sentimentos, ações em relação à reflexão deflagrada no papel.

Participante:

- 
- Deus, Família, aprendizagem
- ✓ Cite 3 pequenos detalhes que são importantes na sua vida.
  - ✓ O que é estar longe da família para você?

Participante:

"ONDE É SUA CASA  
É O QUE É CASA?"

- Em
- Onde estão as coisas/ <sup>personas</sup> que eu amo
- Me desvincular da família (???)
- Ver quem eu sou
- Seguir os sonhos
- Tudo que eu vivo ajuda na constru-  
ção da minha casa.

WE GO HOME  
HOME IS HERE



WHY I'M HERE:

God is alive!



MY  
BODY  
ART  
MY  
ART

I'M LOST IN MYSELF

GRL  
PWR

Participante:

---

PORQUE NÃO PODEMOS SIMPLEMENTE SER  
QUEM SOMOS NA CONVIVÊNCIA EM SOCIEDADE?  
PORQUE AS PESSOAS AGEM COM MALDADE?

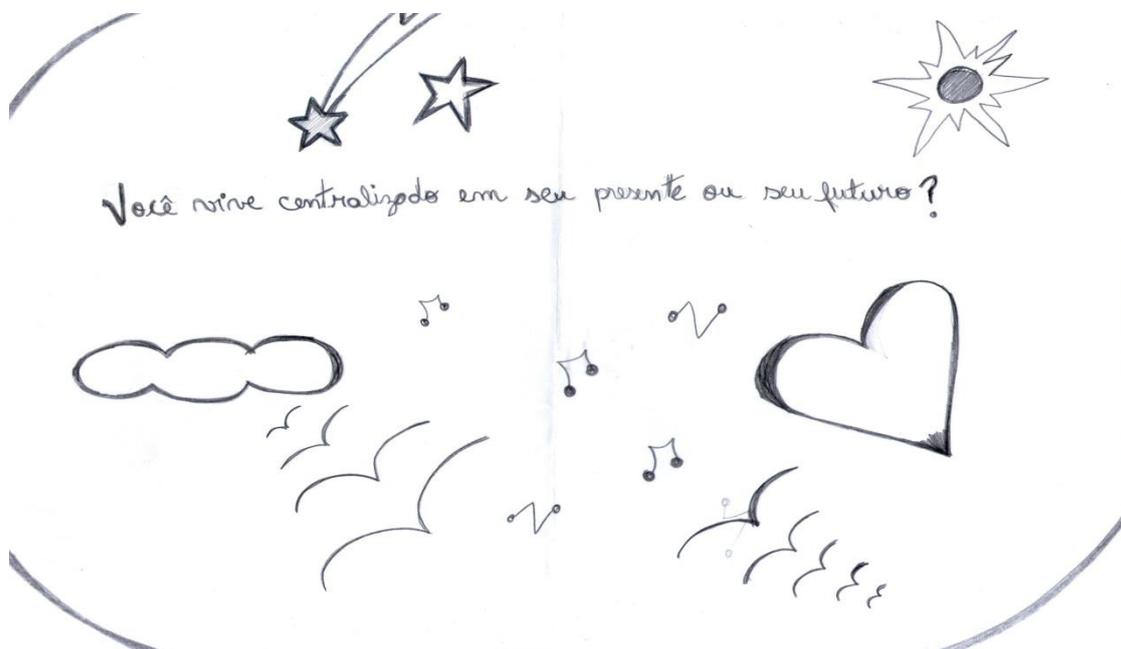
---

Participante:

O que você faz para reduzir a  
saúde da família?



Participante:

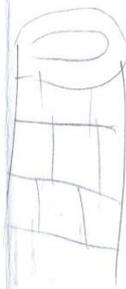


Participante:

- Por que as vezes a tristeza é maior que o sentido que achamos que a vida têm?

Porque a vida é muito curta e a gente vive muito rápido e não dá tempo de pensar e sentir o que realmente importa.

Participante:



No fundo do  
poço há um  
TRAMPOLIM

... que te impulsiona  
para cima e te leva  
ao fundo do poço  
novamente, portanto  
use a parede ou  
pule pra fora.

**Exercício** da “Narrativa Coletiva”: cada participante, com lápis e uma folha de papel ofício, deve iniciar a criação de uma breve história espontânea e atribuir um título a ela, de modo que, após um pequeno espaço de tempo, o participante deve entregar a sua folha para o vizinho da direita e receber outra história do seu vizinho da esquerda, continuando a história iniciada pelo colega e assim sucessivamente, até que história retornasse ao seu criador inicial.

Participante:

A Mãe Verde

Eu nasci no quintal da Dona Juvená. No começo eu era apenas uma flor, mas depois de um tempo precisei mudar por fora o que eu experimentava no meu interior. Finalmente eu amadureci através das situações que eu vivi, graças a Dona Juvená que cuidava ia todos os dias regar, adubar, até conversar com essa flor, apesar de existir tantas flores aquela era a única. Tornou-se importante devido ao tempo em que me dediquei a ela. Certo dia, um dos seus espinhos me furou. Oeu. Disse ela apavorada, já que havia uma feiticeira que a transformava em alguém triste e desinteressante, porém o amor libertou.

Participante:

### A princesa

Era uma vez uma princesa que vivia em um enorme castelo com sua família, via a beleza nas pessoas, na natureza e nos pequenos momentos, momentos esses que, aproveitados, podem ser transformados em lembranças significantes. É importante aproveitar cada momento vivido, pois ~~esses são únicos~~. ~~Essa~~ ~~princesa tinha tanta quantidade~~ porém as pessoas não se empenhavam, pois ela não era o padrão de princesa que as pessoas estavam acostumadas a ver, mas o seu coração... Ah o seu coração, era diferente tinha algo especial, era tão doce, no caso, fofo e grosso, prazer princesa!

Fim

Participante:

## A cadeira Azul

Era uma vez uma cadeira Azul. Ela não  
 era como as outras cadeiras azuis que exis-  
 tiam, ela era diferente, tinha algo especial, que cha-  
 mava a atenção das pessoas que estava ao seu redor, parecia  
 que brilhava, porém não brilhava, o que tinha de diferente essa cadeira?  
 Seria a tonalidade dela? Enfim. Essa cadeira tinha um apelo  
 enorme pelos moradores, porque existiam momentos interessantes  
 acontecendo naquele espaço, o importante não era em si o objeto (ca-  
 deira), mas as lembranças que retornavam como feedback as ações  
 e como isso resolveram muitas a essa pessoa porque nenhuma  
 que o azul não combinava com o ~~branco~~ branco de branco.

Participante:

## Decisões

É sempre esse futuro incerto. A gente tem sempre que acreditar no nosso potencial, sempre haverá uma decisão a ser tomada que mudará o contexto da história. MAS ANTES É NECESSÁRIO REVERENCIAL ESSA DECISÃO. Pode ser um passo curto e mesmo assim será difícil, ou não.

O que vai mudar tudo é a importância que você dará a essa decisão, que poderá mudar sua vida por completo, é necessário tomar decisões de acordo com o certo, muitas pessoas acabam tomando a decisão através do  $\heartsuit$ . Mas, quem disse que o  $\heartsuit$  também não está certo? ele pula levando a vida e leva O<sub>2</sub> para  $\heartsuit$

Participante:

## Enfermagem da experiência

A vida acadêmica no curso de enfermagem não é nada fácil, são muitas cobranças, professores que não escuta e só pensa em si mesmo, provas e mais provas impossíveis de fazer, disputa entre os colegas. As pessoas se degradam entre si, se matam pelo LATTES, esquecem que a vida existe para aproveitar os bons momentos, família, amigos e também cuidar de eu, pois a vida merece de cuidados, zelo, amor próprio. Eu sou uma ENFERMEIRA que BUSCA ESTAR BEM COMIGO MESMA PARA QUE SÓ POSSA FAZER BEM AO OUTRO. A vida é mais que notas, é mais que universidade, é mais que esse momento. Ele é importante, mas é apenas uma parte

Participante:

### Menina Desiludida

Era uma vez, uma menina que apenas identificava os seus defeitos, se achava no espelho e não se reconhecia. Sua ~~existência~~ vida era cheia de decepções e tristezas até que em um dia ela percebeu que o bem do seu coração é o mais importante e passou a agradecer a Deus por cada batida do seu coração, por cada acordar e levantar, onde muitas pessoas a amavam e ela não percebia, Deus o amava, os pais, os amigos, viu a grande mulher que estava tornando, por apenas perceber que sempre esteve o lado bom da vida. Essa menina entendeu que não precisava do amor e muito menos dos elogios de alguém. Ela se basta!

## ANEXO B- Parecer Consubstanciado do CEP/UESB

<b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA</b>		
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>		
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>		
<b>Título da Pesquisa:</b> Vivências sociofamiliares e acadêmicas de universitários em contexto de vulnerabilidade		
<b>Pesquisador:</b> Sâmia de Carlinis Barbosa Malhado		
<b>Área Temática:</b>		
<b>Versão:</b> 2		
<b>CAAE:</b> 95442518.3.0000.0055		
<b>Instituição Proponente:</b> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB		
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio		
<b>DADOS DO PARECER</b>		
<b>Número do Parecer:</b> 2.926.824		
<b>Apresentação do Projeto:</b>		
"A presente pesquisa busca contribuir com reflexões e fundamentos acadêmico-profissionais na atenção à saúde mental, especialmente no contexto da Universidade, o qual se mostra, atualmente, fragilizado pelo adoecimento de sua população (...)."		
<b>Objetivo da Pesquisa:</b>		
<b>Objetivo Geral:</b>		
- Compreender a percepção de universitários acerca de seu cotidiano acadêmico e sociofamiliar em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem.		
<b>Objetivos Específicos:</b>		
- Descrever as vivências de universitários acerca do cotidiano acadêmico e social em contexto de distanciamento do convívio familiar de origem;		
- Construir uma tecnologia social com esses universitários, denominada Grupo Vivencial Terapêutico (GVT), ancorada na noção de intersubjetividade de Maurice Merleau-Ponty e na noção de integralidade do cuidado;		
- Descrever, em termos de resolutividade, as avaliações produzidas pelos participantes do estudo no que se referem às suas inserções no Grupo Vivencial Terapêutico (GVT), enquanto uma tecnologia proposta que pode estar articulada com outros dispositivos terapêuticos para o cuidado		
<b>Endereço:</b> Avenida José Moreira Sobrinho, s/n		
<b>Bairro:</b> Jequeizinho		<b>CEP:</b> 45.206-510
<b>UF:</b> BA	<b>Município:</b> JEQUE	
<b>Telefone:</b> (73)3528-9727	<b>Fax:</b> (73)3525-6683	<b>E-mail:</b> cepuesb.jq@gmail.com

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA**



Continuação do Parecer: 2.926.824

integral a universitários.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Apresentados.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa na área de Ciências Humanas e de saúde.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentados.

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não existem mais pendências e o projeto pode ser aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião de 28.09.18, a plenária deste CEP/UESB aprovou o parecer do relator.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Typo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1142895.pdf	14/09/2018 11:57:06		Aceito
Cronograma	cronograma.docx	14/09/2018 11:56:46	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
TCIE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCIE.doc	12/09/2018 11:33:43	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
Outros	Instrumentoscoleta.docx	07/08/2018 15:11:31	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
Folha de Rosto	Folhacarimbada.pdf	24/07/2018 22:43:28	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
Outros	Participacao.pdf	28/05/2018 17:37:38	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
Outros	Orientacao.pdf	28/05/2018 17:34:28	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
Outros	Responsavel.pdf	28/05/2018 17:11:44	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
Outros	Coleta.pdf	28/05/2018 16:54:48	Sâmia de Carliris Barbosa Malhado	Aceito
Outros	Comprometimentoll.pdf	28/05/2018	Sâmia de Carliris	Aceito

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n

Bairro: Jequiezinho

CEP: 45.206-510

UF: BA

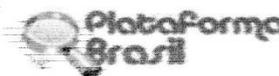
Município: JEQUIE

Telefone: (73)3526-9727

Fax: (73)3525-6683

E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



Continuação do Parecer: 2.926.824

Outros	ComprometimentoII.pdf	15:53:21	Barbosa Melhado	Aceito
Outros	Comprometimento.pdf	28/05/2018 15:34:42	Sâmia de Carlinis Barbosa Melhado	Aceito
Outros	Encaminhamento.pdf	28/05/2018 15:27:55	Sâmia de Carlinis Barbosa Melhado	Aceito
Orçamento	Orçamento.docx	23/05/2018 19:33:49	Sâmia de Carlinis Barbosa Melhado	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura.docx	23/05/2018 18:54:20	Sâmia de Carlinis Barbosa Melhado	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JEQUIE, 28 de Setembro de 2018

**Assinado por:**

**Ana Angélica Leal Barbosa  
(Coordenador(a))**

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n

Bairro: Jequiezinho

CEP: 45.206-510

UF: BA

Município: JEQUIE

Telefone: (73)3528-9777

Fax: (73)3525-6683

E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

## ANEXO C –Informe del Comité Ético de Investigación Clínica

	<b>Hospital Clínico San Carlos</b> SaludMadrid	<b>Informe Dictamen Favorable</b> <b>Proyecto Investigación Biomédica</b> C.P. - C.I. 17/444-E 26 de octubre de 2017
 Comunidad de Madrid		
<b>CEIC Hospital Clínico San Carlos</b>		
<b><u>INFORME DEL COMITÉ ÉTICO DE INVESTIGACIÓN CLÍNICA</u></b>		
Dra. Mar García Arenillas Presidenta del CEIC Hospital Clínico San Carlos		
<b>CERTIFICA</b>		
<p>Que el proyecto de investigación titulado "<b>Vivencias sociofamiliares y académicas de universitarios en contexto de distanciamiento de la convivencia familiar de origen</b>" con código interno nº 17/444-E del que es autora la Doctoranda: Sâmia Malhado - Universidad Estatal de Sudoeste de Bahía (UESB/Brazil). Orientadora: Prof. Dra. Edite Sena – UESB/Brazil, y Coorientador: Prof. Dr. Miguel Angel Sánchez González – Universidad Complutense de Madrid (UCM/España), ha sido estudiado por este Comité, no habiéndose realizado objeción alguna al mismo.</p>		
<p>Es por ello que el Comité <b>informa favorablemente</b> sobre la realización de dicho proyecto.</p>		
Lo que firmo en Madrid, a 26 de octubre de 2017		
		
<b>Dra. Mar García Arenillas</b> Presidenta del CEIC Hospital Clínico San Carlos		
<hr/> Hospital Clínico San Carlos Profesor Martín Lagos, s/n. - Puerta G - 4º Norte Madrid 28040 Madrid España Tel. 91 330 34 13 Fax. 91 130 32 99 Correo electrónico ceic.hcsc@salud.madrid.org		